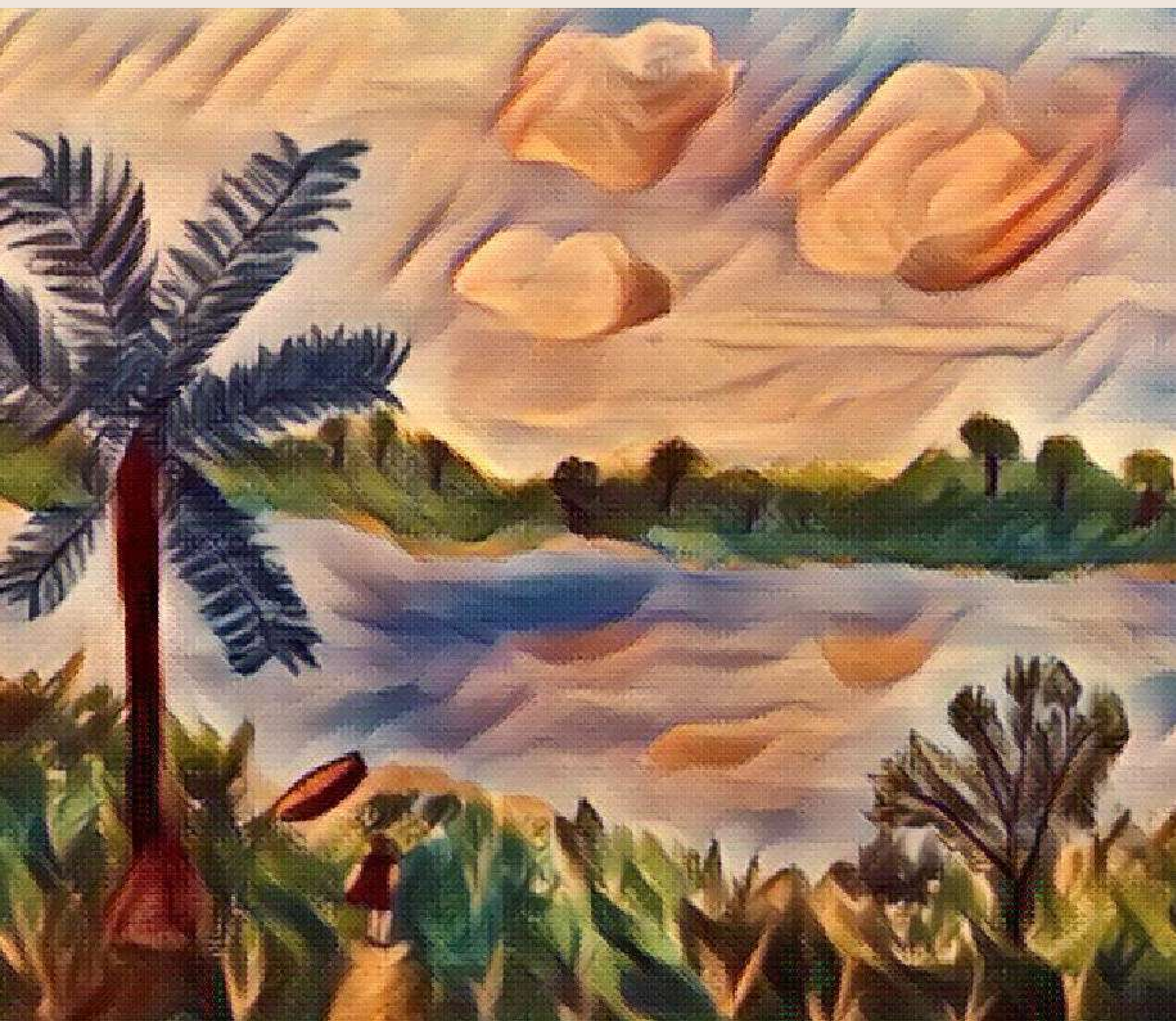


TRIEIROS

**OBRA REUNIDA
SINVALINE PINHEIRO**



**ORGANIZAÇÃO:
RAFAEL ALVES OLIVEIRA
FAUSTO DE MELO FARIA FILHO**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Rafael Alves Oliveira
Fausto de Melo Faria Filho
(orgs.)

TRIEIROS: obra reunida de Sinvaline Pinheiro

1ª Edição

Ceres, GO
IF Goiano
2022

ISBN: 978-65-87469-39-3

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

T825p

Pinheiro, Sinvaline.

Trieiros: obra reunida de Sinvaline Pinheiro / Sinvaline Pinheiro;
Organização de Rafael Alves Oliveira; Fausto de Melo Faria Filho. – 1. ed.
Ceres, GO: IF Goiano, 2022.

376 p., il.: color.

ISBN (e-book): 978-65-87469-39-3

1. Literatura Brasileira - Poesia. 2. Poesias Goianas. 3. Crônicas. 4. Obra
reunida. I. Oliveira, Rafael Alves. II. Faria Filho, Fausto de Melo. III. Instituto
Federal Goiano.

CDU: 821.134.3(81)-1

Organização:

Rafael Alves Oliveira
Fausto de Melo Faria Filho

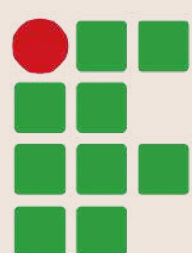
Transcrição e diagramação:

Fausto de Melo Faria Filho
Débora Vitória Camargos Costa
Dhiely Paula Portilho Rodrigues
Kamilly Victória Andrade Souza
Milene Débora Alves
Maria Alice Nunes Silva
João Fellipe Lemos Costa

Obs.: A arte da capa e de algumas subcapas foram feitas a partir dos desenhos da Maria Eduarda Weber.

Revisão:

Rafael Alves Oliveira
Solange da Silva Corsi
Mônia Franciele de Souza Dourado
Denise Dias
Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo
Maria Aparecida Barros de Oliveira
Maria Severina Batista Guimarães
Nismária Alves David
Pauliany Carla Martins
Mariana Castelo Branco Rabelo
Fernando Marinho Ferreira
Marcela Italo Rodrigues e Silva Bianco

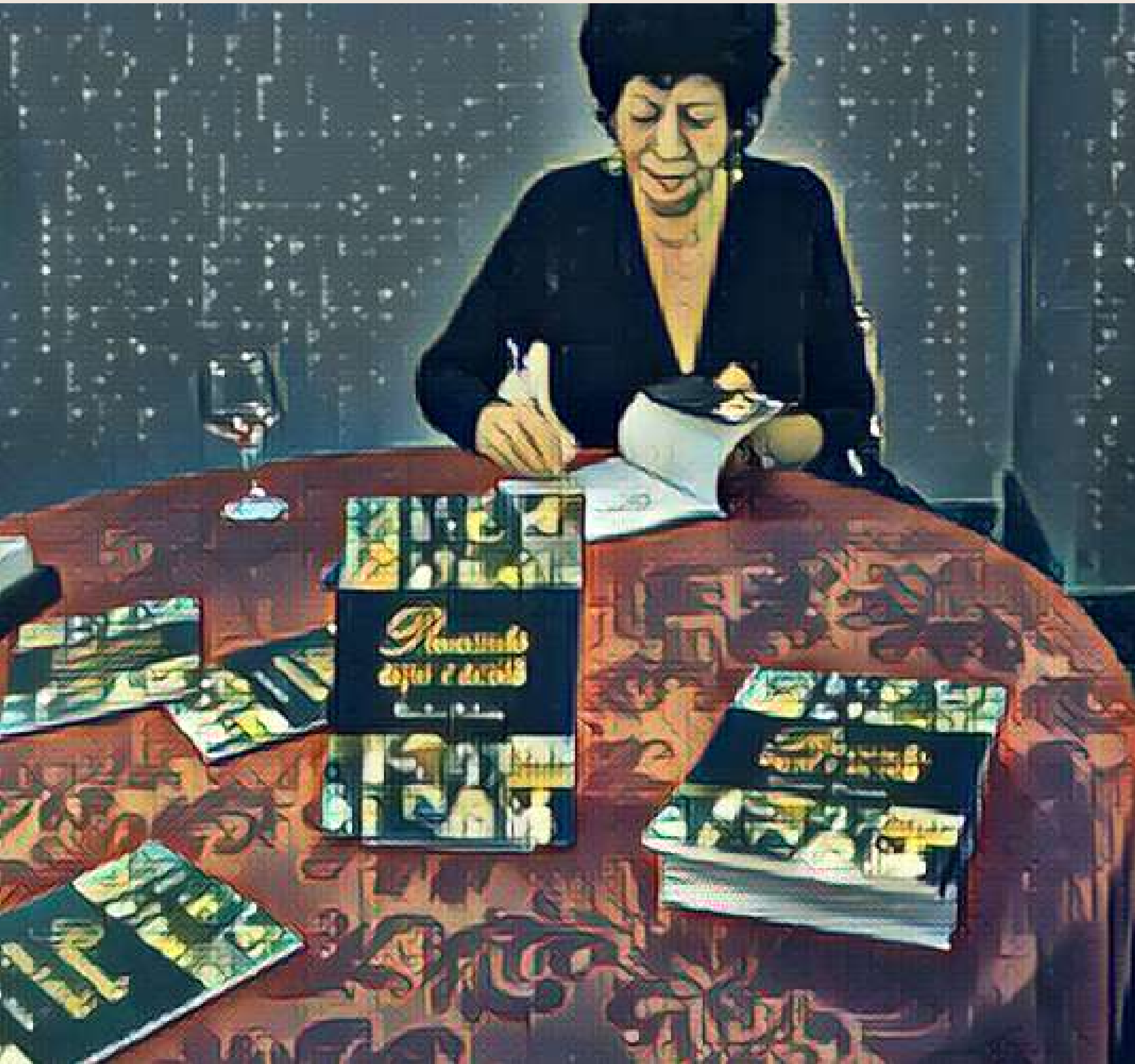


INSTITUTO FEDERAL
Goiano

Campus
Ceres



E a vida segue o balanço do rio.
Do vento e do coração.



Sinvaline Pinheiro.

“É uma amante do Cerrado, doa-se em favor dele e de seus povos originários. Carrega consigo saberes ancestrais de grande valia que aprendeu com seus familiares e com tantos outros senhores e senhoras que convive. É uma fonte inesgotável de conhecimento sobre a cultura dos povos, da terra... Sorriso maroto, fala mansa e muita História para contar. Assim é ela, Sinvaline Pinheiro, filha de Uruaçu, nossa Poetisa do Cerrado, exemplo de força e esperança para todos nós!”

Fragmento extraído de texto biográfico cedido pela poeta!



Toca Vó Quirina

Prefácio

Narely Batista Pereira
Jornalista, escritora e produtora cultural.

Da escola dos poetas livres, Sinvaline pincela, desde muito cedo, a história de Goiás. Da escola saiu antes mesmo do ginásio. Foi até o terceiro ano primário e depois foi aprender com a vida sobre a poesia que já existia em si, antes mesmo de aprender a transcrevê-las para o papel. Desse pincel que se revela e se alimenta das ausências do que comer, da falta de apoio e da vida dura para criar os filhos e cuidar da casa, é uma das escritoras que traz importantes relatos sobre as cidades de Uruaçu, Niquelândia, Pilar de Goiás e a região da Chapada dos Veadeiros.

Cronista das mais profundas, poeta dos Goyazes, que pouca gente vê e percebe belezas, descobriu e redescobriu por diversas vezes em seus textos “uma vida pra viver e uma morte para morrer”. De palavra em palavra, as pastas cheias de sonhos foram se aninhando e dando luz a livros que, mais do que poesias, tornaram-se registros de valor e mérito inquestionável.

Doutora honoris causa da UEG, já é responsável por mais de uma centena de registros sobre os povos do Cerrado, em especial da região da Serra da Mesa, onde coordena com um amor e dedicação sem igual o Memorial Serra da Mesa. Em “Causos e Histórias”, “Proseando aqui e acolá”, “Vez em quando vem me ver” e “Retratos da vida”, Sinvaline traz o registro cotidiano de seus encontros com uma vida que pulsa dentro dela. Gente que sabe chegar, se encontrar, pousar, repousar e entender uma boa e importante história. Faro jornalístico, poeta...

Para explicar a escrita de Sinvaline, preciso alertar: a escrita de Sinva é potência bélica para um mundo cotidianamente em disputa. Nessa disputa, ela, cronista, mãe, mulher, a paixão em muitas vestes, combate o desamor, a ausência e todas as formas de preconceito. Quem lê Sinvaline dificilmente voltará a olhar para o tempo e espaço da mesma forma. A escritora encantou com sua reza escrita do professor que é hoje a maior autoridade em estudos sobre o Cerrado, o Dr. Altair Salles, ao cerratense e idealizador do maior encontro de comunidades e grupos tradicionais do país, o produtor cultural Juliano George Basso, idealizador do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e da Aldeia Multiétnica.

Figuras muito distintas, de formações totalmente distantes, são alguns dos que como eu se deparam com o olhar generoso sobre o Brasil que Sinvaline traz e sabem: “precisamos nos alimentar disso”.

Reconhecer em vida sua potência e grandeza, administrando as palavras, é beber de uma fonte cristalina de aprendizagens que a universidade, se quiser disputar uma narrativa de emancipação e tecnologias de ponta, precisa abrir os olhos. Neste compilado, temos uma demonstração dessa disputa. Sinvaline é mestra dos saberes, do cerrado e das palavras. Que a universidade se pinte e plante de povo e para isso, que seja com novas edições da Feira Literária do Vale do São Patrício e com a valorização de tantas outras e outros escritores poderosos de Goiás.

Apresiasiem sem qualquer moderação a obra de Sinvaline!

Sumário:

VEZ EM QUANDO VEM ME VER 016

Prefácio - Vez em quando vem me ver 017

Prefácio - Mais que prosas e versos 018

Apresentação 021

Sobre a Obra 022

Veze em quando vem me ver 023

Vento 024

Pedido 025

Sem ti 026

Inquestionável 027

Bendita Chuva 028

Mãe 029

Onde te encontro 030

Amar é... 031

Fresta de luz 032

Sou assim 033

Meu céu 034

Por quê 035

Ela parecia gente 036

Saudade 037

O abraço no tempo 038

Véspera de natal 039

Proibido fumar 040

Somente uma mulher 041

Ele esteve aqui 042

Ainda é tempo 043

Rosinha 044

Menino malino 045

Retrospectiva 046
Vó Quirina 047
Loucura sóbria 048
Menina de rua 049
Me leva pra casa 050
Indiferença 051
Deserto 052
Abraço 053
O menino 054
Sumenè 055
Súplica 056
Mundo concreto demais 057
Sara 058
Indígenas 059
Tua esperança 060
Partículas de Deus 061
Idade do coração 062
Chegaste 063
Fuga 064
Mais um dia 065
Unindo distâncias 066
Luz 067
Capela de Santana 068
Marisa 069
Igualdade 070
Uma flauta na mata 071
Feira da troca 072
Cantiga de ninar 073
E o poeta é feliz 074
Recordação 075
Pasta de sonhos 076

Dona do mundo	077
Meu pai	078
Bonecos ambulantes	079
Despedidas	080
Cavalo e homem-burro	081
E o palhaço chorou	082
Que tempo	083
Toca Vó Quirina	084
Desafios	085
Sobreviver	086
Por Dom Cappio	087
Chaleira de ferro	088
Apesar de tudo	089
Virgilina	090
Minha irmã	091
Estatísticas	092
Mané Pedro	093
Milagres	094
PROSEANDO AQUI E ACOLÁ	095
Uma prosa	096
Proseando aqui e acolá	098
Apresentação	099
Boneca de pano	100
Nego d'água	102
Izabel Benzedeira	104
Josué, o artista do cerrado	105
O dia da mulher do campo	107
Guará e sua arte	108
Zenira, a raizeira kalunga	109
Folia da roça	111

São Pedro e a festa do caju	113
Maria Angélica, a moça que sabia ler	116
São Antônio, Dona Faustina e as simpatias	118
Pedro Serra da Mesa	120
Folia de São José	124
Dona Gracinha da Sanfona	125
As três Marias	127
Romaria do Muquém	129
Avá-Canoeiro - Solidão como herança	133
Carro de boi - história de uma geração	135
Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros	137
Pajé-Curandeiro Kisibi-Sumu	139
Romaria de Santa Luzia	141
Chimite	142
Capela de Santana	144
Capela de Santana (poema)	146
Colher de pau	147
Aprendendo com os índios Krahôs	149
O samba de Dandinha	152
Um cigano	154
Tambor de onça do Zé Nilo	156
Glória Berranteira	158
Uruaçu	159
Essa é a Uruaçu em que nascemos e vivemos...	160

RETRATOS DA VIDA 161

Momentos	162
Uma história de amor	163
Dona Maria	165
Juntos além do tempo	166
Zitinho, o garimpeiro	167

Sara	168
Rosinha	169
Mestre Geraldão	170
Reencontro de saberes	171
Raizeiros, benzedores, pajés, parteiras médicos	172
Palhaço Krahô a a bíblia	174
Arronas de sabedoria	175
Repartindo	176
Pai é pai	179
Chaleira de ferro	181
O fusca verde	182
O retrato da vida	183
Mokuká - Um canto ao homem branco	185
A cultura do prazer de viver	187
Água - O princípio de todas as coisas	188
Everte	190
Guarani Kaiowá- sutil, belo e triste	192
Versos banguelos	194

CAUSOS E HISTÓRIAS 196

Prefácio - Causos e histórias 7	197
Apresentação	198
Retratos	199
E o Papai Noel não veio	200
História de caminhoneiro	202
Por amor	203
Cinderela atual	204
Dia de todas as mães	205
Cavalo de Homem-burro	206

Farofa de tatu	207
Propósito de pai	208
Repartindo	210
Mané Pedro	213
Lago de Serra da Mesa	215
Causos e histórias 9	217
Prefácio - Hoje eu vi	217
Apresentação	218
Dor de dentadura	219
Velha da madrugada	220
O retrato	221
A chaleira de ferro	223
Fé	224
Pingo no "i"	225
Traíras	226
Pescaria	228
Reflexão	229
Acidente no Cerrado	230
Casa de vó	231
Dívida	232
Everte	233
Milagre na estrada	235
Mãe, apesar de tudo ...	236
Virgilina	237
Mariinha	239
Ela	240

POEMAS ESPARSOS 241

Sob os sinos do Natal	243
Por quê?	244
Pasta de sonhos	245

UM RELATO: UM TEMPO AINDA DISTANTE 246

FORTUNA CRÍTICA 249

Sinvaline, não tem como não te ver 250

Escritora, escrita e retalhos 260

O simples e o complexo 263

Sinvaline Pinheiro em “Vez em quando vem me ver” - uma apreciação à luz da filosofia e da psicanálise 265

A obra de Sinvaline Pinheiro: Uma análise existencialista 290

Sujeitos da história: Um ensaio sobre Sinvaline Pinheiro e sua importância para a história regional 299

Percepções sobre Sinvaline Pinheiro 308

Sinvaline Pinheiro: Uma mulher-palavra-ação 309

Sapiência e poesia: Uma construção do saber 320

Proseando com mulheres: Uma leitura no livro “Proseando Aqui e Acolá” de Sinvaline Pinheiro 331

Uma matripoeta cerradeira 339

Lace Dromi é uma borboleta que “Vem me ver” de manhã após uma conversa com Sinvaline 356

Estradas e sonhos 360

Resistência e cultura popular nos escritos de Sinvaline Pinheiro: a produção simbólica do povo e do norte goiano 362

Conhecendo Sinvaline Pinheiro: Notas sobre os sujeitos 370

Sinva-Sinvaline: veredas-versos, dores-amores 375

POSFÁCIO 386

VEZ EM QUANDO VEM
ME VER



VEZ EM QUANDO VEM ME VER...

Silvaline Pinheiro

Goiânia em Prosa e Verso

A literatura é, assim, um tipo de criatividade histórica contra o esquecimento cultural que vemos nas representações oficiais de nossa cultura. A literatura e a arte são elementos dinamizadores e provocadores das relações sociais, verdadeiros bolsões de resistência cultural. Apresentar a literatura como fenômeno de resistência tanto social como literária e cultural, exige, de certo modo, uma atenção às relações sociais e culturais nela presentes em tensão constante.

Iniciada em 2006, a Coleção Goiânia em Prosa & Verso objetiva estimular a escrita e a leitura de obras literárias e se consolida como uma forma democrática de escrever/publicar e ler. Considera a literatura como traço fundamental de expressão coletiva que, por meio da escrita, busca a veiculação criativa de seus conteúdos culturais. Assim, a Coleção Goiânia em Prosa & Verso favorece o acesso a publicação de autores novos, a visibilidade da escrita fora dos ambientes acadêmicos e guetos editoriais de mercado, dando voz aqueles que desejam expressar-se culturalmente por meio literário.

Alguns autores se perguntam, pensando na pluralidade de culturas, nas relações horizontais entre os povos, mediante as hierarquias estabelecidas pelo poder que uns pretendem exercer sobre os outros: que grupo tem o direito de definir, em lugar dos outros, aquilo que deve ser significativo para eles? A publicação de autores iniciantes e já consagrados é, também, um estímulo ao aprendizado e ao encontro.

O grande escritor não é um conformista com a situação de seu tempo, pois, em prosa ou em versos, intui diálogos de um período histórico que o senso comum não percebe. O texto literário não só reage aos fatos históricos, mas propõe novas visões sobre os acontecimentos. O Goiânia em Prosa & Verso mostra que o olhar literário pode ser reflexivo sem deixar de ser divertido.

KLEBER ADORNO

MAIS QUE PROSAS E VERSOS

Marca registrada da mesma prefeitura que realiza os nacionalmente inéditos mutirões nos bairros da cidade, a coleção Prosa & Verso da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia - e seus parceiros - chega à sua nona edição. É, portanto, um projeto já maduro e consagrado, que fomenta a produção literária Goianiense e desperta crescente interesse mundial pela sua ousadia.

Foram 1.213 títulos publicados, com a significativa média de 135 títulos lançados de uma só vez, em eventos sempre marcantes. Agora a coleção estabelece novo recorde de títulos simultâneos com uma diversidade de autoria que faz dela uma ação afirmativamente democrática legitimamente representativa do poder criativo da cidade na qual se insere.

Nesta edição, registre-se a homenagem transversal àquele que foi marco zero das artes visuais em Goiás, Frei Nazareno Confaloni. No ano em que a mesma gestão pública põe fim a uma espera de 40 anos e inaugura o seu Museu em local estratégico da cidade (Estação Cultura, em 10/05/2019),. E le é revivido nas capas de todas as criações literárias desta fornada com imagens das obras colhidas no seu *raisonné*, que segue em processo.

Eis aqui uma feliz convergência de talentos. Um ramalhete de luzes colhido no pulsar do nosso tempo presente. Merece o devido reconhecimento e a devida celebração.

PX SILVEIRA

À toda forma sublime de amar que
existe e persiste às diferenças...

Aos queridos: Vanderlei Luiz Weber, pelo incentivo à criação; Verônica Aldé, por acreditar que sempre é possível; Meus filhos Evaine, Eber e Aline pela inspiração para amar tudo e todos que ocupam o planeta Terra.

APRESENTAÇÃO

Sinvaline extraterrestre,

Conta um antigo mito, que corre pelo rio Uru e repousa na Serra da Mesa, que Sinvaline Pinheiro não nasceu na Terra, que ela veio de outro planeta. Se é verdade ou não, ainda não sabemos. O fato é que Sinvaline é uma pessoa extraordinária, que traz na mente a sabedoria dos pajés, dos ancestrais e projeta para o futuro sempre uma perspectiva otimista. Culta na essência da cultura que nos fala Paulo Freire. Sábia na essência da sabedoria que nos ensina a vida. Dinâmica, na essência do dinamismo dos homens libertos de preconceito. Amante, na essência do amor que pregam as religiões e crenças da Terra. Porém, acima de tudo a considero uma pessoa extraordinária. Tipo de pessoa que leva séculos para ter uma outra vida igual. Vislumbra o presente e futuro nas cores do passado. Seu novo livro de poemas “VEZ EM QUANDO VEM ME VER”, revela tudo que falei, mas revela também sua fiel e eterna característica: a persistência. Trata-se de uma obra recheada de saberes. Em cada estrofe em cada verso se percebe as entrelinhas a alma desse saber.

Bebendo desta sabedoria, organizada na forma de exuberantes poemas, tenho que concordar com o mito. Sinvaline é de outro planeta. E como otimista acredita que ainda é tempo de plantar. Vamos, pois, colher os frutos que ela plantou nesta transcendental obra.

Obrigado Sinvaline.

ALTAIR SALES BARBOSA
DOUTOR EM ANTROPOLOGIA.

SOBRE A OBRA

Mais que um livro de poesias, um convite ao delírio, ao mundo de Sinvaline Pinheiro, que nos presenteia com seus sentimentos, sonhos e angústias traduzidos em palavras fortes na forma de versos. “Vez em quando vem me ver” é um encontro da alma com natureza, um grito de liberdade. Uma liberdade pura, que encontra nas árvores, nos animais, nas gentes o real sentido de existir, pois, somos um só, parte da natureza.

Além de falar sobre amor, sobre amar, saudades, a morte, este livro é, acima de tudo, um clamor pela vida. Uma vida que caiba a todos, sem negociação. Crianças, velhos, índios pobres, putas, não faz restrições. Esta obra é um conjunto de vozes, de sonhos que insistem em sair do plano utópico, mesmo quando o mundo, as máquinas e os próprios homens buscam aprisionar as vidas repletas de diversidade.

Como uma lutadora do povo, incansável defensora das memórias e vidas do cerrado, Sinvaline transformou a sua poesia numa inspiração para resistir à indiferença como modo de ser, ao egoísmo como elemento considerado inerente à natureza humana. Esta obra é também um tratado pela alteridade, pela empatia, que nos provoca a pensar, a questionar e, sobretudo, a amar.

PHILLIPE CUPERTINO

PROFESSOR, ADVOGADO E MILITANTE DE DIREITOS HUMANOS

VEZ EM QUANDO VEM ME VER

Entendo quando vais a outras
paragens,
A vida te chama para voar...
As asas buscam outros caminhos,
Entendo e às vezes sofro...
Mas um alento vem,
Voltarás e estarei a tua espera,
Curando os calos e as feridas da caminhada...
Entendo o teu caminhar cabisbaixo,
Vislumbro de longe tua tristeza inquietante...
Aprecio teu sorriso quando voltas e
a alma estremece ao ouvir tua voz...
Navego em alto mar quando dizes sentir minha falta.
Em sonhos à noite o corpo acomoda ao
teu, um delírio feliz.
Então voe, abrace o
mundo, e na volta
Recostes no meu peito o teu cansaço
E abrace minha loucura.
Veze em quando vem me ver...

VENTO

A ti e às saudades

O vento insiste, torce e retorce a vida...
Leva aroma, vozes, derruba galhos e prédios,
Também carrega paz e notícias de lá...
Intocável como um deus, balança os cabelos, a saia e o coração.
Conversando com o vento, tenho notícias de lá...
Ele tem todos os sinais, roda as galáxias e sabe de tudo...
Muda a rota dos barcos, agita as razões, sacode lembranças,
 enxuga lágrimas...
E quando a saudade aperta,
solenemente ele traz notícias de ti...

PEDIDO

À Maxwell e Heloísa

Que não me traia a memória e leve de mim tua lembrança...

Que o tempo não leve o sonho de estar sempre contigo.

Que a vida não encolha o horizonte que me faz poetizar...

Que os anos não neblinem o olhar

e não possa ver teu sorriso quando vens.

Que nunca deixe de ouvir o som de tua voz em serenata.

Que meus passos sejam firmes

para caminhar ao teu encontro...

Que minhas mãos fiquem trêmulas ao escrever versos para ti.

E que o corpo acompanhe feliz o tempo da alma!

SEM TI

A ti

Na busca de um olhar que compreendesse mais e criticasse menos...

De um gesto sorrateiro que dissesse: estou ao teu lado

Ou mesmo de um sorriso matreiro convidado a brincar

De uma mão que afetasse cabelos e a alma, busquei teu olhar...

Como um menino que busca pipa no infinito, fui...

Não vieste, me perdi...

Baixei a cabeça e sem tua presença segui...

Sem poesia, sem prosa

Sem ti...

INQUESTIONÁVEL

A ti...

Hoje percebo
Que só preciso
De um abraço apertado
Ou mesmo de imaginar você ali,
Em silêncio, ao lado,
Sem nada dizer...
Que quando estou para chorar
Preciso de sua presença amiga
A me escutar paciente
A me fazer sorrir...
Que basta sentir seu toque
Seu cheiro
Para ser feliz.
Que tudo é bonito e o mundo é só poesia
Com você por perto...
Hoje sei do inquestionável: Amo você!

BENDITA CHUVA

E a chuva veio molhar a terra sedenta...
Terra que guarda partículas dos homens e do tempo...
Ela vem com o vento e os espíritos
Passando entre as árvores que renascem sempre
Indiferentes à fragilidade humana...
São tantos sons que o silêncio traz...
E a chuva sorrateiramente cai sobre tudo e todos
Lava a alma do mundo,
Não importa a imbecilidade do homem...

O cavalo magro agradece a água que molha os pés
Apaziguando o calor e a dor das ferraduras.
O prisioneiro de sua grade acena para os céus...
Milagrosamente a chuva carrega as dores,
A sujeira e alegria a vida...
O homem boquiaberto
Não entende que nenhuma tecnologia faz chover
E saltita como criança abraçando a chuva.
BENDITA CHUVA!

MÃE

Dia das Mães e a saudade bate forte,
Machuca a alma marejando os olhos e a vida,
Um vento sacode o corpo, afaga o rosto e me leva até você:
Pelas ruas poeirentas de Uruaçu
Eu segurava sua mão
Tudo era grande infinito, até o caminho...
Seu passo firme me levou no tempo,
Até que um dia resolveu partir...
O caminho se tornou longo sem suas mãos...
Fiquei só, muito só...

ONDE TE ENCONTRO

A ti

As falas enchem o salão, a mente e tudo...
São tantos discursos apontando formas de SER, QUERER e TER...
Na volta pra casa os sons das cidades se vão...
A mata aparece e os pensamentos renovam...
Pássaros contornam a estrada até a toca,
Onde os bichos fazem a recepção:
São tantos apapachos...
A alma suspira,
O peito se abre sem vontade de SER ou TER,
Só ficar aqui...
Na encosta do cerrado entre árvores e bichos,
Entre a brisa e o cheiro das flores está o rio,
O olhar atravessa as águas
Alcança um mundo sem diferenças
E lá, sublime, te encontro de todas as formas.

AMAR É...

Amar é esse brilho no olhar quando você aparece...

É essa vontade de abraçar o mundo, de cantar, ser feliz.

Amar é não querer saber onde esteve, nem com quem e não importa quanto tempo vai ficar, mas só saber que você volta...

Amar é ouvir os pássaros com mais atenção depois de tocar suas mãos, é a poesia que nasce forte ao som do seu sorriso...

Amar é um dia de trabalho que rende mais, é gostar de tudo e de todos depois de tê-lo por instantes...

É fechar os olhos e lembrar cada palavra, cada gesto, é o beijo imaginário depois de tudo...

Amar é essa lágrima que agora entremeia um sorriso de saudade...

FRESTA DE LUZ

Às vezes a noite é longa,
E as horas não passam
A escuridão estremecia a vida...
Ao raiar do dia uma esperança vem na fresta de luz e à tua lembrança...
E os sonhos se agasalham.
Agradeço aos céus o sorriso franco, a voz amiga que faz meus dias melhores e o
caminhar mais firme
por esse mundo tão incerto...

SOU ASSIM

À Antonieta

Sou assim,
Frágil e forte
Dependente ou não.

A cada situação renasço um pouco...
A dor lapida a alma e tudo é saudade.
Sou uma flor, um gigante,
Às vezes uma menina travessa,
Sou mulher...

Desafio a indiferença do mundo
E choro diante de um gesto de amor.

Enfrenta a morte como se enfrenta o dia
Às vezes tão longo...!...!...

A espera do amanhã é suportável
Diante da mão amiga,
Do sorriso da criança...

E a vida cresce,
O sonho toma asas,
Em meu coração menino,
De mulher...

MEU CÉU

Estou à margem da sociedade
Não sou perturbada,
Não sinto ambição...

Aqui o céu é particular
E a alma voa por ele.
Aqui não tem lei, nem rei,
As regras são naturais.

Corro nua entre as pedras,
Despi a imaginação
E o verso corre solto.
Abri as asas pra voar...

Aqui a má reputação
É elogiada pelo rio,
Que canta para mim,
E aí sonho,
Sou feliz...

POR QUÊ

Independente de mim
A vida segue, continua.
A pele se mistura à terra, é terra também.
Como mudar o curso do rio?

Tudo segue seu caminho e me toma toda,
Deixando um vácuo profundo
Uma dor no peito
E mais uma ruga...

O redemoinho leva os “eus”...
A alma (alma?) torpe e insegura,
Acompanha a dor e se funde...
Como mudar a realidade?

Por que sou? Pra que sou? Quem sou?
Me inventaram e fizeram regras.
Não as sigo, sou antissocial.
Na tentativa de me descobrir
Fico ridícula.
Vivo a criticar o que nem sei...

Desenharam o alfabeto e eu o engoli.
Agora vou parindo filhos misteriosamente...
Não têm pai, nem pátria...
Meus versos pagãos se alastram
Dizem que sou poeta...
Por quê? Pra quê?

Até que se cale o último homem: Por quê?

ELA PARECIA GENTE

Atrocidades do homem que se diz “civilizado”
Guardam memórias que doem na alma.
Foram Avás, Kayapós, Krahôs e Tapuias
Exterminados no norte goiano.
Cães bravios corriam nas matas e
espingardas apontadas miravam as sombras de homens valentes;
Era a caça aos bichos que pareciam gente...
Ferozes os bichos lutaram, não se rendiam ao regime escravo
Que o banco lhes impunha...
Homens com fome de terra
Contratavam soldados armados e os tiros
Escureciam a floresta com
Dor, pólvora e fumaça...
A Colônia Agrícola de Ceres não cabia mais
A ordem é invadir as matas do Norte de terras férteis e muitos rios.
Terras de Avá, canoeiros, onças, pássaros e flores...
Milhares de anos eles estiveram lá,
Sem religião, sem dinheiro e sem roupa;
Cantavam a lua, a mata, os pássaros
Eram ricos e felizes...
A caçada foi ordenada
o velho soldado hesitou, mas foi
Tinha que cumprir o mandato.
Cansado da luta senta segurando o fuzil.
Já cochilando, sente o vulto que mexe entre as folhas...
Algo estava ali, um bicho parecido gente...
Recuou em atirar, era um bicho só e indefeso...
Uma voz forte da ordem:
-Atira! É uma Índia!
O tiro ecoa pela mata e
o corpo cai revolvendo a terra.
De perto, ele sente o fim...
A jovem índia, grávida, dá o último suspiro;
O soldado chora e bate em retirada.
A alma doendo dá o relatório final:

Era uma índia, mas parecia gente...

SAUDADE

A chuva não escorreu
Tempo triste, nublado...
O peito trincou
Com vontade de fugir.
Delírio de pessoas, pessoas e você não estava lá...
Ante a retina sua fotografia
Endeusa a hora e
se mistura à multidão
E ao cristal do copo...
Embaralho-me...

Um espelho intrometido
reflete o rosto,
volve à realidade...
O braço é limitado não lhe alcanço...
Me perco na tangente,
sob um rio de lágrimas sem voz, numa linha periódica, infinita...

O ABRAÇO NO TEMPO

O vento balança os galhos,
Balança os pássaros da noite
E meus cabelos sonâmbulos.
Faz muito frio agora...
Véspera do dia das mães.

A noite é longa de imagens saudosas.
Os dias passaram,
Os filhos cresceram
Sem que eu percebesse que ficava só...

Onde estão meus meninos?
As camas estão vazias na mente,
A casa é grande e escura,
Meu abraço não os cobre mais,
São homens agora...

O frio aumenta a lembrança.
Abro os braços na tentativa
De voltar no tempo.
O vento insiste, sacode tudo, até a alma...
Aumenta a saudade e fico só...
com o frio e os braços abertos,
na longa noite sem abraço...

VÉSPERA DE NATAL

Emoções que ressurgem,
Que dão força para continuar,
Inspiração para escrever.

Véspera de Natal

Será que o Papai Noel vem?
Bate a sombra da angústia...
Sinos tocam longe: dim-dom...

Faltam pedaços...

Essa vida que vai enfraquecendo
Como uma luz se apagando...
Onde estão os grandes homens?
Grandes ideais voltam pra casa.

E o Papai Noel não vem...

Que tem a saudade com esse frio?

Num mundo distante os sinos continuam...

A solidão atravessa a noite,
E o Papai Noel não aparece...

Vou sair sem me machucar

Colocar o sapato na janela

Quem sabe o Papai Noel vem?

PROIBIDO FUMAR

O céu azul contrasta com o sol quente
A fumaça sobe desenhando letreiros ilegíveis.
Mesas e bancos de azulejos frios e máquinas barulhentas
Um espaço muito concreto: grande polo industrial.

Nuvens enchem o céu e o mundo é poluído.
Ambiente fechado e muitas placas guiam as pessoas – robôs.
Contrastando com a poluição destaca-se:
“PROIBIDO FUMAR”.

O vai e vem de pessoas não tem som
só as máquinas falam...
O uniforme é cinzento
a faxineira tosse, tosse...
Será ela a próxima?

Na árvore frondosa do pátio
O bem-te-vi canta triste.
Sua música sobe com a fumaça que:
invade o espaço,
que mata aos poucos,
que dá emprego ao pobre..

SOMENTE UMA MUHER

À Nilva

Olhando o céu uma mulher se vai...

Alguém disse: mulher não pode comer pé, nem asa de galinha, fica olhando o luar e tem vontade de fugir...

E agora ela vai à procura de outras paragens...

Sua casa não serve mais e a busca se faz no horizonte longínquo, infinito...

Esqueceu o avental, a vassoura, o marido...

Ela se vai e vai...

Sonha que é perfeita e não tem mais rugas, a estrada é longa e um príncipe virá pegar sua mão...

um assobio a faz parar, olha o chão e acorda.

Os pés descalços e a saudade de casa, dos filhos, até do marido...

Mas e o príncipe? Ele já está bem perto...

Dá um suspiro e continua...

É mulher e ainda sente pulsar o coração na busca de um amor...

Cantarola uma música e segue sorridente: Ainda é uma mulher,
Somente uma mulher...

ELE ESTEVE AQUI

O homem morre exatamente como nasce, sem cabelos, sem dentes e sem ilusões,
(Voltaire).

A hora faz pensar, reviver.
Hipertensão e dor, limiar do sonho...
Subo, desço, procuro alívio.
Agoalhas, vestes brancas se fazem presentes,
A droga anestesia a dor física, a mente entristece.
Os sonhos distantes à procura do nada,
A vida se faz pequena ali, dependente...

E nessa pequenez procuro lápides:
Aqui jaz Maomé, aqui Buda, aqui jaz...

Ali...

Todos se foram...

Continuo a buscar e encontro:

Aqui esteve

Ele ressuscitou no terceiro dia...

Uma luzinha acende:

Ele esteve aqui...

AINDA É TEMPO

Aos queridos Serrano Neves e Cylene

A fumaça sobe, invade o céu sob o som da máquina que desmata, mata o cerrado...

A cana-de-açúcar é útil e a soja é rentável, alguém disse...

Mas a cana de açúcar, a soja levam, devastam cerrado...

A paisagem fica nua, triste, sem graça...

Na imensidão plana sem árvores uma semente teima em germinar: o cerrado quer renascer...

Em meio às mãos que cultivam, os braços que lutam, os olhos que choram,
onde está o cerrado?

Mãos postas aos céus os homens oram, rezam..., mas pra quê?

Não adianta a prece se desmatam, matam a vida.

Mas a esperança existe e insiste...

Ainda nascerá um novo cerrado, mesmo que ainda longe, numa distância imedível...

Num sonho que já não será o mesmo.

A sementinha empurra, sobe, quer ser árvore e mostra que a vida renasce

Que ainda é tempo de plantar e acima de tudo:

Ainda é tempo de PRESERVAR...

ROSINHA

Rosinha tinha uma rosa no cabelo negro, uma rosa no olhar...
O batom vermelho contrastava com a rosa do vestido, era toda charme...
A mãe a cerceava dos rapazes e Rosinha se mostrava cada dia mais exuberante...

O tempo passou, casou, se encheu de filhos.
O fogão a lenha escureceu a pele, encrespou os cabelos.
A meninada não dava trégua e a lida aumentou
Rosinha entristeceu...
Largou tudo e se foi, a cidade a chamava...
Arrumou o cabelo, o batom não contrastava como antes, mas ajudava.
Um bar, luzes, bebida, fumaça de cigarro
Rosinha sorria, sorria...

Mais um tempo se passou e lembrou-se dos filhos.
Um fora trabalhar na capital, não tem endereço, a outra fugiu com um peão, sumiu...
o outro Rosinha podia vê-lo, e foi.
Na longa espera, na porta do presídio, uma Rosinha apagada, triste, sem batom.
O olhar longe aguarda os minutos para ver o filho, para sentir de
perto a dor que a vida impusera.
Agora era uma rosa, só uma rosa desfolhada murcha, pingando orvalho...
O olhar distante busca respostas para o vazio, essa dor de agora...

MENINO MALINO

Ao Mestre Altair

Crianças são “malinas”, tranquilas e inteligentes.

As margens dos rios em Correntina abrigam sonhos de muitos meninos peraltas e malinos.

Um mais desconfiado, livre como pássaro, tem o olhar esperto sobre a natureza. Suas malinagens-pesquisas seguiam os acontecimentos notáveis, até que o cinema chegou.

Ele é o primeiro que chega, tesouros a descobrir, não pode perder um único detalhe...
Imagens voam na tela de homens, mulheres esquiando, aventura de encher os olhos.

Aquelas tábuas deslizantes o emocionaram!

A noite sonha que está esquiando no fundo do quintal de casa.

Acorda cedo, chama o primo; ia começar uma nova pesquisa.

As tábuas deslizantes o emocionaram!

As tábuas servem de esquis numa rampa improvisada.

Tenta, cai, levanta

até que a mãe grita:

- Oh, menino, vem comer! Deixa de malinagem; ainda vai se machucar!

Várias escoriações pelo corpo, esquiagem-malinagem; e aventura.

Hoje o menino tem os cabelos pintados pela ação do tempo,
os olhos distantes na busca do sonho.

A alma de pesquisador cresceu, a malinagem se faz com os livros, teses e palestras,
suas ações clamam pela preservação da vida.

O menino malino não morreu nele, porém cresceu e amadureceu na busca
de conhecer o planeta, preservar a natureza e o cerrado...

Que sua malinagem dê certo e continue pela vida a fora...

RETROSPECTIVA

Após chuva forte os bichos se debatem em busca de comida
Ando em busca de mim, do tempo...
Tenho todas as idades
E, na realidade, não vivi nenhuma delas
Sobrevivi ou me adaptei
À dureza e a força dos sobreviventes.
A morte foi tão próxima que ainda hoje não assusta,
Apenas traz um distanciamento lógico da vida...
Soube que em condições degradantes de desumanidade o ser humano pode ser livre
e sair sem sequelas dos guetos...
O medo às vezes não cabia no corpo e o chão fugia sob os pés...
Olhava o céu e a força brotava do nada mostrando o caminho.
Nas ruas poeirentas o corpo ficava sujo,
Mas trazia uma imensa alegria:
O mundo estava todo ali ao alcance dos sonhos.

VÓ QUIRINA

(in memoriam)

Vó Quirina é uma lembrança
com cheiro de colo, doçura e carinho...
Minha cabeleira engrelhada de terra e fumaça
Era acariciada todos os dias...
Numa bacia era lavada com sabão de dicuada e untada com naco de toucinho,
Desembaraçando os fios dos cabelos e da vida...
Num carinho infinito se transformavam em duas enormes tranças...
Vó Quirina, analfabeta, não conheceu Machado de Assis,
lia a Bíblia de cabeça para baixo...
Não sabia de Bentinho penteando Capitu...
Mas eternizou na alma o carinho de tranças infinitas...

LOUCURA SÓBRIA

Segui, sem muletas, para ser feliz,
Uma loucura sóbria,
a doce loucura consciente.

Deslizei nos escombros sem trazer feridas crônicas,
livre de ideologias, vícios e mesmices.

Pisando a terra com segurança, sem medo do outro...

Não há perigo em viver
e sim em escravizar e temer.

Absorvo a sabedoria das matas e dos bichos, a que nunca falha.

Tento inventar e reinventar a vida

A partir da lógica
sábia da natureza.

MENINA DE RUA

E os sonhos de criança se agasalham na calçada fria
Pela manhã tomam asas em busca da realidade,
Mas o sol quente abafa o mundo e os sonhos...
O concreto é real, duro demais.
Restam os olhos tristes de fome,
Que não entende o porquê de tanta desigualdade...
Queria te dar a rua que brincava quando criança,
a boneca de louça para espatifar em tuas mãos,
Queria te fazer poeta e viajar no mundo dos sonhos...
Mas meu abraço é tão pequeno ante tua dor...

ME LEVA PRA CASA

É uma terra estranha, as forças se esvaem...
A tez é distante na busca do nada,
Pai, tá me ouvindo?
Quero ser de novo criança
E deitar no seu colo...
O mundo aqui tá cinzento e sem liberdade,
Tenho os passos contados num espaço pequeno
Pai, me leva daqui...
Sou um bicho enjaulado
Contra toda esperança.

Quero subir na mangueira
Brincar na gangorra e
estar na fogueira de São João
Pai, me leva pra casa...
Sou um robô escravo do dia
Descarregam sua frustração em minha orfandade,
Quero ir embora
Pai, me leva pra casa.

INDIFERENÇA

O sol quente queima a terra
A Rolinha ensanguentada foge do estilingue
O homem negro fica mais negro.
O comerciante fala alto, como se fosse espantar o calor...
As ruas descaminhadas pelo lixo,
A dor dos cavalos, a soberania no homem...

Resta voltar à toca, sonhar e chorar.
Exercitar a morte e enfrentar
A infinita indiferença do mundo...

DESERTO

Um deserto, o céu e a terra,
Uma condução e um menino...
A fome nos olhos verdes
Espia o horizonte...
Os pés sujos, magros e nus pulam...
Não vê o sorvete, fome foi saciada com cola
O boné transversal marca presença.
Quem o vê? Só é mais um...
Olhos verdes, vermelhos, pedem socorro
Há muito tempo no além...
Uma música invade o momento
Cantam acenando os trapos
Constituem o quadro.

Ponto final, em disparada, se empurram
Olhos verdes lambem secos, devagar,
a retina marca o gosto que não saboreou
Quem o espera?
Empurro também para extravasar o amontoado de corações
Só a solidão multiplica na altitude do deserto...
Mas o deserto é de Deus, dos homens e das diferenças.

Há muito tempo no além...

ABRAÇO

Seu abraço é do tamanho do mundo inteiro
O olhar terno, suave, menino...
O físico descomunal esconde a criança
Não pesa na órbita, navega meu corpo
O cometa, fogo ardente...
Fecunda o seio da terra e busca o ápice
Num compasso sincronizado se unem côncavo e convexo
E a poesia é profunda
O instante vai e vem, é eterno...

O MENINO

A ti, por devolver os sonhos...

Dispersei versos por aí... Um longo caminho percorri...
Vozes e faces carrancudas me arrancam do torpor...

Aterrissei num mundo
De pessoas civilizadas
Que não sonham mais...
A poesia ficou ridícula,
Os homens não apreciam,
São máquinas em busca de dinheiro...

Cabisbaixa, segui e tropecei
Num menino que cantava e sorria...
Esqueci os homens-máquinas e
Voltei a ter sonhos de pássaros e crianças...

SUMENÊ

Um cacique para entrevistar
Como tantos outros...
A firmeza da voz e do olhar desmontam
E as letras não saem...
São tantas palavras, um mundo de sabedoria em minutos...
Os olhos miúdos e sagazes possuem brilho das matas,
Lembra um bicho silvestre...
A espiritualidade é forte, paralisa a alma.
Desenha uma lua e compara minhas mãos...
Sou índia, ele sabe.
O coração revolve dentro do peito
Quer assimilar os detalhes...
Foi uma eternidade.
O olhar que defende as matas, a vida, ficou em mim,
Uma força até então desconhecida.
Ele conversa com árvores e com as sementes
Na Serra do Roncador consulta os antepassados...
Vive o deus natureza sem Bíblia, cachaça e energia elétrica.
Na linguagem enrolada, muita poesia e carinho
O sentimento traduzido no olhar...
A responsabilidade é enorme, infinita, mas a alma já a adquiriu.
E pela manhã o algo desconhecido invade a vida,
Vem no vento com cheiro de mato e saudade...

SÚPLICA

A inspiração me sai da alma,
Não importa que não a aceitem.
Não carrego nenhum diploma,
Frequentei a escola do mundo,

Em cada botequim tive um professor...
Vi a fome nos olhos do menino de rua,
Senti frio com o mendigo da praça...
Calejei as mãos no trabalho árduo,
Fiquei órfã, fui pai e mãe dos outros.
Se sofri, se chorei, não importa.
Vivi, muito mais vivi...

Daí me nasceram frases e frases,
Juntei-as ao meu modo singular
E nasceu o poema,
Me desabafei...

Depois de cada poesia
Tenho nova vida.

Não importa que não a valorizem
Ela grita o que está dentro de mim,
É uma SÚPLICA DE AMOR...

MUNDO CONCRETO DEMAIS

Já não sei sentir o cheiro comum de perfumes artificiais, não piso tranquila os asfaltos e nem sorrio em cubículos chiques, iluminados por luzes coloridas.
Apalpar o chão de terra, sentir o cheiro dos bichos, o canto dos pássaros, alivia a alma...
Exausta de ouvir discursos engravatados, em linha reta, aplainando crenças, tentando moldar ao que se ouve e não ao que se sente.
Sem entender leis que superlotam em grades a pobreza, enaltece a violência e acorrenta a mente na tortura.
Necessário sentir o gosto, o cheiro natural das coisas, sem psicotrópicos, sem discursos, sem regras, sem bíblias...
Urgente abraçar a natureza sábia, não esnobe, indicando caminhos em linhas retas, curvas, paralelas e criativas.
Porém, há um longo caminho ainda, onde uma linha constituída molda o mundo para o
SER E TER.
Impossível ser feliz em tantos desencontros e desigualdades.
Assim, abraço as dores, os sorrisos de gentes, animais e florestas, seguindo com eles todos os caminhos, sem estagnar nos paralelos da vida.

SARA

Sara se enforcou, desistiu dos sonhos...

Só no cemitério soube que não se chamava Sara, era o nome de guerra.

Mãe, filha, avó, amante ébria e Sara, acima de tudo,
mulher...

Amava o trabalho, ágil como uma máquina, de tudo sabia fazer um pouco,
uma artista doméstica.

Olhos miúdos e sagazes, o sorriso escancarado falava em planos futuros...

Era elegante quando dizia que foi prostituta para cuidar dos filhos,
foi empregada doméstica e que apanhou de homens...

Seu rosto sardento ficava vermelho,

Sara era toda emoção, tudo nela fluía à flor da pele.

Ganhou uma canoa com motor e voava no lago pra lá e pra cá,
era dona do vento, dona de tudo.

Essa liberdade não a fazia esquecer das dores

E lágrimas marejavam seus olhos quando lembrava do filho na prisão.

Sara, jovem ainda, já era avó de muitos netos...

Tudo para ela foi rápido, desde a infância que não viveu até o final que escolheu.

Angustiada, deita na rede, não consegue se acalmar, é um domingo à tarde...

O por do sol a chama e ela quebra tudo da casa...

Extravasa, mas não sai a dor do peito...

Resolve, então, que a vida não vale mais a pena...

E, sorrindo, tira a corda da rede

Faz um laço e, com um salto, fica dependurada, imóvel...

Se despediu da vida.

Ou será que se vingava do mundo que tanto a machucou?

Sara se foi e deixou sua marca na pedra onde pescava, no rancho, no ar do cerrado,
na saudade e mais ainda na solidão dos sonhos quebrados que a fez partir tão
depressa...

INDÍGENAS

Aos parentes indígenas de todas as ocas...

A terra é sagrada, a criança é símbolo de vida futura e o velho é símbolo de sabedoria.

O “homem branco” é pequeno ante grandiosidade do saber indígena.
Ser chamado de “não civilizado” é orgulho para o índio, assim ele é puro
no seu mundo de florestas, cantos, danças e deuses.

Um ser que respeita a natureza de um modo especial,
Enxerga a beleza interior do ser humano e sabe viver com prazer.

As grandes hidrelétricas vão se formando, o dinheiro flui e desaparecem as riquezas
naturais e a felicidade do homem.

Talvez, num futuro próximo, falar em “índio” seja só uma lembrança de um tempo bom
em que havia rios de águas límpidas, de montanhas verdes e muitos animais...
Saudosos, os homens “civilizados” conhecerão histórias de um tempo distante
onde ainda existiam homens “não civilizados”, conhecidos por índios.
Que Nhanderu, Papã, Tupã e tantos outros deuses protejam os homens
e o Grande Criador conserve o SER indígena sobre a Terra.

TUA PRESENÇA

Amanheceu...

As cores e os sons enchem a vida

Que seja só um resto de vida, mas pulsa forte tecendo versos, buscando sonhos...

Não questiones quando te chamo...

O tempo é bem curto aqui para viver os sons, as cores
e tua Presença.

PARTÍCULA DE DEUS

Luzes no céu, brilham e piscam...

Devem ser habitadas.

Há milhões de humanidades nas estrelas, um apóstolo disse...

Há um mundo espiritual

Adverso do corpo carnal,

Há um DEUS acima das luzes que piscam.

Há um universo além do entendimento.

Planta-se o corpo aqui,

que renasce acima, nas estrelas, seguindo o caminho do vento, voltando a ser,

num encaixe perfeito, Partícula de Deus.

IDADE DO CORAÇÃO

Existo pelo que faz o coração vibrar
Não importam as consequências...
A alma precisa de ilusão
Ilusão natural... de bicho.
Mesmo com o sol que arrebatava a terra
E a chuva não anunciada
Segue o instinto...
O sentimento é cego
Ignora tudo, até o tempo...
Idade é a do coração e da esperança
Não tive outra.
Não há razão plausível;
Estando perto ou longe, nada importa.
Sou fiel ao coração
De coisas incompreensíveis e verdadeiras.
Amor que adentra a noite
De sonho em sonho...
O clarão do dia mostra
A sombra do que não foi...
E assim, como ser bicho,
Faço-me mais uma vez,
O gozo puro dos animais alinhado à tua lembrança
Faz renascer a mulher menina, mulher...

CHEGASTE

Pra ti

Chegaste um dia...
Alegre e sorrateiro,
Teu sorriso cobriu as tristezas...
Fugiste,
Saltitante pelas chapadas, ignorando minha saudade...
Voltaste,
Fugaz
E sarcasticamente fingiste
Não ver o escuro que se fazia
Na noite, no rio e em mim...

FUGA

Chega o momento em que não há razão para continuar,
já não vale a pena, o mundo é lá, do outro lado.

Como tentar ser, quando vem o cansaço e não se pode mais?

Quando a visão embaralha, a voz é rouca, o sorriso amarelo, o peito arfa e os passos
diminuem...

Sumindo aos poucos em todos os sentidos...

O tempo, implacável, amortece a vida...

Resta o suspiro da alma que é viva, sóbria e voa indiferente à velocidade do corpo.
Fica uma dor serena, uma saudade e muito mais o recolher calmamente ao fundo do
casulo onde os sonhos são livres do tempo aqui...

Até onde for capaz, resta escrever...

MAIS UM DIA

Nascer e morrer.
Ficamos todos os dias
No limiar da vida e dos sonhos...
É um amanhecer irresponsável
Num mundo redondo.
O dia nasce deslumbrante,
O sol contrasta com os montes
Deixando claro o tempo e as rugas,
Numa paralela solidão...
O horizonte desenha um quadro e
Mostra seu sorriso de dentes de ouro...
Não perco a pose também;
São momentos de saudade...
Um pássaro canta na palmeira,
Um apelo para a vida.
Se faz uma grande fuga...
O vento sopra devagar, traz suave redemoinho,
Dança com minha roupa, leva as lágrimas e
deixa um sorriso no ar de MAIS UM DIA QUE NASCE.

UNINDO DISTÂNCIAS

A brisa de outono é suave como a paz que se faz aqui...
O pulsar do peito acelera ao som das araras, do vento e à tua lembrança...
A tarde envolve o mundo, une as distâncias
e o amor é calmo, compreensivo e forte.

LUZ

Há uma angústia
Diante do mundo sem sentido
Me arranho contra tudo
Nada extra
Só essa dor inexplicável...
Saudade do mato,
Saudade de mim
Que o tempo leva rápido...
A mente continua criança
Num duelo que isola
Não há como evitar...
Religião? Nunca teria
Só a poesia
E esse algo sobrenatural
Que toca naturalmente
Difere de tudo aqui
E me leva cada vez mais
Pertinho de você...
Que afaga a alma
Estremece o corpo
Acende a luz
Para um novo dia...

CAPELA DE SANTANA

A Ezecon de Sá

Tenho sinos tocando em murmúrios,
Uma dor dentro do peito,
Tenho um amontoado de causos
Sob o amontoado de pedras...
Ruínas duma capela
Ao som dos sinos que tombaram.

Capela da minha infância
Com causos de pote de ouro enterrado,
Sonhos de criança, memórias do coronel,
Com histórias de um povo
Escondidas nas janelas de pau
Da Capela de Santana.

Roubaram o pote de ouro
A janela de pau ficou aberta...
Roubaram a memória da terra
Enterraram a história
Nas ruínas da capela...

O olhar, agora adulto, sofrido,
Vê a capela reconstruída,
Memoriza os detalhes...
Perde-se nas lembranças...
Rebusca potes de ouro, causos, cantigas,
Que o tempo não traz de volta...

MARISA

(in memorian)

O olhar firme guarda uma tristeza funda.
As mãos ágeis acompanham a mente rápida.
Com sorriso feminino e o andar elegante
Conquistou a multidão.

Segurou as rochas,
Levantou o mastro do progresso
E assim, forte e guerreira,
Ela foi a gestora da cidade.

Não se abalou com terremotos,
Segurou firme a bandeira cor de sangue
E entre suor e lágrimas
Teceu sonhos e construiu a cidade.

Teve que ir, mas queria voltar...
Voltou desafiando as mazelas,
O tempo, a chuva e o asfalto.
E aí não terminou o caminho,
Voou alto, muito alto...

E numa tarde nublada e triste
A cidade cabisbaixa chorou sua falta...
Partiu serena e sem dor
E deixou o vermelho das rosas
Ostentando suas obras
Eternizando a memória
De uma grande mulher...

IGUALDADE

Não importa em que mundo você está,
Não valem os bens materiais.
A língua falada não faz efeito,
Os olhos têm linguagem própria.
A alma se funde em todas as raças e
Seu modo de nascer é solitário como o meu...

Se os olhos são verdes, azuis ou castanhos,
Não importa, transmitem o espírito e
Nos quatro cantos da terra se entendem...
Seja índio, branco, negro ou esquimó...
O mais culto, mais bonito, mais, mais...
Seu modo de morrer é solitário como o meu...

UMA FLAUTA NA MATA

À querida fada Verônica Aldé

Era uma menina grande,
Sonhadora e feliz.
Atravessou os mares e chegou aqui.
No mato tocava e sonharia mais...
Parecia uma fada saltitante
Com flauta na mão...
Corria descalça, desviando de cada formiga
Tudo tinha que viver e ser feliz...
Adentrou o mato com sua flauta
Tocou com a alma...

O som invadiu a floresta.
O macaco esticou o pescoço,
O quati saiu da toca,
A cobra do brejo acordou,
Arara e papagaio fizeram psiu para os filhos.
O que estaria acontecendo?
A música parece vinda do céu...
A bicharada se reuniu:
Chegara um duende para protegê-los
Não corriam mais perigo...
E na mata tudo foi felicidade
Bichos, flauta e muito amor...

FEIRA DA TROCA

Homens vão e voltam
Com pressa, olhares espertos
Mercadorias, piscar de olhos e negócios...
Mendigos, alheios a tudo, bebem pinga...
Vale a pena ser mendigo ou honesto?
A praça está cheia de gente.
Compram, vendem e trocam...
Crianças sujas disputam o marmiteix
Outro lhe rouba a carne, enquanto o mais tranquilo assoa o nariz...
Toda a expressividade à vista...
Acima de todos a praça some, as vozes...
Só uma árvore seca espia o movimento
Saio devagar, carregando o peso de cada gesto, a dor da árvore,
A dor de cada um deles...

CANTIGA DE NINAR

À Alba Franco

A mão que embala o berço
Dedilha o violão,
Canta uma cantiga
Um som de ninar a criança
De apetar o velho peito...

A música suave
Atravessa a janela,
Enche a noite escura.
A brisa chama a lua
E se mistura à voz divina, eterna...
O pontilhado vai calando
A criança dorme, como dorme...
É feliz.

Os dedos mágicos ajeitam o travesseiro,
Espantam o frio
E dorme também
Paz, muita paz...

Outro dia, mãe não perde a hora
É a rotina, escola, médico, trabalho.
Tudo funciona ordenadamente
O pequeno levanta a cabeça:
Mãe, você me ama?

Um beijo como resposta,
Um sorriso de alento
Ela é mãe, pai, babá e sobretudo
Cantora de uma cantiga de ninar,
Que faz dormir e sonhar
E até chorar...

E O POETA É FELIZ

Ao querido Luiz de Aquino

Quanto tempo?
Sessenta e sessentos, quiçá a mais...
Importa é viver.
Mas o poeta é feliz?
Seus versos têm as dores do mundo, o olhar distante exige, pede.
No jogo das palavras
briga, inebria, movimentando corações.
O grito silencioso
deita no peito amado, sente o pulsar do feto;
nasce mais um poema,
desafiando o tempo,
a indiferença dos homens.

RECORDAÇÃO

Eu vou,
Mas ficarei.
Se sentires saudade,
Saiba que não te deixarei...
O vento meu nome dirá,
Os pássaros o entoarão,
O som do “Ângelus” lembrará
Uma doce recordação.
Por onde tu andares,
Minha sombra estará
Quer seja onde fores
O passado retornará...
A brisa suave lembrará
Meu monótono canto
E enxugará
O teu eterno pranto...

PASTA DE SONHOS

Andei depressa entre as pessoas
Com uma pasta cheia de sonhos...
Dei de cara com uma realidade dura e crua,
Versos não tinham sentido ali, elas não sonhavam mais...
Olhei a rua comprida, o que fazer dos versos?
Meus amigos gostarão, segui.
Mas eles não tinham tempo...
Corri para o mato, escrever,
Desabafar e não prostituir minha escritura...
Entre a mata e o rio, viver uma vida, morrer uma morte
Com o coração e a pasta cheios
De sonhos.

DONA DO MUNDO

Mãe, estou na sua terra,
Você veio daqui.
Mãe, posso ver o ocaso
É deslumbrante,
Você me contava dele,
Na sua linguagem analfabeta...
As lágrimas insistem,
Não devo chorar,
O momento é lindo...
Tem a lua que você descrevia,
Com ela, o horizonte se mistura, é vermelho, rosa e azul...
Mãe, estou no seu mundo agora,
A escola não vale ante sua pureza
Mãe, você me fez poeta e eu não via,
Você era dona desse céu, desses versos.

MEU PAI

Ao meu pai, Sinval Pinheiro

Esse rio que ele tanto amou
Essa cachoeira barulhenta
Que ele muitas vezes desafiou
Brincando em suas ondas turbulentas.

Você, meu pai, um artista
Que os anos não puderam vencer
Só essas águas cantadeiras
Fizeram você desaparecer.

Esse rio cheio de mistério
Em suas águas, o levou
Correram com sua alma
Nem um adeus sequer falou.

Ficou no ar uma saudade
Que a cachoeira parece cantar:
Corre, menino! Que peixe grande!
Ôa, canoeiro, vamos remar!

O rio ficou colorido
Com seu sangue de homem forte
Não se ouviu dor nem gemido
Sob as águas só um som de morte...

BONECOS AMBULANTES

O sol se foi,
Queimou a terra e os homens...
O caminho ilusório é
Indiferente à rotação do universo.
Vermes festejam às sobras
Do orgulho imperfeito e do calor...
E a vida continua
Trôpega, cansada e perfeita...
Até o último suspiro.
Bonecos ambulantes desfilam
À mercê da natureza e
Da forma como é tratada...
A noite vem, dormir, sonhar?
Ensaiai para morrer...
E amanhã (será?)
Se ainda estiver aqui,
O mesmo sol nascerá
Queimando tudo e todos.

DESPEDIDAS

A Jarbas Cavendish (in memoriam)

Amadurecendo a cada despedida,
No vai e vem ficamos sós
Carregando a dor da partida
Sulcos profundos se formam na alma
Covas e rugas no rosto...
Mas é preciso ir...
Nascemos e morremos sós...
A alma voa como folha seca no ar
Dá voltas e se vai pelas planícies eternas
Quem sabe, sem despedidas...

CAVALO E HOMEM-BURRO

Dois cavaleiros e uma estrada.
Árvores buscam o céu
Trazendo sombra a homens e cavalos.
O que resmungam?
Na solidão do mato, em silêncio, os cavalos ouvem.
O clamor dos cavaleiros que tanto os fustigaram...
A espora fendeu as carnes,
Os homens não se importam, só reclamam...
De cabeça baixa, barriga sangrando, boca espumando de sede,
os cascos doem nas pedras, cavalos não falam...
Sacode o dorso, o cavaleiro não vê?
Não vale a pena relinchar...
São só dois cavalos,
São dois homens burros atados à vida pelas raízes do cotidiano...

E O PALHAÇO CHOROU

Um grande espetáculo!
A multidão levanta, aplaude...
O palhaço curva, agradece e recomeça...
Os refletores, a maquiagem escondem sua dor...

A alma geme, pesa os passos, o palhaço ama e como ama...
Mas não pode chorar...
Palhaços e homens não choram...(será?)

E ele chora... chora por dentro, e como chora...
Ergue as mãos para o céu, faz graça, sapateia, sacode a dor.
Arranha o espaço, faz trejeitos.
Aplausos e aplausos...

A plateia não vê a lágrima que rola
Não vê a solidão do palhaço,
Não vê o espetáculo à parte:
O palhaço chorou...

QUE TEMPO

Cansei de olhar o tempo
Sem ter tempo pra mim mesma
De correr atrás de tudo e não ter nada.
Quem me queria eu feri
Ri de quem me gostou.
Cada buteco da vida participou comigo
E eu fiquei sem tempo para ter tempo
De gostar de mim...

TOCA VÓ QUIRINA

À minha toca...

Voltei dos aplausos e das críticas
Para o meu silêncio,
Rememorei as falas, os cantos.
Sorvi as emoções...
Deixei fluir as saudades boas.

Aos poucos finco os pés nessa terra.
A extensão é enorme diante dos olhos,
Cada palmo conta um segredo...
Posso mergulhar as dores e buscar a paz.
As árvores já sabem ouvir...
Já não importam tantas coisas.
A vida se resume aqui.

A noite o céu desce nos montes e posso tocar com os dedos.
A lua, as estrelas e a saudade.
Aqui nascem e crescem as flores, as ervas e os sonhos...

DESAFIOS

A vida se equilibra precariamente,
A morte aparece a todo instante.
Não há limite de segurança...
A viagem é de acordo com o vento.
A tarde chega e o ocaso enfeita o horizonte.
O humilde lavrador tira o chapéu
E agradece por mais um dia...
Pede algo incompreensível.
A silhueta se mistura
À noite, a vida, aos sonhos e ao fim do dia.
A natureza segue impecável e lógica
Desafiando os donos do mundo, a vida...

SOBREVIVER

Sobreviver e cultivar a terra.
Presenciar o milagre da vida
Apalpando o tempo bem de perto...
No silêncio, pássaros e no vento não há egoísmo...
Resta observar os animais e o ciclo das plantas.
Pedir para ficar em seu habitat também...
O espírito se sobressai nas leis naturais, sem concorrência para Ser.
Voa sem civilização, sem dogmas e sem mesmices.
A terra afagada faz nascer as ervas e os sonhos.
É um morrer feliz e aos poucos,
sorvendo cada segundo da vida.
Sem teorias longe da realidade...
A poesia extravasa, busca a vida,
O perdão pela impotência, pelo pouco que se pode fazer.
Até chegar a hora,
Hora de partir, sem causar constrangimentos.

POR DOM CAPPIO

Água é vida, mas quando se perde a vida pela água?
Morrer de fome pelo rio,
Segurar uma montanha com as mãos...
Ela pende devagarzinho, as forças contrárias são maiores.
E a coluna vai definhando.
O capitalismo entrando.
Quem defende o rio?
A vida está nas mãos do poder.
Este pode matá-la como quiser...
Os donos do mundo não morrerão jamais.
São eternos...

Podem moldar tudo a seu gosto.
Não importa a fome
Não importa a morte,
Não há amanhã, só importa o hoje:
E as máquinas continuam...

CHALEIRA DE FERRO

Uma velha chaleira de ferro,
Preta, grossa de carvão...
Formas imponentes, bico altivo parece dizer algo...
Onde viveu, quantas pessoas a olharam e beberam sua fervura?
O ferro da estrutura guarda segredos de décadas, séculos de pé de fogão...
Ela me leva à infância, imagem congeladas de tantas manhãs...
O fogo aceso trepidando, a água borbulhando,
Até que um cheiro gostoso de café subia com a fumaça
Invadindo o ar e a vida...
Nas brasas vermelhas a água continuava noite e dia...
Parece que a vida era eterna, tudo era mágico, grandioso...
As mãos ágeis de minha mãe criavam delícias.
Aromas que a mente não consegue esquecer.
Imagem de sentimentos que fluem saudosos.
De como a vida era feita de pequenas grandes coisas.
Histórias guardadas nos objetos, na alma e em Chaleiras de Ferro.

APESAR DE TUDO

À querida Daniela Raizeira

O vento sopra frio, as flores do cajueiro voam trazendo notícias de bons frutos
Tudo é sinalizado ao som do tempo que não existe.
Só na cabeça dos homens.
Tudo é infinito...
As águas correm levando o lixo, os detritos.
Buscando respiração, deixando às margens a sujeira que não lhes impregnou.
Fico sujo, pobre e só quem jogou o lixo.

A natureza renasce, continua...
Fica à mercê de seus atos os homens que depredam, matam a si próprios.
A mulher joga saco de lixo, limpa as mãos e se vai...
Está tudo bem, seu deus não a deixará sem água...
Uma flor solitária pula na correnteza, quer fugir...
As pedras testemunham caladas e
O lodo registra as ações dos homens...
Há um outro mundo dentro deste.
Há vida que brota na força da semente,
Na voz da gente simples, no som da flauta,
No desafio das árvores que se vestem de flores magnificando o cerrado,
Na vida que insiste em ser, APESAR DE TUDO...

VIRGILINA

À eterna sábia e corajosa Virgilina (Paraúna GO)

Pura é Virgilina
Guardiã das serras, dos mistérios
Encravados na caverna.
O lobo sai da gruta
Dá um uivo longo.
Ela liga o rádio, já é hora de rezar...
O tamanduá bandeira sai para a caçada.
Dá uma espiada no ranchinho,
Está tudo bem com ela.
Seu cavalo velho relincha fraco:
Será que vamos à Paraúna?
Sacode o lombo, animado.
A bica d'água corre dentro do rancho
Joga pingos, olha o chão.
Virgilina canta feliz...
E começa mais um dia.
Cheio de sol e esperança.
No ranchinho pé-de-serra.
Encravado de histórias
De uma mulher de muitas vidas...
Viva Virgilina!

MINHA IRMÃ

À segunda mãe, minha irmã Valdeth

Ela era jovem, olhos verdes, cheios de sonhos...
Rica de pobreza, vivia com os que não a entendiam.
E fugiu em busca do destino
Mundo a fora ninguém lhe estendeu a mão
Só lhe jogaram pedras e mais pedras...
Sozinha, perdida na vida, caminhou, sofreu...
Os olhos verdes ficaram tristes.
Ultrajaram sua inocência e
Lhe nasceram filhos e filhos...
Um, dois, mais um, foram seis, pequeninos e frágeis...
Eram só seus, careciam de cuidado e carinho.
Como matar a fome a todos eles?
Os olhinhos pediam pão, leite e abraço,
Dos olhos verdes dela, só lágrimas...
Seu abraço não cobria todos eles, sofreu e sofreu...
Adentrou o mundo com os filhos.
Eram sua rocha, seu alicerce.
O vento que soprava forte, não os separou.
Ante as dores do caminho, abraçou o Cristo,
Com fé, gritou, chorou e seguiu...
ELE foi a sombra na solidão, refúgio, pão e água.
Hoje, ela tem um sorriso nos lábios.
Carregou pedras, revirou o mundo e sobrevive,
Espalha sabedoria adquirida na dureza,
Afaga sonhos de outros, é sorridente e os olhos verdes brilham.
Como brilham...

ESTATÍSTICAS

Ruas iluminadas, muitas pessoas.

O mundo se resolve em sons...

A lua vai escondendo.

Busco teu olhar...

Trafego entre ruas, sonhos e pessoas.

Não estás...

A cidade é enorme e a vejo pequena.

Como o vazio que se faz no peito.

Todas as estatísticas e população se tornam falsas.

Essa cidade não existe sem

TUA PRESENÇA.

MANÉ PEDRO

Ao Mané Pedro (in memoriam)

São Luís de Montes Belos - GO

As calçadas lhe serviam de cama.
As rugas e a hérnia cresciam.
A cachaça adormecia o sonho e as dores...
Levei-o para fazer documentos.
Chutamos alguns anos de idade.
O juiz ajuda no parto
e Ele nasce com 75 anos.
É um bebê amedrontado e envergonhado.
Já chorou todas as dores da existência.
Só conheceu enxada, cachaça e humilhação...
Choramos juntos, me tornei pai e mãe. Retirou a hérnia e se fez documentado.
A careca chamuscada de fios brancos reluz
A voz é rouca, uma estátua envergada pelos anos e o sofrer.
Vai receber o LOAS.
Abriu um sorriso aberto e banguelo.
Vamos, Mané! Será gente, igual aos outros.
Será...? Igual?

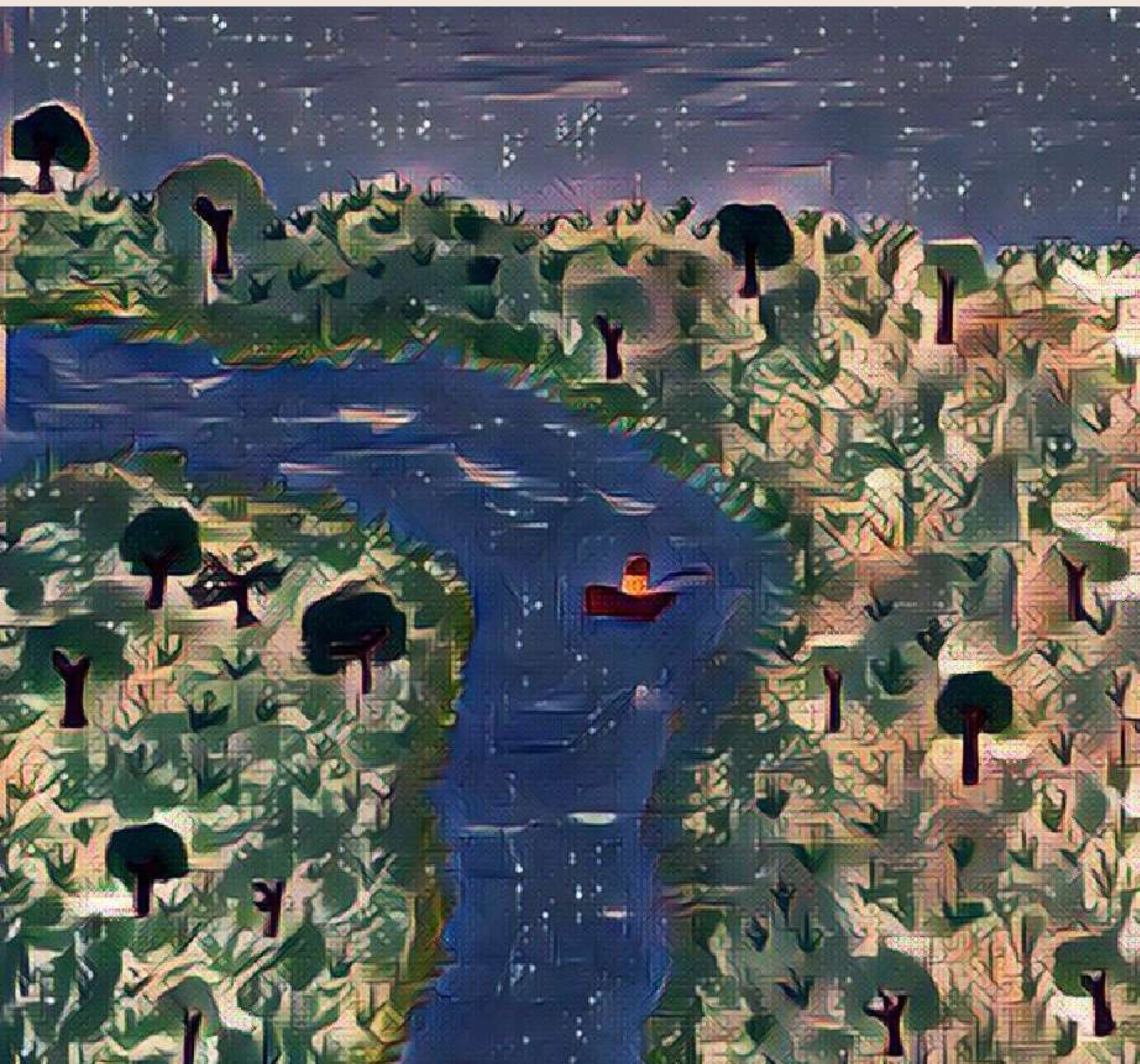
MILAGRES

Aos meus filhos, Evaine, Eber e Aline

Barraco apertado.
Somos 4, eu e 3 filhos, eu quase criança também...
Não temos comida, só arroz branco.
Fecho portas e janelas do barraco
Não podemos sentir o cheiro do churrasco ao lado...
Consigno distrai-los brincando.
Folheio um jornal em busca de emprego
A vizinha me empresta o sapato e o vestido.
Hora do teste. Preciso mentir. Estudei sim.
Valem as leituras e a datilografia, estou empregada.

Primeiro dia de trabalho
Tranco as crianças em casa.
A pequena só irá amamentar à tarde.
Os peitos doem cheios de leite...
Preciso ir no horário do almoço, mas como?
Só tenho passagem de volta...
Intervalo, vou para a calçada olhar o tempo e enxugar o leite que escorre.
Minha filha chora em casa, eu choro na calçada.
Não sei como, mas entro no ônibus.
As pessoas empurram e, como bicho acuado, chego à catraca.
A cobradora levanta os olhos e calma, sorridente, me diz:
Pode passar, uma mulher pagou sua passagem.
Eu atravessei e não vi a mulher. Se ela existiu, não sei,
Só sei do MILAGRE, da felicidade de poder amamentar minha filha.
E foram muitos milagres pela vida a fora...

PROSEANDO AQUI E ACOLÁ



UMA PROSA

Anos e anos de espera, mas ela não se cansa...

Varre a porta, sacode a poeira e olha a rua: será que hoje ele vem?
O príncipe encantado até que viera; mas sua afobação o espantou pelas frestas da
porta...

Correu, tentou segurá-lo, mas não adiantou... Ele se foi no redemoinho...

Mas vale a pena esperar; ou será tarde?

Não, as rugas não vão atrapalhar, há outras afinidades que valem mais...

Tem dia que é duro de aguentar e as lágrimas rolam abundantes...

Onde andará? Com quem? Não importa, vai esperá-lo...

Às vezes começa a perder a esperança e confiança com a amiga:

- Acho que ele não volta mais...

A resposta firme da outra a faz levantar a cabeça:

- Ele volta, ocê vai ver, vai senti falta de suas histórias...

Um relâmpago atravessa a alma:

É verdade... Têm as histórias, as prosas...

Será Aninha uma adivinha? Pode prever o futuro?

Sim, tem razão, ele vai voltar.

E assim sorrindo, cantarola uma música e começa a varrer a porta...

Ele virá; certeza que voltará:

Afinal ela tem para ele o peito cheio de histórias, de prosa e de poesia.

Aos meus pais Sinval Pinheiro e
Maria Rodrigues (in memoriam)
Aos meus filhos e netos
A todos que incentivaram esse
trabalho, especialmente aos
amigos Luis Goya, Luiz de Aquino,
Jarbas Cavendish e Verônica Aldé

PROSEANDO AQUI E ACOLÁ

Em um passado não tão distante, a vida se fazia com muita criatividade. Os bens úteis à manutenção diária eram produzidos com dificuldade e de acordo com a necessidade do usuário. A História da época da colonização fala de fazendas auto-sustentáveis onde o proprietário produzia tudo que necessitava para sua sobrevivência. O único produto que não se produzia era o sal, esse foi até motivo de grandes divergências entre os políticos da época, quase houve guerra por causa do sal que vinha do Rio Janeiro em carros de bois.

O modo de sobrevivência no Brasil e especificamente em Goiás traz histórias riquíssimas de pessoas que participaram da vida em um passado não muito distante e que se faz presente no folclore goiano.

Esse trabalho reúne a pesquisa feita em algumas cidades do Estado, especificamente na região norte de Goiás. Tem como tema a cultura goiana e é composto por pesquisa de campo, tendo como fonte principal depoimentos adquiridos de pessoas que vivenciaram e vivenciam a tradição cultural da região.

Da minha vivência com indígenas cito alguns momentos que destacam como sabem viver em paz com a natureza e que em todo o planeta eles têm em comum o respeito pela água, o velho e a criança.

O início foi no ano de 1982 na cidade de Uruaçu e perpassou diversos locais como São Luís de Montes Belos, Paraúna, Messianópolis, Moiporá, Goiânia, Alto Horizonte, Campinorte, Porangatu, Crixás, Alto Paraiso e com foco maior na região de Serra da Mesa.

O tema aborda as histórias contadas por pessoas que conviveram com as manifestações culturais nos anos 20, 30, 40,60, trazendo depoimentos verdadeiros de suas tradições culturais.

Assim foram registradas em forma de contos, causos, lendas e histórias, como nasceram as festas, rezas, folias, danças, curas e o modo de ser em geral de uma população que viveu de forma sustentável antes da chegada da tecnologia moderna.

A pesquisa se apresenta com fotografias que registram um tempo distante e ainda muito presente na vida do brasileiro, especialmente do goiano.

APRESENTAÇÃO

A cultura é um processo constante de criação e consolidação de saberes e tradições de povos em diferentes espaços e períodos. Em muitos casos a cultura popular se mantém restrita aos ambientes em que surgem, sob o risco de serem reduzidas e até extintas. No atual contexto de mundo “civilizado” e “tecnológico”, onde o “culto” se confunde com o “refinado”, o trabalho de resgatar as culturas populares, com seus causos e tradições, repassados fielmente pelos próprios sujeitos, é uma missão que deve ser executada por aqueles que se apaixonam e dividem os sentimentos transmitidos por estas manifestações.

Sinvaline, com a sua sensibilidade, resgata e nos representa fielmente muitas destas manifestações para que sejam eternizadas e valorizadas. Neste trabalho aprendemos melhor a complexidade dos modos de vida, dos usos dos costumes, das estruturas e organizações familiares e sociais, das crenças do espírito, dos conhecimentos e das concepções dos valores que se encontram em cada agregado social, sejam índios, quilombolas, ciganos e outros grupos que fazem a cultura no interior goiano.

O privilégio de conviver com Sinvaline nestes anos nos ensinou a ver a cultura sob uma abordagem mais romântica, e não apenas com o olhar de espectadores, como turistas. O turista vê apenas o enfeite para comprar e decorar a sua casa, cerimônias “selvagens”, evidências de que sua sociedade é superior, símbolos de viagens exóticas a lugares remotos. Sinvaline nos passa a lição de que é necessário ver as produções culturais de forma sentimental, livre da “contaminação” do pensamento das elites, que as veem como produtos, mesmo com o empobrecimento dos sujeitos que a consagram, e até mesmo dos contextos nos quais se inserem suas manifestações.

Tenho certeza de que o leitor após conhecer as experiências relatadas por Sinvaline neste livro, além de despertar para este novo olhar para cultura, terá o desejo de conhecer e dividir pessoalmente estas experiências com a autora. Assim, convido-os também para vir para a região Serra da Mesa, onde poderão encontrar esta guerreira (muitas vezes pintada e preparada para a guerra, conforme a arte e tradição indígena) no seu espaço de resistência cultural pronta para o bom combate”

RODRIGO GABRIEL MOISÉS

PROFESSOR, DIRETOR DA FACULDADE SERRA DA MESA E

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO SERRA DA MESA E

GEOVANA MENDES BAÍA MOISÉS

PROFESSORA, JUÍZA DE DIREITO DE URUAÇU.

BONECA DE PANO

Quando criança brincava bonecas de pano confeccionadas com carinho por minha avó. Tenho ainda bem claro na mente os movimentos de seus dedos grossos e calosos criando a boneca tão sonhada. Meu trabalho era o de enfiar a agulha e ficar perto calada enquanto ela tecia nossos sonhos, foram momentos eternos.

A boneca de pano faz parte da história de muitas pessoas. Dona Maria confeccionou os bonecos “Geraldo e Geralda” que ornamentam a fazenda Tradicional do Memorial Serra da Mesa, conta que sempre gostou de fazer bonecas. Primogênita de uma família numerosa e pobre, nasceu no ano de 1946, numa época em que as meninas brincavam de casinha e costuravam bonecas de pano. A educação rigorosa e até os brinquedos eram vigiados. Assim ela cita:

- Certa vez eu fiz uma bonequinha de pano bem barriguda imitando minha mãe na sua 8º. gravidez. Fiquei muito feliz, aquela boneca se tornou a preferida, dormia abraçada com ela!

E continua:

- Num dia de manhã cedo minha mãe me acorda e vê a boneca barrigudinha perto de mim. Sai resmungando e volta com um chicote de couro; apanho até sangrar prometendo queimar a boneca e nunca mais inventar bobagem!

Visitando o Abrigo para idosos Flor de Acácia na cidade de Uruaçu-Goiás, conheci a Messias, foi um grande achado pois ela chegou e ficou comigo para sempre.

Pelos registros acredita-se que ela é década de 30 e reside no abrigo desde os anos 70, não se sabe sua origem certa, apenas que é baiana e veio para Uruaçu ainda criança. Tem dificuldades para falar, anda meio capenga e segundo depoimentos dos funcionários mais antigos ela sempre foi empregada doméstica.

Imaginei Messias com sua fala enrolada e seu jeito de andar trabalhando como doméstica em plena era do coronelismo, ditadura e acima de tudo discriminatória.

Tentei entrar em seu mundo e uma multidão de bonecas de pano traduziu tudo.

Ela faz bonecas de pano o tempo todo e os detalhes dos vestidos remendados contam sua vida difícil. As bonecas são suas filhas, sua mãe e principalmente sua avó, dorme abraçada com elas.

Não vende, apenas doa algumas para alguém que lhe é simpático. A montanha de bonecas de pano incomodou e foi desfeita ficando algumas mais próximas.

Porém ela não desistiu, trabalha até tarde da noite e seu quatinho já está superlotado de bonecas outra vez...

A vizinha de quarto está nervosa com ela, resmungando:

- ...ela roubou minha saia pra fazer bonecas!!

Messias não ouve, só tem o cuidado de amarrar bem a porta do quarto com muitas cordas para ninguém entrar, seu tesouro está lá.

Tentando falar com ela só consegui entender a história vaga de uma menina que gosta de bananas, melancia e foi levada pelo pai, gesticulando ela repete efusivamente:

- Levou menina! Tomou, bateu, menina queria banana, melancia! O homem levou menina!

Os segredos estão atrás do enorme cigarro de palha que ela traga e solta a fumaça sobre as bonecas dizendo:

- Bom, bom mamãe!

É como se abençoasse a tudo e depois a si mesma com a fumaça... Doou quatro bonecas para o museu, porém mais que tudo ela doou sua história contada com gestos e sorrisos, seu deslumbramento ao ver o monjolo socando na fazenda, o forno de torrar farinha, a prateleira antiga e o pilão. Esses instrumentos de trabalho lhe são bem familiares e como são!

Messias ignora o mundo lá fora, para ela existe o abrigo que é sua casa, especialmente o quarto onde o mundo é de bonecas e de sonhos.

NEGO D'AGUA

A construção do Lago Serra da Mesa trouxe grande impacto ambiental e social para região Norte de Goiás, contudo trouxe o turismo, a pesca e por debaixo dos panos também fez surgir lendas e lendas. Algumas já eram antigas e agora reviveram e estão assombrando a população.

O lago cheio, fazendas antigas com suas casas assombradas, cavernas pre históricas ficaram debaixo do volume imenso de 1784 km² de água. Restam histórias de assombração, ouro enterrado e tantas histórias de arrepiar o cabelo.

Desde menina ouvia minha avó, minha mãe e algumas pessoas contarem causos que faziam a meninada perder o sono. algumas estórias eram tão assombrosas que os adultos não contavam perto das crianças, aí era pior, a curiosidade aguçada criava monstros noturnos que se misturavam aos sonhos.

Segundo depoimentos dos mais velhos, a Cachoeira do Machadinho hoje coberta pelo Lago Serra da Mesa, surgiu a partir de um grande paredão de pedras construído por escravos para garimpar ouro no fundo do rio, e quando o paredão não resistiu a água levou escravos e ouro formado a Cachoeira de 10 a 12 metros de altura. Esse local também era assombrado. Os pescadores que dormiam na casa de pedra diziam ouvir, gemidos e até uivos vindo da cachoeira, eram os gritos dos escravos mortos com o desabamento.

São muitas as pequenas moradas às margens do lago. quem perdeu sua terra deu jeito de comprar uma área pequena, um lote e fazer um barraco ou um rancho garantindo o local da pesca principalmente do tucunaré, que ainda é abundância. E esse lote ficou sobre qual casa assombrada?

Seu Pedro arrumou o ranchinho, fez a cerca e plantou mandioca, milho, pimenta, construiu a canoinha de pau e assim ele se sentia um verdadeiro fazendeiro.

Todas as tardes já cansado entra na canoinha e lá vai ele atrás dos peixes. Pesca até anoitecer. Certo dia, o sol já entrando vê um vulto na água e não entende o que é. Rema mais perto e o vulto afunda na água. Pensa que é um peixe grande e amarra a canoa por ali e recomeça a pesca.

Para espantar as muriçocas acende o pito de palha. Sobrecarregado de lembranças se assusta quando a canoa começa a balançar, olha em volta e não vê nada, nem ventando estava.

E a canoa não parava, seu Pedro tira o facão e o segura na posição de ataque, seja o que for que aparecesse estava morto. Uma lufada de vento forte o faz olhar para trás. Assustado vê uma mão escura de dedos tortos segurando a canoa para que balançasse mais.

- Virgem Maria!

Junto com o grito o facão decepa os dedos que caem na água e pouco a pouco a canoa se acalma.

Seu Pedro assustado nem conseguia remar para sair do lugar.

Procurou vestígios de sangue e nada, só água.

Criou coragem e remou depressa para o barranco. Já com segurança nas margens, alumiu com a lanterna e viu um pedaço de pele enrugada na canoa. Levou para o rancho e com luz clara conseguiu reconhecer um dedo magro, escuro e muito enrugado. Enrolou em um pano, colocou dentro de uma lata e foi dormir, no outro dia levaria para alguém examinar e descobrir que bicho era aquele que queria afundar sua canoa.

A noite foi longa de pesadelos, lembrava das histórias do pai que no antigo rio Maranhão existia o Nego d'água, muitas pessoas chegaram a vê-lo entre o rio Passa Três e o Maranhão. E na cachoeira do Machadinho eram muitos negos d'água. Lembrou quando o amigo Geraldo disse:

- Pedro ocê laiga de ficá beirando o lago de noite, sabi que bobagi não nasci ni pé de pau... Oia o Nego D'Água... E tantas outras:

- Nós ia atravessando o gado de nado e os canoeiro acompanhano, e os Nego D'Água tem dois forgos (*), um da água e outro de fora, o bicho é brabo!

- Os Nego D'Água só tem um zoi grande no meio da testa, ele afoga os pescadô! ...

... ..

Dormiu variando e mal o dia clareou foi buscar o suposto dedo para levar a cidade de Uruaçu e tirar a dúvida.

A surpresa foi grande, a lata tinha sumido com dedo e tudo!

Apavorado ele correu para a cidade e contou a história à muitas pessoas e a confirmação de todos foi a que ele já esperava: O Nego D'água voltou para a região norte de Goiás, os pescadores que se cuidem!

Seu Pedro coçou o queixo, pensou e disse para a mulher:

- É, agora eu cridito em Nego D'agua que meu pai contava, por pouco ele num afundou minha canoa, danado esse bicho!

A mulher fez um muxoxo e completou:

- É meu veio, ainda bem que agora esse tar de Nego D'água vai aparecer mas fartando os dedos...

E aí a história cresceu, tomou estrada e o fantasma continua aparecendo em várias partes do lago. Os assustados que o veem, só ainda não notaram se é mesmo Nego D'água sem os dedos da mão...

IZABEL BENZEDEIRA

Maria Madalena Dias da Silva conhecida por dona Izabel não sabe ao certo qual a sua idade, no tempo antigo não era costume registrar as crianças, o documento só era feito na ocasião do casamento. Como ela não se casou, este só foi feito muito tempo depois, possivelmente em 1930.

Sua vida cheia de nuances começa ainda pequena quando foi considerada louca, pois dizia coisas que não era normal para uma menina de 7 ou 8 anos de idade e assim foi amarrada em correntes, sendo considerada muito perigosa. Ela exhibe a marca das correntes no tornozelo.

Dessa época ela narra o sofrimento de noites e noites ao releto com dores gritando até dormir. Um dia conseguiu fugir e procurou abrigo nas matas. Perambulou vários dias até que encontrou uma clareira onde moravam leprosos. No passado os leprosos viviam isolados para não contagiar as pessoas.

Izabel foi recebida a pedradas, eles a expulsaram dizendo que poderiam contaminá-la, depois de muito insistir e mentir que também era leprosa lhe deram abrigo. Lá ela começou a benzer as feridas dos leprosos e muitos foram curados, daí em diante descobriu o dom da benzeção.

Aos poucos a fama correu e ela saiu sem destino deixando o estado da Bahia e veio para Goiás onde conheceu os índios Krahôns e foi morar com eles, experiência que ela considerava única, pois com os índios aprendeu o segredo da cura com raízes.

Sua vida foi em prol dos outros trabalhando como parteira, benzendo e criando filhos e filhas que as pessoas deixavam em sua casa. Foram 14 crianças que ela zelou e hoje são casados e a consideram como verdadeira mãe. Na casinha simples onde reside atualmente sua companhia são os gatos, cachorros, coelhos, galinhas e uma das filhas que criou, essa ficou por causa da deficiência física, não fala, não anda e nem senta, só resmunga.

Sobre religião, ela diz ser católica, mas há uma mistura de espiritismo também. sua casa está sempre com visitas que correm atrás de receber uma oração, ou mesmo uma palavra de conforto.

Todo o ano realiza a festa de São Cosme e Damião, é uma tradição que dona Izabel conserva em respeito pelas crianças. No dia da festa, segundo ela, recebe o espírito de Cosme e Damião e por isso apesar da idade e o fôlego ruim por causa da asma, corre o dia todo distribuindo balas para a meninada, e assim ela se torna uma criança também.

Dona Izabel benzedeira é sinônimo de perseverança, alegria e grande exemplo do amor ao próximo, de respeito a natureza e principalmente às crianças.

JOSUÉ, O ARTISTA DO CERRADO

Josué Faustino de Souza nasceu em Cuitegi no Estado da Paraíba, porém reside em Goiás desde 1988 na cidade de Teresina Goiás. Josué conquista as pessoas com seu jeito simples de ser e agir. Defensor apaixonado do cerrado desenvolve um trabalho exemplar na Chapada dos Veadeiros. É artesão, músico e compositor, com atividades voltadas para causa ambiental.

A vida dura e difícil o obrigou a aprender vários ofícios, já foi sacristão, marceneiro, pedreiro, faxineiro e hoje se destaca com o artesanato e música. A voz de Josué como vocalista no grupo Fruto do Cerrado é mais um clamor em defesa do cerrado.

Ele tem muito do menino pobre do interior da Paraíba, cuja mãe costurava numa máquina de mão até as madrugadas para pagar a escola, e coisa rara no sertão era filho de pobre estudar.

Uma história que emociona:

- Minha mãe depois de trabalhar na roça ainda costurava até tarde numa maquininha de mão pra pagar minha escola... Coitada, morreu com o sonho de ter uma máquina de pé...

Sua mãe sabia ler e escrever muito pouco e aprendeu sem nunca ter ido a escola, trabalhando na cozinha e olhando as filhas da patroa e quando reprimida, ficava de costas ouvindo e gravando na mente para treinar depois. Certamente esse passado a fez ser a grande incentivadora de tudo, tinha o sonho de ver o filho alfabetizado e artista.

Desde pequeno já era inclinado a cantar, e assim e diz:

-Gente esse negócio de música começou quando eu tinha 7 anos de idade na Paraíba. De tanto eu querer tocar e cantar minha mãe vendeu 5 galinhas gordas e comprou uma violinha velha pra mim.

Continua:

- Essa noite eu nem durmi, ficava ouvindo as músicas no radio e treinando na violinha. Minha inspiração maior veio do cantor Teixeira.

Como músico autodidata ele já ministrou aulas de música popular sempre com temas relacionados ao meio ambiente e segundo ele, relatando a realidade do povo sofrido.

Quanto ao artesanato, sua primeira experiência foi em associações em Brasília onde conheceu Manuela Alves de Souza (dona Manu), fiandeira e tecelã, com a qual se casou e tem 7 filhos.

Mudaram para Chapada dos Veadeiros e aí ele se tornou amigo do cerrado que lhe fornece matéria prima para o sustento da família. Trabalha com buriti, taboca, cipós, taquari, fibras vegetais e argila.

Faz um desabafo:

- Com 62 anos de idade estou me sentindo cansado, quero aposentar, mas está difícil. Trabalho todos esses anos...

O sonho de Josué é conseguir um dia voltar rever a terra natal, emocionado diz:

-Nunca mais voltei na minha terra, gostaria de rever meus parentes, alguns amigos que ainda estão vivos e levar a família para conhecer...

No documentário sobre Josué, “Cerrado em Pé” da Pervintin Filmes, o jornalista Sandro Neiva escreve:

Josué Faustino de Souza é artesão e vivem em Teresina de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. Ao mesmo tempo em que utiliza fibras do Cerrado como matéria prima de seu ganha-pão, desenvolve um trabalho de replantio de espécies raras e nativas do bioma. Não possui escolaridade, mas sua relação de nobreza com o meio ambiente e o discurso arrebatador em defesa do Cerrado deixou perplexa uma plateia composta de gestores públicos, gerentes de ONGS, políticos, mestrandos, doutorandos, ativistas ambientais, jornalistas, antropólogos, universitários e diretores ministeriais do governo federal.

A atuação de Josué é intensa e contribui para mudanças de atitudes na comunidade, ajuda crianças em situação de risco

com oficinas de artesanato. Sabe que não vai conseguir mudar o mundo e diz:

- Existem coisas que não conseguimos mudar, mas nosso exemplo de vida é a maior contribuição. A lição do meio ambiente começa com a gente mesmo, só se pode ensinar para os outros o que a gente consegue ser.

O DIA DA MULHER DO CAMPO

O dia da mulher do campo existe, porém não consta no calendário brasileiro em sua maioria. Esse dia foi estabelecido em 2003 na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais, e 15 de Outubro foi institucionalizado como o dia da mulher do campo.

Foi criado pelo Instituto Serrano Neves indicação da gestora Operacional Cylene Gama (2004), grande defensora do meio ambiente e dos direitos da mulher. Assim em parceria com vários órgãos criou o cartaz como símbolo de todas as mulheres que labutam na roça.

Nessa data vamos lembrar todas as grandes guerreiras do Brasil campo: a fiandeira, a tecedeira, a parteira, a cozinheira, a mãe, a vaqueira e acima de tudo a mulher que ainda vive sem o auxílio da tecnologia e com muita destreza desempenha suas tarefas, que para a mulher citadina seria impossível a dureza que a mulher do campo considera uma terapia.

Lembramos a grande mulher Cylene Dantas que teve a sensibilidade de marcar o dia 15 de Outubro como O DIA DA MULHER DO CAMPO. Que essa data a cada ano seja comemorada elevando o trabalho da dona de casa da fazenda, daquela mulher que pariu muitos filhos com auxílio da parteira, que plantou, colheu, descarçou, cardou, fiou e ainda teceu as roupas dos filhos e do marido.

Daquela mulher que colhe, torra e faz o gostoso cafezinho no fogão à lenha. Lembramos ainda a mulher que levanta na madrugada para ajudar a tirar leite das vacas. E assim tantas outras espalhadas pelos campos do mundo.

Essa mulher ainda existe no Brasil, aqui falo dela com orgulho e cito como exemplo uma história de uma delas, mãe dos filhos Agostercina, Agostervina, Agustin e muitos outros de nomes parecidos, a dona Ana Araujo de Uruaçu (in memoriam):

Dona Ana grávida seu décimo primeiro filho, depois da lida dura da fazenda deitou sentindo as dores do parto. O marido acabava de chegar de uma viagem carreando milho no carro de boi. Muito cansado ele dormiu cedo e nem ouviu os gemidos dela.

Altas horas da noite e as dores apertaram, dona Ana levanta e no fundo da casa nasce o bebê robusto de três quilos e meio.

Ela sozinha arruma tudo e depois embrulha o bebê e espera o dia clarear para mostrar ao marido seu mais novo filho.

Perguntei-lhe porque não chamara o companheiro para ajudar a fazer o parto, sorridente ela responde:

- Sabe siá, eu num podia acorda ele, tava muito cansado e tinha que sai bem cedo pra carrear...

Engasgo com a resposta, não há o que dizer: dona Ana mostra com simplicidade a extrema força de mulher, e principalmente da MULHER DO CAMPO.

GUARÁ E SUA ARTE

Com o avanço tecnológico fica até difícil de imaginar como era o serviço gráfico como a confecção de um jornal e outros dos anos 60.

O tipógrafo ou linotipista Jairo Ferreira Pinto Sobrinho, também conhecido por Guará, faz a demonstração desse trabalho em eventos culturais.

As pesquisas informam que a técnica da xilogravura é antiga e sua origem é desconhecida, a primeira documentação vem do livro “Diamond sutra”, impresso na China no ano de 868 e só no século XIV chegou ao Ocidente. Segundo o dicionário Aurélio, Xilogravura é uma técnica que consiste em realizar impressão a partir de pedaços de madeira com desenhos em relevo.

Guará define xilogravura como uma forma que o homem conseguiu usar e ainda usa para mostrar de maneira impressa sua cultura.

Oriundo de uma família de linotipistas, desde os 11 anos de idade aprendeu essa arte nas gráficas da imprensa universitária da Universidade Federal de Goiás no anos 60. Também trabalhou no jornal Cinco de Março em Goiânia, atual Diário da Manhã.

Nos anos 40/60 a demanda por profissionais da área levou um grande número de crianças a aprender a xilogravura. Assim conta Guará:

- Os jornais eram semanários ou quinzenários, passávamos a noite montando as letras uma a outra através de tipos móveis com a letra ao contrário, ou seja, do lado negativo e depois de impresso se tornava positivo.

E continua:

- Hoje com o processo digital as pessoas não imaginam como foi complexo a confecção de letras e tipos móveis. Um processo desenvolvido pelo alemão Gutemberg e ainda usado em muitos trabalhos.

A máquina usada por Guará, o Prelo serve para tirar provas e foi adquirida num leilão público. Esta máquina pertenceu a Gráfica do Exército Brasileiro e tem aproximadamente 80 anos de uso, de fabricação brasileira pela FUNTIMOD.

Curiosa é a explicação do artista sobre a impressão de fotografias dos jornais antigos: O fotolito ia para a clichéria e passava por um processo de corrosão para depois ser revelado no zinco e assim se formavam os clichês com fotos ou gravuras que iam para para o prelo e após a prova eram impressas.

Com o avanço tecnológico o profissional da xilogravura perdeu seu campo de trabalho, porém Guará continua ministrando oficinas e mostrando a importância do conhecimento dessa técnica para a geração atual.

A habilidade adquirida levou o artista a trabalhar com a madeira e atualmente é um escultor que tem seu trabalho reconhecido em todo Brasil. Guará participa de Festivais, Exposições e está no livro “Em nome do autor” da escritora Beth Lima de São Paulo. Assim ele continua resgatando essa cultura tão importante, mostrando a crianças, jovens e adultos a história da impressão.

ZENIRA , A RAIZEIRA KALUNGA

A comunidade kalunga tem uma participação especial no ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS, na Vila de São Jorge e em vários lugares goianos. Aproveitando a oportunidade onde eles apresentam seus rituais de fé, as mulheres vendem seus produtos. São óleos de pequi, coco babaçu, de mamona e outros.

Dentre essas vendedoras chama a atenção a raizeira Zenira, que nasceu e reside na Fazenda Tiguinzal município de Monte Alegre de Goiás no território Kalunga. Apesar de ter 36 anos já avó e mãe de 11 filhos.

Segundo ela, desde menina aprendeu com o pai o segredo das raízes que curam e em sua comunidade as pessoas se tratam com remédios a base de plantas.

com segurança ela diz:

- Óia nois dos Kalunga só trata com raiz! Se subé fazê direito num tem duença que as raize num cura!

Zenira esclarece um pouco de sua sabedoria e técnica sobre coleta e o preparo das raízes:

- Tem muito segredo, num é assim de qualquer jeito não! a sangra d'água mermo só pode ser colida de manhazinha ou de tarde, cum sol quente são sai nada... Eu além de ter aprindido com minha famia, fiz um curso do SEBRAE também!

Efusivamente diz:

- Tem raiz que precisa sabê machucá ela, sinão não faz o efeito...

Sobre a importância das raízes Zenira fala solenemente:

- Óia se o povo subesse que tudo que nois precisa tá no mato, as duença acabava mais. Onde eu moro posso encontra remédio pra quaise toda duença.

Sobre uma mesa ela expõe seus produtos e vai explicando:

- Esse aqui é o pratudo que serve pra tudo quanto é coisa, até pra fechar o corpo. Se ocê levanta di manha e usá o pratudo, num tem mandiga que te pega!

Zenira continua mostrando com muita segurança sobre as raízes:

- Sangra dágua combate câncer, gastrite, iscorrimto, dor no pé da barriga; ela é tão forte que arrocha e comi os microbi...

A sagra dágua é vermelho como o sangue e Zenira enche pequenos frascos com seiva dessa planta e vende por dez, quinze reais cada. Considerando a dificuldade para coletar o material, o preço é razoável.

E assim ela vai descrevendo a infinidade de vantagens das raízes, enumerando uma a uma:

- Agonisa é boa pra tirá agunia, principalmente quando a muié ta na menopais, os homi pra evitar derrame... O pereira tatu serve pra acabá com os vermi das criança;

Raiz de perdiz pra limpé, por tudo pra fora que é infecção; Pracari pra muié com problema de uter e ovário; Puaio roxo servi pra gripe; Seiva de jatubá cura os problema do figo...

Ela tem um depoimento sobre a eficiência das raízes:

- Lá perto di casa tem um moço que tava cum gastrite e tomou muito remedi de farmácia e nada, eu arrumei a sangra dágua e ele num senti mais nada! Os médico daqui até ta recomendano nois pra usa os remédio do campo!

Sorrindo muito ela me mostra uma raiz especial:

- Essa aqui é a raiz do Jaquitibá, essa resolve problema de friage! Muié fria é só tomá na pinga arriba e dá uma tesão danada!

Feliz da vida depois de vender quase tudo, ela guarda na capanga o dinheiro e o restante das raízes...

A noite ela sobe no palco e dança a sussa com fôlego de 15 anos de idade, rodando o vestido que não esconde a barriga já saliente no sétimo mês de gravidez do decimo segundo filho.

Zenira se vai e deixa ali um pouco da sabedoria milenar da cultura africana e, sobretudo do seu jeito especial de mulher forte e grande raizeira kalunga.

FOLIA DA ROÇA

A Folia do Divino Espírito Santo, denominada “Folia da Roça” da cidade de Formosa em Goiás é uma grande atração pelo modo diferente de ser nas danças, cantos e até mesmo no modo de vestir seus integrantes.

Segundo a coordenadora do grupo dona Vera Couto, essa Folia chegou à cidade de Formosa pelo Vale do São Francisco, por São Paulo e Minas traduzidas pelo tropeiros de gado com registro feito em 22 de agosto de 1838 através da Lei Providencial de Goiás e assim teve início a festa do Divino Espírito Santo no antigo “Arraial dos “Couros”, hoje a cidade de Formosa.

Para a realização dessa festa a comunidade colabora com donativos, pois os gastos são muitos. Segundo o sr. Francisco de Paula Couto, esposo da coordenadora e que também é integrante da folia, o número de foliões na saída é de duzentos e trinta e duzentos e cinquenta cavaleiros e já no pouso final reúne até quatrocentas pessoas.

A coordenadora confirma:

- É uma manifestação popular, uma tradição da religiosidade que nós fazemos com muito amor e até levamos para escola e as crianças aprendem.

A Folia da Roça apresenta por nove dias em fazendas da região de Formosa e às vezes são convidados para apresentar em outras cidades e Estados. O ritual é emocionante, as músicas são belíssimas e algumas rezas e cantos são em latim.

Dona vera Couto é uma grande incentivadora dessa tradição e de outras também, até publicou livreto da Festa do Divino Espírito Santo, “Folia da Roça”.

Nesse livro explica sobre a Folia do Divino da seguinte forma:

“a bandeira é o símbolo do povo de Deus levando a fé e a religiosidade por toda a comunidade; sua cor vermelha representa o sangue dos mártires e lembra o fogo. Por onde a bandeira passa são derramadas muitas bênção e beijar a bandeira é uma forma de devoção, respeito ao sagrado e a pessoa que carrega assume um compromisso com Jesus.

A pomba desenhada na bandeira é o significado da mansidão e do amor de Deus, as fitas são os dons do Espírito Santo, o fogo é um pedido a Deus de fogo do céu, a água é o Espírito Santo que mata a sede, as vestes brancas simbolizam a transfiguração de Cristo, a mão e dedo quanto os israelitas esperavam Deus escrever nas tábuas da lei, a nuvem é a paz e a sombra de Deus acompanhando seu povo.”

A festa do Divino Espírito Santo é um ritual alegre e percorre fazendas, povoados visitando as casas levando mensagem de amor e fé. Os foliões vestem camisa e lenços vermelhos, a pé ou a cavalo eles vão por toda a região entoando seus cantos sagrados e as danças como a catira, a curraleira e outras.

A casa escolhida para ser o pouco é onde os foliões passam a noite e são recebidos com grande festa e mesa farta onde todos podem comer à vontade. A coordenadora exige que as pessoas sigam as regras de conduta que são:

Não fazer uso de bebidas alcoólicas; vestes adequadas, usar a divisa de folião (distintivo) e não carregar arma de fogo ou branca.

Na casa onde vai ser o pouso é colocado um cruzeiro enfeitado com flores, fitas e outros símbolos. A passagem do cruzeiro para a entrada da casa é ornamentada com doze ou quinze bananeiras fincadas representando o número de apóstolos. Após a saudação do Cruzeiro os foliões adentram a residência entoando o canto de chegada ou permissão.

Na entrada da casa o folião representando o Alferes e que também carrega a bandeira, se dirige ao proprietário pedindo permissão para a Bandeira do Divino e os foliões fazer ali o pouso.

Momento de muita emoção é quando o dono da casa recebe a Bandeira e os Foliões ao ritmo da música:

E sobre os punhos do nobre Alferes Ela entrou em sua morada junto com seus filhos e vem pedir uma pousada...

Após as rezas e músicas diante da mesa com farta alimentação ao som de caixa (tambor) Rebeca, viola, pandeiro, violão e reco e reco eles cantam o “Bendito da Mesa”:

Deus lhe pague pelo pão que nos deu com alegria Deus te dê a recompensa para o Senhor e sua família...

Há momentos de descontração como a apresentação da catira ou curraleira. Às vezes as mulheres apresentam o Lundum ou Lundu. Os passos dos catireiros são guiados pelo som da viola e as músicas as vezes improvisadas pelos cantores. A curraleira é uma dança muito antiga e rústica. Essa forma de sapateado, de acordo Dona Vera Couto apareceu na região no ciclo do gado quando os tropeiros se reuniram para assar carne do gado curraleiro e cantar.

A apresentação da Folia da Roça encanta a todos por seu caráter majestoso desde as vestes, os instrumentos e as vozes fortes e ordenadas de homens e mulheres que com muita fé continuam esse ritual firmando sua tradição de amor às raízes e, sobretudo à religiosidade.

SÃO PEDRO E A FESTA DO CAJU

A festa do Caju é uma comemoração à São Pedro, denominada assim em respeito ao seu Caju, apelido do sr. Ediberto Rodrigues Batista, um apaixonado pelo futebol e grande devoto de São Pedro, o Estádio Cajuzão em Uruaçu é uma homenagem a esse homem que foi exemplo de trabalho, amor à família, à São Pedro e ao futebol.

Seu Caju tinha o ofício de serrador, foi pioneiro nesse trabalho na cidade de Uruaçu. Do casamento com Dona Floriana da Silva Batista, mais conhecida como Dona Flora nasceram 14 filhos sendo 9 homens e 5 mulheres. Dona Flora trabalhou de lavadeira de roupas, cozinheira ou de qualquer outro trabalho doméstico para ajudar criar a enorme família. Enumerando com os dedos ela se esforça para lembrar os nomes: Juvenil, juraci, Juci, Jucimar, Florisberto, Vadirê, Jucirlei, Júlio, Sidnei, Valdeci, Valcilene, Valmirene, Valdirene e Luciana.

A comunidade do Caju foi criada com a união do casal (Flora e Caju) no final dos anos 50, porém a devoção à São Pedro já era praticada pelos antepassados de Dona Flora.

A comemoração festejando São Pedro já existe desde o ano de 1951 e é um evento que mobiliza toda a população de Uruaçu e algumas cidades vizinhas. Mesmo com a falta do marido Dona Flora com pulso forte guia seu povo conservando a tradição da Festa do Caju.

A casa construída por eles é onde se realizam os festejos, hoje está situada no setor nobre da cidade de Uruaçu e a especulação imobiliária os espreme, mas mesmo assim continuam firmes.

Há poucos dias foi cortado um jatobá plantado pelo sr Caju para dar lugar à uma rica construção. Dona Flora adoeceu e aproveita os restos do tronco para mesas, bancos e os galhos serviram para acender a fogueira de São Pedro.

Triste ela olha todos os dias os restos do jatobá e pede aos filhos para que continuem a festa e não deixem que o progresso engula sua tradição.

A comunidade do Caju é formada pelos filhos, dezenas de netos, noras e outros parentes e é um símbolo da resistência quilombola em Goiás, apesar da falta dos pioneiros a tradição continua na moradia, festas, gosto pelo futebol e comidas, liderada por Dona Flora.

Esse povo possui uma relação indireta com a experiência do regime escravo, as histórias contadas pelos mais velhos e o sobrenome Silva Rocha é o resultado dessa relação. O avô de dona Flora, o sr. Duruteu Silva Rocha veio de Niquelândia e de lá trouxe muitos causos comprovando a ligação da família com a experiência da escravidão.

No início as manifestações quilombolas eram apresentadas fielmente como a dança “Marimbondo Sinhá”, Dança do Tambor e outras, que aos poucos estão sendo substituídas por danças mais modernas, o que é uma pena.

Segundo dona Flora os mais jovens não gostam dessas danças antigas. O Marimbondo Sinhá é uma dança ao som de tambores, um ritual para afastar os marimbondos com gestos e tapas. A música meio improvisada é mais ou menos assim:

Tainha do João Batá
Ela custa dinheiro
Que custou ganhá
Nego o que ocê tem
É marimbondo Sinhá

E assim eles requebram um retirando o maribondo do outro.

As primeiras festas eram celebradas ao som das violas e dos tambores, depois com sanfonas e hoje o som é mecânico e só um sanfoneiro acompanha a procissão.

No dia de São Pedro a casa de Dona Flora é o local mais visitado da região, centenas e até milhares de pessoas de várias cidades participam do ritual da procissão, levantamento de mastro, rezas, fogueiras, tambores, danças e leilões.

As ruas são fechadas por inúmeras barracas com todo tipo de bebidas e comidas típicas.

Dona Flora faz questão de comandar toda a organização da festa, inclusive o preparo dos bolos tradicionais como quebrador, pão de queijo, bolo de arroz na palha de banana e os frangos para o leilão. A família tem local privilegiado para vender seus produtos.

Momento marcante é o início da procissão onde à frente com a bandeira de São Pedro dona Flora comanda as rezas cantadas. No quintal da casa uma imponente fogueira aguarda a chegada da procissão e à luz da lua o mastro de São Pedro é levado ao som da música:

São Pedro vai pro céu...
Ele vai para o céu tão alto São Pedro vai subi
Viva o Capitão do mar... São Pedro ta subindo
Subindo pro céu tão alto...

É um momento emocionante, as pessoas compenetradas assistem a repetição da música e quando o mastro é colocado os foguetes explodem e o povo grita:

- Viva São Pedro! Viva!

A procissão retorna e São Pedro é devolvido ao altar quando começa a reza tradicional. O terço é rezado e cantado e algumas mulheres rezam trechos em latim abrasileirado, ou seja um latim transmitido pela oralidade, conforme observou o historiador Edson Arantes (UEG).

Após uns 50 minutos de rezação as pessoas se despedem de São Pedro e começa o forró comandado por um cantor local.

O forró se estende noite a fora e quando o dia começa a clarear dona Flora tem o rosto cansado, mas feliz, afinal conseguiu junto com os filhos, noras e dezenas de netos realizar mais uma devoção a fé à São Pedro, que segundo ela, não deixará morrer a Festa do Caju.

Dia já claro, a fogueira vai se apagando e restam somente cinzas do jatobá que junto com a família acompanhou a história da Festa do Caju, a maior manifestação cultural da região, que a qualquer momento pode ser sucumbida pelo progresso.

Que São Pedro proteja a Comunidade do Caju...

MARIA ANGÉLICA, A MOÇA QUE SABIA LER

A casa ainda tem o seu jeito embora os móveis tenham sido retirados. Lembra-me uma frase: “impressionante como os móveis guardam o semblante de quem os usou”..., sim, tudo na casa lembra Maria Angélica. Quando a conheci em 2008 parecia uma menina dentro dos seus 80 anos de idade. Muito limpa, elegante e cheia de histórias.

Maria Angélica Gonçalves nasceu em Iguatama no Estado de Minas Gerais no dia 22 de Janeiro de 1915. Chegou a cidade de Alto Horizonte em 1950. Segundo ela, tudo ainda era deserto.

Não gosta de Goiás, veio para ficar com o marido e vive ainda por imposição do destino. A viagem foi uma grande aventura, vieram num velho caminhão (ela, o marido e 2 filhos) os outros nasceram em Alto Horizonte. Sofreram muita falta de água, de comida.

Olhinhos miúdos, sagazes parecem esconder todos os anseios num corpo conservado apesar dos anos, linda e meiga como seu nome. A velhice atenuou o brilho dos olhos e parte da visão, porém ficou a mente lúcida e cheia de sonhos.

Conta-me que gostava muito de ler, agora não enxerga mais, antes lia com a lamparina no colo até cochilar. Escrevia muito também, fazia cartas para os namorados das amigas. a caligrafia era bonita e chamava atenção numa época em que a maioria das pessoas não sabiam ler nem escrever, principalmente a mulher.

Tive vontade de adentrar no tempo e ter acesso aos seus escritos...

Com gestos suaves e perfeitos ela acena e conta causos do tempo de criança, da escola e da família.

Pergunto se apanhou de palmatória, me responde rápido:

- Isso era para as escolinhas atrasadas, eu nunca bati, nunca apanhei, os professores gostavam muito de mim!

Sorrindo me confia que tinha uma professora que até lhe passava cola com a mão fechada.

Depois muito séria diz:

- Mas depois ela me ensinava, não tenho problema de consciência com isso.

As fotos mostram uma grande família, e ela a matricarca. Suspirando diz que tem muita saudade de Iguatama, morava a beira do rio São Francisco, a vida era bela!

Foi dona de uma venda, uma pensão, chegava até alugar uma mesma cama duas vezes na noite.

Os cabelos brancos, as rugas, as doenças não lhe tiraram os sonhos, ainda os conserva.

Um forte anseio é escrever:

- Tenho muita vontade de escrever, porém enxergo pouco... Queria escrever minha vida...

Sorrindo ela relembra fatos interessantes, de como era esperta e usava os dotes de ler e escrever para se sair bem entre a família e os colegas: — Minha irmã era mais bonita do que eu e recebia muitas cartas de rapazes e ainda tinha uma dor de cabeça incurável isso fazia com que recebesse favores especiais de meus pais.

Segundo dona Angélica, essa irmã tinha um tratamento diferenciado: nas festas ela possuía os melhores vestidos e calçados e em casa trabalhava menos:

- Aí então resolvi mostrar que servia para alguma coisa, eu sabia ler e escrever, ela não aprendia nada e assim não sabia ler as cartas dos namorados. Quem tinha que ler era eu, aí eu descontava tudo e aproveitava para ganhar favores.

A sombra das árvores no fundo do quintal os segredos das cartas eram murmurados e até alterados de acordo com a leitora que depois da leitura silenciosa dizia séria:

- Olha o que tá escrito aqui não é bom pra você não, se o pai souber você vai cair na taca... A irmã ansiosa dizia:

- Mas o que é que tá escrito aí, diz logo! Misteriosa ela relatava:

- O rapaz manda beijos, você sabe que é isso é proibido, se eu contar... ou mostrar a carta, o pai vai ficar muito bravo...

- Não conte, não mostre, pelo amor de Deus!

- Quero aquele vestido e aquele broche novo pra ir a festa

- Sim, pode pegar, mas não conte o que tá na carta...

Depois disso ela resumia a carta para irmã aumentando detalhes sobre o beijos, assim conseguia tudo o que queria. Sorrindo ela revela:

- Coitada, as cartas eram inocentes, eu inventava os beijos para ela me dar o Bque eu queria...

Sorrimos muito lembrando o passado, foi um especial. Quando voltei ela já estava vazia porém cheia de lembranças de uma mulher que ali viveu e partilhou seus sonhos de uma dama que sabia ler e escrever.

SANTO ANTÔNIO, DONA FAUSTINA E AS SIMPATIAS

Dia 13 de Junho é comemorado o dia de Santo Antônio. É o santo da lenda e das tradições populares, no mundo inteiro é conhecido e venerado como o santo que ressuscita mortos, cura doenças, alivia os bolsos, traz de volta as coisas perdidas, protetor dos viajantes e ainda santo casamenteiro.

Santo Antônio nasceu em Lisboa em 15 de Agosto de 1195, filho de pais religiosos Fernando de Balhães (verdadeiro nome de Santo Antônio), aos 15 anos entrou para um convento agostiniano, primeiro em Lisboa e depois em Coimbra, onde provavelmente se ordenou. Em 1220 trocou o nome para Antônio e ingressou na Ordem Franciscana onde passava muitos dias em meditação e oração em lugares solitários, era amante da natureza e segundo a história, quando as pessoas não lhe ouviam, falava às aves e aos peixes.

Num momento de oração recebeu a visita do Menino Jesus e por isso sua imagem é representada carregando o Menino Jesus nos braços. Antônio morreu a caminho de Pádua em 13 de junho de 1231. Foi canonizado em 13 de maio de 1232 (apenas 11 meses depois de sua morte) pelo papa Gregório IX.

No dia 13 de Junho esse santo é relembrado de várias formas: missas, festejos, simpatias e outras. Na região norte de Goiás há novenas com muita reza regada a bolos e doces tradicionais.

Em Portugal, próximo da casa e Igreja de Santo Antônio, no local das cavaliças da Sé de Lisboa, há um culto na forma de exposição onde são exibidas milhares de peças, cada uma mostrando a visão dos artistas representados, é a exposição “Santo Antônio-De Lisboa a Pádua”, uma iniciativa da loja galeria “A arte da Terra.”

Aqui no Brasil a fé em Santo Antônio leva muitas pessoas, principalmente no interior goiano, a apostar em milagres com simpatias até mesmo bizarras, porém o que pode ser bizarro para um, não é para outro.

Algumas simpatias mais conhecidas:

Para descobrir o nome do futuro marido pegar um facão e a meia noite do dia 12 de junho, cravá-lo numa bananeira. O líquido que escorrer da planta deve formar a letra do primeiro nome do futuro marido. Outra forma é escrever o nome dos candidatos em vários papéis deixando um em branco e à meia noite do dia 12 de junho colocar esses papéis em cima de um prato com água e deixar ao relento a noite toda. No outro dia se o papel continuar branco a moça será sempre solteirona. Para arrumar um namorado rapidamente é só pegar a imagem do santo e lhe tirar o Menino Jesus do colo, prometendo devolve-lo só depois que arrumar o namorado. Ou então virá-lo de cabeça para baixo até que o namorado apareça. A simpatia funciona melhor se o santo for roubado de outra pessoa. Há também a simpatia de amarrar um fio de cabelo seu ao do namorado e colocar nos pés do santo e assim logo sairá o casamento.

Para nunca perder o namorado, pegar foto do casal de corpo inteiro e colá-las uma de frente para outra enrolando com a linha vermelha em cruz. Depois colar no verso do quadro da imagem de Santo Antônio e colocar na parede do quarto, bem à cabeceira da cama.

A sabedoria popular diz que as simpatias evocadas no nome de santo Antônio dão certo, mas claro que são superstições, coisas do povo brasileiro e da mistura das raças e crenças. Porém diante de uma necessidade urgente as pessoas apelam para as simpatias, algumas até muito engraçadas, como essa contada pela dona Faustina que nasceu na década de 20 e reside na cidade de Alto Horizonte em Goiás.

Ela conta de uma amiga solteirona, a Lázara, que no desejo de arrumar casamento apelou para Santo Antônio. dona Faustina lhe ensinou a colocar o santo de cabeça para baixo dentro do copo com água, e todo dia pela manhã chegar bem perto do copo e dizer:

- Meu santinho te respeito muito, mas só tiro o sinhô desse copo depois que trazê um casamento pra mim... Oia só, to seno chamada de titia, de sorteirona, biata... tenha dó meu santo, me ajude!

Mesmo assim nada de casamento aparece e a moça entra num estado de tristeza total. Quando dona Faustina vai visitá-la, sentam-se na varanda onde o feijão cozinha sob as chamas trepidantes no fogão à lenha. Enquanto conversam, Lázara levanta várias vezes para atizar o fogo.

Nisso Dona Faustina percebe um barulho diferente: alguma coisa fervia dentro do feijão e subindo na ebulição batia na tampa do caldeirão.

- Lázinha, o que tá batendo tanto assim na tampa do caldeirão tem pedra no seu feijão?

- Não Faustina, é barulho mermo do fogo...

Curiosa, dona Faustina levanta destampa o feijão e dá um grito:

- Nossa Lázinha, num faz isso não! Ocê ta cuzinhano o Santo Antônio, vai ser castigada.

Lázara começa a chorar enquanto dona Faustina trata de tirar Santo Antônio daquele suplício...

No dia 13 de Junho o Brasil todo comemora Santo Antônio, o homem que segundo a história deixou a pompa, a riqueza e se tornou um religioso, taumaturgo e escritor, se destacando pelo seu amor à natureza e ao silêncio.

Viva Santo Antônio!

PEDRO SERRA DA MESA

Pedro hoje é conhecido como PEDRO SERRA DA MESA por ter se tornado um grande contador de causos e piadas no espaço cultural Memorial Serra da Mesa, na cidade de Uruaçu, Goiás.

Ele é um homem especial que sempre pegou no pesado e tem todas as características do homem roceiro, sua voz é marcante pelo tom arrastado, diferente e sua história de vida retrata a vivência do afro descendente e do caboclo sertanejo.

Como disse Karl Marx:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Pedro Silva Rocha diz ter nascido em 1960, 40 e poucos anos, mas não tem certeza. Nasceu na fazenda Rio do Peixe no município de Niquelândia e hoje mora em Uruaçu Goiás. O sobrenome não tem nada a ver com seus traços negros e seu perfil de homem do campo, Silva Rocha é uma família rica e pioneira de Niquelândia, Trairas e Uruaçu.

A explicação para esse sobrenome vem da história do povoamento de Goiás, que segundo os mais velhos era comum empregados com o sobrenome do patrão. Isso porque quando foi assinada a lei Áurea, o fazendeiro para não ficar sem seus serviçais, registrava os filhos pequenos dos escravos com seu nome e assim estes podiam permanecer na fazenda trabalhando normalmente. Os avós e bisavós de Pedro, segundo ele, eram escravos.

Pedro é humilde, o que marca é seu modo de andar e o jeito de falar único. Seu trabalho é capinar roças, quintais e diz não saber fazer outra coisa. Seu traje é sempre uma calça arregaçada acima do joelhos, um velho chapéu e uma camisa aberta deixando aparecer a barriga e quando não está descalço, está com uma botina rasgada. Conheci-o quando pedia carona na saída de Uruaçu rumo a Niquelândia, me disse:

- O dona, a senhora me oferece uma carona ai! To correno praque o povo ta querendo mi bater, e vou dizê a verdade: num gosot di apanhá não!

Simpatizei-me com aquela figura diferente e parecia ser sincero.

Daí a alguns dias o convidei para fazer parte das comemorações folclóricas e ele se propôs a contar causos:

- Será que dô conta, num vô fazê feio não? E ao microfone Pedro soltou o verbo:

- Tango calangotango, jabuti nem lacraia, bicho que mata o homi ta dibaixo da saia!

- Em cima daquela serra passa carro e caminhão Perereca na buzina urubu na direção Perereca deu um peido e urubu caiu no chão

Um colega comentou que ele estava falando besteira, rápido retrucou:

- Esse cabra num é mais bobo por farta de ispaço!

Pedro foi sucesso tocando gaita, contando piadas e até se vestiu de índio. Pegou o microfone e com segurança dizia:

- Índio é bom, índio não ranca mato, não suja água, não judia das criança!

E assim ele criou um repertório que chamou a atenção do público.

Surpreendi-o várias vezes esfregando os olhos e quando me via dizia:

- Caiu cisco no meu zoi!

Após as apresentações fazia questão de perguntar se tinha ido bem e se podia voltar outro dia.

- Claro Pedro você já é um artista!

Confirmava e ele sorria feliz. Num momento de descontração, lhe pedi que contasse um pouco sobre sua vida, responde rápido:

- Arguma coisa da minha vida? Vou começá logo rasgando a chita, se falá muito a sra. corrige!

E começa:

- Fui criado numa famia pobre, meio de carrancismo mermo! Assim no mei do mato, sem ricurso, mei na doida!

Dá fortes risadas, mas noto que esfrega os olhos escondendo uma lágrima. Deixo-o livre, pois se parece uma criança com medo, mas continua falando:

- Cheguei na cidade passei a cunhecê as coisa mais novata, cumo fogão de gás e outras coisa... Na roça os remédio era raiz de fedegoso pra tomar e curar arguma doença tipi estambo zangado... Esse negocio de hispital num tinha não! Argumento:

- E os dentes como eram tratados? Ele sorri, esfrega as mãos e diz:

- A gente iscovava com fumo ou cinza de fugão de lenha, e arrancava o denti à custa de linha de argodão, depois jogava em cima do teiado de sapé ou de babaçu dizeno: Morão, morão, tamo seu denti podi e me dá outo são!

Aí Pedro dá grandes gargalhadas completando:

- Isso é papeata dessoris povo mais antigo, a sra sabe? Na minha famia eles usava muito ditado!

Sobre a leitura Pedro diz compenetrado:

- Sei lê mais ou meno, morano na roça quasi num aprendi pois tinha que ajudá meu pai capinar, nois era muito pobri, as veiz só tinha farinha pra cumé! Lá arguma veiz eu leio, num seno matematica eu leio mais ou menos... Escrevê só garrancho, mas faço.

Quando peço para falar sobre os melhores momentos de sua vida, ele abaixa a cabeça, geme e demora responder:

- Foi no tempo de eu pixote que num sirvia pra nada! Gostava de correr de cavalo de pau, cabo de bassoura e tomá banho no córgo, era só o que eu sabia fazê e assim num pricisava ir pra roça praque era muito piqueno ainda!

Esfrega novamente os olhos:

Mais fui crescido ai fui pro pilão e pra enxada e cumo era muito custoso, apanhava muito!

Fica pensativo para dizer:

- O pió é que eu brigava demais com minha irmã, fazia meus pai ficá quase maluco, fiço arte demais! Dá fortes gargalhadas lembrando:

- Uma veiz joguei cisco de taboca no zoi de minha irmã, era uns espinzim, ela quaise ficou cega!.. Mais tive que corrê pru mato e num adiantô nada, quando vortei pra janta e drumi, meu pai me pegou de vara!

Emocionado Pedro se cala. Me olha bem de perto e diz:

- Mais tem que dizê tudo? Eu num lembro direito, acho que vou chorá! Tô tão esquicido que num tá entrano na minha cachola as coisa direito! Vou pensá mais um pouco...

Pedro ainda é solteiro e sobre isso comenta:

- Graças a Deus nunca quis casá, conforme o casamento é sofrer duas veiz! Num vou negá e nem minti, nunca tive muié, quero não!

Sorrindo tira o chapéu:

- Oia pra mim, pixaim, cabelo ruim, do tempo do carrancismo, era da antiguidade, quem vai querê? Pobri, da época do carro de boi, num tinha nem bicicleta a gente nem ouvia falá disso!

Quando ele fala de datas aí questiono sua idade, mas deixo rolar:

- Em 1950 por ai, quem usava carro de gasolina era ricaço, era só carro de boi e tropa. Geladeira entonse, nada! A luiz era na base da candeia de azeite!

Falando da família ele lembra:

- Só sei que feijão com farinha nois cumeu demais por farta de arrois, já sofremo bastante. Trabaiava de arrimo pros outros em troca de mantimento: quaise assim tipo um dia de sirviço em troca de um litro de manteiga, nois num cunhicia essas mordomia aqui na rua...

Explica:

- Mordomia é igual hoje im dia vive tranquilo, tê máquina elétrica. Arguma época as muié ia pro batedor isfregar roupa na taba de chanfrao, num tinha escova, nem torneira, era na base da bica dagua. O arrois socado no minjolo, o café era feito de garapa de cana moida no engenho ou então macetava a cana e torcia na rabinha pra fazê o café. O café era arrancado no pé e depois de seco quebrava ele no pilão pra aí torrar na panela de ferro e moê no moim pra cuar. O arroiz era tombem socado no pilão!

Sobre a comida ele descreve:

- O arros era feito só na água e sal, o povo achava mais favorave. A carne era desses bicho do mato mermo... Argum viado, macaco.". Já comi macaco demais. Os gaieiro meu pai matava cum espingarda de dois tiro. Hoje o lbama proibiu, num deixa matá mais não! Tombem num tá tendo bicho mais!

Depois de certo tempo pensativo, ele levanta e diz:

- Agora vou mim embora, mas cuma num gosto de minti, vou contá uma coisa pra sinhora...

Curiosa pergunto:

- Mesmo Pedro? Lembrou de alguma coisa interessante?

- A sinhora vai me discurpar, mas eu inganei a sinhora umas veizes!

- Assustada acelerei a mente para descobrir em que fui enganada, quando Pedro com toda humildade revela:

- Sabi quando eu falei que tava com cisco no zói? Eu tava mintino pra sinhora, eu tava é chorano mermo!

Me despeço do Pedro, a figura humilde que representa o modo de ser do homem da roça, o trabalhador. Mesmo sempre na lida dura no cabo da enxada e no pilão, Pedro tem um sonho: quer ser artista. Porém, ele não sabe que naturalmente já é um grande artista.

Ele se vai e eu agora é que tenho um cisco no olho...

FOLIA DE SÃO JOSÉ

A Folia de São José é tradição na cidade de Uruaçu e em quase todo o Brasil, principalmente nas cidades do interior goiano. No dia 19 de Março, dia de São José os integrantes fazem a entrega da folia depois de 8 dias percorrendo as casas. No último dia é sorteado o folião que irá receber a caravana do próximo ano.

Relato aqui a passagem e o adeus de um folião que organizou por décadas a Folia de São José na cidade de Uruaçu, senhor Dorvalino Moreira.

19 de Março de 2007, na casa de Dorvalino e Aninha, o ritual se estende noite afora, é comemorada a entrega da folia de São José.

Ambiente festivo, bandeirolas dependuradas, muitas cores, o altar com a imagem de São José repleto de velas e flores.

Muita reza e cantoria complementam a fé das inúmeras pessoas unidas na mesma devoção.

Dorvalino tem o rosto abatido, cansado da peregrinação durante nove dias pelas ruas de Uruaçu, ainda bem que é o ultimo dia, cumprira sua missão. Muitos planos futuros, era só terminar a folia.

Colocaria tudo em prática, dizia ele.

Assim apressa o leilão, quer terminar logo, apita chamando os foliões para se reunirem ao redor da mesa, é hora dos agradecimentos finais. Começa sua fala, agradece aos amigos, aos foliões, a São José..

Mas o “muito obrigado” é entrecortado pela dor... Dorvalino cai, é carregado... Alvorço, choro, gritos, hospital e laudo médico: falecera vitima de cardiopatia.

Dorvalino volta para casa num caixão, São José e os foliões o esperam, com a casa ainda enfeitada de bandeiras, coroas e flores a rosto sereno, firme, certo de ter cumprido seu dever.

Despediu-se com classe, vivendo o momento solene na folia de São José. A paixão desenhada no olhar, paixão pela vida, pela música, pela mulher amada, pelos amigos, isso ficará...

Partiu cantando, rezando, agradecendo, cheio de fé como sempre fora...

Que São José o tenha...

DONA GRACINHA DA SANFONA

Existe uma mulher de fibra e uma grande sanfoneira no Brasil. O nome dela é Maria Vieira da Silva popularmente conhecida por Gracinha. Dona Gracinha da Sanfona nasceu em Floriano, Piauí e como era muito doente, inclusive com problemas de visão, a mãe a entregou para uma tia que não tinha filhos pela qual foi criada.

Gracinha era uma menina diferente: nunca gostou de bonecas e nem de saias, e suas brincadeiras eram mais ousadas como brincar de cavalo de pau, lutas e outras que na época uma menina não podia fazer. Porém, os ouvidos sempre foram voltados para música. Confeccionou um pandeiro com lata de goiabada e tampinhas de garrafas o que foi seu primeiro instrumento musical.

O marido de sua tia era um sanfoneiro, então Gracinha mesmo com a visão parcial podia ouvir o som da sanfona e assim aos 7 anos de idade já se apaixonara pelo instrumento. Perdia o sono imaginando como poderia tocar.

A tia notando a curiosidade da sobrinha deixou que ela pegasse o instrumento de 4 baixos para experimentar, desse dia em diante a sanfona foi sua parceira inseparável. Talento descoberto, Gracinha se tornou a sanfoneira oficial da região. Ia a cavalo para as festas e tocava forró a noite toda, daí já passou a ser chamada de Gracinha da sanfona.

A carreira como sanfoneira já se estabelecera quando mudou para Brasília e com uma sanfona maior passou a fazer shows, tornando logo bem popular na capital federal.

Toca atualmente com uma sanfona menor pois não pode ficar de pé, porém seu show faz o público vibrar.

Dona Gracinha já tem mais de 60 anos de idade e ainda reside em Brasília. Faz shows em vários Estados e já é um nome bem conhecido em todo o Brasil. Toca tango, valsa, seresta, pagode e outros. Porém o que mais gosta de tocar é o forró mesmo. Consegue lotar os salões de dança com seu jeito especial de tocar. Se sente orgulhosa de ter tocado com músicos conhecidos como Zeca Baleiro e outros.

O que mais impressiona é sua força de vontade, sua paixão pela música que mesmo com a idade avançada, atravessa as noites tocando. Perdeu uma das pernas num acidente e ainda assim diz:

- Perdi a perna mas nem por isso vou me aborrecê, tenho as mãos e minha sanfona...

Dona Gracinha faz piadas de si mesma:

- Imagine, sou assim, mas tenho amigos de verdade, gostam de mim do jeito que sou!

Mostra as pernas e dá grandes gargalhadas e diz:

- Menina eu pra tocar sanfona desisto até de comê!

Os cabelos brancos esvoaçados, a voz firme, o cigarro no canto da boca e o tom sarcástico fazem de Dona Gracinha uma figura excêntrica e contagiante. Como bem retrata professor Alex (UnB):

- Ela tem a alma de sanfona!

AS TRÊS MARIAS

Indo de Goiânia à Barra do Garças, na GO-060, à margem do rio dos Pilões, não há quem não conheça a casa da biquinha, a casa das três Marias, onde se pode comprar doce de castanha.

A sobrevivência foi garantida com a venda do doce de castanha e de gueroba. Colhiam sacos e sacos de coco, depois quebravam e tiravam a castanha para fazer o doce no açúcar queimado.

O doce de castanha das Marias ficou famoso. Como moram às margens de uma rodovia bem movimentada, a notícia correu todo O Brasil através dos caminhoneiros e outros que aprenderam fazer ali seu ponto de parada.

Nenhuma delas aprendeu a ler e escrever, mas conhecem bem o dinheiro. E como rendeu esse dinheirinho, viviam com tanta fartura, era de impressionar. Não cobravam comida dos que paravam para descansar; caminhoneiros, os romeiros na época da Romaria de Trindade, todos podiam comer à vontade, elas faziam questão disso. No fogão à lenha sempre havia panelas com comida e um bule cheio de café.

A amizade especial era pelos cães, acolhiam todos os que eram andarilhos, doentes e os que iam nascendo em casa. Precisou interferência para dar um pouco para os outros. Cada cachorro levava nome de uma pessoa querida: Bininha, Nenen, Ricardo, Aline, Touca, e assim por diante. Se algum perigo rondasse, os cachorros eram todos trancados junto com elas que ficavam rezando dentro de casa.

Desde que nos conhecemos, me tornei a escrevente de cartas para elas, me ditavam cartas para o presidente, governador, Gugu, Faustão ou qualquer uma pessoa que elas achavam importante.

A Maria Salomão acendia seu cigarrão de palha, cruzava as pernas e dizia:

- É claro que fulano vai respondê a carta, ele vai pensar assim: coitada das marias, elas gosta muito de mim .. sabe, acho que ele vem até aqui!

Eu ficava calada olhando, não podia atrapalhar o sonho dela.

O traje foi sempre do mesmo modelo: vestidinho de chita, saia rodada e os apetrechos como colares, brincos, anéis e abusavam dos anéis. O dente de ouro era o destaque do sorriso, todas tinham um .

Adotaram um bebê que hoje já é adulto e a primeira providência quando fez 12 anos foi colocar o dente de ouro.

Uma história de vida com muitas nuances, amizades famosas como Íris Rezende, Lourival Lousa, dr. Wartene, Dirson Maia e tantos outros que elas sempre davam apelido carinhoso.

Gostavam de cantar e dançar. A Maria Salomão comentava de alguns homens:

- Não gosto de dançar com fulano, ele só dança estufado!

Quando encontravam uma pessoa bonita, iam sorridentes dizendo:

- Oba, vamos limpá nosso zói hoje, vamo ver fulano!

Não gostavam de homem pra frente, tinham muitos amigos que lhes respeitavam.

Brincava com a Maria Salomão:

- Maria, vou mandar o dr. Wartene examinar você para ver se é virgem mesmo!

Ela fazia um muxoxo e dizia:

- Ce boba, sô, homi ninhum põe a mão ni mim, prefiro morrer.

Parecíamos crianças quando juntas, tudo era festa. No dia de fazer compras em São Luis de Montes Belos ou em Moiporá era também um grande passeio admirando tudo e cumprimentado todos. Isso durou muitos anos; se fez uma grande história às margens do rio dos Pilões...

O tempo levou a Maria Albertina, ficou Maria Dalmina e Maria Salomão. Depois a Maria Salomão se foi e agora resta a Mariinha.

O último passeio da Maria Salomão foi comigo. Fomos numa festinha em Messianópolis, e mesmo estando já com o fôlego cansado, ela se divertiu muito, foi uma despedida e seus últimos dias na terra.

Hoje tenho como lembrança o velho vestido da Maria Salomão queimado de cigarro e uma saudade que incomoda muito.

Mariinha resistiu na casinha à beira da rodovia fazendo os doces, mas chorava sempre; parecia assustada com o mundo que se apresentou a ela. Ficou só olhando o asfalto, o ronco dos caminhões e a saudade da Maria Albertina e da Maria Salomão.

Porém, essa saudade não a impede de bem cedinho, já antes do dia clarear, fazer o gostoso café no fogão à lenha e continuar vendendo o delicioso doce de castanha.

Parabéns às inesquecíveis amigas: Maria Albertina, Maria Dalmina e Maria Salomão, as TRÊS MARIAS.

A música "Olha Maria" de Chico Buarque lembra as Três Marias:

Eu bem te queria Fazer uma presa Da minha poesia Mas hoje, Maria

Pra minha surpresa Pra minha tristeza Precisas partir

Parte, Maria...

Obs: A casa por ser no corredor, foi derrubada e Mariinha foi pagar aluguel no povoado de Messianópolis.

ROMARIA DO MUQUÉM

A Romaria do Muquém existe desde o século XVIII no período da mineração e da escravidão. É tradição há mais de 200 anos, desde 1748, e é considerada uma das maiores do mundo e a celebração religiosa a mais antiga de Goiás.

Os romeiros fazem o percurso de 45 quilômetros carregando a imagem de Nossa Senhora da Abadia, saindo da cidade de Niquelândia, e seguem pela Rodovia da Fé. Fazem o percurso com início na Igreja Matriz da Paróquia São José, passando pela Paróquia Nossa Senhora da Abadia e terminando no Santuário de Muquém.

A procissão ocorre durante toda a noite e termina com a chegada dos romeiros ao Santuário, dando início à romaria que prossegue durante 10 dias. Ao longo da Rodovia da Fé há as estações da Via Sacra com monumentos que representam o calvário de Cristo.

Essa Rodovia se torna um cenário de peregrinos que percorrem muitos quilômetros a pé, a cavalo, motocicleta, ou de carro, pagando promessas.

Essas pessoas vão pagar suas promessas pelas graças alcançadas de Deus por intercessão de Nossa Senhora D'Abadia.

Segundo a Diocese de Uruaçu, no início da Romaria passa uma cavalgada com centenas de cavaleiros de Uruaçu, Niquelândia, São João da Aliança, Sitio da Abadia, Cavalcante e outros que cumprem a tradição percorrendo a rodovia da Fé e formando um espetáculo à parte. Seja a cavalo, a pé ou de carro todos seguem o caminho de fé ao encontro da Santa.

O santuário do Muquém no morro Cruzeiro acima 100 metros do chão, foi inaugurado em 2004 e tem capacidade para 27 mil pessoas sentadas. Esse santuário forma uma imagem belíssima contrastando com o verde das matas e o azul do céu entre os morros. Muitos romeiros sobem a escadaria do santuário de joelhos até o altar pagando promessas.

Ao final da procissão começa o ritual que conta com a Santa Missa, confissões, ofício de Nossa Senhora da Abadia, oração de Intercessão na Capela do Santíssimo, missa pelos Enfermos, missa com Novena em Louvor à Nossa Senhora da Abadia e cerimônias de Batismo e Casamento.

A maioria dos romeiros são de Goiânia, Brasília e de cidades do interior goiano como Colinas do Sul, Niquelândia, Uruaçu, Jaraguá, Alto Paraíso e várias outras. Para alguns já é tradição acampar por vários dias e têm uma área reservada e há também os acampamentos comunitários onde várias famílias se reúnem.

As dezenas de mendigos chamam a atenção durante a romaria e existem casos excêntricos como leprosos sem mãos, pessoas que andam de cócoras, muitas crianças aleijadas, enfim é um grande número de pedintes com as mãos estendida formando uma imagem deprimente.

Fica uma interrogação: dentre esses pedintes alguns são pessoas, moradoras das cidades próximas e são aposentados e têm casa própria: seria também uma forma de penitência?

Durante os dias de festa milhares de pessoas pagam suas promessas no povoado, fazem suas preces e se ajoelham em agradecimento aos pedidos atendidos.. Essas promessas são pagas de várias formas, desde subir de joelhos a escadaria, levar cabelo cortado, dar dinheiro aos mendigos que são centenas de todo o país. São tantos outros rituais. Dentro do Santuário a fila de romeiros é enorme para beijar uma fita que se estende dos pés da Santa.

Uma senhora de Anápolis-Goiás, paga uma promessa pela cura do filho de epilepsia. De joelhos a criança equilibra um prato cheio de velas acesas na cabeça enquanto rezavam um terço. Diz:

- Meu filho não tinha cura, ia tomar remédio pelo resto da vida, mas Nossa Senhora fez o milagre, então tenho que cumprir a promessa!

Jonas Bernades reside em Alto Paraiso Goiás, tem 49 anos de casado e 75 anos de idade. Sempre vai ao Muquém que fica à 146 quilômetros de distância. Com orgulho conta :

- Eu venho aqui há muitos anos, de primeiro vinha a cavalo, ficava até 8 dias na estrada. Aí fiz uma promessa que se a Santa me ajudasse a comprar um carro, eu não perdia um ano sequer. Sorridente diz:

- Oia só, comprei minha camionete e todos os anos venho aos pé da Santa agradecer! Acontecem manifestações de fé exageradas como alguém que se deita ao pé da escada para ser pisado e muitas outras. Padre Crésio Rodrigues de Uruaçu, explica sobre esses exageros:

A Igreja não exige, aconselha a não exagerar, porém eles não consultam antes e depois se sentem na obrigação de pagar o que prometeram. Quando a Igreja tem oportunidade, ensina que Deus quer a misericórdia e não o sacrifício. Durante a festa há os cursos de evangelização para formação espiritual.

Porém pe. Crésio considera os benefícios da Romaria:

- A Romaria do Muquém traz como maior benefício a vivência da fé e o esclarecimento dessa fé com a superação das superstições, do sentido mágico do sacrifício, ou seja, a formação da consciência espiritual, e sobretudo a defesa da família e ainda os romeiros podem conviver com a arte, cultura, educação ambiental e formação política.

Há um projeto da liderança da Igreja Católica em transformar a área da Romaria em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN, uma unidade de Conservação Permanente preservando a possibilidade de impacto ambiental. No período da Romaria o IBAMA promove a educação ambiental com teatros, festival de música, circo e outras atividades como orientação na forma a utilizar os recursos naturais para montar as barracas, o destino do lixo e outros.

A origem da Romaria tem muitas versões. Que foi um quilombo é certo, pois o povoado do Muquém é um espaço rodeado por morros, por isso o local propício para construir esconderijos ou quilombos. A topografia entre montanhas permite uma visão ampla de todos os lados.

A história mais contada é dos milagres religiosos acontecidos nessa época, porém é certa que o local foi um antigo quilombo.

Até pelo nome “Muquém”, cujo significado é um fogo em brasa para assar carne, como os escravos usavam.

Moquém, oriundo do tupi ou nheengatu (mboka’i, moka'em mokai'e, moquê, mocahen, muquém), é técnica indígena, primitiva, – grelha alta, de varas verdes– para assar carne, ou peixe, ou aves sobre o lume. Utensílio com que se assa alguma coisa.

Essa Romaria é contada no livro "Ermitão do Muquém" de Bernardo Elis, escrito em 1858 e publicado em 1869 que discute sua origem a partir dos depoimentos de um romeiro no ano de 1840.

Segundo o romeiro um jovem chamado Gonçalo, depois de matar um amigo pelo amor de uma moça, fugiu para a tribo dos xavantes e se casou com uma índia se tornando um líder guerreiro.

Numa batalha matou por engano a própria mulher com uma flechada. O irmão da vítima indignado lança uma flecha contra Gonçalo que é salvo por uma medalha de Nossa Senhora que trazia no peito. Depois disso Gonçalo se tornou um ermitão dedicando sua vida a Nossa Senhora do Muquem.

Bernardo Elis diz:

- Lá bem longe, no coração dos desertos em uma das mais remotas despovoadas províncias do Império, existe uma das notáveis e concorridas dessas romarias. Notável, sobretudo, se atendermos ao sitio longínquo e às enormes distâncias que os romeiros têm de percorrer para chegarem ao solitário e triste vale em que se acha erigida a capelinha de Nossa Senhora da Abadia do Muquém na província de Goiás, cerca de oitenta léguas ao norte da capital e a sete léguas da povoação de S. José de Tocantins, à margem de um pequeno córrego que tem o significativo nome de Córrego das Lágrimas. Das mais remotas paragens acodem romeiros a essa isolada capelinha para implorar à santa o alívio de seus padecimentos e trazer-lhe preciosas oferendas. Durante alguns dias do ano aquele lóbrego e escuro sítio transforma-se em uma ruidosa e festiva povoação; o Muquém é sem contestação a romaria mais concorrida e a mais em voga do interior goiano.

Existem outras versões como a dos negros foragidos que presos pelos soldados, nenhum foi morto, atribuindo o milagre a Nossa Senhora da Abadia. Há a versão do português Antonio Antunes, garimpeiro clandestino, que quando descoberto fugiu de

um processo que poderia resultar na sua morte. Segundo narrativas locais ele foi salvo por milagre de Nossa Senhora da Abadia, e por isso ergueu uma capela no local.

Os depoimentos são diferentes, o bispo Dom Prada Carrera de Uruaçu (1893-1995) pesquisou concluindo que a versão mais correta é a do português que ameaçado pelas leis fez a promessa de trazer a imagem da Santa de sua terra natal. A imagem foi trazida com festa e começou o culto no dia 15 de agosto no povoado do Muquém, mas ele não descarta as outras versões firmando também na do livro de Bernardo Elis, "O ermitão do Muquém".

Além da religiosidade da festa, nesta época o Muquém se transforma num local de oportunidades de negócios comerciais e políticos, recebendo a presença de autoridades, como do governador, de senadores, autoridades judiciais, entre outros, que junto com o povo se misturam mostrando que são iguais, pelo menos na Romaria.

Em 2008, o discurso do Bispo da Diocese de Uruaçu Dom Messias dos Reis Silveira foi eloquente em um apelo pedindo o fim nas urnas dos políticos corruptos que respondem processos na justiça, e que os fiéis ficassem atentos no momento de votar.

A Romaria do Muquém é um exemplo de fé e humildade do povo que ainda busca nas orações e promessas uma sustentação para suas vidas. As centenas de mendigos com mãos estendidas, milhares de romeiros com velas acesas ao pôr do sol se misturam ao som da música sacra e aos gritos dos vendedores das barracas que vendem de tudo. Esse momento se contrasta com a paisagem de morros azuis, refletindo uma imagem mística e contagiante.

AVÁ-CANOEIRO - SOLIDÃO COMO HERANÇA

Os avá-canoeiros vivem no norte de Goiás perto de Minaçu, são 6 pessoas que conseguiram escapar do massacre a que foi submetida sua tribo pelos invasores de suas terras no ano de 1969. São eles: Matcha, Naquatcha, Tuwia, lawí e os filhos Trumak e Niwathiwa. Essa última foi para Mato Grosso morar com um índio da etnia Tapirapé. Na época do massacre eles andaram fugitivos e por 12 anos se esconderam nas matas conseguindo sobreviver comendo morcegos e algumas frutas silvestres. Foram encontrados por um morador da cidade de Minaçu que os acolheu e logo depois foram reconhecidos pela FUNAI.

Em 1981 a Funai reconheceu esse pequeno grupo, que foi estabelecido numa área de 38 hectares, perto do rio Tocantins.

Com a construção da hidrelétrica de Serra da Mesa, cerca de 3 mil hectares foram ocupados por Furnas. A empresa paga royalties a eles. Com isso possuem casas de alvenaria, comida e uma assistência direta da empresa.

Trumak fala melhor, lawi tem uma pronúncia quase incompreensível e as mulheres não falam o português, a não ser algumas palavras. Segundo Trumak, Matcha gosta de criar pássaros amarrados por uma corda fina, são: juritis, pombas, jacus, curiangos, papagaios e outros..

Até o cachorro fica sempre amarrado com medo do “miau” (onça).

Na tentativa de manter seus costumes constroem ranchos de palha, caçam e pescam.

Os avá canoeiros se diferenciam dos outros indígenas em tudo: lawí é arredio, quando percebe que vai ser abordado para conversas, foge e até corre. Anda de cabeça baixa, custa olhar de frente e às vezes quando resolve conversar diz:

- Você matou meu pai!

Está sempre andando de um lado para outro, e quando cansado Fica de longe olhando o movimento de pessoas. Trumac às vezes fala, mas na maioria das vezes fica falando sozinho e em voz alta. lawí quando fala da filha, fica nervoso e diz acenando:

- Foi embora!

lawí mostra uma grande revolta no olhar e não aceita a filha ter se juntado com um índio de outra tribo. Mas como são parentes próximos e seus costumes não permitem o incesto, o único jeito de aumentar a família é com essa união de Niwathima, mesmo contrariando Iwaí.

Sabe-se que a mãe de lawí teve muitos abortos enquanto vivia escondida nas matas, pois para eles o choro de um bebê poderia denunciar o esconderijo e assim usavam ervas para abortar ou não se engravidar.

Trumack tem problemas psicológicos e os outros já velhos não planejam, a vida para eles é solidão.

Uma ponta de esperança surge com o nascimento do filho de Niwathima com o marido da etnia Tapirapé, em janeiro de 2012, o filho Pãxio, pronuncia se "Pantchio".

Esse grupo de pessoas traduz bem a situação do índio. O olhar de medo, os gestos de defesa denunciam o estado de espírito em que vivem não só os avá-canoeiros, mas todas as etnias.

Comprovando assim que durante séculos o homem branco deixou como herança para o indígena uma grande solidão e um futuro incerto.

CARRO DE BOI - HISTÓRIA DE UMA GERAÇÃO

Francelino Antunes de Carvalho nasceu em Uruaçu no dia 25 de abril de 1927. Reside à Avenida Tocantins bem em frente ao carro de boi que ornamenta a pracinha do museu Dom Prada Carrera.

Seu Francelino olhou de longe toda a montagem do espaço e ali compenetrado voltou no tempo quando trabalhou de guia ou candeeiro para o pai, o sr. José Antunes Fernandes na Fazenda Tapera.

A Tapera é uma fazenda próxima a cidade, localizada às margens da rodovia que vai para Niquelândia. Foi uma das primeiras fazendas da região, inclusive nessa fazenda nasceu também Dr. Cristovam Francisco de Avila, ex prefeito e promotor na cidade de Uruaçu.

Ele conta emocionado de suas viagens carreando lenha para vender aos comerciantes como o sr. Camapum, sr. João Delegado e outros compradores. Essa lenha ia num carro grande (40 balaios) movido por bois curraleiros: Barcão, Rivirão, Chatinho, Jeitoso, Moreno, Chitão, Carinho e o Dilicado. Esse carro de boi ele ainda conserva na sede da fazenda, só que após a morte do pai nunca mais carregou. Porém seu Francelino descreve com muito orgulho todos os adereços do carro de boi:

- O carro tem o Cocão que não deixa o eixo sair da mesa. Para o carro cantar tem que apertar o eixo e engraxar com banha de porco ou azeite que fica no azeiteiro, um chifre com um pincel, o chumaço em cima do eixo serve para não deixar estragar a xeda que é o varão do lado.

O eixo comprido é chamado de cabeçaio. O chaveio firma o tamoeiro da canga para segurar os bois. O pigarro segura a tiradeira para o comando da boiada. O fueiro é o pau que firma a esteira para carregar peso como milho e outras mercadorias. E assim ele me leva até à fazenda Tapera para conhecer o velho carro de boi.

A casa da Tapera tem ainda o aspecto antigo como as telhas, o assoalho e tudo o mais. Seu Francelino vai todos os dias para a fazenda de bicicleta, seus 81 anos de idade não o envelheceram; pelo contrário, ainda tem muito fôlego para trabalhar e contar os causos.

Dentre esses causos ele narra as viagens junto com o pai no carro de boi. Um carro cheio de lenha era vendido ao Seu Camapum (influyente comerciante dos anos 40/50), por 10 mil réis. Essa lenha era cortada em tamanhos de 1 metro mais ou menos e revendida aos moradores para ser queimada nos fogões à lenha.

O percurso da fazenda Tapera até Uruaçu (4 km) era feito em 3 horas ou mais dependendo do clima. No carro eles usavam azeite no eixo para o carro cantar e era uma grande atração esse canto conhecido como "baixão". A entrada na cidade era triunfal, a cantiga do carro atraía muita gente pela curiosidade de ver quem estava chegando e o que trazia de novidade.

Seu Francelino sorridente diz:

- Quando o carro ia entrando na cidade e as moças ouviam o som do baixão, corriam pra porta pra vê quem tava chegando aí a gente sorria e acenava com o chapéu.

Para ele ser candeeiro não era cansativo, pelo contrário era muito divertido. Trabalhava conversando com o pai e gritando com os bois. Se tinha uma subida maior precisava apertar os bois como ele mesmo diz (chegar o ferrão) e ainda gritar:

- Barcão, Dilicado, vamos! Ôa vamos !

E assim entre gritos e ferroadas os bois subiam de arrancada.

Segundo ele o boi curraleiro era mais dócil e amansava mais Rápido. Um boi de 3 anos já começava a ser treinado para carrear junto a um mais experiente. O trabalho de amansar era feito aos poucos com uma canga própria e assim o peso era puxado de forma igual.

Um boi curraleiro podia trabalhar até 25 anos se fosse bem zelado. Na fazenda Tapera os bois eram bem tratados e tinham um descanso ao meio dia e assim se conservavam fortes para o trabalho.

Com o semblante triste seu Francelino diz sobre a despedida do boi curraleiro:

- Quando o boi já não dava mais para o trabaio a gente levava ele para o curral do matador. Era muito triste e eu nem gostava de vê. O boi curraleiro sabia que ia morrê e do seu zói curria água.

Pensativo e de cabeça baixa diz:

- Sabe, a gente fica sentido pois esses boi ajudou tanto...

Outra história que seu Francelino conta muito animado é sobre o namoro com dona Arminda Martins com quem é casado há 53 anos.

- Quando o carro de boi passava na rua ela ficava na porta sorrindo e acenando pra mim toda bonita e enfeitada!

E continua:

- Como ela escutava a cantiga do carro de longe dava tempo de se arrumar e até passar um pó de arroz!

Os dois riem muito ao relembrar esses momentos. Assim a história de vida de seu Francelino e família se fez em torno de um carro de boi. E agora na fazenda esse velho carro desgastado com o tempo (160 anos mais ou menos) está encostado num canto como se olhasse os caminhos por onde passou.

Esse carro acompanhou as mudanças, o crescimento da família e o progresso da cidade. Hoje ele é apenas uma peça representativa do passado de uma geração, especificamente da história de Uruaçu.

ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS

São Jorge é uma pequena vila escondida entre serras na Chapada dos Veadeiros, a 240 quilômetros de Brasília. É um lugar aprazível com poucos habitantes e em sua maioria família de ex garimpeiros que permanecem ainda no ritmo de povoado com seus causos e sonhos à luz do luar que em São Jorge se pode apreciar livremente.

Nessa vila a vida se faz agitada pelo encontro cultural que reúne artistas de todo o Brasil. A Vila de São Jorge tem outro aspecto nesses dias, as ruas ficam apinhadas de pessoas de todos os níveis culturais e sociais. São turistas, artistas, vendedores ambulantes, enfim uma mistura legal onde se tem a impressão de estar num mundo à parte, onde se compartilham histórias, saberes indígenas, quilombolas, literários e o privilégio de estar entre pessoas de várias partes do Brasil e do mundo.

O Encontro de Culturas tem o objetivo de formar agentes culturais para dar continuidade às manifestações locais. Esse evento deu um impulso ao turismo e à economia de forma abrangente.

Em São Jorge há tradições como a comida da dona Chiquinha que tem um sabor especial no fogão à lenha, o armazém do Seu Claro com 80 anos de idade e atrás do antigo balcão de madeira vê o progresso chegando, e com o olhar firme analisa com segurança as conseqüências.

Contudo todos se sentem bem com o movimento de turistas, pois podem vender o que sabem fazer. Tudo é aproveitado, a maioria das casas se torna pousada para abrigar o grande número de visitantes.

A cada ano um tema específico conduz o grande encontro cultural. As rodas de prosa tratam das vivências e espaços dos grupos, sua forma de compreender o mundo e sua contribuição nele. Outras rodas de prosa se concentram na Política Nacional de Desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais com representantes oficiais e comunidade. Questões como sustentabilidade econômica, ambiental, cultural, racial, gênero, autonomia política e outras serão tratadas nessas rodas de prosa.

Povos indígenas como Krahô, Dessana, Cariri-Xocó, Kaiapó, Avá-Canoeiro, Guarany-Mbya, Fulni-ô, Apinajé participam do Encontro mostrando seus rituais, danças, comidas típicas e ainda participam das filmagens. As rodas de prosa indígenas discutem o espaço territorial.

Após os eventos da Aldeia Multiétnica começam as festividades da Festa do Rosário que acontece na Vila de São Jorge onde se encontram a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e a do Divino Espírito Santo do povo Kalunga. Há o cortejo dos Zambiapunga, dos Congos e apresentação dos artistas de Circo em perna de pau.

Dentro da programação acontece uma Feira de Oportunidades Sustentáveis que reúne artesãos com trabalhos ligados ao meio ambiente do Cerrado. A programação inclui muitos artistas de várias partes do mundo.

São Jorge é uma mistura de culturas, de lendas e sonhos, onde artistas circulam pelo povoado misturado aos sons de toda natureza: porém o que marca esse lugar que se pode dizer "místico" é a paz nas ruas e no olhar de cada pessoa e de como apressados todos querem fazer algo para aumentar a energia espalhada pela vila.

PAJÉ-CURANDEIRO KISIBI SUMU

O Pajé Curandeiro Tradicional, Kisibi Sumu, ou Raimundo Veloso Vaz da Comunidade de São João do Tupé à 25 quilômetros de Manaus, é o líder espiritual da comunidade de 35 pessoas que habitam duas malocas (ou ocas) com 6 casas.

Como líder ele ensina à sua gente a ter respeito com as pessoas e principalmente conservar sua cultura. A família para ele é sagrada. Todos se ajudam e se respeitam e as crianças merecem uma atenção especial.

A esposa do Pajé, Yupahkó (ser humano da noite símbolo da lua) muito séria, diz:

- Criança não pode espancar, bater nos filho estraga a cabeça, o miolo vira e perde a inteligência, para educar é só com conversa ou então diz que vai deixar sem comer, aí eles obedecem. Outras vezes promete levar no passeio no rio ou outro lugar.

Kisibi Sumu, segundo ele, quer dizer "símbolo do sol curandeiro". Seu Raimundo trabalha com plantas medicinais e rezas tradicionais que é uma herança de seus antepassados do Alto Rio Negro no município de São Gabriel, já na fronteira com a Colômbia e Venezuela. Sobre o uso das plantas nativas da Amazônia ele diz com muita segurança:

- No reserva florestal onde moro há muita planta medicinal tenho prática e cuidado para não estragar a mata. Isso ser muita importante porque precisamos das plantas sempre.

A planta mais usada por ele é a sacarura mira, que serve para asma, inflamações do útero, reumatismo, dor de cabeça, febre, câncer e aids. Porém afirma que além das plantas precisa também haver a pajelança, a reza tradicional. Pode citar e comprovar inúmeros casos de cura dessas doenças.

A esposa do Pajé ouve atenta o que o marido diz e depois confirma muitas curas que já presenciou ao longo da vida juntos.

Exemplo da própria família: os filhos Umusîpo (Gisele), Mirupu (Reginaldo), Tôrâmú (Gilmar) e Dyakara (Wesley). Todos foram tratados com plantas e rezas tradicionais.

O Pajé ensina aos filhos a prática de cura com plantas e rezas, mas afirma ser difícil é só com muito tempo e muita fé. De baixa cabeça e pensativo, dá um suspiro e continua:

- Queria que o governo entendesse que eu posso curar o que os médicos não curam. Se ele me pagasse um salário eu podia ensinar os médico nos hospitais e curar muita gente!

Pajé Raimundo fica de pé e fala com muita segurança:

- Eu sou profissional com as plantas e as rezas, os médico são profissionais na medicina deles, se junta comigo nos vamos curar muitas doenças. O governo tem que me escuta, eu quero ensinar o que sei e ajudar na cura do câncer, da AIDS.

Yupahkó a esposa e Umusípo, a filha de 18 anos ouvem atentas enquanto o Pajé fala alto e acena insistindo para que alguém lhe ouça e entenda que ele é um curandeiro de verdade. Os turistas param e um se aproxima para receber a pajelança. Com muita segurança o pajé ministra mais um trabalho que resume sua força, fé e muito mais a continuidade e preservação de sua gente, da sua história.

ROMARIA DE SANTA LUZIA

O povoado da Baica no município de Porangatu realiza há 50 anos a Romaria de Santa Luzia, no dia 13 de dezembro, dia consagrado à Santa.

Essa tradição deve-se ao casal Deuzeles e Maria Vieira Soares, apelidada de Baíca. De acordo com Leci Teixeira de Moraes, 36, filho adotivo de Baíca, a reza era realizada na própria residência do casal. Depois do falecimento de Deuzeles, em 1978, Baíca continuou com a tradição até a sua morte, em 1998.

Um dos herdeiros do espólio do casal, Leci doou uma área de cerca de um hectare para a comunidade, onde hoje são realizadas as devoções. No ano de 2000, uma igreja foi construída nesta área.

O evento inicia com a concentração de romeiros na praça da Matriz no começo da tarde. Dai, após receberem a bênção do padre, partem em direção ao povoado, distante cerca de 20 km do centro da cidade, formando a peregrinação religiosa.

Ao longo do percurso, os participantes recebem todo o apoio da organização do evento, iniciado com a distribuição de um kit lanche a todo romeiro. O Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar também garantem a segurança durante a caminhada.

Na chegada os romeiros são recepcionados por um grupo de devotos da comunidade que com uma imagem da Santa os abençoa.

Em seguida, encerrando a veneração é realizada uma missa campal pelos padres.

CHIMITE

Dentre as manifestações folclóricas existentes em Goiás, está A dança chimite, pouco conhecida no Brasil. Chimite foi o nome que decidi adotar, bem brasileiro mesmo como é a dança, nada de estrangeirismos como diz Suassuna.

Como não existe bibliografia a respeito, fui conversando com as pessoas mais velhas e coletando informações sobre chimite. Ninguém tem um depoimento firme sobre essa manifestação, só sabem que aprenderam com os pais, os avós e nunca se interessaram em saber de onde surgiu.

Até parece piada, mas o Seu Gabriel (87 anos de idade) me contou que um general inglês ou alemão, ele não sabe ao certo, inventou a dança nos acampamentos dos soldados durante a II Guerra Mundial:

Assim ele conta:

- Inquanto os soldados dançava o forró, o general ficava brincando com o revolve marca Shimith, e o movimento do tambor do revolver pra lá e pra cá fez com que inventasse os pulinhos do chimite.

Outro depoimento do Seu Joaquim também não deixa muito claro a origem da dança:

- Ah minina esse chimite nois dança desde piqueno... Nois aprendeu cm nosso pai que era baiano, ele dizia que na Bahia prus lado de Xique-Xique o povo sempre dançou o chimite.

Segundo pesquisa da professora Andréa Luiza Teixeira e de professor Altair Sales Barbosa da PUC-Goiás, esse ritmo é bem popular no interior da Bahia e em todo o Nordeste brasileiro, Segundo eles, o chimite é uma dança contemporânea do «for all», ou forró, na época da Segunda Guerra. Ela teria sido inventada no Rio Grande do Norte por um general de nome Schimidt e foi instituída para a diversão dos soldados nos anos 40, na base militar.

De acordo com estes pesquisadores, este ritmo se popularizou no nordeste e ganhou várias formas se juntando aos ritmos locais levando o nome de Schimidt em homenagem ao seu criador o general Schimidt. Dependendo da região a dança sofre algumas mudanças. Na Bahia é uma dança solta, já em Goiás é dançada por pares. O chimite é uma sequência de pulos para frente e para trás, marcados entre o forró, ao som da sanfona. É um ritmo ágil de passos ordenados que requer grande agilidade dos dançarinos.

Em Goiás, na cidade de Uruaçu, o Grupo de Folclore Serra da Mesa tenta preservar a dança do Chimite divulgando-a em eventos festivos, inclusive com participação das escolas e universidades, no sentido de pesquisar mais sobre essa manifestação.

Esse grupo é composto por pessoas na faixa etária de 15 a 90 anos de idade, e já algumas escolas estão formando grupos com crianças, que aprendem rapidamente os passos.

O chimite é dançado sob o ritmo de sanfona, aqui em Uruaçu é com uma tradicional pé-de-bode executada pelo sanfoneiro Vivi, que preserva essa sanfona há 53 anos e segundo ele, quando a adquiriu já era bem velha.

O chimite tem feito muito sucesso em todos os lugares onde foi apresentado. É um ritmo contagiante, assim que começa o toque, todos começam a dançar.

CAPELA DE SANTANA

A Capela de Santana é um marco na história de Uruaçu. Era ponto de encontro das primeiras famílias. Todos os acontecimentos se faziam no largo em frente à igreja. Essa capela foi construída quando o povoado de Santana, sede da fazenda do Cel. Gaspar, hoje cidade de Uruaçu, já bastante desenvolvido. Conforme registros em publicações locais, o coronel decidiu construir um templo católico, uma igreja dedicada à Senhora de Santana.

Esta seria construída com quarenta palmos de vão de comprimento em seis de largura. Seriam gastos na construção um conto e duzentos mil-réis, como cita o contrato feito na época com o empreiteiro.

Segundo o escritor Cristóvam Francisco de Ávila, da cidade de Uruaçu, para inaugurar a Capela o Cel. Gaspar incumbiu o filho Francisco de se deslocar até a Vila de Pilar, hoje Pilar de Goiás, e negociar a troca de uma histórica imagem da Santa, de arte portuguesa dos tempos coloniais. Esta ficava sentada numa luxuosa cadeira, com estofamento cor-de-rosa, tendo ao lado esquerdo a Virgem Santíssima apontando para a filha. Esta imagem foi a principal aquisição para o povoado que estava nascendo.

A inauguração da capela se deu no dia 15 de maio de 1922, quando foi instituída a festa do Divino Espírito Santo, bem como as festividades de Senhora Sant'Ana a 26 de julho, e as comemorações do Natal, que se tornaram celebrações tradicionais do lugar.

Dona Olímpia (in memoriam), com 100 anos de idade completados dia 15 de fevereiro de 2007, narra detalhes de como a vida social se fazia em torno da Capela de Santana. Ela se casou nessa igreja, no ano de 1937, com o filho caçula do Cel. Gaspar, o Sr. José Bonifácio de Carvalho, já falecido. Com entusiasmo, ela conta como todos os encontros familiares e sociais eram feitos no largo frente à igreja. Festividades que deixaram muita saudade, segundo ela.

Meio século depois, essa capela foi demolida em fevereiro de 1978. No local foi erguido, pela Companhia Telefônica de Goiás Telegoiás, um prédio padrão destinado ao funcionamento da Central Telefônica de Uruaçu, sistema D.D.D., inaugurado em 04 de julho de 1980.

As residências próximas à Capela de Santana são construções antigas, muitas da época da fundação da cidade. Os moradores que vivem nas proximidades são, a maioria, parentes próximos do fundador, Cel. Gaspar.

O impacto causado com a destruição da igreja se fez forte na vida dessas pessoas que sempre fizeram dela o ponto de encontro das famílias, dos amigos. Era um local estratégico de interação entre a comunidade, que assistiu com muita tristeza essa demolição sem poder fazer nada.

A Capela de Santana foi reconstruída pela Prefeitura Municipal de Uruaçu no ano de 2004, na gestão da ex-prefeita Marisa S. P. Araújo (in memoriam).

Para a reconstrução da Capela de Santana, a Prefeitura buscou informações com moradores antigos, fotos que são poucas, inspiração artística de alguns e depoimentos que traduziam os detalhes. O empenho maior nas pesquisas foi por parte do escritor Ezéczon Fernandes de Sá, que tinha um ideal fixo na reconstrução dessa Capela. O valor histórico da Capela de Santana não poderá ser restaurado, mas um pouco dele está de volta nessa reconstrução.

Essa Capela também foi reconstruída dentro do Memorial de Serra da Mesa, um dos maiores do Brasil, um espaço cultural que conta toda a história da região do cerrado na área do Lago de Serra da Mesa.

Seu Emenegídio Pereira da Silva, que reside há 30 anos perto da Capela, considera que a demolição foi um ato de afronta à memória da cidade. Ele diz o seguinte:

- Para nós, moradores mais antigos de Uruaçu, essa Capela representa alegria, amor. Foi uma tristeza muito grande o que fizeram. Não ouviram a opinião do povo.

Sobre a reconstrução ele diz:

Essa reconstrução valeu muito. Guarda a lembrança da Capela tradicional, só que não corresponde à original, é diferente, maior. Porém a outra, mesmo sendo mais simples, era a original.

Muitos reclamam da falta de atenção da diocese local para com a Capela de Santana. Segundo alguns moradores, não existe mais missas periódicas, A Santa original está guardada num museu da Igreja Católica, e nem mesmo nos dias principais, nas procissões, a santa volta para a Capela de Santana. Colocaram uma outra santa substituta no local da Senhora Sant'Ana original.

Ficarão histórias, lembranças enterradas que podem voltar à tona, folheando registros como:

"Ali, deitado na porta, bem na relva, ou em frente à igrejinha, eu li os primeiros contos... contemplei o mundo pelas janelas de minha fantasia." (SOBRINHO, 1997,p.11)

As histórias antigas sobre a Capela de Santana geram saudade, poesias como essa, de minha autoria:

CAPELA DE SANTANA

Tenho sinos tocando em murmúrios, Uma dor dentro do peito,
Tenho um amontoado de causos sob o amontoado de pedras.

Ruínas duma capela
Ao som dos sinos que tombaram.

Capela da minha infância
Com causos de pote de ouro enterrado,
Sonhos de criança, memórias do coronel,
Com histórias de um povo
Escondidas nas janelas de pau da Capela de Santana

Roubaram o pote de ouro
A janela de pau ficou aberta.. Roubaram a memória da terra
Enterraram a história Nas ruínas da capela..

O olhar agora adulto, sofrido,
Vê a capela reconstruída,
Memoriza os detalhes...
Perde-se nas lembranças..
Rebusca potes de ouro, causos, cantigas,
Que o tempo não traz de volta...

COLHER DE PAU

Em plena era da informática, com tanta facilidade de acesso às máquinas, Seu Antônio continua fazendo sua arte manual, como aprendeu há décadas. A beleza de seu trabalho está na forma rústica de talhar a madeira, nos detalhes que ele inventa, na criatividade única de um artista nato.

Criou os filhos morando na roça, plantando, colhendo e também trabalhando a madeira. Fez postes para currais, porteiras, até as mais delicadas peças que continua fazendo até hoje. Vivendo no mato pôde conhecer a madeira boa para ser trabalhada, uma madeira macia, durável. Em sua casa tem peças feitas há 30 anos e estão perfeitas.

Antônio Antunes da Silva, um homem comum, nunca estudou. Não existia escola perto de Traíras onde nasceu. Só aqueles que os pais podiam pagar um professor de fora para dar aula em casa aprendiam a ler. Seu pai sabia ler, escrever, era uma espécie de mensageiro, carteiro da época que viajava a cavalo levando as cartas. Nos dias de folga trabalhava a madeira e assim os filhos aprendiam, especialmente Seu Antônio, que era mais atencioso. Segundo ele, era uma maneira de sair do trabalho na roça, da enxada. E faz um comentário brincalhão:

- Acho que eu era mais priguiçoso, pra num ir pra roça, aprendi a fazê cuié de pau, ficá mais quieto em casa.

Com quase 90 anos, seu Antônio continua moldando madeiras, confeccionando garfos, mexedor de suco, colher, gamela, pilão, peneira, quibano (que é uma espécie de peneira mais fina) e outros que ele vai criando conforme vai vendo nas lojas.

A madeira está difícil de ser encontrada, diz ele. Tem que andar muito atrás de madeira macia como o caju, goiaba, imburana, jenipapo e outras. Reclama da dificuldade que encontra:

- Tá difícil faze gamela de 20, 30 litro porque só encontro madeira fina. Mermo assim vou fazeno outras. Acho mió que ficá quieto, mais antes lambê do que cuspi.

O rendimento financeiro com o trabalho em madeira às vezes é bom, quando alguém encomenda um número maior de peças pega o dinheiro junto, dá para fazer alguma coisa.

Conta-me que um senhor da Bolívia encomendou uma quantidade grande de colheres e garfos, foi ótimo, deu até para reformar um pedaço da casa.

Sobre o preço de suas peças diz:

- Hoje a gente vive num mundo cum mais ricurso, principalmente na parte de dinheiro, medicina. Antigamente, o cabra sufria muito; vendia 5 gamela pra comprá 2 saco de arroz. Hoje, cum dinheiro duma gamela, compra isso. Até trocava bezerro de 1 ano a troco de um saco de sal.

E complementa:

- Hoje dá até pra comprá remédio. Os véio precisa de muito fortificante. Ajuda os nervo agüentá trabaiá mais, serve até pra ajudá morrê; um homem muito fraco num tem força nem pra morrê...

A dona Diolina, esposa do Seu Antônio, o ajuda no lixamento. Faz alguma peneira pequena. Mas ela diz :

- Já to enjoada desse bate-bate do véio. Ele num quieta. Podia trabaiá menos.

Seu Antônio retruca:

- Que nada, minha véia. Num vou ficá à toa. Saí pra cunversá com os novo. Eles acha minha história do tempo do ronca, não dá; tenho mermo é que fazê meu trabáio. Num sei fazê outa coisa!

Fala da dificuldade para aprender assinar: foram muitas tentativas até que alguém escreveu seu nome num papel em letras bem grandes. Aí foi treinando na areia e assim aprendeu a desenhar o nome. Sente-se orgulhoso disso, mas tem uma frustração por não ter aprendido a ler:

Se num fosse um probrema que tenho nas vista, até que ia pra escola, mas só enxergo um pouco do ôio direito. Tenho medo de isforçá e istragá o outro que tá bom. Mas é triste o camarada que num sabe lê, num aproveita o tempo, num pode istudá o jorná; mas como já tô no fim, vou economizá minha vista pra trabaiá cum a madeira.

Segundo ele, seu pai dizia que não deviam parar de trabalhar para aprender ler e escrever. O mais importante era o trabalho; e os aconselhava para um tempo futuro, escrito na Bíblia que lia para os filhos sempre. Com muito orgulho, Seu Antônio repete as palavras do pai:

- Oceis tem que aprender trabaiá; lê e escrevê num tem importância. Homem que tem trabaiá. Ainda vai chega um tempo que oces vai vê muita coisa e num vai ter pra quem contá. O povo vai tá muito sabido. Hoje a gente num vê muito, mas tem quem ouve. No final dos tempo vai tê muita coisa pra se vê, mas num vai tê pra quem contá; o povo num vai querê ouvir a gente mais; até os inucente vai acabá, vai ser um mundo só de gente véio...

Ai ele explica:

- A sra. tá vendo como que hoje tem sabiduria demais. Ninguém iscuta os outro. Num tem quem ouve por causa da televisão, do rádio do tal de computadó... Intão a gente num tem pra quem contá nada. Eles sabe tudo. É isso que meu pai quiria dizê.

Seu Antônio fica pensativo uns segundos; suspira, arruma o chapéu e recomeça a trabalhar. As mãos hábeis seguram o cabo da enxó que vai formando um buraco na prancha de madeira, moldando mais uma gamela, mais uma obra do grande artista.

APRENDENDO COM OS INDIOS KRAHÔS

Ainda existem as comunidades que insistem em preservar seus costumes, como os índios Krahôs, no município de Itacajá, Tocantins. Na permanência de oito dias entre eles, pude observar detalhes dessa resistência que eles mantêm, mesmo já convivendo com o homem branco.

Vivem de forma ordenada, em 20 aldeias do território Krahô, numa área de 302 mil hectares no nordeste do Tocantins. Sobrevivem da plantação de mandioca, milho, banana; alguns criam porcos, galinhas e ainda utilizam a caça para completar a alimentação. Contam também com a ajuda da FUNAI e do governo com as aposentadorias. Mas o destaque do trabalho dos krahôs está no artesanato: eles produzem Cestas, bolsas, colares, brincos, pulseiras e outros. Para isso usam palhas de coqueiro, sementes variadas do cerrado. Confeccionam peças raríssimas, com muita habilidade.

Nas escolas aprendem o português e o krahô, que é uma língua muito complexa e diversificada. A comunidade infantil é enorme, devido à sua cultura ter como riqueza as crianças para a preservação da tribo.

Cada aldeia tem um cacique que conduz às decisões sempre resolvidas coletivamente e este tem o olhar atento no sentido da preservação dos costumes. Até o horário da televisão é controlado. Entendem que as crianças não podem se envolver muito com a TV e esquecer os modos indígenas.

Pela manhã, eles se reúnem em círculo para discutir o que vai ser feito no dia e, nessa discussão, entram os sonhos da noite anterior, que podem ser uma previsão importante. Com muita calma decidem o que cada qual vai realizar naquele dia.

As vozes krahôs se confundem: Impej (bom, ótimo, bacana), Wamaramõ (até mais, vou me embora) ...

No meio do bate papo, muito sorriso. A índia Krāmpej levanta, vai logo perto e abre as pernas. A urina adentra a terra e sem cerimônia ela segue altiva, dona do seu mundo de pequena extensão e tão grande em qualidade!

As crianças, os jovens, os velhos sorriem muito, são felizes, livres; nada é proibido. No rio todos nus nadam, gritam e sorriem. A água é sagrada. Não podem contaminá-la. O índio Xorxor viu um brinquedo na cidade e o reproduziu em madeira. O filho, o neto, os adultos todos brincam com a novidade. O indiozinho o empurra, ensaiando os primeiros passos naquela espécie de triciclo com rodas de pau. Incrível como eles descobrem nas pequenas coisas grandes vivências.

Na hora da foto Xorxor tira o chapéu. Sorrindo, escancaradamente, peço-lhe para ajeitar o cabelo, mas ele assanha-os mais ainda e diz:

- Deixa assim! Eu sou homem do mato!

Hora de falar sério. O velho índio junta os pés. Todos se calam e, de cabeça baixa, o ouvem. Fala do seu sentimento com voz pausada, dos sonhos voando nos cabelos brancos. Os olhinhos apertados brilham. Ele passa às gerações futuras como ser sempre índio krahô. O índio mais novo sabe onde estão os nós. É preciso desatá-los um a um, diz ele. E, eloquente, dita os passos sob os olhares atentos. Nada se perde.

A riqueza maior do índio krahô são os filhos. Eles garantem a perpetuação da nação krahô e, assim, as crianças são tão importantes.

Na reunião da manhã a esposa do cacique não pode comparecer. Este ouve tudo atentamente, opina e se vai. No dia seguinte demora a aparecer, lhe pergunto o que aconteceu. Ele calmamente diz:

- Fui durmi muito tarde, a lua já alta... Insisto:

- Mesmo, perdeu o sono?

Ele traga o cigarro e com voz firme responde:

Não, foi purquê minha muié num tava na runião e aí tive que contá pra ela tudo cunversa lá, ela gosta saber tudo que fala todo mundo...

A seriedade na convivência entre eles se vê na voz firme do cacique. É na importância dos detalhes que deixam transparecer esse respeito.

Um índio tem a esposa doente, leucemia. Sofre com ela, tem os olhos tristes, pede aos deuses para curá-la e a trata com um carinho especial, como se fosse uma criança..

A índia Pokwýj amamenta o filho. O leite é farto. Os bebês passam o dia dependurados nas mães. As crianças não recebem ordens, apenas pedidos. Quando questionada sobre o castigo dos filhos, a índia, séria, diz:

- Foi papã (Deus) que deu. Não pode maltratar a criatura que papã deu. Saiu da barriga. Eu não espanca a criatura que papã dá. Eu cuida dele!

Fomos pescar eu, Xorxor e Abílio. Sol quente, poucos peixes. Só eu conseguia fisgar algum pequeno de vez em quando e exhibia para os dois que me olhavam desconfiados, de longe.

Daí alguns minutos Xorxor senta bem perto de mim, calado, e continua pescando. Ouço algo se debatendo dentro do mocó dele. Curiosa, pergunto:

- O que está mexendo aí?

Ele deita de tanto rir e depois exhibe o peixe grande que havia pegado, assim mostrando vantagem em sua pescaria.

Dia de festa, o Kã está lotado de índios. Todos juntos, sempre em círculo iluminados pela lua que nasce. Começa o ritual: um índio alto, cabelos longos, semi nu, sacode o corpo marchando pra lá e pra cá. A voz forte canta na língua krahô um som que enche a aldeia. É um clamor aos céus. Outro velho índio faz um chamado cantado. Sua voz é marcante, repercute em toda a aldeia, e outros vão se juntando ao círculo. Vozes femininas fazem segunda voz e os sons adentram pela noite. Um espetáculo se faz sob olhares e ouvidos atentos...

Trouxe comigo o olhar apaixonado do índio pela vida, a firmeza na voz, buscando ser feliz na íntegra. A continuidade da etnia se faz no olhar que vê a beleza interior, na escolha do macho que vê a fêmea na grandeza dos seios, prometendo mais leite para amamentar os filhos, enchendo a aldeia do mesmo sangue...

A jovem índia olha os músculos do moço, a força para plantar. A roça e não seus cabelos negros que brilham seduzindo ao sol; no olhar criança ela imagina a perpetuação de sua raça...

O suspiro do índio, o olhar desconfiado da índia... Todos buscam um sonho: querem preservar a memória numa vida livre, sem regras, sem horário, sempre nas suas terras e águas sagradas.

Não há pressa. Há uma harmonia ameaçada pelos costumes civilizados que invadem a aldeia, diante do olhar sereno e forte do cacique impondo a conservação da cultura de seu povo.

O SAMBA DE DANDINHA

Mestre da Cultura é como são conhecidas as pessoas cuja vivência é exemplo de saberes acumulados para serem transmitidos às futuras gerações. Uma professora do mundo é como se pode chamar dona Dandinha, uma sambista de 82 anos de idade.

Maria Cândida dos Santos, apelidada carinhosamente por "Dandinha", nasceu em Pojuca, região metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia. Reside em Pitanga há mais de 30 anos e é uma das pioneiras do Samba de Viola em Simões Filho.

Foi criada na fazenda, na lida dura do trabalho na roça, onde os pais plantavam arroz, milho e mandioca. Ela e seus 10 irmãos iam todos os dias para a roça capinar e fazer outros serviços pesados. Antes do dia clarear já pulavam da cama prontos para a empreitada.

Comiam cuscut ou feijão, o que tivesse, e corriam para a roça. Porém ela lembra feliz:

- Foi um tempo muito filiz! A gente trabaia cantano e brincano! As mão calejada mas filiz! Nois levava um balaio cheio de comida que era farinha e carne seca, uma delícia!

Segundo ela, a mãe acendia um fogo para esquentar água e depois despejava em um prato cheio de farinha de mandioca, formando um pirão, e todos comiam acompanhado de carne seca.

O trabalho cansava, mas não enjoavam. Todos cantavam e ali se socializavam nas brincadeiras no pequeno intervalo do almoço. Ela relata.

- Era uma hora muito boa! Nóis corria feliz para perto do balaio para ver quem comia primeiro!

Já quase escurecendo, voltavam para casa e, depois de um banho no rio e de barriga cheia, iam brincar no "terreiro", como ela diz:

- Nas brincadeiras juntava muita criança. Os brinquedos eram boca-de-forno, veado, melancia e outro que nois inventava...

Continua:

- Boca de forno é brincadeira de iscondê; veado nois fazia uma roda. Aquele bando de minino e um empurra o do meio dizem: sai, veado, sai! O mais duro segura muito tempo e os outro vai empurrano ele até que sai e outro minino entra. Melancia é uma brincadeira que as criança deita tudo no chão de barriga pra cima e um vai batendo nas barrigas e oiando se tá fofa, verde ou madura. Se fizer baruido de madura grita: "vamos cumê, tá madura!" Aí a mininada tudo corre atrás até pegar...

Dandinha sorri alegre, lembrando da infância, do modo de viver antigamente que ela considera até estranho do modo de vida atual, principalmente no respeito dos filhos com os pais e acrescenta:

- No meu tempo, os mais veio juntavam à noite conversano na varanda da casa. Um bando de gente junto e minino nenhum tava doido de entrá lá ou pelo meno passá no meio. Ai, ai! A gente tinha respeito e se disobedecesse apanha de cipó de corda.

Dandinha aprendeu com a avó a arte da benzeção, e assim ela conta:

- A gente não tinha iscola, só trabaio. Ninguém sabia lê na minha casa. A mais sabida era a vó Alexandrina, que era benzedeira e parteira. Oiano ela benze eu aprendi. Hoje, benzo as pessoas dos males.

Jeitinho delicado e bem pequenina, aproximadamente 1,25m. De altura e muita energia, sempre enfeitada. Enfeitada com vestes e colares de sambista, ela fala com orgulho, como sempre foi peralta:

- Minha mãe me levava pras reza e lá eu via muitos rapais bunito. Então, com 12 anos de idade, eu peguei com chamego com um e embarriguei. Minha barriga foi cresceno, o seio inchano e uma prima minha me avisou que eu tava grávida. O jeito foi contá pra meu pai e aí eu fui morar com o rapais. Fiquei com ele 4 anos e vortei pra casa de meus pais com o filho. Aí dispois casei com Matias e tive mais 4 filhos. Vivemos juntos até ele morrer. Com ele aprendi a sambar o samba de viola e muitas outras danças e rezas.

Atualmente, Dandinha vive na comunidade de Pitanga, município de Simões Filho, orgulhosa de ser viúva do Mestre Matias, com quem aprendeu a sambar de verdade. Ela tem como missão continuar ensinando a todos a arte do samba e as rezas. O samba, segundo ela, é sua vida:

- Não consigo viver sem sambar. É só ouvir o batuque e já saio sambando!

Sambando, ativa no palco, jogando folhas, distribuindo simpatia e sem perder o ritmo, ela coloca um colar de contas em alguém e a plateia aplaude, emocionada, a mestra do Samba do Recôncavo Baiano.

UM CIGANO

(in memoriam)

Ele me impressionou à primeira vista. Aquela figura miúda, serelepe, a barba de monge, os passos rápidos mostravam um outro mundo dentro da realidade. Tentei uma aproximação, fumei no seu cachimbo - que ele mesmo fabrica e tem muito orgulho disso. Contamos causos, rimos à vontade.

De cócoras, como é costume. Não gosta de cadeiras; voltou no tempo, a voz eloquente foi buscando histórias desde Lampião, e viajamos juntos.

Foi obrigado a ficar oito meses no bando de Lampião, correu muitos lugares em lombo de burro bravo e conta que Maria Bonita não era tão bonita assim, apenas uma pessoa caridosa. Sobre Lampião diz ter sido muito bravo e narra uma passagem:

- Certo dia, chegamos numa currutela e tinha um baile onde o povo tava dançando debochado. Lampião mandou todo mundo baixar a cabeça e o sanfoneiro começou a tocar e todos tiveram que ficar a noite toda naquela posição. O que levantasse caia morto, dona minina! O homem era ruim memo!

As histórias de Seu Zé marcam pelos detalhes datas que ele muito sóbrio dita com segurança. Os filhos, os netos, os bisnetos o admiram. Ele se orgulha disso, mas reclama de ter sofrido tanto para criar a família, da dureza que foi sua vida :

- Oia, dona minina, esse mundo de hoje é muito bão.. as pessoas não trabaiam mais, vivem na vida boa. No meu tempo a gente trabaia de sol a sol pra ganhar um litro de arroz, senão os fios passava fome!

Entre uma baforada e outra ele me mostra os sinais do tempo:

A barriga, sinais de chicotadas, os dedos tortos quebrados, caindo de burro bravo...

Quando pergunto de sua esposa (falecida), ele fita o infinito, os olhos marejados d'água diz:

- Fiquei sem minha companheira. A vida não tem mais alegria, dona minina.

E começa a contar como a conheceu:

- Conheci minha muié era ainda uma menininha, filha do meu tio. Era minha prima. Só que era rica, e eu pobretão. Sai pelo mundo, fui trabaiaí. Quando ela tinha 12 anos, vortei e pedi ela em casamento; fui humilhado, aí meu tio me deu um pedaço de terra e mandou eu se virá pra depois casar. Trabaiei dia e noite e busquei minha menina, eu já home véio e ela tão miudinha que à tarde dormia no meu colo como neném. Mas, com o dedo em riste, ele diz:

- Oh, dona minina, mas num trisquei nela. Cuidei até que virou muié, pra depois dormir comigo; respeitei cumo fia e por isso ela gostava demais de mim...

Lágrimas correm dos olhos grandes esverdeados que não piscam, olham longe um ponto fixo, rememorando a figura da mulher amada...

Seu Zé tem sonhos: ver a família toda junta. Chora os que se foram. Para ele, a vida só existe com a família reunida. Admira muito como as pessoas são desligadas. Ele, com muito pulso, traz a família reunida e todos o obedecem; desde as crianças aos mais velhos, tem uma liderança capaz de fazer calar com um simples olhar.

Como cigano, seu Zé já morou em vários lugares, e continua mudando sempre, gosta disso.

O dia termina e eu me despeço; levo um cachimbo como presente dele, um cachimbo com uma carranca confeccionada em madeira, com muitos detalhes, como se fosse um rosto. É sua marca.

Marca de um homem forte, de outra geração, e principalmente de um **HOMEM CIGANO**.

TAMBOR DE ONÇA DO ZÉ NILO

A região da Chapada dos Veadeiros está repleta de artistas que surgem através do resgate de suas manifestações culturais.

José Nilo Almeida Passos, mais conhecido por Zé Nilo, nasceu em Colinas do Sul e desde criança conviveu com a música das folias e principalmente da Caçada da Rainha, uma tradição secular da qual ele foi e é o grande incentivador.

Zé Nilo é um pouco de tudo: homem da roça, da música, defensor do cerrado e dono de um bom humor constante que lhe rende uma multidão de amigos. Nas festividades locais tem uma barraca que é destaque pela diversidade de opções.

A marca dos seus produtos tem o nome de JIQUITAIA, uma formiga comum na região da Chapada dos Veadeiros.

O slogan da barraca é "Seja como o CERRADO. Mesmo sofrido pelo fogo consegue produzir bons frutos e lindas flores"

A ideia de trabalhar com produtos do cerrado nasceu de sua admiração pela região ainda preservada que é patrimônio nacional.

Na barraca tem cachaça de mutamba, centaura, gengibre, pimenta-de-macaco, bodinha, Gabriela cravo e canela, cerejeira, arnica, murici, cabelo de nega, vinhático e outras plantas do cerrado que são curtidas na cachaça artesanal e em forma de licores.

A esposa, Arlene Ferreira Furtado, é quem cuida de preparar as comidas típicas como farofa de soja, paçoca de carne no pilão, sanduiche natural, doce de buriti e ainda ajuda no atendimento da barraca que está sempre lotada.

Zé Nilo é notícia em todo o Brasil com o gigante tambor de onça que ele mesmo confeccionou imitando os tambores que conheceu ainda criança:

- Quando era minino, já via seu Ginu tocar o tambor de onça na porta da igreja. Fiquei de olho e logo fiz o meu tambor.

Esse tambor é um cilindro feito a partir de um tronco oco de madeira que pode ser de pequi, tambor ou mijadeira. A parte que toca é de couro de bode, porém ele diz que no passado se fazia com couro de veado mateiro que produzia um som mais forte.

O som interno, que imita o roncado da onça, é produzido por um pano molhado que desliza forte pelos arames colocados no sentido horizontal do tronco, que é conhecido como o rabo da onça.

Zé Nilo descreve:

- O segredo do som do tambor está em puxar o rabo com muita calma, usar luva para não machucar a mão e ir deslizando pra lá e pra cá...

Continua:

- Para executar o tambor de onça precisa de duas pessoas, Nas festas da Chapada dos Veadeiros a barraca JIQUITAIA está sempre repleta de pessoas que, além de desfrutarem das iguarias do cerrado regadas com a simpatia da Arlene, ainda podem curtir ao redor da fogueira o som rouco e forte do tambor de Onça do Zé Nilo batendo e puxando o rabo da onça noite afora.

GLÓRIA BERRANTEIRA

Maria da Glória Alves de Queiroz nasceu em 14 de novembro de 1958, na cidade de Rubiataba, no Estado de Goiás. Atualmente, reside em sua fazenda no município de Nova Glória.

Filha de fazendeiros, desde menina trabalhou pesado. A mãe e avó tocavam berrante. Glória hoje se orgulha de ser uma mulher berranteira por profissão. Com seu jeito exótico de se vestir e falar ela atrai um público enorme nos eventos agropecuários, cavalgadas e outros.

Mulher de fibra, acostumada ao trabalho pesado da roça, ainda hoje cuida do gado, tira o leite, fabrica cachaça artesanal no alambique em sua propriedade.

Sua rotina é levantar de madrugada, ir para o curral, cuidar da casa, fazer queijo e outros.

Se tem evento, arruma tudo com antecedência, e mais cedo tira o leite e, diante do espelho, se transforma na artista **GLÓRIA BERRANTEIRA**.

Traços delicados, bonita e elegante aos 50 anos, Glória se exhibe para uma multidão que a aplaude...

Conta sua história, fala da família de mãe e avó berranteira e mais uma vez se posiciona segurando o berrante de um jeito especial e o som longo, rouco, rasga o espaço marcando mais um momento de uma mulher berranteira.

URUAÇU

Uruaçu é o berço de uma gente humilde, pacata e feliz...Terra do caju, do pequi, dos poetas, do sertanejo e de muita fartura também.

Seus filhos cantam em verso e prosa a beleza exótica do cerrado, as cantorias das folias e da sabedoria popular.

Uruaçu eterno de encantos, flores, cantos e estórias... Terra fértil de sonhos, matas e flores.

Aqui é a terra do coronel Gaspar, do João, do José, do Dorvalino, do Caxá, das Marias e de tantos outros que fazem as histórias e estórias do cerrado, que contam e cantam suas aventuras.

É a terra do Lago de Serra da Mesa, do cabloco garimpeiro, Da quitandeira, da benzedeira, de homens e mulheres que ainda se curvam em continência ao por do sol, de filhos que pedem a bênção aos pais e dos que ainda saem em procissão pelas ruas, agradecendo as graças recebidas..

ESSA É A URUAÇU EM QUE NASCEMOS E VIVEMOS...

Conheço pessoas, muitas, que se dizem leais às origens.

Poucas, porém, como Sinvaline Pinheiro.

Nela, o trivial,

que é o gosto pelas coisas da terra, é marcante, sim, mas sua identidade, com estes sertões de altiplano, vai além.

Para ela, cantar ladainhas, conceber músicas e letras de alcance fácil, repetir o folclore oficial é muito pouco. Sinvaline é árvore do cerrado, é torrão vermelho, água de ribeirão e canto de cachoeira.

É voz de pássaro, rastro de onça e de capivara, peixe em piracema e, por gostar de gente, é parceria de boa prosa com os admiráveis roceiros dos ermos de Goiás, tanto quanto apaixonada presença no cotidiano dos indígenas.

É mulher de verso e prosa, amante da bucólica e promissora terra do Norte de Goiás, cercanias da Serra da Mesa e sua notável represa no Alto Tocantins.

Conheço um pouco de sua prosa, em som de voz e escritos de papel; agora tenho-a em livro!

Que a nação goiana, nativa e adventícia, seja feliz com seus causos e apelos!

LUIZ DE AQUINO

(DA ACADEMIA GOIANA DE LETRAS).

RETRATOS DA VIDA



MOMENTOS

A rua repleta de gente desperta para a realidade de uma multidão de pessoas que falam línguas estranhas, indiferentes ao pequeno, ligadas às futilidades esquecendo, sobretudo a vida...

O carroceiro levanta forte o chicote, o esqueleto magro do cavalo sobe a avenida puxando a carroça de areia, ele tem alma que o carroceiro não vê...

O pequeno engraxate entra e sai das lojas comerciais, seu rosto criança corre atrás de dinheiro e até mente dizendo que só engraxa no final de semana...

O que ele esconde por trás dos olhinhos tristes? Não é só ir para o Muquém...

O bêbado é dono da rua, disfarça sua dor na embriaguez, só assim ele é maior e eterno...

O cachorro faminto o segue em círculos...

Volto pra casa cansada de tudo e ao chegar escuto o gemido do córrego que insiste em correr fugindo do lixo, dos esgotos e do homem...

O calor é insuportável, a dor é maior...

O vento carrega o mau cheiro do esgoto, enxuga as lágrimas e foge rápido para não testemunhar a imbecilidade do homem...

A casa é grande demais hoje, porém não cabe as lágrimas...

Consulto o espelho e ele mostra as olheiras que refletem os anos, o cansaço e a solidão...

Escrevo, brigo, denuncio para fazer um mundo melhor; mas quando tento encontrar o outro dou de cara comigo só, muito só...

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Um dia de sol insuportável, quando alguém me traz um filhote de tamanduá bandeira cuja mãe fora atropelada e morta quando o carregava nas costas. O filhote semi morto nem mexia, patas quebradas e nariz esfolado, era para ser taxidermizado e exposto no museu.

Aquele montinho peludo não tinha sinal de vida, mas para minha surpresa ele levantou a cabeça. Desesperada dei água e fui procurar socorro, mas final de semana, não encontrei ninguém que pudesse nos ajudar.

Dei um pouco de dipirona e ele dormiu, aflita com seu sofrimento corri para a cidade. Liguei para um amigo veterinário o André Felipe e ele nos socorreu. Imobilizou uma pata, fez a medicação e eu fiquei cuidando do bebê no soro. Em casa deitei o no sofá e quando se movia chorava um chorinho triste que doía o coração. A noite ficava perto da cama e a qualquer movimento eu levantava e o cobria.

Soro, gotas, injeção, porém ele não comia. Veterinário indicou mel numa seringa e fui dando aos poucos, ele se animou passou a tomar mamadeira leite, mel, iogurte, carne moída. E assim foi crescendo sob os cuidados do André Felipe, que não cobrou nada e se tornou amigo. Por isso recebeu o nome de Andrezinho (a)? não sabíamos ainda.

Andrezinho começou a andar, a pedir comida, deitar com os cachorros e ficou bem em casa mesmo...

Com o tempo passou a ter hábitos noturnos então ia para o quintal que é uma pequena mata e passava as noites por lá e bem cedinho vinha pedir comida. Fiz uma oca para ele, espalhei cabaças com mel, um ambiente parecido com seu habitat.

Aprendeu a receber carinho, afagos nas orelhas, na barriga e fechava os olhinhos de felicidade. Me reconhecia pelo cheiro e estranhava qualquer perfume ou pessoa diferente, correndo e se escondia. Não gostava de visitas e nem aparecia para comer. Contrariando tudo que li sobre tamanduá bandeira, o Andrezinho enxergava e ouvia muito bem.

Moro numa chácara pequena, então pensei em deixar ele se virar, comer minhocas, formigas e caçar, e assim ver se podia voltar para a mata. O coração doeu quando o encontrei deitado e ao levantar chorou, as pernas ainda doíam...

O tempo passou e ele cresceu, cresceu, um bebê enorme que não queria ir embora. Até que apareceu um companheiro (a) para visitá-lo.

A mata próxima é pequena e ameaçada com os loteamentos ao redor do Lago Serra da Mesa, os predadores são muitos, homens e cães. Alguém me disse que comia carne de bandeira...

A idéia era aguardar sua recuperação total e leva-lo para um local de mata grande, talvez na Chapada dos Veadeiros. Enquanto isso, ele crescia e engordava, quase não suportava o peso quando ele queria colo.

A rotina que se fez foi transformada em uma história de amor recíproco. Ele chegava cedo me cheirava pedia comida e satisfeito ia para o mato deitar enrodilhado e coberto pela cauda peluda, dormia o dia todo.

Chegando do trabalho e já começando a escurecer gritava:

- Andrezinho, Dezinho!

Ele vinha enorme, lindo e todo feliz me cheirar. Comia muito, sempre pedia mais e mais, depois esperava um afago antes de ir, algum dia parece que estava mais carente e demorava ir embora, conversávamos muito...

Explicava a ele os perigos que rondavam, falava como sua mãe morreu atropelada enquanto o carregava nas costas e ele ficava me olhando com os olhinhos miúdos e quietos como se entendesse tudo...

Sempre soube que quando se recuperasse por completo teria que partir...

Assim, as lágrimas rolavam ao lembrar do desmatamento, do fogo, do asfalto, da falta de alimentação, de como os animais silvestres estão morrendo por falta de espaço e de fome, não há mais vegetação...

Fotografei um tamanduá bandeira morto por atropelamento nos arredores. Vi o Andrezinho no lugar dele...

Contei para ele naquela noite sobre o atropelamento, ele ficou cheirando minha mão...

Foi um tempo vivido intensamente, momentos eternos, trocas de afeto e conversas longas.

Até que um dia ele se foi e não voltou... Lágrimas, buscas e lágrimas...

Não sei se ainda vive ou passa fome no cerrado desmatado e envenenado. Perdi a conta do que andei na mata chamando, deixando comida; perdi a conta de quantas noites passei chorando ouvindo barulho de caçadores...

Um dia, como miragem me apareceu uma bandeira com filhote nas costas, gritei:

- Dezinho, Dezinho... ele (a) parou, olhou e se foi... e eu só chorei...

Andrezinho representa todos os animais silvestres e índios expulsos da terra pelo agronegócio e destinados a extinção, representa a morte do cerrado e da vida...

É o futuro do planeta, futuro do homem. Por enquanto as vítimas mais indefesas vão morrendo aos poucos. Essa incerteza traz um sofrimento negro, dolorido mas o amor é maior...

A saudade, a insegurança corta o coração, Andrezinho é uma história de amor que reviverei sempre...

DONA MARIA

Interior de Goiás, vida pacata onde ainda se pode circular de um ponto a outro a pé, cumprimentar todos e viver uma vida de acordo com os padrões da classe baixa.

Dona Maria faz parte dessa sociedade onde se acostuma a olhar o outro e conformar com sua penúria, era só mais uma dentre tantos, que como ela, já aos 70 anos criava filhos, netos e bisnetos, uma família grande que sabia amar. Na oração diária entregava todos eles aos cuidados do Criador.

Ela tem pouca estatura, mas tem muita fé: fé na vida, fé na mudança, fé nos direitos humanos, fé num mundo onde possa sorrir...

As pernas curtas correm nas ruas da cidade empurrando o carrinho de sabão, precisa vender, suprir a casa, só ela possui renda e assim desfila de casa em casa até vender todo o sabão que fabricou.

No culto à noite, a oferta na igreja e o dízimo não pode faltar, é fiel. Cumpre suas obrigações e faz parte de um mundo de pessoas humanas...

Os tempos são estranhos, sua casa fica agitada e é noticiada nos jornais. A neta saiu, sumiu e apareceu morta barbaramente. Ela não entende, dizem que é uma tal de droga. Que humanidade!

Dona Maria precisa fazer mais sabão, a freguesia aumenta e o dinheiro some com o crescimento da família, netos e bisnetos. A casa cheia, o fôlego cansado, deita e tenta dormir.

Com o passar do tempo os passos diminuem, o fôlego cansa, os olhos marejam, pede socorro na igreja. Oram por ela. A vida vai pesando no seu corpo idoso, já não acode mais a necessidade de casa como antes, mas o sorriso continua. Como ama!

Uma certa semana se viu desafiando as forças. Hospital, recomendações para repousar. Mas, como repousar? A vida continua, tenta sobreviver...

O tempo não perdoa e leva o corpo devagar, a voz fica rouca, os olhos embaçados e parece que mais nada importa...

Um dia tudo acalma, sua alma foge, ela sonha com outro mundo onde haja mais igualdade, mais humanidade.

Um anjo desce e pega sua mão:

-Vamos?

Ela mais que depressa responde:

-Vamos!

Dona Maria se foi, não vende mais sabão, seu corpo deitou numa terra de humanos, porém ela nunca soube o que realmente eram as drogas e nem humanidade.

JUNTOS ALÉM DO TEMPO

O tempo me leva de volta às ruas poeirentas do Tocantins. Um povoado, uma mulher, um homem, um amor em segredo.

Viúva cheia de filhos, trabalho pesado, só seu cavalo castanho sabia as dores de idas e voltas do povoado ao sítio. E nessas dores se juntavam alegrias furtivas, desejos encobertos pelo pano na cabeça...

Logo esse olhar baixo e sério passou a brilhar. Soube pelo brilho daquele olhar que o amor chegou...

Ela também soube que eu sabia. Nos tornamos cúmplices em silêncio...

Compadre em visita e logo depois ela sumia no cavalinho castanho. Eu sorria aplaudindo a coragem, o desejo, a vida.

Foram vários anos de encontros furtivos na mata...

O tempo passou, o cavalo castanho envelheceu, o compadre partiu e o povoado escureceu...

Ela olhava o céu buscando aquele olhar, mas nem o corpo viu, foi sepultado na capital...

Alguns anos depois ela se mudou também para a capital. A cidade grande não alterou sua rotina e nem abateu sua força. Plantava, fazia doces, cuidava de tudo, foi forte. Talvez embalada pelos momentos vividos, aos 89 anos era ativa...

Fui visitá-la e como se fosse normal me contou histórias dele, parece que sua alma revivia...

Uma manhã o coração não aguentou e ela se foi. O corpo machucado pelos anos e pela reanimação no hospital não suportava a viagem até o Tocantins...

Velório e sepultamento na capital mesmo. Acompanhei tudo ... E depois que a lápide se fechou olhei os túmulos ao redor.

Engasguei, mas sufoquei o grito:

A sepultura ao lado era do compadre...

O amor venceu, juntos além do tempo e da morte.

ZITINHO, O GARIMPEIRO

Ao saudoso Evaristo Seabra Guimarães-Zitinho, Faina-Go

Zitinho impressionava as pessoas. Figura pequena parecia de um outro mundo, tinha idade, mas não era caduco, sua sabedoria fora adquirida na luta diária, na busca do ouro no garimpo.

Sua grandeza nas palavras fazia calar os que lhe ouviam, suas histórias ou estórias, poemas, rimas eram só dele, ninguém jamais poderia imitá-lo.

Era tão forte, quantas vezes ficava a olhar seus passos rápidos, até sumir de vista aquela figura, dizia que tinha pressa, ia para o garimpo, seu espírito invencível desafiava o tempo...

Tudo para ele acabava em piada, onde estava a alegria imperava.

Sempre estava desafiando alguém para um duelo de palavras.

Fez um ranchinho na beira do rio dos Pilões. Os detalhes perfeitos na madeira eram notados até no gancho para pendurar os copos, detalhes que não espantavam a simplicidade e até o próprio Zitinho se misturava com a natureza.

E assim brincando ele persistia na busca do ouro, da alegria e da vida.

Certa vez lhe sugeriram arrumar uma companheira, uma velha senhora para dividir o ranchinho, ele sorriu e disse:

- Eu, hem, arrumar uma véia? Nunca! Onde já se viu descascar laranja murcha com faca cega?

Grande Zitinho, como bem disse Rubem Braga: os artistas são insistentes, que até depois de mortos continuam, sua arte é eterna...

SARA

Sara se enforcou, desistiu dos sonhos...

Sara que não se chamava Sara, era o nome de guerra. Foi mãe, filha, avó, amante, Sara ébria e acima de tudo mulher e humana!

Mulher que amava o trabalho, ágil como uma máquina de tudo sabia fazer um pouco, uma artista doméstica. Os olhos miúdos e sagazes falavam de planos futuros e seu sorriso escancarava quando dizia:

- Quero escrever e ser assim elegante!

Sara não sabia, mas era elegante quando abria o peito e dizia que foi prostituta para cuidar dos filhos, escrava doméstica para sobreviver, que apanhou de homens e da vida...

Seu rosto sardento ficava vermelho, era toda emoção, tudo nela fluía à flor da pele...

Ganhou uma canoa com motor e voava no lago pra lá e pra cá, era dona do vento, dona de tudo...

Essa liberdade não a fazia esquecer das dores, lágrimas marejavam seus olhos quando lembrava do filho na prisão...

Sara jovem ainda, já era avó de muitos netos...

Tudo para ela foi rápido, desde a infância que não viveu até o final que escolheu.

Angustiada ela deita na rede e não consegue se acalmar, é um domingo à tarde, o pôr do sol a chama e ela atende...

Levanta nervosa e quebra tudo da casa...

Assim se extravasa, mas não sai a dor do peito...

Então resolve que a vida não vale mais a pena, não há humanidade aqui...

E sorrindo tira a corda da rede, faz um laço, sobe na cama e com um salto fica dependurada imóvel...

Se despediu da vida...

Ou será que se vingou do mundo que tanto a machucou?

Sara se foi e deixou sua marca na pedra onde pescava, no rancho, no ar do cerrado, na saudade e muito mais ainda na solidão dos sonhos quebrados que a fez partir tão depressa.

ROSINHA

Rosinha tinha uma rosa no cabelo, uma rosa no olhar. O batom vermelho contrastava com a rosa do vestido, ela era toda charme...

A mãe a cerceava dos rapazes e Rosinha se mostrava, cada dia mais exuberante...

O tempo passou, casou e se encheu de filhos. O fogão a lenha escureceu a pele, encrespou os cabelos. A meninada não dava trégua e a lida aumentou...

Rosinha entristeceu. Largou tudo e se foi, a cidade a chamava...

Arrumou o cabelo, o batom não contrastava como antes, mas ajudava.

Um bar, luzes, bebida, fumaça de cigarro, Rosinha sorria, sorria...

O tempo passou, e os filhos?

Um fora trabalhar na capital, não tem endereço, a outra fugiu com um peão, sumiu...

O outro Rosinha podia vê-lo, e foi.

Na longa espera na porta do presídio, uma Rosinha apagada, triste, sem batom. O olhar longe aguarda os minutos para ver o filho, para sentir de perto a dor que a vida impusera.

Agora era uma rosa, só uma rosa desfolhada, murcha, pingando orvalho...

O olhar distante busca respostas que não tem para esse vazio, essa dor de agora.

MESTRE GERALDÃO

A vida tem dessas coisas: falas, gestos, vozes e fé; um conjunto que torna especial uma pessoa. Falando aqui do Mestre Geraldo, incansável na velha bicicleta levando a viola pelas ruas de Uruaçu e cidades vizinhas, acompanhando folias, benzendo, cantando ou simplesmente agradando amigos com piadas e causos.

A voz forte é sinônimo de persistência em ser e viver. Muita calma ao tirar o chapéu para entrar numa casa, ao falar com alguém, o jeito quilombola gravado nos gestos e na alma.

Nasceu num ranchinho entre as serras de Minas Gerais perto de Riacho, aos 8 anos de idade já trabalhava com a enxada carpindo e plantando os mantimentos.

- Trabiava ou murria de fome, ja sufri demais levantano de madrugada dibaixo de chuva pra ir pra roça...

Morando em terras alheias o roçado na meia e ainda tinha que fazer serviço fora para garantir a boia, assim viveu até a morte da mãe, e aos vinte anos saiu trabalhando de roça em roça por ai...

Achou o Estado de Goiás e dentro do seu mundo viajou muito entre o norte goiano em Niquelândia, Alto Horizonte, São Luis do Norte e Goianésia, se considera um homem viajado.

Após mais de 8 décadas de vida o fôlego não ajuda mais, porém insiste cantando e montando a velha bicicleta cortando muito chão em busca de folias e boas conversas com os companheiros.

Conseguiu comprar um lote a prestação e fez um barraco. Almas boas lhe doaram energia elétrica, televisão e algumas lâmpadas. Geraldo se sentiu rico até, foi a primeira vez que dormiu sem lamparina...

No dia de Santo Reis Mestre Geraldo acompanha a Folia, sua voz ainda é forte e o respeito continua na voz baixa e ao curvar a cabeça tirando o chapéu. Ao benzer ou aconselhar tem o dedo em riste, tez fechada como se levasse consigo as dores do outro.

Na hora de cantar surge uma força enorme que desafia a idade, o espaço. Uma voz que teima em preservar a cultura e a vida.

Viva a Folia de Reis, Viva Mestre Geraldão!

REENCONTRO DE SABERES

A aldeia multiétnica recebe várias etnias dentro da programação do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Nessa oportunidade todos se encontram: turistas, indígenas, quilombolas, hippies e a comunidade cultural. Porém, houve um reencontro emocionante: Dona Izabel Benzedeira da cidade de Uruaçu com os índios Krahô.

Dona Izabel quando pequena foi rejeitada pela família por ser segundo eles, louca. Depois de ficar amarrada vários dias fugiu e foi por esse mundão. Encontrou abrigo na aldeia Krahô que nessa época ainda perto do rio Maranhão. Foi acolhida e por lá ficou muitos anos. Como não sabia seu nome os indígenas a apelidaram de Perdida e assim ela viveu e cresceu com a família Krahô.

Com o passar do tempo pegou a estrada de novo e nunca mais soube notícias deles, porém o sonho de reencontrar o povo Krahô ficou com ela.

Usou a sabedoria indígena e tudo que aprendeu com eles para sobreviver o que marcou sua trajetória de vida como a benzeção, curas com plantas, acolher crianças e ela se tornou Izabel Benzedeira fincando raízes na cidade de Uruaçu. Criou 14 filhos adotivos, crianças que eram abandonadas em sua casa. No passado havia o costume de dar os filhos quando não havia recursos para alimentá-los .

Ao integrar o grupo de Grupo de Folclore Serra da Mesa surgiu a oportunidade de estar na Aldeia Multiétnica e reencontrar o povo Krahô, sua família também. O primeiro contato foi de dúvida, os indígenas falavam entre si na língua krahô até que foram chegando e quando o líder Getúlio Krahô se sentou com ela aí vieram as lembranças de aproximadamente 70 anos de história.

Getúlio Krahô era criança bem pequeno ainda, porém se lembrou do apelido que deram a ela, Perdida. Foram aproximando todos falando ao mesmo tempo, dona Izabel chorava e Getúlio Krahô citando nomes, detalhes que ainda se lembrava daquela época. Dias depois dona Izabel partiu, mas suas últimas histórias falavam da alegria desse reencontro.

RAIZEIROS, BENZEDORES, PAJÉS, PARTEIRAS E MÉDICOS

BOREKA, o Deus Criador do mundo para o povo Dessana, entrega uma oca e um bastão, a cantoria, orações, plantas para sustentar a vida na Terra. Pajé Curandeiro Kissibi traz essa herança de tataravós e continua os estudos indígenas a partir do conhecimento ancestral e repassa esse conhecimento para filhos e netos. Aos de fora é difícil, porque, segundo ele, não há como explicar tudo sem entender a língua Dessana. Os indígenas são mestres das plantas medicinais, a raiz, a oração curam qualquer doença.

Cacique Yawalapiti do Alto Xingu explica que todo esse processo de lidar com as plantas medicinais na cultura indígena, inclui o ato de pedir licença à natureza e àquele que a fez. A terra é viva, água é viva e a floresta também. Não tem como entrar e mexer sem pedir licença ao seu dono, a natureza não vai gostar.

A cultura krahô considera todos iguais, os mesmos sons e essa harmonia comprova que a Terra é a mãe de tudo, então tem que se abraçar a mãe Terra, fazer alegria, animação.

O benzedor, raizeiro, parteiro e grande defensor do cerrado, Seu João da cidade de Sancrerlândia em Goiás, afirma que o jejum é a base espiritual da cura. Conhece mais de 200 plantas medicinais no campo e faz um apelo:

- Respeitem o Cerrado em pé, a cultura, a floresta e a água estão se despedindo. Só um pouco de boa vontade, o governo não faz sozinho. Se juntar com honestidade o benzedor, parteiras, médico, juiz, escolas, tudo vai mudar.

Towê líder espiritual do povo Fulni-ô tem a ciência das ervas medicinais da caatinga de sua terra, em Pernambuco. Faz comprimidos de ervas, sementes e banhos espirituais a partir do que aprendeu com o pai e avós.

Afirma que a cura não é feita por ele e sim pela Mãe Terra. Tem exemplos simples que passam despercebidos das pessoas, como a areia sobre a ferida grande tira a dor, banco de areia quente alivia o sofrimento de pessoa afetada por ferrão de arraia ou peixe; com o umbigo da bananeira pode se fazer um xarope; a aroeira é cicatrizante e assim por diante.

Vivemos em uma nova era, diz Tom das Ervas de Alto Paraíso, GO;

- Época de amor, fraternidade para a concretização do terceiro milênio, o reflexo disso proporciona a troca entre os seres. Urgente o conhecimento das plantas para cura de doenças, do que se deve comer ou não. A Ciência natural não enriquece por isso não é tão explorada, enquanto as outras fazem grandes fortunas.

Dona Domingas de São Jorge é parteira e raizeira, contudo afirma que age acordo com as orações que Deus ensinou, até as garrafadas devem ser produzidas com a ordem de Deus.

Dona Flor de Alto Paraíso tem seu trabalho reconhecido em várias partes do Brasil. É benzedeira, parteira e raizeira. Se diz preparada espiritualmente para entender as doenças e tem muita fé em Deus para que suas orações sejam ouvidas.

O Encontro de Raizeiros e Pajés da Chapada dos Veadeiros consegue juntar estudiosos, mestres tradicionais, curiosos, profissionais da cura. Proporciona momentos de grande interação com a missão de resgatar a cultura ainda não conhecida ou esquecida dos grandes centros, levando os jovens a valorização dessas práticas, que sem dúvida, é a alternativa para a saúde do homem e do planeta.

PALHAÇO KRAHÔ E A BÍBLIA

No Tocantins há um cerrado preservado, a terra Krahô. São homens, mulheres e crianças em busca de manter sua tradição, de aumentar a família e mais que tudo viver a principal cultura indígena: a cultura do prazer. Cheios de sabedoria resistem no tempo contra a civilização que invade a aldeia nos encontros e no dia a dia...

Nesse contexto está o palhaço, o Hotxuá representado por Ismael Aprac Krahô na Aldeia Mangabeira no Estado do Tocantins. Nasceu na Aldeia Galheiros, não estudou quando pequeno, aprendeu com os pais e avôs a pescar, caçar, tecer, os rituais e especialmente a arte de ser Palhaço.

O Palhaço é uma figura importante na comunidade indígena Krahô, pois ele tem a função de alegrar seu povo, principalmente as crianças. O Hotxuá é muito respeitado na sua comunidade e recebe até prêmios.

Sua arte ficou conhecida fora do convívio indígena e se tornou filme, produzido pela Caniban Produções Cinematográficas direção de Letícia Sabatella e Gringo Cardia. Com isso Ismael Aprac ganhou fama e faz viagens por todo o Brasil. Segundo ele, ir ao Rio, Salvador, Campo Grande e outras cidades é um grande privilégio, pois conhece mais pessoas para aprender mais.

Ismael Aprac, já idoso, está na escola aprendendo a ler e escrever, está feliz. Ao ser indagado pela vida em família, ele cabisbaixo diz:

- Tá todo mundo bem, nois come, assa peixe, e agora nois tem o livro do Deus, todo indio tem seu "biblim" ...

Biblim é a Bíblia, a família se tornou evangélica e com isso ele acredita que ajudou muito, tirou a cachaça, o fumo e outras "coisas ruins" da aldeia. Com o olhar firme e o pensamento longe, engasga, baixa a cabeça e diz:

- Eu posso fazê minha brincadeira, alegá criança, mas num posso dançar...

O Hotxuá tem um ar de que não entende o que se passou, olha os filhos e netos, sabe que precisa preservar sua cultura e também ter o "livro do deus"...

Ainda bem que ele está aprendendo a ler ...Que Papã o proteja!

ARROBAS DE SABEDORIA

Uma figura desfila pelas ruas de Uruaçu desde os anos 40, um eterno caminhar com sacolas, sombrinhas e muitas histórias; Maria é o nome verdadeiro, porém é conhecida como Leonice Baiana.

Nascida na cidade de Ilhéus - BA, descendente de portugueses e espanhóis e filha de nordestinos. Aos 14 anos se casou com um caminhoneiro que a levou a rodar pelo mundo. Nunca teve filhos e assim viajou até quando perdeu o companheiro em um acidente de trânsito. Viúva aos 53 anos de idade não quis casar novamente, decidiu que iria viajar.

O tempo não apagou o brilho do grandes olhos verdes, aos 84 anos de idade ela continua distribuindo orações, carinho, causos e água na cruz da Capela de Santana, chamando a chuva.

Os anos atrofiaram um pouco o corpo, a perna ferida e a voz cansada teimam em resistir e assim ela se mostra forte, bonita e sábia.

Atualmente reside em Goianésia, onde é visita em sua casa pois passa a maior parte do tempo na estrada entre Uruaçu, Porangatu, Campinorte, Ceres e outras cidades por aí. Em cada lugar que chega tem conhecidos e assim segue a vida buscando o infinito.

Aprendeu a rezar, benzer e a contar causos. Apesar de afirmar que não possui parentesco com ciganos, sua imagem é de uma bela cigana. Muito esperta, atenta a todos os detalhes, inclusive no aspecto físico; sua marca são as unhas grandes pintadas, os anéis e os grandes olhos verdes que prescutam o mundo ao seu redor.

A Capela de Santana é o local preferido na cidade, ali passa horas e horas rezando ou simplesmente descansando das caminhadas. As pessoas já se acostumaram com a figura excêntrica rezando ou com um balde jogando água na cruz, chamando a chuva.

Gosta de brincar e diz que só se casa de novo de encontrar um marido que tenha avião e a leve a viajar. Seu linguajar é típico baiano um pouco sofisticado. Expressa tudo em quantias de arrobas, uma arroba de carne, uma arroba de felicidade, uma arroba de marido, etc.

Carrega sacolas com roupas, cadernos e caneta, tudo é anotado com uma letra firme, diz que são coisas que não pode esquecer, inclusive nomes de pessoas com as datas.

O sol quente da avenida Tocantins e o barulho dos carros não mudam a rotina dessa velha senhora cheia de ideias, sonhos e anseios. Seu caminhar cansado pelas feridas na perna, o excesso de sacolas e sombrinhas traduzem uma força enorme e mostram quantas proações, solidão e força que o ser humano pode acumular e sem dúvida mais que tudo, a lição que vida longa exige arrobas e arrobas de sabedoria.

REPARTINDO

Tunico nasceu no meio do mato, entre os bichos, pés no chão, indiferente à vida da cidade. Por ter um defeito físico que lhe fazia andar mancando, sofreu muitos abusos dos outros meninos e até grandes surras.

Tunico cresceu só; sua solidão era repartida com o riacho do fundo da casa, contava para ele suas mágoas, sua vontade de crescer, de ter uma perna perfeita e tudo o mais...

A meninada não perdia oportunidade de fazê-lo correr. Só para ver a queda e rir de suas pernas moles e da sua capengue.

Na época da escola foi mais difícil e se tornou motivo de troça. Saíam cantando atrás dele assim: Tunico molengo, molengão!...

Ele chorava e se escondia, até que resolveu não voltar mais à escola, apesar da surra que levou do pai. Melhor apanhar um dia do que sofrer humilhações seguidas.

Aprender a ler pra que? Para conversar com o riacho não precisava das letras, pensou. O pai lhe deu tarefas pesadas e como castigo tinha que capinar a roça. Quando chegava em casa mal conseguia comer de canseira. Só descansava quando ia tomar banho no riacho; e ali sonhava que era perfeito, bonito e grande, que tinha uma namorada moreninha e ele sonhava, sonhava, até acordar com a voz da mãe lhe chamando pra casa.

O tempo passou e ele tornou-se um homem. Tez fechada, barba cerrada. Parecia que toda a amargura da vida lhe estampava no rosto. Baixinho e mancueba, não arrumava amigos e nem namorada.

Algum fim de semana ia para o povoado do Cerradão, andava para lá e para cá e depois, cansado, voltava e ia para a beira do rio, sempre só.

Um dia, seu pai lhe diz que já era hora de casar, adquirir família, pois já contava com seus 31 anos de idade e não podia ficar só. Comentou sobre uma família de Minas Gerais que se mudara para o povoado e tinha uma filha solteirona. Quem sabe se enganchava com ela. A moça se chamava Marieta.

Tunico chegou no Cerradão, começou a passar na frente da casa pra lá e pra cá para ver se via a tal solteirona. Via apenas uma mulher morena, acanhada, que baixava a cabeça quando ele a olhava. Sorriu para ela tremendo, diante da expectativa da reação da moça. Qual não foi sua surpresa quando ela lhe dirigiu um sorriso aberto e simpático. Ele se aproximou.

- Bom dia...

A moça esboçou um sorriso, olhando-o de cima para baixo, e desatou a rir, sem dizer nada.

Ele foi saindo desconfiado, pé ante pé, sem saber se ela ria dele ou para ele.

Tunico ficou muitos dias sem ir ao povoado, porém ficara meio decepcionado e meio esperançoso. Até que chegou o dia da festa de São João, o povoado do Cerradão repleto de barracas e de gente. Resolveu ir.

Vestiu sua melhor roupa, passou uma água de cheiro, montou seu cavalo e se mandou. Chegando à porta da igreja, ficou olhando o movimento de cima do cavalo. Cadê a Marieta? Andou ao redor e nada. Já estava quase descrençando de vê-la, quando alguém lhe diz em voz baixa:

- Que cavalo bunitão...

Ele olha e reconhece a Marieta. Estava toda enfeitada, sorridente, bonita, apesar das falhas nos dentes. Mas isto não importava. Ele também tinha lá seus defeitos físicos.

Tunico desceu do cavalo, coxeou até perto da moça e olhou para cima, pois ele era muito baixo e ela de estatura média. Chamou-a para dar uma volta e lá se foram os dois passear nas barracas.

Marieta quase não falava, apenas sorria. Tunico logo lhe propôs casamento. Ela concordou só que ele tinha que pedir ao pai dela o consentimento.

Tunico falou com o pai, que ficou muito alegre. Não se sabe se pelo fato do casamento, ou por se ver livre da filha...

Contrataram seu Antônio Carroceiro para levá-los à cidade mais próxima, para dar os nomes. Na estrada poeirenta, cheia de buracos, cada bacada que a carroça dava, Marieta se encostava nele e sorria. Ele ficava hirto, nem se mexia, nunca ninguém tinha encostado nele.

Deram os nomes. Agora é só esperar o dia do casamento.

Tunico chegou em casa e correu para o riacho. Parecia que um fogo lhe queimava o corpo. O que era isso?

O riacho não soube responder.

Dormiu mal. Tinha visões da Marieta. Na mesma hora em que era uma moça sorridente, se transformava em uma onça e lhe unhava todo. Acordou gritando. Seu pai acudiu. Conversaram até que dormiu de novo.

Dias depois, se casaram numa cerimônia simples, que acabou com um pagode de roça. Só que Tunico e Marieta se esconderam logo em sua casinha. Ali, só o riacho ouviu e guardou os segredos daquela noite de amor...

Tunico se tornou um homem mais seguro, cheio de si. Falava mais alto. Agora tinha mulher e ela, apesar de preguiçosa, era muito carinhosa.

Logo, Marieta se cansa da roça e quer mudar para a cidade. Não quer morar no povoado. Segundo ela, é pequeno, cheio de gente boba. Quer morar na cidade grande, onde se casaram; lá é bom, tem muita coisa para se ver e assim acabou convencendo o marido.

Contrariando os pais, se mudam para a cidade. Lá chegando, não tendo opção de trabalho, Tunico vai vender picolé nas ruas. Passava o dia todo, empurrando o carrinho e gritando:

- Óh o picolé... óh o picolé...

À tarde, voltava cansado, com pouco dinheiro. O coração doendo de saudades da roça e do riacho, mas não podia contrariar a esposa...

Certo dia, chegando em casa mais cedo, ouve vozes no barraco. Alguém estava lá. Parou e escutou. O rapaz, filho do vizinho, estava com sua Marieta.

Escutava o sorriso dela e o coração quase parou: será que ela está de rolo com o outro? Foi entrando devagarinho, quando viu o homem assustado, saindo de sua cama, e a Marieta vestia a roupa desconfiada. Estava com o vestido que lhe comprara um dia atrás.

Não disse nada. Chorou, chorou...

Na volta pra casa, não enxergou a estrada. As bacadas da carroça agora lhe pareciam pancadas na cabeça. Não olhou mais para a ela, que vinha de cabeça baixa, carregando a trouxa com seus pertences.

Chegando ao Cerradão, Totó entrega Marieta ao pai, lhe devolvendo a filha traidora.

O pai insiste em saber o que ela fez. Ele baixa a cabeça e gagueja:

- Ela tava repartino...

- Repartino o que moço? Pro favô me diga, pelo amor de Deus...

- Ora, repartino, o sinhô sabe o que é... muié da gente é só da gente, num pode fica repartino com os outro, e ela tava repartino cum vizim nosso...

O pai de Marieta entendeu a mensagem, empurrou-a para dentro, e foi lhe dando tapas, enquanto Tunico seguiu manquejando pela estrada poeirenta. Os olhos cheios d'água, agora só tinha o riacho para dividir sua dor.

PAI É PAI

Seu Pedro, velho comerciante da rua, pioneiro do lugar. Criou seus filhos sempre no interior, todos obedientes, da escola para casa. Dona Nenzinha prendada, boa esposa. O armazém do Seu Pedro tinha tradição. Ele, mineiro bom de prosa, na sua calçada, sempre tinha alguém para ouvir seus causos. Em suma, eram felizes.

O tempo foi passando, os filhos cresceram. Cada um procura rumo na vida. As filhas se casam, ficando só o casal e o filho caçula. Muito mimado o Zé se tornara um homenzarrão, calmo, fala arrastada. Gostava de se trajar bem, passear. Assim, logo a rotina da pequena cidade cansou o Zé. Já não dormia bem, maquinando como mudar de vida. Como falar aos pais que queria ir para a capital?

Um belo dia ele se decide. Levantou mais cedo, limpou o armazém, abriu as portas, alegre, já pensando na nova vida. Viajar, conhecer pessoas, ganhar dinheiro. Sim, era disso que estava precisando.

O pai, velho matuto, vendo a alegria nos olhos do filho, já pressentiu algo que lhe fugia ao controle.

- Oi, Zé! Resmungou desconfiado...

- Oi, pai, bença... dormiu bem?

- Hum... mais ou meno, mas o que é? Desembucha...

O Zé baixou a cabeça, começou a estalar os dedos. Apesar da estatura elevada se sentia um menino...

- Pai, eu pensei bem. Já me cansei daqui. Quero viajar. Vou pra Goiânia.

Seu Pedro caiu sentado:

- Mas Zé, cê tá doido? Tanto perigo, tanto ladrão...

- Já resolvi. Vou trabalhar no caminhão que entrega frango. O vendedor já me arrumou uma vaga. Amanhã já estou indo...

Seu Pedro não disse mais nada. O que fazer? Ele já era um homem. Só restava rezar.

O Zé viaja para a capital. Consegue o serviço no tal caminhão que entrega frangos. De lá, telefona aos pais avisando que já vai ficar trabalhando, fazendo entregas em Goiânia mesmo, para aprender o serviço. Seu Pedro e dona Nenzinha nunca mais dormiram tranquilos. Os dois entristeceram e não conseguiram mais trabalhar.

Os dias se passaram e o Zé não deu mais notícias. Dona Nenzinha achou por bem que Seu Pedro fosse atrás do filho. Muito pensativo ele retruca:

- Como vou achar o Zé lá na Goiânia?

- Perguntando, ora essa! Arguém deve conhecê o Zé...

Estava decidido. Partiria de manhã. Dona Nenzinha lhe preparou uma farofa, uma garrafa com água e outra com café. E ele se foi rumo à capital. Chegando lá ficou assustado com tanta gente. Como ia achar o Zé no meio daquela bagunça?

Foi subindo a avenida Goiás, olhando bem as pessoas. Ninguém conhecido. Povo sem educação. Esbarravam nele quase o derrubando. Apertou bem sua matula e seguiu observando.

Nisso, passa um caminhão, com o desenho de frango na porta e umas letras que ele não conseguiu ler; mas parecia o mesmo que entregava frango no seu armazém.

Seu Pedro saiu correndo atrás do caminhão. Correu muito. As pessoas lhe atrapalhavam. Caiu. Voou farofa por todos os lados. O café derramou. Só sobrou a água. As pessoas riam dele. O danado do caminhão sumiu. Não sabia o que fazer. Limpou a roupa e concluiu que a única solução era sair perguntando. Tanta gente. Alguém poderia ter visto o Zé.

Sim, iria perguntar. Perguntar pra mulher é mais seguro:

- Oi, dona. Por acaso a senhora num viu o Zé, meu fio? Ele é um Grandão, bonitão. Trabaia no caminhão que entrega frango. A senhora viu?

A mulher o olhou de cima em baixo. Não respondeu. Seguiu sorrindo. Seu Pedro subiu a avenida abordando um e outro. Por mais que explicasse o jeito do seu filho,, nada. Ninguém sabia dele.

À tardinha, o cansaço tomou conta dele. Desanimado, sentou-se num banco da avenida. Seu coração puro de pai já doía, mas a esperança era maior. Ficou olhando a multidão que ia e vinha, mas nada do Zé...

Ficaria sentado ali. Bebeu a água que se misturou com as lágrimas. Enxugou o rosto. Suspirou. Descansaria um pouco para depois continuar a busca...

Depois de algumas horas, como se fosse um milagre, alguém lhe bate nos ombros:

- Oi, Pedro! Que surpresa! Esperando alguém?

Uma parenta, prima longe. Por coincidência ia passando e o reconhece ali sentado. Se abraçam. Ela diz;

- Que bom encontrar você aqui. O Zé, seu filho, está lá em casa. Vai dormir lá hoje.

Seu Pedro riu como um copo entornado. Encontrara seu filho. Valeu a pena a busca. Saiu de braços dados com a prima, de cabeça alta. Era o homem mais feliz da avenida... Nada é impossível se tem um propósito firme e vai atrás dele...

CHALEIRA DE FERRO

Domingo de maio, perambulando pela feira livre, olhava as pessoas, quando me deparei com ela. Aliás, parece que fui atraída. Foi como se me esperasse ali, naquele momento: uma velha chaleira de ferro, preta e grossa de carvão. Depois de especular um pouco, por um preço razoável, ela se tornou minha.

Já em casa, sobre a mesa, fiquei admirando suas formas; imponente, com seu bico altivo, parecia querer dizer algo...

Fui entrando na vida da chaleira ou pelo menos tentando... Onde ela viveu? Quantas pessoas beberam água fervida nela?

O ferro de sua estrutura guarda segredos de pé-de-fogão e, por sua aparência, creio que há muitas décadas...

Como se voltasse no tempo me vem a lembrança de infância. Imagens congeladas de muitas manhãs: o fogo aceso, trepidando, e a chaleira de ferro com água borbulhando...

Sentada no rabo do fogão, com queixo nos joelhos, atenta, esperava o café que minha mãe fazia, conversando comigo. Um cheiro gostoso exalava no ar, quando a chaleira entornava no bule. E o café estava pronto, para alegria da meninada.

E assim continuava, sempre cheia de água fervendo para o almoço, para o lanche e para o jantar. O fogo em brasas conservava a água quente pela noite a fora...

Parecia que tudo era eterno e mágico. Tinha um toque de fantasia e a vida era feita de pequenas coisas tão grandes. Só agora sei.

Diante da imagem, continuo sentindo o calor daqueles dias. Sua imagem de ferro guarda muitas histórias e sentimentos que fluem, trazendo doces saudades...

A vida da chaleira é cheia de histórias...

A chaleira da minha mãe, essa que está à minha frente, e de tantas outras pelo mundo a fora. É como se um objeto pudesse guardar misteriosamente dentro de si memórias que vêm à tona, tão claramente diante de uma simples observação.

Ela agora faz parte da casa, junto de meus velhos livros. Passo o dia perto dela e sei que está guardando outras histórias, armazenando tudo para daqui a muitos anos, talvez séculos. Mesmo que já desgastada, quando alguém a observar de perto, ela contará a esse alguém histórias como me contou e que trarão de volta um tempo humano e eterno.

O FUSCA VERDE

Aos meus amigos, Chaveiro e Chiquinho, “In memoriam”.
São Luís de Montes Belos – Goiás.

Dois amigos inseparáveis, seu Chiquinho alfaiate e o Chaveiro que nunca fez chaves, só o apelido. Apesar da idade avançada, eram alegres e cheios de piadas. Adotei-os como amigos, como se fossem meus irmãos mais velhos. Sentiam-se importantes e responsáveis por tudo e por todos.

Aos setenta anos, seu Chiquinho resolve comprar um automóvel, um fusca verde. Para evitar perigos, fazia seus treinos diários ao volante pelos arredores da cidade, levando sempre o amigo Chaveiro para auxiliá-lo. Caso viesse algum carro atrás ou dos lados, o Chaveiro lhe advertia, pois não havia tempo de olhar no retrovisor.

- Sai da frente, lá vem o fusca verde!

A meninada já saía correndo. Outros motoristas já freavam ante a visão do automóvel verde. Os dois, passageiro e motorista, nem se davam conta do tumulto que causavam. Seguiam sorridentes com o fusca acelerado, sempre de 1ª e 2ª marcha.

Certo dia, sabendo que fui hospitalizada, os dois foram me visitar. Lógico que para ir mais depressa, tinha que ser de fusca.

No Hospital Municipal só permitia a entrada de uma pessoa de cada vez. Enquanto um entrou, o outro aguardava na portaria a sua vez. Seu Chiquinho entrou primeiro. No quarto, se mostrou preocupado e, para me distrair, contava suas peripécias no volante., Veja só! Tinha ido me visitar dirigindo o fusca...

De repente, o Chaveiro entra no quarto. Alegre, me cumprimenta. Pergunta se estou bem. Senta e conta causos, fazendo piadas e sorrindo muito tranquilo. Daí a alguns minutos, seu Chiquinho se situa e pergunta:

- Ué, Chaveiro? Deixaram ocê entrá antes d’eu sair?

O Chaveiro coçou a cabeça, raspou a garganta e respondeu muito sério:

- Não, é que eu só vim avisá que seu fusca ficou desengatado e está descendo...

- O que?...

Os dois saíram correndo, como crianças para acudir o Fusca, que nessa altura dos acontecimentos, já devia estar muito longe. Se algum poste não interrompera sua viagem...

O RETRATO DA VIDA

O canto dos pássaros se estende pelo cerrado a fora. O sol vai se pondo, fazendo no céu um espetáculo sem igual. Na casa de pau a pique, a família está reunida, após um dia de labuta. Dona Fiiinha prepara o jantar. O fogo crepita soltando faíscas animadas. O cheiro do feijão, fervendo, faz com que o cachorro fique por perto, olhando. Seu Tamiro enrola um pito de palha e olha para os oito filhos, imaginando como cresceram depressa. Coça a barba e pensa quando todos se forem, ficando só ele e a mulher. Um pensamento vem: nunca tiraram um retrato. Se algum vier a faltar, não tem nenhuma lembrança.

Vai para a cozinha e senta no rabo do fogão. Acenta o pito e diz para a mulher:

- Óia, sô. Tava imaginano que nois nunca tirou um retrato desses minino... Já tá passando da hora. Que cê acha?

- Ora, Tamiro. Bem que eu lembro disso, mas tá tão difícil tirar um retrato. Não tem nem um retratista que passa por aqui. E além do mais os minino num tem roupa nem carçado suficiente para tirar retrato...

- Na roupa e no carçado eu dô um jeito. O retratista é que é...

Foram dormir preocupados. Como o tempo passava rápido. Dali a alguns dias os filhos tomariam rumo na vida. Sim, precisavam de uma fotografia para guardar de lembrança. No outro dia, passou o mascate e deu notícia de um retratista que vinha na fazenda grande, a 2 quilômetros dali, no dia da missa. Seu Altamiro, muito alegre, correu para dar a notícia para a esposa:

- Fiiinha, óia só que coisa boa! O retratista vem no retiro do Toizim, dia da missa...

- Divera, Tamiro? Até que enfim! Vamo tirar os retrato dos mininu, sô!

Chegou o dia da missa. Levantaram de madrugada para a missa e para a pose do retrato tão esperado...

Dona Fiiinha arruma a meninada. Veste daqui, penteia dali. Os calçados nos pés só quando chegassem na fazenda grande. Iam descalços, para não estragar os sapatos novos. Mãe, cuidadosa, olha tudo. Cabelo, orelha, roupas, os calçados. Está faltando um... O menino de oito anos procura o outro pé e não acha...

- Mãe, o Marin está cum o outro pé do meu sapato. Fala pra ele me dá...

- Pra que ocê pegou o pé de sapato dele, Marin?

- Num achei o outro pé não, mãe...

A mãe confere e nota que faltava um par de sapatos. Chama o marido.

Seu Altamiro coça a barba e diz:

- É que o dinheiro num deu pra comprar dois par. Então, na hora de tirar o retrato, cada um carça um pé para num ficar feio...

A meninada concorda. Afinal, queriam ir logo. E batem em retirada, cantarolando pela estrada a fora.

Daí a 60 dias, o retratista entrega uma foto preto e branco, com toda a família em pose, diante de um lençol branco. As crianças de sapatos novos. Todos alegres,, admiravam o retrato. Tão emocionados estavam que o detalhe dos dois mais pequenos, cada um com um pé de sapato, não fez diferença. O que lhes importava é que conseguiram fazer um retrato, marcando o momento de uma grande família. O retrato de papel. O RETRATO da vida.

MOKUKÁ – UM CANTO AO HOMEM BRANCO

Mokuká kayapó Mebengokré nasceu na Aldeia Moikarakô na beira do Riozinho, filho de Kupatô e Iakaê já falecidos, e ainda hoje continua na aldeia em que nasceram e morreram seus pais.

Na época da colonização, os índios que não aderiram aos costumes do colonizador foram fugindo para dentro das matas e beira dos rios, e assim seus avós e pais depois de muito andar firmaram raízes nessa terra no Estado do Pará.

Numa região ainda isolada com muita água, caça, pesca onde os indígenas ainda podem sobreviver de maneira bem tradicional. Na aldeia eles recebem assistência médica através da FUNASA, não há indigenista e o líder é o cacique Akyaboro, que atualmente é também funcionário público. Mokuká afirma que os mebengokres não se sentem seguros com essa liderança, pois Akyaboro viaja muito e tem mais contato com os brancos que com os próprios indígenas.

Mokuká tem oito filhos e todos vivem na aldeia Moikarakô, e seguem fielmente a cultura mebengokré sobrevivendo da caça, que segundo ele se encontra em abundância, como o mutum, arara, jacu, papagaio e outros.

Todos são contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte, pois temem que o alagamento acabará com a diversidade de peixes e caça, as matas com as plantas medicinais e muito mais com a privacidade do indígena, que passará a conviver mais de perto com os costumes do homem branco.

Viveu a experiência da convivência com o homem branco quando ainda com oito anos de idade ficou doente e foi levado pelo servidor Chico Meireles, do antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) para se tratar em Belém capital do Pará e por lá ficou morando por três anos. Aprendeu a falar bem o português estudando em escolas públicas, leu livros infantis e brincou com brinquedos bem desconhecidos dos indígenas. Considera a experiência válida, pois hoje é um interlocutor entre brancos e indígenas. Viaja para São Paulo, Rio, Manaus, Inglaterra e recentemente foi convidado pelo líder cacique Raoni para acompanhá-lo em suas viagens.

Porém afirma que nem todo indígena saberá ter essa convivência sem perder sua cultura e considera um grande perigo, talvez até o fim da cultura mebengokré, a construção de Belo Monte:

- Nois respeita a natureza, a criança, o rio, todo tipo que esta na aldeia. nos tem bastante pedra preciosa, minério mais caro, nois mora em cima dele e não vamos cavar a terra e destruir o futuro dos nossos netos. Branco não pensa, cava a terra, tira o minério, o dinheiro acaba e a fica sem terra para plantar e criar seus filhos e netos.

Mokuká é um homem sereno, forte e muito preocupado com o futuro do seu povo:

- Nossa liderança é fraca, Raoni já está bem velho, Akyaboro funcionário público e os kayapo ainda não tem uma pessoa certa para ser líder, a maioria não tem muito conhecimento da lei do branco e não possui experiência de liderança. Se quisessem eu assumia a liderança, pois gosto de ler e falo bem a língua do branco, eu ia acelerar.

Cabeça baixa, se cala por uns minutos e diz:

- A cultura pode acabar se não ter um líder forte, com Belo Monte vamos ficar muito próximos do branco. Estou muito triste, preocupação muito grande, Raoni está triste também com o futuro dos kayapos mebengokres. Nois ainda está isolado, mas depois de Belo Monte não sei, me sinto muito triste, falta alguém, cadê ele, de onde que vem esse líder forte para segurar nossa cultura.

Além de ser grande cantor indígena, interpreta várias canções na língua kayapó e diz:

- Gosto de cantar sobre o mato, rio, peixe, pesca, aldeia, a música do índio é pedir proteção ou imitando animal ou natureza. Existe índio já fazendo música de forró de branco, mas isso não é bom, não está pedindo nada. Nois gosta de pedir chuva, comida e saúde na música.

No palcos e encontros da vida ele emociona milhares de pessoas quando canta o Hino Nacional Brasileiro na língua mebengokrê.

Uma turista que chorava muito ao ouvi-lo cantando desabafou:

- Ele cantou o hino do Brasil, esse Brasil que tanto maltratou sua gente e ainda maltrata ... e ele ainda o exalta na língua kayapó...

Sim, é um sábio nas palavras e na música. Conseguiu após vários anos traduzir a letra do Hino da Pátria para ser cantado aos brancos e assim ele ensina sua família a cantar em homenagem ao Brasil.

- Minha neta que canta, eu canta. Nossos ancestrais não tinha briga, vivia em paz com comida e tradição à vontade, sem barulho, sem sal, vivia todos juntos nas aldeias. Agora outro vai ocupando os territórios dos índios, por isso eu canta o hino nacional.

Ritual contagiante quando começam a cantar o Hino Nacional com voz bem forte como se cantasse para o mundo ouvir, um mundo bem diversificado, que para solenemente sem que possamos entender...

Talvez cantando, ele consiga chamar a atenção para seu povo mebengokrê, sua tradição musical que ainda é um ritual à natureza, uma natureza que o homem civilizado teima em destruir.

A CULTURA DO PRAZER DE VIVER

A indumentária do homem branco o faz ridículo diante da simplicidade do nativo indígena. Onde estavam deputados, doutores, pastores, padres, médicos e outros, a presença indígena foi mais forte, eles eram importantes, afinal estavam livres do sistema que funciona cronometrando tudo.

Quando cantam não se importam com o corpo à mostra apesar da idade, tudo é natural. Se orgulham do que fazem, seu canto é sagrado, sua missão é perpetuar a cultura e guardar matas e rios para as gerações futuras.

Crianças brincam descontraídas, um sorriso verdadeiro no rosto, enquanto outras filhas de pais civilizados desfilam olhando como se vissem animais peçonhentos gritam com medo.

No restaurante enquanto os indiozinhos devoram toda a comida, na mesa ao lado uma mãe chiquérrima com auxílio da babá insiste em dar a comida na boca do filho e este não quer. A mãe indígena e seus filhos não entendem porque a mãe branca empurra a comida na boca do filho sem ele querer...

Boquiabertos assistem quando ele esperneia para não comer, não entendem, afinal comida é tão importante...

Após se fartarem, riem comentando numa linguagem íntima enquanto a índia tira os piolhos do filho até que ele durma... Não vê o povo civilizado estarecido fotografando a cena...

Como explicar a eles que a diferença está no viver a vida sem indumentária, sem regras, viver a cultura do prazer e isso o homem branco não tem. Ele é escravo do trabalho, do luxo, do consumismo e de si mesmo. O indígena tem acima de tudo, a cultura do prazer de viver.

ÁGUA

"A água é o princípio de todas as coisas." (Tales de Mileto)

A água é o bem mais precioso da terra, sem ela não há nenhuma espécie de vida. O indígena que é de uma cultura milenar sabe e tem consciência desse valor. Muitas etnias consideram a água como seu Deus e ela é respeitada como tal. Uma passagem bíblica diz que antes de existir a Terra o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

O capitalismo fechou os olhos e o pensamento da civilização atual levando a uma cultura de produção que a cada dia mais leva a escassez da água. Sem água não há vida, só tristeza, doenças e até grandes epidemias.

O Brasil, que é um paraíso das águas doces, ainda não tem uma política séria de cuidados com os recursos hídricos. Os grandes mananciais são destruídos pelas construções, lixos e outros interesses momentâneos. Construções e mais construções de hidrelétricas formam enormes reservatórios que se tornam depósitos de lixo, açoream rios, deslocam a população ribeirinha, destroem árvores e bichos.

A lei não é cumprida, existe multa para quem polui a água só no papel, a realidade é outra muito triste.

Cito aqui o exemplo do Lago de Serra da Mesa e num momento de reflexão escrevi esse texto:

LAGO SERRA DA MESA - Tarde nublada, o pensamento vai até onde os olhos alcançam, as palmeiras secas sobressaem. O lago enorme, parado, muito quieto, é o 3º maior lago artificial do mundo. É tanta água que impressiona: o homem desafiou a natureza, juntou os rios e construiu o lago de 1787 km². As árvores secas não mais brotarão, a água matou suas raízes. Agora os pescadores depredam tudo, sem pensar no amanhã...

Dentro do lago ficaram escondidas as casas, as árvores e os sonhos de muitos...

O homem afundou a mão, represou os rios, forçou a natureza, as águas invadiram o cerrado e o lago existe.

A água do mundo está se acabando, o lago é uma grande reserva. O equilíbrio é precário, olhando as águas a vida parece eterna, mas não é. Só a natureza segue seu curso impecavelmente, revolta às ações dos homens.

Existem muitos peixes, mas os pescadores montam as redes, e o lixo acumulado às margens dá uma sensação de fim. Os bichos andam se escondendo dos tiros que ecoam em toda a extensão assustando as capivaras que pulam na água fazendo um barulho ensurdecedor.

De vez em quando desce, um fiscal apreende uma rede, multa alguém e vai embora, a extensão é grande, não conseguem acompanhar a depredação. O grito dos ecologistas invade a ação dos pescadores e dos caçadores que é maior...

Os roncos dos motores rasgam o silêncio e mesmo assim os pássaros cantam alegres, os sons se juntam...

As árvores secas, a água turva, o monte de lixo, os tiros, as redes, o barulho dos motores, os gritos dos pássaros fazem chorar...

É só uma lágrima, mais uma gota d'água na imensidão...

Fica um apelo no grito do pato pescador, das garças que voam nos galhos secos, do veadinho que tenta beber água rapidamente para não ser visto, das capivaras que pulam na água se escondendo...

Essa dor que rasga o peito, que insiste em dizer que a água é o bem mais importante do mundo, que se não fizer algo essa enorme represa será amanhã somente um amontoado de lixo e tristeza...

Pescadores se vão cheios de peixes, querem esvaziar o lago. Lago imenso, forçado, é o homem desafiando as leis naturais e por enquanto impera. E assim continua a vida às margens do lago cheio de vida, que luta para sobreviver, indefeso ante à ação dos homens inconscientes que não sabem que estão matando a própria vida...

O cachorro que bebe a água não sabe do dia de hoje, da poluição das margens, só sabe que tem sede. O homem que coloca a rede não sabe que depreda, só sabe que quer peixe.

Essa dor continua e balança o peito como a onda que o barco fez, as garças voam apressadas, já é noite. A extensão é enorme diante dos olhos, finco os pés no chão e tento ser forte... O vento varre os pensamentos leva a esperança de um amanhã melhor..

EVERTE

Everte faz parte do folclore da cidade de Uruaçu, anda cumprimentando todos e dá notícia de tudo mesmo que seja à sua maneira. Seu trabalho é de distribuir folhetos de propaganda pelas ruas e assim ele propaga também carinho.

A história da vida dele é paralela à história da cidade, acompanhou quase tudo no seu modo de enxergar e entender o mundo. Sofreu um distúrbio psicológico ainda pequeno que o faz agir sempre como uma criança, apesar dos quase 80 anos de idade.

É o maior analista político da região, sabe tudo a respeito de cada candidato e aí daquele que fizer algo para desmerecer sua atenção, rapidamente ele faz comentários contra esse candidato em toda a cidade. Defende seu político seja quem for, até briga por ele, porém se algo o convencer que esse político não presta, automaticamente muda de opinião e começa a divulgar outro.

Nos meses que antecedem às eleições, ele vai para a rua mais cedo e só volta à noitinha, precisa estar a par de tudo o que acontecendo...

Para ele a vida é eterna e se admira muito quando alguém morre; fica calado, se emociona e não sabe o que dizer. Talvez em sua vida o acontecimento mais marcante foi a morte de quem quer que seja. Quando sabe que alguém morreu fica à frente da casa onde há o velório muito consternado, se alguém sorri, fica com raiva e diz que é falta de respeito. No dia de finados é o primeiro que chega ao cemitério, a sepultura do pai é um lugar sagrado para ele.

Ficou na escola por muitos anos, desistiu. Não aprendeu a fazer nenhuma letra, mas aprendeu a gostar mais da política. Já na terceira idade voltou para a escola o que foi uma grande aventura para ele, apesar de não entender nada queria estudar. Na sala de aula coçava o nariz e riscava o caderno com raiva, não aprendia mesmo. Porém não admite, diz sempre que está aprendendo. O relógio reluzente no braço faz com que as pessoas lhe perguntem as horas, ele estende o braço dizendo:

- Oia aí, tô sem óculo, num enxergo direito...

E assim se livra de mais um aperto. A professora no final do ano na festa de entrega dos diplomas, lhe dá um, só que é faz-de-conta para ele não se decepcionar. Pulando de alegria pega o canudo como se fosse um tesouro e sai pelas ruas mostrando para todas as pessoas. Chega em casa sorridente mostrando o diploma. O irmão lhe diz;

- Que bom Everte, agora você tem diploma, aprendeu a ler mesmo?

- Aprendi, num sou burro, num tá vendo meu diploma?

O irmão faz um desafio:

- Já que aprendeu, lê o que está escrito aqui! (aponta uma folhinha na parede).

Everte coça o nariz, esfrega os olhos, resmunga e dá as costas.

- Que está escrito na folhinha, Everte? (insiste o irmão)

- Ah, num vou lê isso não, acabei de jantar agora, faz mal.

Esperto sempre tem uma desculpa para tudo. Já de cabelos brancos, os passos mais lentos todos os dias sai com um pacote de folhetos para distribuir, não deixa cair um no chão e não entrega para crianças, diz que jogam foram sem ler, a responsabilidade só termina quando entrega todos e aí vai receber o dinheiro que não sabe contar. Uma nota de dez reais para ele tem menos valor que cinco notas de um real, o que vale é a quantidade. Não é velho, nunca ficará velho, segundo ele. Diz dos outros assim: Fulano tá muito véio, vai morrer logo, não é mesmo? Cê viu como cicrano tá véio?

E assim a vida vai passando, mas para o Everte ela é uma só: o tempo não muda e ele é eterno nos seus passos diários pelas ruas de Uruaçu...

GUARANI KAIOWÁ- SUTIL, BELO E TRISTE

A presença dos guarani-kaiowá é destaque pela sutileza do grupo que apesar de pequeno consegue prender o público com seus rituais e acima de tudo com a aflição de uma etnia sofrida em busca de soluções para os inúmeros problemas que atingem as aldeias no Mato Grosso do Sul.

Eles conseguiram resistir à catequização dos jesuítas e mesmo convivendo com estrangeiros ainda conservam a língua e a cultura de uma espiritualidade que considera acima de tudo a Terra, sua Origem e especialmente o “Grande Pai, Ñande Ru”.

O Cacique Getulio Kaiowá da Aldeia Jaguapiru/Bororó faz um discurso eloquente quanto à situação de seu povo. Segundo ele, o governo do Estado não atende as reivindicações e faz um apelo aos “parentes” que os ajudem no sentido da implantação da escola nas aldeias com professores indígenas.

- Só assim a criança não vai à cidade aprender coisas e fica na aldeia aprendendo na prática como nois planta, o que nois come, falando a língua tradicional. Nossa família indo pra cidade nois não pode aceitar. Precisamos de uma escola indígena dentro da aldeia, senão do jeito que vai, vai acabar a etnia kaiowá, terena, não tem mais cultura e isso é triste.

No município de Dourados-MS há uma população de 16 mil pessoas e aproximadamente 6 mil famílias vivem em 3500 hectares de terra. Esse povo, de acordo com o cacique Getúlio, precisa conservar sua cultura para não se perder. Muitos para sobreviver vão para o trabalho em plantações de cana de açúcar e em usinas de álcool e de lá voltam totalmente marginalizados.

Emocionado, ele diz dos jovens com idade de 10 a 16 anos que dispensam a escola e vão para o canavial:

- Eles voltaram maior malandro, as crianças não tem idade ainda. Na Aldeia em Dourados tem menino de 12 anos matando de facão, tirando o pescoço de machado, juntam 4 ou 5 menores matando mulheres, homens. Isso acontece por causa do ensinamento que não foi bem. Se fosse bem ensinado não teria esses problemas na aldeia, isso nossa preocupação, nois mais velhos.

Queremos levar educação, escola indígena, vamos batalhar por isso, uma escola separada para a cultura indígena. Hoje na aldeia de Dourados não pode andar a noite, ficou perigoso e onde vamos reclamar? FUNAI, MP, justiça, ninguém resolve. Essa preocupação passo para ter apoio dos parentes, espalhar para o Brasil inteiro.

As reclamações são inúmeras, todas no sentido de preservação da cultura guarani kaiowá. Esse grupo representa o exemplo da resistência de um povo sofrido como a maioria dos indígenas em todo o Brasil.

Os guaranis com atividades voltadas para as questões dos direitos humanos, intuito é sensibilizar a população em geral para as gravíssimas violações dos direitos humanos que afligem, com grande repercussão, os Guarani, Kaiowa e Nandeva de Mato Grosso do Sul, uma população superior a 40.000 pessoas.

Necessária a reflexão sobre o confinamento social e cultural que aflige especialmente essas etnias e incidir, por meio da valorização cultural, sobre a autoestima dos jovens, fortalecendo a identidade étnica e o protagonismo dos Kaiowa e Nandeva, informando os não índios sobre a cultura indígena, suas tradições e conhecimentos.

Nos encontros eles esquecem os problemas e se revelam com classe envolvendo o público com os rituais. A principal cerimônia Kaiowá chama-se avati kyry, que é o batismo do milho. O líder religioso faz um canto comprido e cada verso que canta é repetido pela comunidade acompanhado pelo som da mbaraka e do takuapu. Chama a atenção o ritual em que elevam a pessoa numa espécie de maca de varas (uruiai), confeccionada alternadamente ao som de uma música forte. O homenageado é carregado no centro da aldeia e depois recebe os cumprimentos e uma bebida a base de batata (xixá).

O momento contagia o público e por instantes não há diferenças, todos são indígenas e são iguais.

VERSOS BANGUELOS

Cléa ficou viúva muito nova, aos 28 anos, com dois filhos, desempregada, a situação não era das melhores. Falta isso, falta aquilo e o dinheiro que ganhava lavando roupa mal dava para comer.

Vizinho atento, seu João prestava atenção na vida de Cléa. Mas como se aproximar, homem visitando casa de viúva, dava no que falar...

Começou presenteando as crianças, foi chegando devagarzinho até que se tornou rotina as visitas noturnas.

O coração surpreendeu seu João, aos 78 anos batendo forte ante a proximidade com Cléa.

Pesquisou sua velha biblioteca, lhe levou livros com histórias de amor, lia em voz alta até que ela cochilava sentada na cadeira e ele sorrateiramente ia embora.

Os meninos peraltas se aproveitavam da situação para ganhar presentes. Uma noite, seu João veio mais inspirado, trouxe versos de Camões e em posição de orador, começou a ler o poema em voz alta.

Cléa ouvia atenta, as crianças foram se aproximando e quando estavam bem debaixo do queixo do seu João gritaram:

- Olha mãe!

- Psiu, quieta menino! Disse Cléa

- Maein.. mãe, seu João só tem um dente em cima e um em baixo...

O orador foi baixando o papel, saiu cabisbaixo, uma última olhada para a casa, seus versos banguelos não cabiam mais ali...!





CAUSOS E HISTÓRIAS



CAUSOS E HISTÓRIAS

Sinvaline Pinheiro

O Centro de Folclore e História Cultural é um dos vários centros de pesquisa que integram o Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás. Sua finalidade é registrar e salva-guardar os valores culturais da região do cerrado, inseridos nas vocações das comunidades do interior do Brasil.

Seus pesquisadores, em constante trabalho de campo, vêm registrando manifestações populares das comunidades. No presente, passaram a adotar mais uma nova forma de registro, a codificação musical.

Prof. Horieste Gomes
Presidente do Conselho Editorial do ITS.

APRESENTAÇÃO

Sinvaline Pinheiro, escritora autodidata, intuitiva, escreve naturalmente. De forma simples, a poesia brota por necessidade em meio a todas as dificuldades de vida de uma mulher aventureira e rebelde. Moradora do cerrado, andarilha sem rumo certo, compartilha a vida com os inúmeros personagens que encontra pelo caminho, e a partir dessa vivência vai escrevendo seus contos e poesias sem pretensões. registrando percepções e desabafando dores.

Primeira dos sete filhos de D.Nena e S.Sinval, nasceu em Uruaçu-GO. Foi apenas alfabetizada, sua paixão pela leitura desde muito cedo a fez ouvir da mãe que ler tanto a deixaria com a “cabeça fraca”, além de “estragar as vistas”. Certa vez um amigo de seu pai vendedor de livros descarregou a kombi cheia em sua casa, enquanto ia pescar com o pai. Oportunidade única, marca profunda de viagens além mar, em segredo à luz da lamparina depois que a mãe ia dormir. Assim os livros lhe vieram e desde então são parte integrante de seu dia-a-dia.

Mãe, avó, mulher, sempre na dura labuta pela sobrevivência, Sinvaline se sente bem sem rótulos, sem posses, livre para criar. Optou por um rancho às margens do Lago Serra da Mesa, mais próximo à natureza, e livre das normas sociais que tanto a incomodam. Com um estilo próprio e sagaz, partindo dos detalhes dos acontecimentos, seus textos nos levam à uma reflexão maior sobre a condição humana. Todos os contos publicados neste volume foram inspirados em fatos reais.

A autora já publicou poemas nas seguintes antologias:

- II Concurso Kelps. Goiânia, 1998.
- Prêmio Anchieta de Poesia, Ed.Andes, Brazlândia, DF, 2000.

VERÔNICA ALDÉ

RETRATOS

"Vendi-si jeladera". A placa se destaca pela disformidade das letras. Alguém se esforçou muito para escrevê-la, ou seja desenhá-la, enfim, é uma obra de arte e o autor tem pressa do dinheiro da geladeira.

Um barraco caindo aos pedaços, me recebe uma mulher idosa, mal humorada, que fede fumo. Se apoiando em um bastão ela me leva a outro barraco nos fundos. Só que o outro está limpo, bem cuidado. Ela grita com alguém para abrir a porta:

- Fulana, tem gente querendo olhar a geladeira, levanta! Abre a porta uma moça de mais ou menos uns 25 anos de idade, com um bebê nos braços, tem o olhar triste e com a voz fraca me convida a entrar.

O mobiliário se resumia em uma mesa, uma cama, um fogão e a geladeira em questão. Ela diz que quer vender, pois precisa de dinheiro urgente. Tento puxar conversa, discuto o preço, mas ela se fecha, mal respondendo às perguntas. Olhei a geladeira que só continha água e não gelava bem, mas mesmo assim fiquei de voltar depois.

Ao sair dou uma última olhada em volta, ali o ar estava triste, poluído de falta, falta de tudo...

Já no portão, a velha senhora insiste para que eu feche o negócio. Pergunto de quem afinal é a geladeira. Ela se justifica, diz que o dinheiro da venda é para pagar o aluguel que está atrasado, pois precisa receber e não vai ajudar gente vagabunda. Completa, dizendo que o marido da mulher está preso, dorme na cadeia e só vem durante o dia, não conseguindo o dinheiro do aluguel... blá, blá, blá...

Sigo pelas ruas sentindo uma sensação enorme de impotência. O rosto do bebê, o olhar da moça, sua mãe, o mau agouro da velha, a falta de tudo se retratava ali naquele instante...

Instante de todos os instantes, da miséria, da falta; instante duma realidade que é o retrato de nossa gente, nossa realidade, retrato de nosso Brasil.

E O PAPAI NOEL NÃO VEIO

Todo funcionário trabalha com o propósito de comprar o carro novo, viajar no fim de ano com a família, curtir as férias tão merecidas. O trabalhador aqui consegue, com muitas dificuldades, economias forçadas durante anos e realiza o sonho tão almejado, o carro novo.,.

Improvizou uma garagem para guardar a sua preciosidade. Recomenda à mulher para não deixar as crianças brincarem por perto e vai para o trabalho de ônibus, poupando assim surpresas desagradáveis.

Aquele monumento ali na área, foi muita novidade para a pequena com quatro anos de idade. Levou sua boneca para apreciar também. Que tal brincar de casinha? No espelho retrovisor mirava os cabelos, fazia maquiagem e sorria falando alto com a boneca...

Para se ter uma casa de verdade, era preciso demarcar os espaços. Metade do carro seria sua casa, metade da boneca, pensou. pensou... Um prego ajudaria. E inconscientemente ela fez os traços precisos, forçou a mãozinha, o prego afundou e as divisas foram feitas.

Brincou feliz toda a tarde, depois lanchou e abraçada à boneca, dormiu satisfeita. No seu sono tranqüilo não podia imaginar o mal que estaria por vir...

A tardinha chega cansado o dono do carro. Ao passar pela garagem, quase desmaiou. Seu carro novo todo arranhado, riscado! Sentiu-se mal e começou a gritar. Mãe e filhos acodem assustados. Ele berra apontando para o carro: - quem foi, quem foi?

A pequena baixa a cabeça, se confessando. Ele a agarra pelos cabelos, a sacode perguntando: por quê, por quê? Ela aponta para de baixo do carro, chorando. A arma do crime estava lá: um prego enorme, enferrujado, maldito!

Como um autômato ele pega o prego, risca a mão da menina que grita indefesa. Quando a mãe conseguiu livrá-la, a mãozinha já estava bastante machucada.

No hospital, febre alta, convulsões e o diagnóstico - tétano. Só amputando a mão, ela poderia sobreviver. E o que tinha de ser, foi feito.

Passaram-se os dias, é Natal. Naquela casa sombria, triste, sem festa, o Papai Noel não deu as caras. A família reunida, se entreolhava, não havia o que falar...

A menina sai do quarto, ainda tem o braço na tipóia. Observa as pessoas, se sente culpada por aquele clima triste. Olha a lacuna onde foi mão e caminha até o pai, abraça-o e gaguejando diz:- Papai, me perdoa, quando a minha mãozinha crescer de novo, não vou mais riscar o seu carro novo...

Como se todo o universo desabasse sobre ele, o pai não conseguiu dizer nada, só as lágrimas rolaram, amargas...

Saiu cabisbaixo, andou pelas ruas até à madrugada, não ouviu os sinos...

O sol já clareava o dia vinte e cinco de dezembro, quando o encontraram, sem vida, todo coberto de neve...

E o Papai Noel não veio...

HISTÓRIA DE CAMINHONEIRO

Dois amigos caminhoneiros viajavam pelas estradas desertas de Minas Gerais. Para sentirem-se mais seguros andavam sempre juntos.

Já viajavam desde a madrugada e não encontravam um restaurante para almoçar, até que avistaram uma casinha afastada da estrada, com uma plaquetinha com os dizeres - “aqui tem comida”.

Encostaram os caminhões, satisfeitos, até que enfim, podiam almoçar.

Aparecem uma senhora e duas moças muito simpáticas para lhes receber. Lavam as mãos, e sentam-se à mesa. Enquanto aguardavam pela comida, um deles percebeu algo estranho num canto da casa e diz:

- Olha só o que estou vendo. Parece um sapo - levantou-se para certificar – Que absurdo! Um sapo, que bicho nojento!

O outro também foi olhar e chegando perto, deu um chute no sapo que caiu longe com as pernas para cima, já pedindo extrema unção.

Percebendo o barulho, as mulheres vêm correndo, e vendo o sapo quase morto começaram a chorar e gritar:

- Minha Nossa Senhora, mataram o Mindim; meu Deus, coitado do Mindim! As três se ajoelham perto do sapo chorando.

Os dois caminhoneiros aproveitaram a cena e saíram sem fazer barulho, pegaram a estrada, esperar comida que nada, tinham mais era que correr, e pé na tábua. - O Mindim era o sapo de estimação da casa - Um sapo doméstico! Quem diria...

POR AMOR

Aos pais da Marlene Alves (S. Luís M.Belos-GO)

Fui visitar dona Ana. A fazenda, linda, tão bem cuidada, ela e o marido me receberam alegres, ela uma perfeita anfitriã. Apesar da idade, os dois a administram muito bem. Tudo ali é bonito, perfeito. As árvores frondosas, os pássaros, as represas cheias de peixes, os jacarés se multiplicam, as capivaras são domésticas, é um verdadeiro paraíso. Notei que D. Ana andava com dificuldade, parecia sentir dor, mas não perguntei nada. Depois de muita conversa, um gostoso café, ela me diz que está tomando antiinflamatório, pois fora acampar no Caiapó e machucou o braço direito. Fora um acidente, constatou.

Foi um dia agradável, inesquecível, parecia que tudo ali era eterno. Quando já ia me despedir ela diz, confidencialmente, que não se machucou por acidente. No passeio ao Caiapó, seu marido ficou tão entusiasmado que a abraçou com tanta força, chegando a lhe machucar, e retrucou - só que não quero que ele saiba que causou isso, não quero que se sinta culpado, não fez por mal, foi um abraço de amor...

Toda a história de uma vida a dois se resumia naquela confiança. Por amor seu José Alves abraçou, por amor dona Ana se calou, por amor vivem juntos há muitos e muitos anos, firmes como um esteio de aroeira que atravessa o tempo, numa convivência que hoje já quase não se vê...

CINDERELA ATUAL

Cinderela lava louça, lava piso, lava roupa. Cinderela faz comida, faz chá, faz café. Pisca para o namorado da filha da patroa, rouba o batom dela, a roupa, e dorme sonhando ser princesa.

Amanhã é a festa na casa do Túlio, rico, bonito, inteligente, um verdadeiro príncipe. Suas festas eram famosas, Cinderela não dorme pensando, como fazer? Será uma bacanal? Tinha que ir. Um rato roedor que rouba queijo lhe dá uma idéia, roubar as roupas da patroa, até aquela calcinha que parece um coração...

No outro dia, a casa é movimentada por costureiras, manicures, cabeleireiras e as filhas da patroa que querem ficar bonitas, para ir à festa do Túlio. Cadê a minha calcinha de coração? Cadê meu vestido rosa?

- Puxe a orelha dessa sonsa, ela sabe onde está! - Mas nada, não encontram.

Cinderela continua calada. Espera sua vez com calma. À noite, quando todos saem, ela entra para o quarto e o milagre acontece. Coloca a calcinha de coração, o vestido rosa, se maquia, colar de pérolas, e tudo mais... Estava linda...

A bolsa de strass, o convite clonado no computador, em vez da carruagem chama um táxi, ainda bem que tinha roubado o dinheiro também....

Lá chegando, a entrada foi triunfal. Todos se voltaram para olhá-la. O Túlio se apaixonou à primeira vista.

As outras moças cochichavam, quem era aquela intrusa? O vestido parecia o seu... quem seria?

Começou a festa em grande estilo, tomou champanhe francês, sempre acompanhada do rapaz mais cobiçado da região. Foi se empolgando, tomou uísque e depois já pedia cachaça...

O príncipe a levou para o quarto, amou, amou, o dia já estava quase clareando...

O relógio deu as badaladas. Cinderela aproveitou que o rapaz dormia, saiu correndo pelas ruas, tinha que chegar em casa antes do nascer do sol.

Pulou a janela, olhou os pés, ah, sim, não esquecer os sapatinhos... estava tudo bem...

Apalpou o corpo, faltava algo. Sim a calcinha. Esquecera a calcinha no quarto do rapaz...

E a história se repete...

DIA DE TODAS AS MÃES

Dia das mães. As ruas do centro de Goiânia estão desertas, só algumas pessoas circulam, indo ver a mãe, a madrasta, ou a namorada, ou simplesmente andar pelas ruas como eu...

Na calçada do supermercado só o lixo acumulado pelo movimento do dia anterior. Diante do monte de lixo se desenrola uma grande comemoração...

É o dia das mães, quem tem sua mãe, há de comemorar, não importa a situação. Na frente do supermercado é o local ideal para uma família que mora nas ruas.

A cena é inesquecível. Uma mulher e três crianças. Sujas, descalças, indiferentes a vida que passava na avenida, comemoravam o dia das mães...

A mesa era a calçada, a bandeja de papelão estava cheia de pedacinhos de pão velho picados, copos descartáveis amassados, tudo certamente do lixo. As folhas e flores colhidas na pracinha, davam um toque especial.

A mãe se posicionou frente à bandeja, os filhos batiam palmas e cantavam parabéns, alheios a tudo, não eram mais mendigos...

Com o sorriso escancarado, não lhes importava o resto, a falta, a miséria, suas vidas se resumiam ali naquele momento. Eles formavam uma família em dia de festa, eram importantes, e afinal era o dia das mães, o sol nasce para todos...

CAVALO E HOMEM-BURRO

Dois cavaleiros e uma estrada. As árvores frondosas sobem ao céu e fazem sombra aos cavalos e cavaleiros, não importa quem está sob a sombra, elas são as mesmas, imponentes, belas, indiferentes aos cavalos e aos cavaleiros...

A solidão do mato, o silêncio dos cavalos que ouvem o clamor daqueles homens que tanto os fustigaram, e nem se preocupam com a marca das esporas que fenderam suas carnes...

De cabeça baixa, barriga sangrando. boca espumando de sede, os cascos doem nas pedras.

Será que os homens não enxergam suas dores?

Um relincho triste rasga o cerrado... Não, e não. Não vale a pena relinchar... São só dois cavalos... São só duas árvores... São só dois homens-burros...

FAROFA DE TATU

Cícero, apelidado de Cição barrigudo, tinha fama de comer muito e pelo porte físico, não era só a fama. Seu prato preferido era farofa, de carne qualquer, até se fosse de carne de tatu, comia acompanhado de boa cachaça.

Com a lei de proteção aos animais, só era possível o banquete em caso de acidente cuja vítima era algum tatu distraído.

Quando isso acontecia, lá ia o Cição aproveitar e degustar sua carne. Nas festas era ele quem preparava as carnes de porco, vaca e outras.

Dizem que comia tanto, que depois, fatigado, deitava numa rede de barriga pra cima e com seu sotaque acentuado gritava o filho: -me abane, Vado! Por favor, me abane!

Uma noite já tarde, a Marlene e o Brás, voltando da fazenda, atropelaram um tatu. Ficaram muito tristes, o que fazer com o tatu? A Marlene logo lembrou do Cição. Há muito tempo não o viam, mas certamente ainda gostava de comer farofa de tatu. Seria uma boa surpresa, e rumaram para lá.

A casa toda fechada, parece que já dormiam. Bateram na porta uma, duas, três vezes. Já estavam por desistir quando sai uma mulher, umas crianças. A Marlene toda sorridente, estende o tatu:

tatu...

- Olha, trouxemos para o seu marido, o Cição, sabemos que ele gosta muito de farofa de...

A mulher continuou imóvel, espantada. Depois, cabisbaixa, resmungou:

- É que o Ciço morreu, tem dez dias que nós interrô ele...

Marlene pôs o tatu no chão, olhou para o Brás, não havia o que dizer...

- Boa Noite.

Voltaram, calados, e resolveram enterrar o tatu também...

PROPÓSITO DE PAI

Seu Pedro, velho comerciante da rua, pioneiro do lugar. Criou seus filhos sempre no interior, todos obedientes, da escola para casa. Dona Nenzinha prendada, boa esposa. O armazém do Seu Pedro tinha tradição. Ele, mineiro, bom de prosa, na sua calçada sempre tinha alguém para ouvir seus causos, em suma, seu Pedro era feliz.

O tempo foi passando, os filhos cresceram, cada um procura rumo na vida. As filhas se casam, ficando só o casal e o filho caçula. Muito mimado o Zé se tornara um homenzarrão, muito calmo, fala arrastada, gostava de se trajar bem, passear. Logo a rotina da pequena cidade cansou o Zé. Já não dormia bem, maquinando como mudar de vida. Como falar aos pais que queria ir para a capital?

Um belo dia ele se decide. Levantou mais cedo, limpou o armazém, abriu as portas, alegre, já pensando na nova vida. Viajar, conhecer pessoas, ganhar dinheiro, sim, era disso que estava precisando.

Dona Nenzinha ouviu o barulho e se assustou - Pedro, o que foi com o Zé, já levantado a essa hora?!

-Num sei não, Nenzinha, já vou lá saber....

Velho matuto, vendo a alegria nos olhos filho, já pressentiu algo que lhe fugia ao controle.

- Oi, Zé! Resmungou desconfiado...

- Oi, pai, bença! Dormiu bem?

- Hum... mais ou meno, mas o que é? Desembucha...

O Zé baixou a cabeça, começou a estalar os dedos, apesar da estatura elevada se sentia uma criança pequena...

- Pai, eu pensei bem, já me cansei daqui, quero viajar, vou pra Goiânia. Seu Pedro caiu sentado: -Mas Zé, cê tá doido? Tanto perigo, tanto ladrão...

- Já resolvi, vou trabalhar no caminhão que entrega frango, o vendedor já me arrumou uma vaga, amanhã já estou indo...

Seu Pedro não disse mais nada. O que fazer? Ele já era um homem, só restava rezar. O Zé viaja para a capital, consegue o serviço no tal caminhão que entrega frangos. De lá telefona aos pais avisando que já vai ficar trabalhando, fazendo entregas em Goiânia mesmo para aprender o serviço.

Seu Pedro e dona Nenzinha nunca mais dormiram tranquilos. Os dois se entristeceram e não conseguiram mais trabalhar.

Os dias se passaram e o Zé não deu mais notícias. Dona Nenzinha achou por bem que Seu Pedro fosse atrás do filho. Muito pensativo ele retruca:

- Como vou achar o Zé lá na Goiânia?

- Perguntando, ora essa, arguém deve conhecê o Zé...

Estava decidido. Partiria de manhã. Dona Nenzinha lhe preparou uma farofa, uma garrafa com água e outra com café. E ele se foi rumo à capital.

Chegando lá ficou assustado com tanta gente, como ia achar o Zé no meio daquela bagunça?- pensou-. Foi subindo a avenida Goiás olhando bem as pessoas. Ninguém conhecido. Povo sem educação, esbarrava nele quase o derrubando. Apertou bem sua matula e seguiu observando. Nisso passa um caminhão com o desenho de frango na porta e umas letras que ele não conseguiu ler, mas parecia o mesmo que entregava frango no seu armazém. Seu Pedro saiu correndo atrás do caminhão, correu muito, as pessoas lhe atrapalhavam, caiu. Voou farofa por todos os lados, o café derramou, só sobrou a água. As pessoas riam dele. O danado do caminhão sumiu, não sabia o que fazer. Limpou a roupa e concluiu que a única solução era sair perguntando. Tanta gente, alguém poderia ter visto o Zé sim, iria perguntar. Perguntar pra mulher é mais seguro:

- Oi dona, por um acaso a senhora num viu o Zé, meu fio? Ele é um cara grandão, bonitão, trabalha num caminhão que entrega frango. a senhora viu ele?

A mulher o olhou de cima em baixo, não respondeu, seguiu sorrindo.

Seu Pedro subiu a avenida abordando um e outro, por mais que explicasse o jeito

À tardinha, o cansaço tomou conta dele. Desanimado sentou-se num banco da avenida.

Seu coração puro de pai já doía, mas a esperança era maior. Ficou olhando a multidão que ia e vinha, mas nada do Zé... Ficaria sentado ali. Bebeu sua água que se misturou com as lágrimas. Enxugou o rosto, suspirou. Descansaria um pouco para depois continuar a busca...

Como se fosse um milagre, alguém lhe bate nos ombros:

- Oi Pedro, que surpresa, esperando alguém?

Uma parenta de dona Nenzinha, prima longe, por coincidência ia passando e o reconhece ali sentado. Se abraçam, ela diz:

- Que bom encontrar você aqui, o Zé seu filho está lá em casa, vai dormir lá hoje.

Seu Pedro riu como um copo entornado, encontrara seu filho, valeu a pena a busca.

Saiu de braços dados com a prima, de cabeça alta, era o homem mais feliz da avenida...

Nada é impossível, quando se tem um propósito firme e se vai atrás dele...

REPARTINDO

Totó nasceu no meio do mato, entre os bichos, pés no chão, indiferente à vida da cidade. Por ter um defeito físico que lhe fazia andar mancando, sofreu muitos abusos dos outros meninos, até grandes surras.

Totó cresceu só, sua solidão era repartida com o riacho do fundo da casa, contava para ele suas mágoas, sua vontade de crescer, de ter uma perna perfeita e tudo o mais...

A meninada não perdia oportunidade de fazê-lo correr, só para ver a queda, e rir de suas pernas bobas, da sua capenguiça.

Na época da escola, foi mais difícil, todos riam dele, saíam cantando atrás dele assim: Totó caxingó, Totó caxingó... ele chorava e se escondia, até que resolveu não voltar mais à escola, apesar da surra que levou do pai. Melhor apanhar um dia do que sofrer humilhações por dias seguidos.

Aprender a ler pra que? Para conversar com o riacho não precisava das letras... O pai lhe deu tarefas pesadas como castigo, tinha que capinar a roça.

Quando chegava em casa mal conseguia comer de canseira, só descansava quando ia tomar banho no riacho, e ali sonhava que era perfeito, bonito, grande, que tinha uma namorada moreninha... E ele sonhava, sonhava, até que a mãe lhe chamava.

O tempo passou, Totó tornou-se um homem. Tez fechada, barba cerrada, parecia que toda a amargura da vida lhe estampava no rosto. Baixinho, mancueba, não arrumava amigos, nem namorada.

Algum fim de semana ia para o povoado do Cerradão, andava para lá e para cá, depois, cansado voltava e ia para a beira do rio, sempre só.

Um dia seu pai lhe diz que precisa se casar, adquirir família, pois já contava com seus 31 anos, não podia ficar só. Comentou sobre uma família que se mudara para o Cerradão, vinda de Minas Gerais e tinha uma filha solteirona. Quem sabe se enganchava com ela, a moça se chamava Cotita.

Totó chegou no Cerradão, começou a passar na frente da casa pra lá e pra cá para ver se via a tal solteirona. Viu uma mulher morena, acanhada, que baixava a cabeça quando ele a olhava.

Sorriu para ela, tremendo diante da expectativa da reação da moça. Qual não foi sua surpresa quando ela lhe dirigiu um sorriso aberto, simpático. Ele se aproximou.

- Bom dia...

A moça riu, olhando-o de cima em baixo. Desatou a rir e não disse nada. Ele foi saindo desconfiado, pé ante pé, sem saber se ela ria dele ou para ele.

Totó ficou muitos dias sem ir no Cerradão, meio decepcionado, meio esperançoso. Até que chegou o dia da festa de São João, o povoado do Cerradão estava repleto de barracas, de gente, resolveu ir.

Vestiu sua melhor roupa, passou uma água de cheiro, montou seu cavalo e se mandou. Chegando na porta da igreja, ficou olhando o movimento de cima do cavalo. Cadê a Cotita?

Andou ao redor e nada, já estava quase descrençando de vê-la, quando alguém lhe diz em voz baixa:

- Que cavalo bunitão...

Ele olha e reconhece a Cotita. Estava toda enfeitada, sorridente, bonita apesar das falhas nos dentes. Mas não importava, ele também tinha lá seus defeitos físicos.

Totó desceu do cavalo, coxeou até perto da moça e olhou para cima, pois ele era muito baixo e ela de estatura média. Chamou-a para dar uma volta e lá se foram os dois passear nas barracas.

Cotita quase não falava, apenas sorria. Totó logo lhe propôs casamento. Ela concordou, só que ele tinha que pedir ao pai dela o consentimento.

Totó falou com o pai, que ficou muito alegre, não se sabe se pelo fato do casamento, ou por se ver livre da filha...

Contrataram seu Antônio carroceiro para levá-los à cidade mais próxima para dar os nomes. Na estrada poeirenta, cheia de buracos, cada bacada que a carroça dava, Cotita se encostava nele e sorria, ele ficava hirto, duro, nem se mexia, nunca ninguém tinha encostado nele. Deram os nomes, e então seria só esperar o dia do casamento.

Quando Totó chegou em casa, correu para o riacho, tomou banho, parecia que um fogo lhe queimava o corpo, o que era isso? O riacho não soube responder. Dormiu mal, tinha visões da Cotita, na mesma hora em que era uma moça sorridente, se transformava em uma onça e lhe unhava todo. Acordou gritando, seu pai correu, conversaram e ele dormiu de novo.

Dias depois se casaram numa cerimônia simples, que acabou com um pagode de roça, só que Totó e Cotita se esconderam logo em sua casinha, ali só o riacho ouviu e guardou os segredos daquela noite de amor...

Totó se tornou um homem mais seguro, cheio de si, falava mais alto, agora tinha mulher e ela apesar de preguiçosa, era muito carinhosa.

Logo a Cotita se cansa da roça e quer mudar para a cidade, não quer morar no Cerradão.

Segundo ela, é pequeno, cheio de gente boba, ela quer morar na cidade onde se casaram, lá é bom, tem muita gente, muita coisa para se ver e acabou convencendo o marido a se mudarem.

Contrariando os pais, Totó vai para a cidade com a Cotita. Lá chegando, não tendo opção de trabalho, vai vender picolé nas ruas.

Coxeava o dia todo, empurrando o carrinho e gritando, Óh o picolé... óh o picolé... à tarde voltava cansado, quase sem dinheiro, o coração doendo de saudades da roça e do riacho, mas não podia contrariar a Cotita...

Um dia, chegando em casa mais cedo, ouve vozes no barraco, alguém estava lá, parou e escutou. O rapaz, filho do vizinho, estava com a Cotita, escutava o sorriso dela, seu coração quase parou. Será que ela está de rolo com o rapaz? Foi entrando devagarinho, quando viu o rapaz assustado, saindo de cima de sua cama e a Cotita vestia a roupa desconfiada, bem o vestido que ele lhe comprara um dia atrás. Não disse nada, chorou, chorou...

Na volta pra casa, não enxergou a estrada, as bacadas da carroça agora lhe pareciam pancadas na cabeça, não olhou mais para a Cotita, que vinha de cabeça baixa, carregando a trouxa com seus pertences.

Chegando no Cerradão. Totó entrega Cotita na casa do pai, lhe devolvendo a filha traidora.

O pai insiste em saber o que ela fez.

Ele baixa a cabeça, e gagueja: - Ela tava repartino...

- Repartino o que moço, me diga, pelo amor de Deus...

- Ora, repartino, o sinho sabe o que é, muié da gente é só da gente, num pode ficá repartino com os outro, e ela tava repartino cum vizim nosso...

O pai de Cotita entendeu a mensagem, empurrou-a para dentro, e foi lhe dando tapas, enquanto Totó seguiu, manquejando pela estrada poeirenta, com os olhos cheios d'água, agora só tinha o riacho para dividir sua dor...

MANÉ PEDRO

Mané não tem documento, não tem sobrenome, não tem casa, só alguns dentes...

Tem um ranchinho dentro do brejo, trabalha na enxada e compra pinga. Bebe até dormir por aí. Qualquer calçada lhe serve de cama.

A hérnia do Mané cresceu tanto, seu saco já está no meio das pernas.

- Como é seu nome Mané?

- Mané Luzia de Soza

- Como você sabe, se não tem documento?

- Minha mãe falou que eu nasci dia de Sum Pedro e me chamo de Mané Luzia, por causa de minha vó...

Sempre lhe pagavam cachaça para ouvi-lo cantar suas músicas desentoadas. Umas músicas de folia muito antigas, que misturava com outras. E o Mané bebia, bebia...

Fui conversar com o Mané antes dele beber o primeiro gole.

- Mané me conte sua vida.

Ele se embaraçou todo, contou que nasceu numa cidade perto de Goiás, não se lembra o nome dela, seus pais morreram e ele saiu andando pelo mundo, que se resumia entre Goiás Velho e Trindade.

- Onde você foi batizado?

- Num sei, num lembro não, mas credo em cruz, (fazia o sinal da cruz), cu num sou pagão, num só pagão...

- Mané, vamos ao médico ver sua hérnia.

- Eu nunca fui in dotor nenhum, dotor nunca pois mão ni mim. Até os dentes, arranquei cum o canivete, era só doê, eu tirava o canivete da cintura e arrancava o danado pra num pertubá mais...

- Eu vou com você Mané, ficarei por perto.

Depois de uns três meses o convenci a ir ao médico. Dr. Diong nos atendeu. Pediu para o Mané ir ao banheiro tomar um banho, ele entrou e não saiu mais. Bati na porta, ele disse que com a voz rouca:

- eu num sei mexê cum isso daqui não, a bacia é piquena demais.

O Mané nunca tinha entrado num banheiro normal, banhava no córrego e fazia suas necessidades no mato...

Quando o médico foi examiná-lo, ele tremia tanto, e olhava pra mim, desconfiado, com vergonha de tirar a roupa, virei as costas e fiquei ouvindo seus gemidos...

Dr. Diong, me diz que ele precisa de uma cirurgia urgente. Só que o Mané, apesar dos seus mais ou menos 75 anos, não tinha certidão de nascimento.

Começamos uma grande caminhada atrás de juiz, promotor, testemunhas para provar que o Mané tinha idade para ser documentado. Foi tanto trabalho, já estava quase

desistindo, quando resolvi procurar um juiz de Ivôlândia, que depois de examiná-lo como se fosse um médico resolveu autorizar sua Certidão de nascimento.

Fiquei sem entender, o Mané vivia jogado na rua, embriagado, ninguém se importava com ele, agora que queria ajudá-lo, quase não consigo, porque não existia como provar que o Mané existia, sua permanência no mundo se passava despercebida. A justiça não acreditava na existência dele, não sabiam dele, até então era só um boneco embriagado que fazia palhaçadas nos bares...

Já no cartório, brinquei com ele: Mané, vou mudar seu nome, agora vai se chamar Roberto Carlos ou Pelé. Ele ficou nervoso:

- Num pode mudá não, minha mãe me pois esse nome, vou morrer cum ele. A certidão foi feita. Manoel Luzia de Souza, 78 anos,

Agora o Mané existia. Ficou tão feliz com o documento na mão que não parava de sorrir. Fizemos cpf, título, aposentamos o Mané.

Agora é hora da cirurgia; fui para o hospital com ele, não dizia nada, só resmungava. O dr. Diong fez o milagre, o Mané ficou perfeito.

Ele se remoçou, comprou roupas, chapéu, botina, cinturão, fuma um cigarro melhor, não bebe mais pinga. Mané agora é gente... tem documento.

Sua carteira de documentos faz um volume no bolso para chamar atenção, diz pra todo mundo que sou sua mãe, não bebe mais pinga, na carteira tem dinheiro, documentos e minha foto...

LAGO DE SERRA DA MESA

Tarde nublada, o pensamento vai até onde os olhos alcançam, as palmeiras secas sobressaem. O lago enorme, parado, quieto, é o segundo maior lago artificial do mundo, Lago de Serra da Mesa. É tanta água que impressiona, o homem desafiou a natureza, juntou os rios e construiu o lago de 1.780 km². As árvores secas não mais brotarão. A água matou suas raízes. Os pescadores depredam tudo, sem pensar no amanhã...

Dentro do lago ficaram escondidas as casas, as árvores, os sonhos de muitos... o homem afundou a mão, represou os rios, forçou a natureza, as águas invadiram o cerrado e o lago existe.

A água do mundo está se acabando, o lago é uma grande reserva. Tem muito peixe, os pescadores montam as redes, o lixo acumulado às margens dá uma sensação de fim. Os bichos andam se escondendo dos tiros que ecoam em toda a extensão assustando as capivaras que pulam na água fazendo um barulho ensurdecedor. De vez em quando desce um fiscal, pega uma rede, multa alguém e vai embora, a extensão é grande, não consegue acompanhar a de predação.

O grito dos ecologistas invade a ação dos pescadores e caçadores que é ainda maior...

As árvores secas, a água turva, o monte de lixo, os tiros, as redes, o barulho dos motores, os gritos dos pássaros me fazem chorar, é só uma lágrima, mais uma gota d'água na imensidão do lago triste, fundo. Fica um apelo no grito do pato pescador, das garças que voam nos galhos secos, do veadinho que tenta beber água rapidamente para não ser visto, das capivaras que pulam na água se escondendo, fica um apelo nessa dor que rasga o peito, que insiste em dizer que a água é o bem mais importante do mundo, que se algo não for feito, essa enorme represa será amanhã somente um amontoado de lixo e tristeza, um desalento profundo, um ruir de esperanças, como um pássaro a que abriram a gaiola e já não sabe mais voar...

Alguém constrói um rancho às margens do lago, são tantas construções, tanto lixo jogado, e tudo desce para o lago. Pescadores se vão cheios de peixes, querem esvaziar o lago, triste, sem sombra. Lago imenso, forçado, é o homem desafiando as leis naturais e por enquanto impera, e assim continua a vida às margens do lago cheio de vida, que luta para sobreviver, indefeso ante à ação dos homens inconscientes que não sabem que estão matando a própria vida...

O ronco dos motores das lanchas rasga o silêncio, e mesmo assim os pássaros cantam alegres, os sons se juntam, não dá para divulgar. O equilíbrio é precário. Olhando as águas a vida parece eterna, mas não cresce, aqui o mundo se resolve, se junta à natureza que segue seu curso impecavelmente, revolta às ações dos homens. O cachorro que bebe a água não sabe do dia de hoje, da poluição das margens, só sabe

que tem sede, o homem que coloca a rede não sabe que depreda, só sabe que quer peixe.

Essa dor continua, balança o peito como a onda que o barco fez, as garças voam apressadas, já está escurecendo. A extensão me é enorme diante dos olhos, finco os pés no chão, tento ser forte, o vento varre os pensamentos, leva a esperança de um amanhã melhor, de um lago limpo, sem tiros, sem redes, sem lixo...

Nasceu uma prece: Deus, ensina-me a apreciar a vida, a ser humilde e aceitar tudo como é... (o que às vezes é impossível), me dê a força e a sintonia das ondas. Que eu ouça o som dos ventos e tenha a sagacidade das formigas, que seja humana e não critique nunca, que seja forte como o animal que insiste na vida apesar do perigo, e sensível como a flor que sobrevive na madeira flutuante... que meu barco siga nesse mar enorme e tenha a fé do lavrador que tira o chapéu em continência ao por do sol, que aprenda a preservar a vida e, acima de tudo que tenha essa paz das grandes águas paradas...que tenha um pouco da humildade de Cristo que se fez pequeno para a mentalidade deste mundo e com isso manteve ilesa a liberdade dos homens....

CAUSOS E HISTÓRIAS

Sinvaline Pinheiro

A poesia existe dentro de cada ser que respira. A poesia está no ar, na água, na vida. O poema se faz no arfar do peito. Existem poetas maiores e menores e dentre os maiores há um que arranca a essência da coisa e a faz infinita, acessível a todos nós. Uma lágrima sempre vem ao reler um pouco da essência de Manoel de Barros:

Hoje eu vi

Soldados cantando por estradas de sangue
Frescura de manhãs em olhos de crianças
Mulheres mastigando as esperanças mortas
Hoje eu vi homens ao crepúsculo
Recebendo o amor no peito
Hoje eu vi homem recebendo a guerra
Recebendo o pranto como balas no peito

E como a dor me abaixasse a cabeça Eu vi os girassóis de Van Gogh

MANOEL DE BARROS

APRESENTAÇÃO

“Com a morte não findam os ideais, mas sim vamos de encontro a todos os pensamentos, numa maneira mais evoluída de viver ”

(Sinvaline Pinheiro)

Os causos de Sinvaline são extraídos de sua vivência junto aos seres miúdos de uma sociedade que diferencia ostensivamente ricos e pobres, dando aos primeiros todas as prerrogativas de poder e voz. “Cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer”, predicou o filósofo Kierkegaard. Este é o caminho de Sinvaline: conviver com o mundo que a rodeia, buscando retratá-lo, retirá-lo da condição de nulidade, reintegrá-lo à própria natureza, em contraposição às forças que o destroem continuamente. Sua linguagem é um mosaico de várias línguas: a língua da roça, a do bar, a das estradas, a dos loucos, a das lembranças, a das tragédias, a do humor. E a língua da mulher que aprendeu ler e escrever levada pelo desejo de se conhecer para além dos papéis que a realidade lhe reservara (e lhe reserva). Os causos: Everte, Mãe, apesar de tudo, Pingo no " i "e Velha da Madrugada, retratam verdadeiros arquétipos humanos que a sociedade constrói e não incorpora como valores positivos. Os loucos povoam as margens burguesas que se desdobram em ondas trágicas e transformam nossas certezas em irracionalidades. Em Reflexão e Traíras, Sinvaline contrasta as forças da germinação e da destruição, com a simplicidade da boca do povo, não um povo insensível, mas o povo que ela sonha despertar pela Fé, pela palavra, gestos e pensar.

Idealista? Sim!

A publicação de seus causos é uma vitória a ser cantada.

CIDA SEPULVEDA

DOR DE DENTADURA

Zequinha gostava muito de beber pinga, mas nem todos os dias tinha dinheiro para isso.

Ficava rodeando os bares, tristonho para ver se ganhava algum gole. Contava alguma piada, cantava uma musiquinha e bebia sua pinga às custas dos espectadores.

Certo dia já estava cansado de fazer graça e não tinha bebido quase nada, saiu andando tristonho e sentou na porta do buteco do Chico. O bar estava vazio, só o dono sentado no balcão. Ficou com a mão no queixo, de cabeça baixa. Chico se incomodou e perguntou:

- Que foi Zequinha? Ele gemeu:
- Tô cuma dor de dente danada...
- Quer um golinho de pinga pra ver se miora?
- Quero sim, às vezes resorve.

O Chico lhe levou uma dose de cachaça e Zequinha bebeu tudo de uma só vez. Mas como queria mais, continuou sentado com a mão no queixo.

Daí meia hora o Chico disse:

- Mas moço, seu dente não sarou ainda? Quer mais cachaça? Zequinha concordou balançando a cabeça.

O Chico pensou, foi até o balcão, tornou a olhar para o Zequinha e decidiu: lhe daria logo um copo cheio de pinga e se veria livre dele ali na porta com aquela tristeza, podia atrapalhar a freguesia.

Zequinha bebeu a pinga de uma vez, tossiu, riu e já levantou meio alto, cantarolando; a melhora foi automática.

Foi para perto do balcão onde estavam dois fregueses e ficou falando besteiras. O Chico ficou olhando desconfiado e pensando: será que esse marvado tava com dor de dente mesmo? E perguntou:

- Zequinha, qual dente que estava doendo mesmo?

Mais que depressa, o Zequinha tirou a dentadura e colocou em cima do balcão e foi apontando os dentes: não sei se era esse, ou este...

Enquanto todos caíam na gargalhada, Chico pulou o balcão com um porrete, xingando:

- Disgraçado, ocê me paga....

Zequinha encontrou forças para correr e nunca mais apareceu naquela venda.

VELHA DA MADRUGADA

Incrustada no meio do cerrado goiano, a pequena currutela guarda histórias, estórias que nos fazem rir ou até mesmo chorar.

Assim, em certo arraialzinho goiano, do qual prefiro não citar o nome, as coisas aconteciam na calada da noite, no silêncio onde só as corujas noturnas davam notícias.

O povoado tinha poucas moças, todas recatadas e vigiadas pelos pais, os rapazes tinham que ir à cidade mais próxima para ter contato com mulheres onde pudessem satisfazer seus instintos sexuais.

Mas quem sabe no silêncio noturno havia alguém que pudesse satisfazer certos rapazolas desejosos de prazer, nem que fosse uma velha senhora de 75 anos?

Aí, o Titico não perdeu tempo, levava leite pra ela, batia papo, a amizade cresceu, ouviu contar que alguém a visitava nas escuras da noite, e que tinha sido muito bom, resolveu tentar...

Foi uma vez, ai, ai, ai... bom demais, a segunda, a terceira, quando já estava se acostumando, a velha começou cobrar,:

- Ocê vive nos bailes, porque não dança comigo?
- Não dá, o povo desconfia, vai ser uma gozação danada.
- Tá certo, mas de vez em quando traz pelo menos um guaraná pra mim.
- Tá, eu trago sim, fique tranquila.

Titico ia para as festas, dançava, namorava e depois sorrateiramente ia apagar o fogo com a velha, e sempre se esquecia do guaraná...

Certo dia o barulho do baile não deixou a velha dormir, andava na casa de um lado para o outro, foi até perto sentir a vibração da festa, a solidão era demais; voltou e ficou chorando sem conseguir dormir.

Falava sozinha: que desaforo! Dança, bebe com as outras, depois vem desafogar ni mim.

Hoje ele me paga!

Lá pelas madrugadas, o Titico bate na porta, bate uma vez, duas, nada... Quando derrepente a janela abre e a velha começa a gritar:

- Safado, se manda daqui!

Com a gritaria a vizinhança acorda e as cabeças espiando escutavam:

- Titico cachorro! Cumigo ocê num trepa mais! Fica numa boa pagando guaraná, balinha pras moças novinhas, na hora de desafogar, vem em cima de mim! Fora!... Fora...!...

Titico saiu correndo, tentando se esconder, só se ouviam as risadas dos curiosos e os gritos da velha na madrugada.

O RETRATO

O canto dos pássaros se estende pelo cerrado a fora. O sol vai se pondo fazendo no céu um espetáculo sem igual.

Na casa de pau a pique a família está reunida depois de um dia de labuta. Dona Fiinha prepara o jantar, o fogo crepita soltando faíscas animadas, o cheiro do feijão fervendo faz com que o cachorro fique por perto olhando...

Seu Altamiro enrola um pito de palha e olha para os oito filhos, imaginando como cresceram depressa...

Coça a barba e fica imaginando quando todos se forem, ficando só ele e a mulher, e vem um pensamento: nunca tiraram um retrato, se algum faltar não terão nenhuma lembrança...

Vai para a cozinha, senta no rabo do fogão, ascende o pito e diz para a mulher:

- Óia sô, tava imaginano que nós nunca tirou um retrato desses minino...já tá passando da hora, que cê acha?

- Ora Tamiro, bem que eu lembro disso, mas tá tão difícil tirar um retrato, não tem nem um retratista que passa por aqui, e além do mais os minino num tem roupa nem carçado suficiente para tirar retrato...

- Na roupa e no carçado eu do um jeito, o retratista é que é...

Foram dormir preocupados, como o tempo passava rápido, dali a alguns dias os filhos tomariam rumo na vida, sim, precisavam de uma fotografia para guardar de lembrança. No outro dia passou o mascate e deu notícia de um retratista que vinha na Fazenda Grande, a 2 quilômetros dali, no dia da missa.

Seu Altamiro muito alegre correu para dar a notícia para a esposa:

- Fiinha, óia só que coisa boa, o retratista vem no retiro do Toizim dia da missa...

- Divera, Tamiro? Até que enfim, vamo tira os retrato dos mininu, sô!

Chegou o dia da missa, levantaram de madrugada para os preparativos da missa e para a pose do retrato tão esperado...

Dona Fiinha arruma a meninada, veste daqui, penteia dali, os calçados nos pés só quando chegassem na Fazenda Grande, iam descalços para não estragar os sapatos novos. Mãe cuidadosa olha tudo, cabelo, orelha, roupas, os calçados, está faltando um...

O menino de oito anos procura o outro pé e não acha...

- Mãe! O Marin está cum o outro pé do meu sapato, fala pra ele me dá..

- Pra que ocê pegou o pé de sapato dele Marin?

- Num achei o outro pé não, mãe...

Dona Fiinha confere, confere, sim faltava um par de sapatos. Chama o marido.

S. Altamiro coça a barba e diz: - É que o dinheiro num deu pra comprar dois par, então na hora de tirar o retrato cada um carça um pé para num ficar feio...

A meninada concorda, afinal queriam ir logo, e batem em retirada cantarolando pela estrada a fora.

Daí a 60 dias o retratista entrega uma foto preto e branco com toda a família em pose diante de um lençol branco, as crianças de sapatos novos, todos alegres admiravam o retrato, tão emocionados estavam que o detalhe dos dois mais pequenos cada um com um pé de sapato não fez diferença, o que lhes importava é que conseguiram tirar um retrato, marcando esse momento juntos. A história da família fora perenizada naquela foto.

A CHALEIRA DE FERRO

Domingo de maio, perambulando pela feira livre, olhava as pessoas, quando me deparei com ela, aliás parece que fui atraída, é como se me esperasse ali naquele momento: uma velha chaleira de ferro, preta, grossa de carvão. Depois de especular um pouco, por um preço razoável, ela se tornou minha.

Já em casa, coloquei-a em cima da mesa e fiquei admirando suas formas; imponente com seu bico altivo parecia querer dizer algo...

Fui entrando na vida da chaleira, ou pelo menos tentando...onde ela viveu? Quantas pessoas beberam água fervida por ela? O ferro de sua estrutura guarda segredos de pé-de-fogão, por sua aparência, creio que a muitas décadas, talvez séculos...

Como se voltasse no tempo me vem a lembrança da infância, imagens congeladas de muitas manhãs, o fogo aceso trepidando, a chaleira de ferro com água borbulhando e eu sentada no rabo do fogão, queixo nos joelhos, atenta esperando o café que minha mãe fazia, conversando comigo. Um cheiro gostoso exalava no ar quando a chaleira entornava no bule, o café estava pronto para alegria da meninada.

A chaleira continuava sempre cheia de água fervendo para o almoço, para o lanche, para o jantar, o fogo em brasas conservava a água quente pela noite a fora, parece que a vida era eterna, tudo era mágico, tudo tinha um toque de fantasia, a vida era feita de pequenas coisas tão grandes, só agora sei.

Diante da imagem da chaleira continuo sentindo o calor daqueles dias, sua imagem de ferro guarda muitas histórias, sentimentos que fluem, trazendo doloridas doces saudades...

A vida da chaleira é cheia de histórias, a chaleira da minha mãe, essa que está à minha frente e tantas chaleiras pelo mundo a fora. É como se um objeto pudesse guardar misteriosamente dentro de si, memórias que vem à tona tão claramente diante de uma simples observação.

Essa chaleira agora faz parte do escritório, junto de meus velhos livros. Passo o dia perto dela, e sei que está guardando outras histórias, armazenando tudo para daqui a muitos anos, talvez, décadas, mesmo que já esteja desgastada, quando alguém a observar de perto, ela contará a esse alguém histórias, como me contou, que trarão de volta um tempo humano e eterno.

FÉ

Mês de junho, o frio mudava os costumes do pessoal do cerrado. No rancho tudo calmo, muita paz, a noite era propícia para dormir. Maria dá uma olhada em tudo, tampa as panelas sob o fogão ainda em brasas, vai até a cama dos filhos que dormem como anjos...

Ah, até que enfim ia deitar, a vida da roça para uma mulher não é nada mole, pensava ela.. mas a vida era assim mesmo, era sua sina, no entanto gostava dali, seus filhos cresciam robustos, alegres, o marido trabalhava pesado, mas tinham fartura e....e... adormeceu.

Lá pelas tantas, acorda gemendo:

O marido assusta:

- Que é muié?

- Sô, tô com dor de dente, precisa um remédio pra mim.

O marido levanta resmungando, tiritando de frio, revira tudo e nada de remédio.

- Muié, num achei nem um comprimido, cê sabe onde tem?

- Acho que acabou os remédios tudo, ocê vai ter que ir na currutela buscar, num tô agüentando de dor....

- Mas, sô, tá frio demais, andar 5 km a pé uma hora dessa....

Maria continuou gemendo, chorando. O marido coçou a barba, pensou, pensou e disse:

Ah, me lembrei, guardei uns comprimidos ali, vou pegar..

Vai logo moço, tá doendo demais Toninho sai apressado, faz o nome do pai, vai até o saco de feijão pega dois caroços e um copo com água e leva para a esposa:

Toma muie, em nome de Deus, ocê vai sarar...

A mulher pegou os dois comprimidos, digo, caroços de feijão e engoliu de uma só vez.

Respirou fundo e deitou.

O marido, apagou a luz e ficou com os olhos abertos rezando:

Me perdoa minha Nossa Senhora, mas tá fazendo muito frio..

Ficou ouvindo os gemidos da esposa, que aos poucos foram baixando até parar de vez.

Levantou a cabeça, a cobriu direito, e dormiram tranquilos.

Cedinho levantam para a lida, ele a olha desconfiado e pergunta:

- E aí, miorou?

- Tô boa, mas que comprimido é aquele que ocê me deu? Foi bom demais guarda o nome pra gente ter sempre ele em casa...

O marido concordou e seguiu sorrindo, cantarolando e pensando: Ah, se ela soubesse que tomou dois caroços de feijão...

PINGO NO "I"

O jeitinho dos políticos para resolver certos probleminhas e se saírem bem perante a opinião pública não é de agora. Dizem que há muitos anos atrás, já existia o manejo político entre os candidatos para se livrarem dos apertos diante dos eleitores que sempre estão à caça de favores.

Um certo coronel candidato a prefeito numa curruetela no interior de Goiás recebeu um pedido de emprego de um peão que ia para a capital. O rapaz humilde, criado na roça, resolveu se aventurar na cidade grande, procurar emprego, mas sendo recomendado pelo coronel, certamente tudo ia ser mais fácil e então pediu:

- Ô seu coronel, será que o sinhô pode me apresentar lá na capital, pra eu arruma um serviço, pode ser qualquer um, quero é um emprego!

Claro, moço, pode contar comigo. Vou escrever uma carta para o deputado meu amigo e ele vai lhe servir na hora. -disse o coronel candidato.

- Que bom, muito obrigado, o sinho não vai perder cumigo, minha família vai votar tudinho no sinho...

- Certo, certo, moço, venha pegar a carta mais tarde.

O moço saiu todo animado para contar aos amigos e a família, já estava se sentindo empregado.

O coronel chegou em casa chamou a filha e disse:

Escreva uma carta aí para o deputado pedindo um emprego para uma pessoa, mas não coloque pingo no "i".

- Por que? Perguntou a filha

- Ora, é uma combinação que eu fiz com ele, não se esqueça não pode colocar pingo no "i". O coronel responde sorrindo:

Nós combinamos que quando eu mandar um pedido com o "i" pingado, ele atende, se o "i" for sem pingo, ele não atende. Ambos caíram na gargalhada.

A moça escreveu a carta com o cuidado de não pingar os "is", como o pai tinha pedido.

À tarde o moço chegou alegre trazendo de presente uma leitoa para o candidato, afinal ele merecia. Pegou a carta, abraçou o coronel, agradeceu muito e se foi cantarolando com a carta no bolso, jamais poderia imaginar que aquela carta não tinha os pingos no "i", e que era vítima de uma grande malandragem.

Hoje os candidatos tem mais mecanismos para enganar, a tecnologia fornece instrumentos para eles se safarem e daí o sistema político brasileiro estar assim "sem o pingo no "i".

TRAÍRAS

Quem conhece Tupiraçaba? Traíras? É um nome esquecido que ainda vive na memória de alguns e de poucos habitantes que insistem em ficar sob as ruínas dos velhos casarões.

O português Manoel Tomar fundou o arraial, onde encontrou ouro em abundancia no rio Traíras, daí o nome o povoado, que depois passou a se chamar Tupiraçaba, nome que nem mesmo alguns moradores tem conhecimento. Isso no ano de 1735, que se tornou o centro da mineração goiana, chegando mesmo a hospedar D. Pedro II, o qual despachou na cidade por 24 horas. Na época circulavam por lá quinze mil garimpeiros.

Traíras hoje guarda a lembrança de momentos dourados. A casa onde Dom Pedro se hospedou já caiu a metade, o restante pende para o fim, se não forem tomadas providencias urgentes. Dona Nica mora na casa e assim a protege na luta contra o tempo.

O Cartório Civil é hoje residência, onde o morador tenta conservar intacta as paredes, o telhado, porque espera receber uma recompensa por isto, senão já a teria derrubado. As mangueiras no quintal têm um porte frondoso que abriga historias de 270 anos de existência.

As grandes construções de pedras foram depredadas na busca de ouro enterrado, ainda resistem algumas paredes e os velhos casarões que resistem ao tempo, onde algumas famílias habitam, escorando as paredes, o telhado, porque esperam receber alguma indenização do governo por conservarem esses monumentos.

A antiga igreja construída pelos escravos só resta uma parede que o tempo e nem os caçadores de tesouros enterrados conseguiram derrubar: é uma construção com paredes de mais de meio metro de espessura que resiste em meio ao matagal e à curiosidade de muitos. Seu Chico diz ter encontrado no solo desta igreja um mascara de ouro e a vendeu para um senhor de Brasília. Ele guarda os ferrolhos da antiga cadeia publica, onde hoje no local existe uma quadra de esportes.

Segundo seu Chico a cadeia foi queimada com os presos dentro no ano de 1910. A forca foi destruída pelos moradores.

O cemitério que antes era a primeira igreja de Trairas, a igreja do Senhor Bom Jesus, é um local abandonado, ainda se lê em algumas das lápides datas como 1830, 192º, etc. não existe nenhum nome do capitão Sarzedas, que segundo a historia foi enterrado neste cemitério.

Os moradores dizem que ainda en contram ossadas humanas por todo o povoado. Sempre que alguém cava em algum lugar, é possível se encontrar uma. Seu Chico diz que há uns 20 dias atrás foi fazer um buraco no quintal e encontrou pedaços de esqueleto humano, enterrando-os novamente. Ele conta que sua amiga sonhou que

tinha um ouro enterrado na antiga igreja do Rosário e por isso foram lá cavar.

À medida que foram cavando foram se descobrindo quadrados de aroeira com números em seqüência, ele desenterrou o n.º 17, tal qual não foi sua surpresa, ao ver que o tesouro enterrado consistia em ossadas humanas.

Quanto à Igreja do Rosário, essa atingiu o clímax da depredação. Só existem algumas paredes de pedra, os moveis, baús, santos, sino, foram levados para a cidade de Uruaçu. Os moradores contam que havia até um baú com coroas de ouro e pedras preciosas, 4 castiçais de ouro, imagem de Nossa Senhora da Conceição. Esse caixote possuía 3 travas de ferro, uma chave enorme, era necessário a força de 3 homens para abri-lo. Um senhor de 80 anos que cuidava da igreja passou mal logo após os bens serem retirados e morreu.

Essa igreja foi tombada pelo IPHAN e como o tombamento ficou só nos papeis, o que funciona dentro dela é um chiqueiro de porcos. Essa igreja foi depredada em 1966.

São muitas historias, às vezes fantasiosas como a do ouro que corre nas ruas após as chuvas, mas todas guardam um fundo de verdade.

No povoados não há escolas, hospitais, farmácias, os habitantes mais ou menos uns 120 vão à Niquelândia (10km) a pé ou de carona, quando passa algum carro por lá.

O sonho dos moradores é de que o patrimônio seja restaurado, eles teimam em morar lá na esperança de que um dia as autoridades reconheçam o valor histórico do lugar e preservem o resto dessa grande riqueza cultural que aos poucos está desaparecendo, se não fosse o empenho dos moradores, já não existiria nenhuma parede de pé.

A história de Traíras retrata bem o descaso brasileiro quanto à preservação dos monumentos culturais do país.

Este povoado guarda marcos do inicio da colonização de Goiás e tem sob suas ruínas historias que um dia poderão servir para o resgate de nossas verdadeiras raízes.

Que as autoridades competentes se conscientizem e que sejam tomadas providencias urgentes para se resguardar o resto da memória desse patrimônio que é também a memória do Estado de Goiás, da historia do Brasil e do mundo.

PESCARIA

Uma tarde quente de outubro, os pescadores se aventuram em busca dos peixes. Na enorme extensão do Lago de Serra da Mesa, eles se escondem fazendo com que os pescadores andem de um lado para o outro, só fisgando algum de vez em quando.

Quem se arrisca a ficar na margem arremessando, sempre leva a melhor.

O matreiro do Wilson conseguiu pegar um tucunaré médio enquanto o Nenen e o Gilson andavam com a canoa no meio do lago. A canoa do Nenen voava pra lá e pra cá e nada de peixe. Resolveu parar num canto de modo que avistava o Wilson lá na margem onde ficara pescando

Este levantou sua presa mostrando aos companheiros e gritando alegre:

- Olha o tamanho desse bichão!

- Os outros não deram bola, continuaram tranquilos sua busca pelo lago.

Daí a pouco ia escurecer, ele sozinho ali na margem, e os sucuris? Ontem mesmo ouvira contar de um que laçou a perna do pescador que cochilava na canoa, se não é alguém ouvir os gritos, o coitado estaria pimbado...Precisava achar um jeito...matutou um meio de engana-los.

Wilson mais que depressa pegou o tucunaré que havia fisgado, colocou de novo no anzol e o fez descer à água. Ficou de pé, puxando como se tivesse pegado um peixão e gritava:

- Oba, oba...mais um...

Os amigos arregalaram os olhos: o Gilson diz:

- Será que na margem está melhor?

- Que nada! Diz o Nenen-vamos ficar aqui mesmo.

Dai a pouco o Wilson começa a gritar de novo, fisgando outro tucunaré grande e comemorando:

- Mais um....e mais um pulando de alegria.

Nenen e o Gilson se entreolharam, o Gilson diz:

- Nossa Nenen, deve ser um cardume, vamos para lá correndo.....

Não perderam tempo, enquanto um pilotava a canoa o outro já ia colocando as iscas para não perder tempo.

Lá chegando se depararam com o Wilson que não parava de rir: conseguira enganar os amigos, já era quase noite e ele não estava mais sozinho.

REFLEXÃO

O vento sopra frio, as flores do caju entram pela casa trazendo notícias de bons frutos. Tudo é sinalizado ao som do tempo que não existe, a não ser na cabeça dos homens. Tudo é infinito, as águas do Machambombo correm levando o lixo, os detritos, vão procurar um lugar mais limpo onde vão depositando nas margens a sujeira que não lhes impregnou.

Ficou sujo foi quem jogou o lixo, ficou pobre, só, sem água para lhe matar a sede, a natureza não compartilha das conseqüências que lhe causam os homens. Ela é imune, renasce sempre, procura quem lhe quer de verdade, deixando à mercê de seus atos os homens que lhe maltratam, sem saber que no fundo matam a si mesmos...

A mulher joga o saco de lixo, limpa as mãos, levanta a cabeça e se vai certa de que está tudo bem, Deus não a deixará ficar sem água...

Uma flor solitária pulou na correnteza, querendo fugir também...as pedras enormes testemunham tudo, caladas, o lodo sobre elas registra as ações impensadas.

Alguém tem os olhos tristes, profundos, é mais um contra uma multidão. Grita, grita, não ouvem sua voz, já ficando rouca clamando pela natureza que chora junto com ele.

Os homens continuam surdos, indiferentes, se deterioram inconscientemente...

Fica agora uma sensação de vazio, não podemos ser felizes aqui, não podemos dormir um sono tranquilo diante de tanta devastação...

Fica um grito no espaço, uns olhos que choram, uma mão levantada para o alto pedindo clemência e um mundo de indiferença que contrasta com a luta incansável dos defensores da natureza.

Um outro mundo dentro desse mundo violento, indiferente à vida que brota a cada segundo na força da semente que germina, na voz dessa gente simples, no som da flauta, no olhar distante e firme, na voz contagiante, no desafio das árvores que se vestem de flores magnificando o cerrado que insiste em viver, apesar de tudo...

ACIDENTE NO CERRADO

Os acontecimentos com o povo do cerrado, às vezes, fazem sorrir, mas também chocam.

No interior de Goiás, na região de Mara Rosa, um incidente com a família marcou tragicamente toda a população.

Criança gosta de mexer em ninhos de passarinhos. Quando é a época dos periquitos, sempre querem mexer em ninhos.

No fundo do quintal da casa, um ninho de periquitos chamou a atenção dos irmãos, um de 7, outro de 8 anos de idade. Resolveram ir tirar os filhotes. O mais velho subiu, enfiou a mão e deu um grito: Ai, maribondo me picou aqui! E já tratou de descer correndo com a mão para cima: ai, ai...

O outro deu uma olhada na mão do irmão já vermelha e disse:

- Você é muito mole. Vou subir e pegar os filhotes. Não tem nada de maribondo aí! E subiu apressado... Enquanto isso, o outro filho corria para casa, chorando. Dizia à mãe que dava banho em uma bacia na irmãzinha mais nova de 6 meses.

- Que foi, menino?

- Um bicho me picou, tá doendo demais! E falando assim já foi caindo desmaiado e sangrando a boca...

A mãe, que nem louca, ouvia os gritos do outro filho que vinha também correndo, chorando e dizendo:

- Ai, ai mãe! Um bicho picou meu dedo! Ai, ai!

E o outro filho também já caía desmaiado e sangrando a boca. A mãe, que nem louca, gritava:

- Socorro, me ajudem! Meus filhos estão morrendo! Enquanto isso, a pequena caiu na bacia e se afogava...

O vizinho mais perto estava a 1 km, ouviu os gritos e veio a cavalo acudir.

Quando chegou viu que os dois meninos já estavam quase mortos. Tentou acudir e assim esqueceram da pequena.

Já passado uns 40 minutos, a mãe se lembrou da pequena e quando chegou ela já estava morta na bacia.

O carro que veio socorrer levou as três crianças para o hospital mais próximo. O médico já não pode fazer mais nada. Uma afogada e os dois maiores vítimas de veneno de cobra.

Assim, foram veladas as três crianças juntas. Um acidente que ficou marcado na história do povo da região.

CASA DE VÓ

A criançada sonha com o dia de ir para a casa da vovó. Lá tudo é livre. Gritar, ficar descalço, brincar à vontade. Nunca há reclamações. E a comida? Nada é proibido. Dá até para fugir de vez em quando, ainda mais quando se mora perto, como é o caso desses dois que só precisavam atravessar a rua para chegar nesse paraíso. Daí, não perdiam tempo, mesmo com a proibição da mãe:

Óia, meninos, não é para ir comer na casa de sua vó todo dia. Ela já tá velha, cansada, não dá para ficar tratando dessa mininada o tempo todo!

Mal a mãe virava as costas, eles arranjavam uma desculpa para ir e atravessar a rua.

Um dia, parece que o almoço, que sempre saia mais cedo, estava cheirando mais.

Se olharam, mas não queriam desobedecer à mãe. Continuaram brincando.

Logo, o Rivaldo sente falta da irmã mais velha: a Ni. Chegou devagarinho, pelos fundos, na casa da avó, e deu de cara com ela, já com um prato na mão, comendo. Parou na porta e ficou olhando por um tempo e depois disse:

- Vou contar para a mamãe que ocê tá cumendo na casa dos outro... Nisso a vó vai chegando e diz:

- Larga de chieira, minino! Entra e vem comer também!

Rivaldo, desconfiado, olha para os lados e diz depressa:

- Num tem cuié!

A vó, sorrindo, o abraça. E foi mais um dia de almoço na casa da vó.

DÍVIDA

A casa está à venda. Vou olhar, quem sabe dá negócio...

Aparece uma mulher magra, pálida, o rosto marcado pelas olheiras, e um menino, de uns 5 anos mais ou menos, tem o semblante marcado também. Já não parece mais uma criança...

Pergunto o preço da casa. Ela me manda entrar.

Na sala, fotos na parede. Destacam-se as fotos de um homem sempre rodeado de muita gente, em mesas de bar. Havia várias fotos. Em todas elas estava sorridente, sempre com um copo na mão, brindando com alguém.

Olho a casa, discuto o preço. A mulher diz que quer vender para pagar umas dívidas. Seu marido faleceu, deixando muitas contas. Só vendendo a casa poderá saldar essas dívidas.

Admirada, indago o porque da morte. O marido parecia tão jovem...

Ela olha uma foto demoradamente, me diz que ele morreu com cirrose hepática. Era alcoólatra. Tinha um bom emprego, muitos amigos. Só que com o tempo perdeu o emprego e os amigos.

Dependente do álcool bebia, brigava, batia nela e no filho, até que ficou muito mal. Não conseguia comer, nem dormir direito. Para sobreviverem ela foi lavar roupa e com o dinheiro comprava pinga para ele. Se não bebesse ficava pior... Até que entrou num estado crítico, vindo a falecer.

Precisava vender a casa para pagar as dívidas, inclusive a dívida da funerária...

Sim, venderia a casa para pagar as contas. Mas o que fazer para resgatar o sorriso de seu rosto, o brilho nos olhos da criança, para pagar a dívida maior da vida, um débito impossível de ser saldado...

EVERTE

As ruas de Uruaçu sem o Everte não são as mesmas. Anda cumprimentando todos, dá notícia de tudo à sua maneira. Seu trabalho é de distribuir folhetos de propaganda pelas ruas, e assim ele propaga também seu carinho...

A história da vida do Everte é paralela à história da cidade. Ele acompanhou quase tudo no seu olhar de enxergar e entender o mundo...

Everte é o maior analista político da região. Sabe tudo a respeito de cada candidato e aí daquele que fizer algo para desmerecer sua atenção. Rapidamente ele faz comentários contra esse candidato em toda a cidade.

Defende seu candidato, seja quem for, briga por ele, porém se algo o convencer que esse político não presta, automaticamente muda de opinião e começa a divulgar outro.

Nos meses que antecedem às eleições, ele vai para a rua mais cedo e só volta à noitinha. Precisa estar a par de tudo o que está acontecendo...

Para ele a vida é eterna. Se admira muito quando alguém morre. Fica calado, se emociona, não sabe o que dizer. Talvez, em sua vida, o acontecimento mais marcante tenha sido a morte, de quem quer que seja. Quando sabe que alguém morreu fica à frente da casa, muito consternado. Se alguém sorri, fica com raiva. Diz que é falta de respeito.

No dia de finados é o primeiro que chega ao cemitério. A sepultura do seu pai é um lugar sagrado para ele.

Ficou na escola por muitos anos, desistiu. Não aprendeu a fazer nenhuma letra, mas aprendeu a gostar mais da política. Quando contava já com 45 anos, voltou para a escola. Foi uma grande aventura para ele. Apesar de não entender nada queria estudar. Na sala de aula, coçava o nariz, riscava o caderno com raiva, não aprendia mesmo. Só que não admitia. Estava aprendendo, era o que dizia. O relógio, reluzente no braço, fazia com que as pessoas lhe perguntassem as horas. Ele resmungava, estendia o braço, dizendo:

- Oia aí! Tô sem óculo, num enxergo direito...

E assim ele se livrava de mais um aperto. No final do ano, na festa de entrega dos diplomas, a professora lhe dá um. Só que é de faz-de-conta, só para ele não se decepcionar.

Pulando de alegria, pega o canudo como se fosse um tesouro e sai pelas ruas mostrando para todas as pessoas.

Chega em casa sorridente, mostrando o diploma. Sua madrasta lhe diz;

- Que bom, Everte! Agora você tem diploma! Aprendeu a ler mesmo?

- Claro que aprendi. Num sou burro. Num tá vendo meu diploma?

A madrasta faz um desafio:

- Já que aprendeu, lê o que está escrito aqui! (aponta uma folhinha na parede).

Everte coça o nariz, esfrega os olhos, resmunga um pouco e dá as costas.

- Que está escrito na folhinha, Everte? (insiste a madrasta)

- Ah, num vou lê isso não. Acabei de jantar agora. Faz mal.

E assim ele sempre se livrava dos apertos. Sempre tinha uma desculpa para tudo.

Hoje, o Everte, já de cabelos brancos, os passos mais lentos, todos os dias sai com um pacote de folhetos para distribuir. Não deixa cair um no chão, não entrega para crianças, diz que jogam foram sem ler. A responsabilidade só termina quando entrega todos, e aí vai receber o dinheiro que não sabe contar. Uma nota de dez para ele tem menos valor que 5 notas de um. O que vale é a quantidade de notas.

Não é velho, nunca ficará velho, segundo ele. Diz dos outros assim:

- Fulano está muito véio. Vai morrer logo, não é mesmo? Cê viu como cicrano tá véio?

A gente tem que confirmar, senão ele fica insistindo.

E assim a vida vai passando, mas para o Everte ela é uma só. O tempo não muda. Ele é eterno nos seus passos diários pelas ruas de Uruaçu...

MILAGRE NA ESTRADA

São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo. Uma tarde de chuva fina. Seu Waldemar toca a carreta com uma carga pesada de frigorífico. A família estava com ele, os filhos e a esposa.

Uma curva perigosa e a carreta tomba por cima de outro carro, uma calamidade. Seu Waldemar quebrou as duas clavículas. Sua esposa desmaiou com um corte na cabeça. As crianças, pequenas escoriações. Vão todos para o hospital, são medicados.

No hospital, deram por falta do Ivan, o caçula de seis meses que ainda engatinhava.

Procuram no berçário, nos quartos, nada. Não encontram o pequeno.

A policia rodoviária ajuda na busca. Voltam ao lugar do acidente, procuram nos arredores, perguntam, mas nem sinal do Ivan.

O delegado põe a mão no ombro do Waldemar e diz:

- Sinto muito, mas ele deve ter ficado preso debaixo do caminhão.

O pai encheu os olhos d'água e ficou olhando a carreta tombada. Os policiais chamam outros homens para desvirar a carreta. Seu Waldemar não ouvia, não falava, só chorava.

De repente, como num sonho, o Ivan sai engatinhando de dentro dos ferros amassados, ensanguentado, mas não muito machucado e ainda chamando o pai.

Ninguém conseguiu dizer nada. Emocionados, acabavam de presenciar um milagre.

(Relatado por Divania Aparecida Iank - Governador Valadares - MG)

MÃE, APESAR DE TUDO...

A figura é bem conhecida por todos. Negra, alta, suja, banguela. Os peitos, enormes, descem até à barriga. Amarra um pano na cabeça e sai às ruas pedindo esmolas.

À noite, deita em qualquer calçada e dorme sob o efeito da cachaça, que lhe deram como esmola.

Alguém se aproveita disso e a engravida. À medida que a barriga vai crescendo, ela a apalpa e sorri. Parece entender que tem um filho ali. Acaricia o ventre sorrindo, balbuciando algo incompreensível.

A praça foi o lugar do parto. O cordão umbilical foi cortado nos dentes. O neném chorou e ela o escondeu debaixo das saias sujas. Quando o dia clareou, sorratamente, ela desceu as ruas e lavou o bebê nas águas poluídas do Machambombo. Quando ele já estava limpo, o embrulhou em suas anáguas e o neném se saciou no leite dos peitos enormes, cheios de leite.

O bebê fez com que ela ficasse numa posição de ataque. Ninguém chegava perto. Talvez temesse que alguém lhe roubasse a criança. O ciúme era tanto, que poucas pessoas conseguiram ver o rosto dele. Só ficou conhecido mesmo, quando começou a acompanhá-la pelas ruas, pedindo comida.

Quando o menino já contava com mais ou menos oito anos, alguém se incomodou de ver a criança com ela pedindo. Começaram as denúncias e o conselho tutelar interferiu. Ela enlouqueceu de vez. Queriam roubar seu filho, gritou, esperneou. Mas, mesmo assim, o levaram para uma instituição que abriga menores.

Agora, ela anda pelas ruas, quase não sorri, pede mais pinga que comida. Conversa sozinha, chama o filho. Às vezes, pega o telefone público e fica falando com alguém como se fosse ele, dizendo que está com saudade... Corta o coração ver seu sofrimento, que apesar de louca, era a mãe que amava muito.

Porém ela não sabe que o filho tentou fugir do abrigo de menores em busca da mãe. Vagou por uns dias, foi à praia no litoral, o resgataram e ele está de volta no abrigo para menores. Hoje, tem os olhos vermelhos, a tez dura e distante. O pensamento longe, longe...

VIRGILINA

Um vulto na estrada poeirenta vai rápido. Sacolas, sacos, a fazem pender para o lado. Anda, anda e não chega ao fim do caminho. Seus passos trôpegos, mas firmes, mostram a força que a faz manter de pé.

Virgilina é sábia, consciente, mas estranha ao mundo dos letrados.

Sabe que esse ano é o do Espírito Santo. O mundo está entregue a ele, que tomará conta das águas.

Virgilina diz que a terra está cheia de pé redondo (automóveis) e que estes poluem, destroem tudo, até as pessoas.

Ouve no rádio as notícias do mundo, classifica-as a seu modo, deduz, põe o dedo no queixo e resmunga: Ah, minina, o remédio pra tudo está com o Dr. Estrada! Se todo mundo pusesse o pé na estrada evitaria muitos males.

E, assim, a Virgilina, com suas filosofias, vai desafiando a vida, o tempo. Não sabe até quando irá pro rancho a pé. Suas forças vão diminuindo, mas ela teima, insiste contra tudo. Fala uma piada, canta uma canção e ignora os que a chamam de louca.

Nada de louca. Ela é a mais sábia de Paraúna.

Um poema pra Virgilina:

Pura é a Virgilina,
Guardiã das serras,
Dos mistérios e dos segredos
Encravados na caverna.
Virgem, Virgilina! O lobo sai da gruta,
Dá um uivo longo. Ela liga o rádio,
Já era hora de rezar...
Virgem, Virgilina!
O tamanduá-bandeira
Sai para a caçada,
Dá uma espiada no ranchinho....
Está tudo bem com ela...
Virgem, Virgilina!
Seu cavalo velho
Solta um relincho fraco:
- Será que vamos à Paraúna?
Sacode o lombo, animado.

Virgem, Virgilina!
A bica d'água
Corre dentro do ranchinho,
Joga pingos, molha o chão e ela
Canta animada...
Virgem, Virgilina!
E começa mais um dia,
Cheio de sol, de esperança...
No ranchinho pé-de-serra,
Encravado de histórias
De uma mulher de muitas vidas...
Virgem, Virgilina!

(Para Virgilina, Guardiã da Serra da Portaria, Paraúna-Go)

MARIINHA

Sábado de manhã. No casebre, Mariinha cantarola desentoadada. Não cresceu, só tem 80 cm de altura. O marido, 1,73 mais ou menos. O filho de 3 anos já é bem maior do que ela.

Chego devagar e vejo como ela age rápido na limpeza da casa. As perninhas tortas voam sobre as sandálias deslizantes.

- Bom dia, Mariinha.

- Bom dia! Entra. Não repare. Hoje estou enrolada com essa casa.

- Não se preocupe, está bom.

- Tô contrariada, minina. Num é de ver que falaram de mim pra minha sogra?

- Falaram o que?

- Dizem que eu num obedeco meu marido, que num faço direito o que ele manda,, que num sou boa isposa...

- Nossa, Mariinha, quem disse isso? Que calúnia!

- Procê ver cumo é esse povo daqui. Ainda vou mudar prum lugar diferente, num vou criá meu fio aqui.

Mariinha baixa a cabeça. Os olhos cheios de água. Começa a estalar os dedos. Lhe afago os cabelos, ela soluça. Desabafa suas dores, seus anseios.

Ela carrega muitos sonhos dentro do corpo pequeno. Conta que ainda quer ter uma geladeira, um som e morar num lugar que ninguém cobice seu marido e que não falem dela e também quer estudar.

Arregalo os olhos, me ofereço para lhe ensinar. Ela sorri, mostrando a falta de dentes.

Nasce uma esperança. Mariinha pode ser grande ainda...

ELA

Para minha irmã

Ela era jovem, tinha os olhos verdes, cheia de sonhos... Rica de pobreza, vivia com os que não a entendiam e por isso partiu em busca do destino.

No mundo fora, ninguém lhe estendeu a mão, só lhe jogaram pedras e mais pedras.

Sozinha, perdida na vida, caminhou, sofreu, seus olhos verdes ficaram tristes. Os homens não respeitaram sua inocência e daí lhe nasceram filhos: um, dois, mais um, foram seis filhos pequeninos e frágeis e eram só seus. Careciam de cuidado e carinho.

Como matar a fome a todos eles? Seus olhinhos pediam pão, leite. Dos olhos verdes dela só saiam lágrimas. Seu abraço não cobria todos eles. Sofreu.

Ela desafiou tudo, adentrou o mundo com seus filhos. Eles eram sua rocha, seu alicerce.

O vento que soprou forte, não os conseguiu separar. Ante à tormenta do caminho ela abraçou o Cristo com fé, segurou sua cruz e andou. Ele foi a sombra na solidão da estrada, refúgio, pão e água.

Hoje, ela ainda jovem, tem um sorriso nos lábios. Removeu pedras, revirou o mundo.

Seus filhos, pequeninos e frágeis, são fortes. Por eles, ela vive e viverá.

Hoje, ela espalha sua sabedoria. Ajuda a todos, afaga cabeças, sobe montes sorridente e, apesar de todas as dores, seus olhos verdes voltaram a brilhar.



POEMAS ESPARSOS



Sinvaline Pinheiro é natural de Uruaçu. Escreve poemas, crônicas e causos. Publicou dois livros de causos pela PUC-GO, antologias pela Editora Kelps, 2002, Andes 2003, Livro Kelps, 2012, Cronista do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros.

SOB OS SINOS DO NATAL

Véspera de Natal

Emoções que ressurgem,
Que dão força para continuar, Inspiração para escrever.
Véspera de Natal,
Será que o Papai Noel vem?

Bate a sombra da angústia... Sinos tocam longe: dim-dom... Faltam meus pedaços...
Essa vida que vai enfraquecendo Como uma luz se apagando...
Onde estão os grandes homens? Grandes ideais voltam pra casa E o Papai Noel não
vem...

Que tem a saudade com esse frio?
Num mundo distante os sinos continuam... A solidão atravessa a noite,.
E o Papai Noel não aparece... Vou sair sem me machucar Vou por o sapato na janela,
Quem sabe o Papai Noel vem?

POR QUÊ?

Independentemente de mim, a vida segue seu curso.

A pele se mistura à terra, é terra também.

Como mudar o curso do rio?

Tudo segue seu caminho, me toma toda, deixando um vácuo profundo,
uma dor no peito,

mais um fio de cabelo branco, mais uma ruga...

O redemoinho leva os “eus”,

a alma (alma?) torpe, insegura, acompanha a dor e se funde...

Como mudar a realidade?

Por que sou? Para que sou? Quem sou?

Me inventaram, puseram regras,
não as sigo, sou anti-social.

Na tentativa de me descobrir, fico ridícula.

Vivo a criticar o que nem mesmo sei.

Só o instinto natural prevalece contra tudo.

Desenharam o alfabeto e eu o engoli; agora vou parindo filhos misteriosamente, não
têm pai, nem pátria, são ao meu modo.

Meus versos pagãos se alastram,
dizem que sou poeta...

Por quê?

Para quê?

Até que se cale o último homem:

Por quê?

PRÊMIO ANCHIETA DE POESIA (ANTOLOGIA)

PASTA DE SONHOS

Andei depressa entre as pessoas
Com uma pasta cheia de sonhos
Dei de cara com uma realidade dura, crua meus versos não tinham sentido ali
Elas não sonhavam
Apertei-os contra o peito e continuei
Não quiseram ler meus poemas
Sou analfabeta, não tenho diploma
As lágrimas desceram
Olhei a rua comprida
Que fazer dos meus sonhos? meu amigo vai ler e gostar
Segui cheia de esperança
Ele não tinha tempo, não viu
Para onde vou com os meus escritos?
Sei, vou para o mato fazer um ranchinho
Escrever, me desabafar...
Não prostituir a minha escritura
mas, sou uma ameaça, uma possível sem terra
Nada de ranchinho, nada, nada...
As lágrimas se misturam com a água do rio
Choquei-me de encontro a tudo
minhas vontades quebradas
Sou só, sem escola, sem nada
Tenho que viver uma vida
E morrer uma morte
Com o coração e a pasta cheios de sonhos (desabafo)

II CONCURSO KELPS DE POESIA FALADA

UM RELATO: UM TEMPO
AINDA DISTANTE



UM RELATO: UM TEMPO AINDA DISTANTE

Em um passado não tão distante, a vida se fazia com muita criatividade. Os bens úteis à manutenção diária eram produzidos com dificuldade e de acordo com a necessidade do usuário.

O memorial Serra da Mesa apresenta em sua estrutura espaços recriados que contam a história de vida da época da colonização. Exemplo da Fazenda Tradicional ou Fazenda Autossustentável, que recebe visitantes diariamente, inclusive alunos de toda a região, e ali conhecem de forma concreta detalhes do modo de vida no Brasil, na época colonial. Os visitantes mais idosos contam experiências desse tempo. São histórias riquíssimas de pessoas que participaram da vida em “um passado não muito distante”.

A casa-sede era o ponto central de toda a fazenda. Nela habitava o proprietário, mais conhecido por Coronel, e sua família. Tudo o que eles precisavam para sobreviver era produzido de forma artesanal nesse espaço.

O gado dava conta do leite, carne e couro e ainda servia como mão de obra para serviços pesados. O quintal da casa era um grande pomar que produzia laranja, manga, mamão, maracujá, banana, caju, jabuticaba, goiaba, carambola, lima etc. Grandes plantações de arroz, feijão, milho e cana. Para o açúcar, melado e outros, moía-se a cana, tirava a garapa, que era colocada nos tachos para cozinhar em grandes fornos, até ir diminuindo e dar ponto, sempre mexendo com uma espécie de concha com cabaça furada. E quando dava o ponto, tirava-se e punha na maceira e batia até dar novamente o ponto. Depois, colocava-se na forma e esperava secar. Assim eram feitos a rapadura simples, o melado, a puxa, o açúcar.

A pinga também era feita da cana. Primeiro, preparava-se a fermentação. Numa gamela, colocava-se pão cru, rapa de rapadura e deixava no sereno para azedar ou fermentar. Joga em cima milho moído, com um pouco de garapa, e deixa no sol. No outro dia, ia jogando garapa para fermentar. Depois de ferver por uns três dias, era colocado no cocho, acrescentando mais garapa de cana até encher. Leva-se para o alambique com fogo, até o vapor subir e sair por um cano (capelo) que cai numa vasilha, já em forma de cachaça.

As casas eram feitas de madeira, adobe e telha colonial comum, com um esteio de madeira. O adobe era produzido com barro (terra e água). Pegava-se o barro, fazia o abade, deixava-se secar. E, depois de seco, fazia-se a parede. As telhas, que antes eram deitadas nas coxas dos escravos, evoluíram para uma forma de madeira (galape ou guarlapo). Colocava-se o barro em cima da forma e amassava-se bem, e, depois de seco, puxava a forma e deixava a telha secar ao sol para depois ser queimada em fornos a lenha para aguentar chuva.

O colchão, naquele tempo, era tecido de algodão cheio de capim e colocado nas camas (catres). Às vezes, usava-se esteira de buriti ou talo de bananeira. O banho podia ser nos córregos (bica d'água) ou jogando água com uma cuia, ou em bacias de flande.

O sabão era de dicuada, um produto gerado da acumulação da cinza em uma espécie de feixe de varas. A cinza era bem socada e, em um orifício, ia se colocando água, que pingava em um pote já em dicuada, que acrescentada ao sebo, derretia. Corresponhia à soda.

O único produto que não se produzia era o sal. Este foi até motivo de grandes divergências entre os políticos da época. Quase houve guerra por causa do sal, que vinha do Rio Janeiro, em carro de boi.

Nas fazendas e nos vilarejos, oriundos da Fazenda Tradicional, as senhoras mais velhas faziam a vela de sebo. O sebo era derretido no fogo e um cordão de linha de algodão trançado, preso numa varinha, era molhado no tacho cheio de sebo e ia rodando e subindo o cordão até que o sebo se acumulava nele, formando uma vela. Às vezes, as velas eram feitas com cera de abelha, da mesma forma.

A vida da mulher era muito difícil, pois ela era responsável pela lida da casa, cuidar dos filhos e ainda fabricar sabão, vestimentas, pilar o arroz, torrar o café, buscar água do rio, cuidar da horta e outros afazeres. As panelas eram areadas com areia ou com uma folha grossa, como uma lixa, a sambaía. O horário de levantar era muito cedo (quando o galo canta), e dormia-se muito tarde, fiando ou costurando.

Às vezes, a mulher fazia chapéu de palha, costurava, para ajudar no orçamento da numerosa família. Dentre muitas atividades, a mulher lavava roupa e vasilha, socava arroz no pilão, torrava café e depois socava o pilão. Quando estava bem batido, passava ele na pereira. O fogão era à lenha, buscada no mato. A água era transportada em lata na cabeça, firmada com uma rudia de pano.

Normalmente, a mulher tinha muitos filhos e os partos eram em casa, com as parteiras. A parteira acompanhava a gestante desde a gravidez até o neném cair o umbigo, que era curado com azeite e fumo.

Quando uma pessoa ficava doente, era levada no banguê. O banguê era um pau comprido, que, amarrado a um pano, ficava igual a uma rede. Nas pontas do pau, ficavam as pessoas que carregavam o doente.

As doenças eram tratadas a base de plantas e, desde pequeno, aprendia-se a fazer os chás e garrafadas.



FORTUNA CRÍTICA



SINVALINE, NÃO TEM COMO NÃO TE VER

Vanusa de Queiróz Coêlho

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe mostrar um pouco da escrita da poetisa e memorialista Sinvaline Pinheiro, natural de Uruaçu GO. Nesse sentido, iremos trabalhar sob a perspectiva de que sua escrita se apresentar em forma de memória. Diante de uma sociedade destroçada por crueldades, contradições entre oprimidos e opressores, faz-se necessário coletar as confluências das memórias em versos, aqui em forma de ensaio, as quais foram ordenadas por meio das intensas composições trazidas no livro de Sinvaline intitulado: *Veze em quando vem me ver* (2019). Trarei também o referencial de memória de Éclea Bosi em seu livro *Memória e Sociedade, lembranças de velhos* (1994) e deixarei alguns versos de minha autoria em homenagens e considerações à escrita e à pessoa de Sinvaline Pinheiro. Trata-se de uma escritora que busca romper com a cisão de uma sociedade desigual, por ser promotora de múltiplos projetos socioambientais, culturais e indígenas do Memorial Serra da Mesa, onde é coordenadora. Por meio da escrita de artigos, blogs, crônicas, capítulos de livros e livros, ela nos move para a história de memórias sobre várias pessoas, sendo considerada por muitos uruaçuenses como “memorialista social” da cidade. Ao focar aqui alguns de seus poemas, espero mostrar a coesão do seu estilo memorialista.

REMEMORANDO SINVALINE

Este ensaio: *Sinvaline, Não tem como não te ver*; é uma resposta ao título do livro de Sinvaline Pinheiro: “*Veze em quando vem me ver*”; uma obra escrita com arte e paixão, em que a escritora revive suas memórias em formato de poesia.

Este trabalho justifica-se por não ter como não ver esta poetisa que fala pelos grupos oprimidos no Brasil: negros, bêbados, prostitutas, mendigos e outros povos silenciados, subalternos, invisibilizados pela sociedade. Sinvaline revela uma relação estreita com a natureza humana, com o meio ambiente, retratando a vida simples do pobre e oprimido, tendo a poesia como um ofício natural que merece todo o reconhecimento. Sua inspiração é seu ouro em pó, parido do Rio Traíra, das rochas que permeiam a Serra da Mesa e das gramíneas que lambem os rochedos da cidade de Uruaçu-GO. Sinvaline tece suas recordações, desejo, dores, espreitando mulheres, crianças, velhos e indígenas. Mesmo na vida dura, sua poesia emerge como uma semente insistente em busca de uma transcendência acerca das mazelas sociais das personagens que habitam em sua escrita. Escrita esta que é carregada de contradições em meio à beleza que celebra a natureza do lugar onde ela vive que é a “*Toca vó Quirina*”, o lugar recebeu este nome em memória à avó da escritora.

Ecléa Bosi (1994), em seu livro *Memória e Sociedade - lembranças de velhos* (1994), explica sobre escrita de memórias como faculdade épica por excelência, sendo o narrador o contador que extrai da experiência, própria ou de outros, o que ele vai narrar. A estudiosa faz referência ao texto de Henri Bergson, citando-o: “Na verdade não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON apud BOSI, 1994, p. 46). Assim, a percepção é resultante de uma interação com o sistema nervoso. Porém, as memórias não são apenas vividas, elas podem ser fruto de sonhos, relatos de histórias, casos, depoimentos, informações, leituras etc. Da mesma forma, a escritora Sinvaline faz reflexões introspectivas e contundentes com os dilemas existenciais, pois, em seus escritos, há uma memória presente de fatos que descrevem a perversão humana como a ambição, reconstruindo e desconstruindo o lugar de algoz e de vítima. As memórias, versadas a seguir, retratam o amor ao Cerrado, à natureza, ao indígena, e se manifestam como símbolo sagrado da proteção da terra contra os malfeitores e as máquinas.

Aqui o céu é particular
E a alam voa por ele.
Aqui não tem lei, nem rei,
As regras são naturais.
Corro nua entre as pedras,
Despi a imaginação.

Homens com fome de terra
Contratavam soldados armados e os tiros
Escureciam a floresta com
Dor, pólvora e fumaça...
A colônia agrícola de Ceres não cabia mais
A ordem é invadir as matas do Norte
De terras férteis e muitos rios.
Terras de Avá canoeiros, onças, pássaros e flores...
Milhares de anos eles estiveram lá,
Sem religião, sem dinheiro e sem roupa;
Cantavam a lua, a mata, os pássaros
Eram ricos e felizes...

A terra é sagrada, a criança é símbolo de vida futura
e o velho é símbolo de sabedoria.
O “homem branco” é pequeno ante grandiosidade do saber
indígena.

Ser chamado de não civilizado é orgulho para o índio,
Assim ele é puro no seu mundo de florestas, cantos, danças e Deuses.
Um ser que respeita a natureza de um modo especial,
Enxerga a beleza interior do ser humano
E sabe viver com prazer.

A fumaça sobe, invade o céu sob som de máquina que
Desmata, mata o cerrado...
A cana de açúcar é útil e a soja é rendável, alguém disse ...
A paisagem fica nua, triste sem graça...
Na imensidão plana sem arvores uma semente teima em
Germinar: o cerrado quer renascer...
Em meio as mãos que cultivam, os braços que lutam, os olhos
que choram, onde está o cerrado?
Mãos postas aos céus os homens oram, rezam..., mas para que?
Não adianta a prece se desmatam, matam a vida.
Mas a esperança existe e insiste...

Percebemos que os sons das vogais nos versos acima e a presença de rimas sugerem uma musicalidade do barulho das máquinas que desmata, mata, insiste e persiste em devastar. Este recurso sonoro é um aporte poético muito usado na poesia de Sinvaline Pinheiro no intuito de sugerir e articular o diálogo com o atual contexto de destruição ambiental causada pelo homem diante da tal “modernidade”.

(Eu rememorando Sinvaline)

Acordei com o canto de uma cigarra solitária,
Lembrei de uma amiga, que em meio as cigarras deve estar,
compondo sua poesia: cerrado, chão batido, vegetação, queimadas,
bicho animal, bicho gente.
Ela deve estar lá, na sua humilde morada,
nas suas noites solitárias,
porém compondo, como esta cigarra.

Ainda com Bosi (1994), temos a explicação sobre a importância da memória como função social.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (BOSI, 1994, p.81).

Sinvaline difunde de forma latente as pulsações que as reminiscências do Cerrado lhe causam. Assim, ela nos brinda com uma poesia agraciada de palpitações e desejos de um mundo mais justo, diante dos problemas que assola a sociedade, buscando sarar as chagas abertas e plantar a esperança.

Que meus passos sejam firmes
Para caminhar ao teu encontro...

Que minhas mãos não fiquem tremulas ao escrever versos para ti.
E que o corpo acompanhe feliz o tempo da alma.

As vezes a noite é longa,
E as horas não passam
A escuridão estremece a vida...
Ao raiar do dia uma esperança vem
Na fresta de luz
E a tua lembrança...
E os sonhos se agasalham.

Vó Quirina é uma lembrança
Com cheiro de colo, doçura e carinho.
Minha cabeleira engulhada de terra e fumaça
Era acariciada todos os dias,
Numa bacia era lavada com sabão de dicuada
E untada com naco de toucinho,
Desembaraçando os fios dos cabelos e da vida...
Carinho infinito se transformava em duas enormes
tranças...
Quirina analfabeta não conheceu Machado de Assis,
Lia a bíblia de cabeça para baixo,
Não sabia de Bentinho penteando Capitu...
Mas eternizou na alma o carinho de transas infinitas...

E os sonhos de criança
se agasalham na calçada fria
Pela manhã tomam asas em busca da realidade,
Mas o sol quente abafa o mundo e os sonhos...
O concreto é real, duro demais
Restam os olhos tristes de fome,
que não entende o porquê de tanta desigualdade...

Queria te dar a rua que brincava quando criança.
A boneca de louça para espatifar em suas mãos.
Queria te fazer poeta e viajar o mundo dos sonhos.
Mas o meu abraço é tão pequeno ante a tua dor.

A esperança de dias melhores, ou seja, o otimismo é muito evidente na escrita desta
poeta

que não tem mau presságio. Mesmo diante de histórias penosas, ela sustenta a
expectativa

de novas perspectivas, mudanças, milagres, sonhos.

(Eu rememorando Sinvaline)

Sinvaline é sim para a vida,
sim para o simples,
sim para o valer a pena.

Ela não diz não para o trabalho difícil,
nem para a pobreza,
tão pouco para o impossível.

Capaz de vencer o invencível,
ela renova,
ela é prodígio.

Ecléa Bosi, na esteira de Bergson, afirma que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo (atual) das representações. [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. (BOSI, 1994, p.46-47). Também afirma que o narrador é um mestre sagrado: “ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”. (BOSI, 1994, p.91).

Os poemas de Sinvaline são carregados de memória, saudosismo e depoimentos de sua vida e da vida de outros familiares ou de entes queridos no espaço vivido quase sempre em meio a uma dor sentida,

A alma suspira,
O peito se abre sem vontade de SER ou TER,
Só fica aqui...

Na encosta de cerrado entre arvores e bichos,
O casebre é pequenino, mas cabe todos os sonhos...
Entre a brisa e o cheiro das flores está o rio,
Onde enfio os pés, os sonhos e a saudade...

Voltei dos aplausos e das críticas para o meu silêncio,
Rememorei as falas, os cantos
Sorvi as emoções...
Deixei fluir as saudades boas,
Aos poucos finco os pés nessa terra
A extensão é enorme diante dos olhos,
Cada palmo conta um segredo...
Posso mergulhar as dores e buscar a paz.
As árvores já sabem ouvir...
Já não importam tantas coisas
A vida se resume aqui.
A noite o céu desce e posso tocar com os dedos
A lua, as estrelas, a saudade.
Aqui nascem e crescem as flores, as ervas e os sonhos...

Uma dor dentro do peito,
Tenho um amontoado de causos
Sob o amontoado de pedras...
Ruínas duma capela
Ao som dos sinos que tombaram.
Capela da minha infância
Com causos de pote de ouro enterrado,
Sonhos de crianças de memórias do coronel,
Com histórias de um povo
Escondidas nas janelas de pau
Da capela de Santana.
Rosinha entristeceu...
largou tudo e se foi, cidade a chamava...
Arrumou o cabelo, o batom não contrastava como antes, mas Ajudava.

Um bar, luzes, bebida, fumaça de cigarro.
Rosinha sorria, sorria...

Mais um tempo se foi-se dos filhos.
Um fora trabalhar na capital, não tem endereço, a outra fugiu
com o peão sumiu...o outro Rosinha podia vê-lo, e foi.
Na longa espera na porta do presídio uma Rosinha apagada
triste, sem batom, rosa desfolhada.

Sinvaline, mulher forte e simples, de estilo distinto com envolvimento poético que vai além das palavras. Seu retrato é o Cerrado goiano, cheio de afetos, sempre ali pronto: como o espaço afetivo da toca da vó Quirina, da capela de sua infância e da generosa natureza que a inspira, um verdadeiro deleite em seus versos evocados de uma alma pura, mesmo diante das dores vividas.

(Eu rememorando Sinvaline)
Se eu fosse uma borboleta,
Voaria até a toca Vó Quirina
e pousaria em seus ombros Sinvaline.
Sentiria seu cheiro de cerrado,
Fumaça de fogão a lenha,
mingau de periquito.
Beijaria suas mãos machucadas,
cravejadas com espinhos de pequi,
e coloriria seu olhar as vezes longínquo,
com tantas histórias para contar.

Ecléa Bosi (1994) conta a história da divindade grega Mnemosine, aquela que recorda: “Vernant, descrevendo o ritual no oráculo de Lebadeia, conta que antes de entrar no país dos mortos o consultante bebia de duas fontes: do lethe, e esquecia sua vida humana; na Mnemosine, para lembrar o que havia visto no outro mundo” (BOSI, 1994, p.89). A referida estudiosa também assevera que a civilização burguesa eliminou de si a morte, apartou-a daqueles que estavam prestes a morrer. Assim, a morte vem aos poucos sendo banida da percepção dos vivos: “Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias como selo do perdurável. As histórias dos lábios que já não podem recontá-las tornam-se exemplares”. (BOSI, 1994, p.89).

A poesia memorialista de Sinvaline, com linguagem simples, arte de narrar versificada, apresenta diferentes temáticas oriundas de seu contexto histórico social como duras cenas de perdas, de injustiças e de morte. Porém, é diante de temas que expressam as dores que reconhecemos a realidade brasileira e o talento desta grande escritora goiana.

O pôr do sol chama e ela quebra tudo da casa...
Extravasa, mas não sai a dor do peito...
Resolve então que a vida não vale a pena...
E sorrindo tira a corda da rede
Faz um laço e com um salto fica dependurada imóvel...
Se despediu da vida.
Ou será que se vingava do mundo que que tanto a machucou?
Sara se foi e deixou sua marca na pedra onde pescava.
No rancho, no ar do cerrado, na saudade e mais ainda na solidão
Dos sonhos quebrados que a fez partir tão depressa.

Dia das Mães a saudade bate forte,
Machuca a alma marejando os olhos e a vida,
Um vento sacode o corpo, afaga o rosto e me leva até você:
pelas ruas poeirentas de Uruaçu
eu segurava sua mão, tudo era grande e infinito, até o caminho...
Seu passo firme me levou no tempo,
Até que um dia resolveu partir...
O caminho se tornou longo em suas mãos...
Fiquei só, muito só.

Amadurecendo a cada despedida,
No vai e vem ficamos sós
Carregando a dor da partida
Sulcos profundos se formam na alma
Covas e rugas no rosto...
Mas é preciso ir...
Nascemos e morremos sós...
A alma voa como folhas secas no ar
Dá voltas e vai para as planícies eternas
Quem sabe, sem despedidas...

Você meu pai um artista
Que os anos não puderam vencer
Só essas águas cantadeiras
Fizeram você desaparecer
Esse rio cheio de mistério
Em suas águas o levou
Correram com sua alma
Nem um adeus sequer falou.

É muito presente nos versos desta poetisa a força da terra, do indígena e a saudade pela perda dos entes queridos, amigos e familiares. Sua preocupação com o menor abandonado, os velhos, as meretrizes, os bêbados; pessoas invisibilizadas pela sociedade. Realidade que envolve miséria, ganância, sofrimento, angústia, mas, ao mesmo tempo, denúncia social no contexto do período da exploração do ouro no norte goiano na região da Serra da Mesa em Uruaçu-GO.

(Eu rememorando Sinvaline)

Filha do sol,
amiga do vento
e conhecedora do tempo.
És brutalmente forte com a lida diária,
fragilmente sensível com a algazarra
e a ganância humana.
És o que se precisa para ser gente,
para ser dócil,
para mudar o mundo
que existe dentro do ser.

Ecléa Bosi fala que, por meio da memória, chegamos à riqueza e à diversidade do mundo social, podendo compreender o passado e humanizar o presente: “A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalineadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a miséria figura do consumidor atual” (BOSI, 1994, p.82-83).

A singular escritora Sinvaline apresenta enorme carga de poesia, um manancial de imagens da natureza, com linguagem simples e de estilo natural. A partir de suas vivências, por meio de seus versos carregados de narrativas subjetivas, representa fortes sentimentos como a saudade e o devaneio que evoca o tempo da infância e o espaço vivido.

Quando a visão embaralha a voz é rouca, o sorriso amarela,
o peito arfa e os passos diminuem...
Sumindo aos poucos em todos os sentidos...
O tempo implacável amortece a vida...
Resta o suspiro da alma que é viva, sóbria e voa alto,
Indiferente a velocidade do corpo

Fica uma dor serena, uma saudade e muito mais
o recolher ao fundo do casulo
onde os sonhos são livres do tempo aqui
Até onde for capaz, resta escrever.

Mãe estou na sua terra,
Você veio aqui.
Seus sonhos foram aqui...
Mãe posso ver o acaso
É deslumbrante,
Você me contava dele,
Na sua linguagem analfabeta...
As lágrimas insistem não devo chorar,
O momento é lindo...

Aprecio teu sorriso quando voltas
E a alma estremece ao ouvir tua voz...
Navego em alto mar quando dizes sentir minha falta.
Em sonhos a noite o corpo acomoda ao teu,
Um delírio feliz.
Então voe, abraça o mundo,
E na volta
Recostes no meu peito o teu cansaço
E abraça minha loucura.
Veze em quando vem me ver.

As lembranças, as saudades e os devaneios – muito presentes nesses versos – repercutem na evocação da memória trazendo um misto de ficção e realidade onde o narrador às vezes é um personagem que conta suas experiências vividas ou recordações, sob a forma de uma prosa poética impregnada de afeto e despedida.

Acerca do narrador, Bosi (1994, p. 84) escreve que há: “[o] que vem de fora e narra suas viagens e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita. O narrador vence distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras num cantinho do mundo onde suas peripécias têm significado”. (BOSI, 1994, p.84). Nesta aventura de contar uma experiência, pode surgir um conselho, um exemplo, uma orientação, tal qual tenho colhido desta amável escritora, fonte de saber erudito e virtudes humanas.

Considerações à Sinvaline

“Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzam, prolongam o original, puxados por outros dedos”. (BOSI, 1994, p.90).

Para encerrar este breve texto, aqui, quero rememorar a você, leitor, o dia em que visitei Sinvaline. Era uma linda manhã de sábado e o sol amarelo já queimava a relva que lambia as pedras da Serra da Mesa em Uruaçu-GO. Pela estrada, os cascalhos gargalhavam, único som que quebrava a solidão. Eu trazia no peito uma ansiedade progressiva, constante e insaciável para chegar logo na toca da Vó Quirina e encontrar com Sinvaline. O amigável Vanderlei veio ao nosso encontro logo após a estrada de ferro, para nos conduzir ao caminho. Não era longe. A caprichosa saudade atropelava a alma.

No singular barraco, erguido naquele pedaço de Cerrado, a escritora com entusiasmo nos esperava. Trazia muitas cores no vestido, seios e pernas mal cobertos, rosto cansado, tostado do sol. Com um sorriso estampado e um abraço nos recebeu. Tão logo nos apresentou seus aposentos, na cabeceira de sua cama uma foto me chamou a atenção, tinha muitas outras, não menos importantes e desbotadas pela ação do tempo.

Com admirável coragem, com passos largos e pernas fortes, ela nos conduziu ao quintal para nos apresentar a sua companheira de escuta, “a árvore da vida”. Era uma árvore de porte médio, de caule rústico como qualquer outra, mas, para mim, ela se tornou imponente. O terreno era íngreme e pequeno, mas ela disse ser para ela um grande ermo, pois não havia ainda desbravado toda aquela terra estreita. Também sua rotina não era calma: além dos afazeres diários, ela carregava madeiras e gravetos para o fogão à lenha, regava as plantas, quebrava baru, alimentava os cães, outros bichos e não esquecia o mingau do periquito Chicó. Ali não tem regra, a alimentação é saudável e apresenta fartura, com castanheiras, pequis, jardim plantado, horta e pomar.

No trieiro que segue para o pomar, rastros de animais ocultos, mas Sinvaline é destemida e seus dias são amortecidos pelo silêncio, dilúvio de calma naquele chão parado, lugar que inspira paz e cura. O córrego Passa Três desce limpo e manso em meio às lajes de pedras, água sagrada que rega os canteiros das hortas comunitárias de onde se montam cestas com as delícias de vegetais e hortaliças orgânicas que sustentam nossos irmãos menos favorecidos.

Tão logo a noite vem bordando o céu de escuro e um emaranhado de cigarras cantarola desordenadamente, enquanto Sinvaline nos brinda com suas histórias e vivências. Favorecida de arte, inteligência, sabedoria e talento, ela que merecidamente tem o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Goiás, ainda se considera: “doutora de calças curtas”, uma defensora da sociedade marginalizada, uma mulher de sentimentos humanitários, de espírito altivo, um presente de Deus. De face sempre calma, ela não apresentava queixa, nem protesto, não demonstrava sentir se atormentada pela solidão, sua literatura lhe completa e a natureza é a sua oração. Visitá-la foi um milagre que me proporcionou cura, paz interior, valor às coisas simples e maior zelo com as questões ambientais. Ela demonstra que não precisamos de muito para sermos felizes. Como ela disse: “sou feliz aqui e me considero como se eu tivesse 15 anos”. Interrogando-a sobre seus sonhos, ela me assegurou: “Não ver animais sofrendo tal qual os cavalos padecem”. Os animais e as plantas são bem presentes na vida de Sinvaline, e sua lealdade não deixa nenhum deles despercebidos. Após visitá-la, uma cigarra veio a cantar em minha janela, ou será que é porque eu não tinha esta sensibilidade para ouvi-la? Voltei encantada com a vivência ali no meio do nada, que é o tudo de que precisamos para encontrar com nossa essência. E é, por isso, que esta história de Sinvaline jamais será desterrada da minha memória.

(Eu rememorando Sinvaline)

É noite escura de chuva,
penso em Sinvaline,
em sua humilde casa
só ela e a literatura.
É noite de trovoadas,
penso nela
destemida, feliz da vida.
Ela e a literatura.
Estou distante,
com medo de tudo,
pensando nesta amiga, só.
Ela e a literatura.

Referências

BOSI, Éclea. Memória e sociedade - lembrança dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. PINHEIRO, Sinvaline. Vez em quando vem me ver. Goiânia/ Prime 2019.

ESCRITORA, ESCRITA E RETALHOS

Wanderlei Luiz Weber

Professor de Direito Ambiental e Agrofloresteiro

Sinvaline não é uma pessoa só. São duas. Várias. Mas aqui vou me ater mais a Sinvaline que navega pela palavra escrita, apesar dela também ser muito boa com a palavra falada, ao contar histórias que deixam todos aficionados, de orelha grudada aos sons que saem dos seus lábios. O que conta vem recheado de cenários, imagens, onde a imaginação e a realidade se confundem. Sua memória pra lembrar e contar é fantástica. Só não gosta de datas: “já vivi milhares de anos, então não me cobre datas”. Voltando à escrita, nela vejo-a como alguém especial, com talento diferenciado. Vou conversando sobre esse assunto, que deve aparecer nas linhas e entrelinhas dos parágrafos que se seguem.

Para quem, assim como eu, convive com a Sinvaline no dia a dia de sua vida dela o traço mais marcante do conjunto da sua obra é a inspiração. Em cada parada, em cada olhar, em cada manifestação da natureza, por menor que seja, surge uma história já vivida (que passa a ser recontada) ou criada naquele momento, e que à noite se transforma em poesia.

O “Comedor de Papa-Terra”, de Félix Ramos de Menezes, ajuda no trocadilho que fortalece a temática da inspiração: “Olha, tem uma coisa que eu aprendi. Aqui na roça não adianta correr com o serviço, que o serviço não acaba (...) quanto mais a gente esperneia, mais a vida desanda. Por isso que maneeirei a marcha” (p. 17). E mais adiante vai falar da importância do pito, dizendo que na roça, quando o cansaço da jornada aperta, se pára pra acender um pito e conversar. Sinvaline anda “acendendo seu pito” todos os dias, o que lhe garante o insumo necessário para garantir sua produção.

Característica associada à sua inspiração, é a criatividade. Como diz o velho ditado, Sinvaline “com um limão faz uma limonada”. Ela consegue ir longe na capacidade de produzir e reproduzir as características dos seus personagens, na maioria reais, e dar uma visibilidade única, que talvez não tivéssemos a capacidade de ver, se não fosse a forma de olhar e de escrever da Sinvaline. Ela tem o dom de fazer a gente ver dentro, de sensibilizar para os sentimentos que ela pretende transmitir com seus escritos. Tem o poder de transportar a gente para o interior da vida da pessoa cuja qual história está relatando.

Matuska, como a chamo por causa da liberdade gerada pela convivência, vive andando ligeiro, vivendo muito intensamente (numa dessas carreiras até cantei para ela o refrão de resistência dos povos indígenas: “anda ligeiro, anda ligeiro, quem não pode com formiga não assanha o formigueiro”). Dessa forma, “já vivi muitos anos”, faz um trocadilho com a necessidade de andar rápido pra dar conta de organizar o que é preciso em vida e deixar suas marcas por onde cruza. Claro que isso também faz com que absorva muitos sentimentos da vida dos outros pelo caminho (gente, animais e natureza como um todo), e na tentativa de dar solução a tudo, sofre, por ser tanto que ela não consegue abarcar.

Sua sensibilidade é algo “à flor de pele”. Ela diz ser coisa herdada do pai - que era sensitivo e tinha o dom da premonição. Esse dom vive lhe provocando uma nova poesia a cada novo instante. Seu modo de sentir vive lhe pregando peças e lhe colocando em novas enrascadas, pois facilmente percebe os sacrifícios sofridos pelos seres vivos a sua volta. Por isso mesmo, em sua escrita apresenta denúncias, sugere possibilidades e chama o ser humano a perceber a forte parcela de natureza que reside em si: “Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela” (Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, 2010, p. 33).

Sua imaginação é tema que merece acento aqui. Suas histórias, recheadas de memórias e de detalhes, as vezes soam tão mirabolantes que chego a falar pra Duda - minha filha, quando passa período por aqui, com a gente – “você pode escutar tudo, mas não precisa acreditar em tudo”, fazendo um trocadilho com uma fala do meu pai, que dizia: “você pode comer de tudo, só não tudo”. Nessa hora Matuska fica tiririca comigo, por jurar que é tudo verdade. Parece até cruzar os dedos...

Nesse sentido, no meu ponto de vista, as crônicas da vida privada que aparecem na obra *Proseando Aqui e Acolá* representam o cerne do seu jeito de escrever e traduzem os elementos de sua escrita. Em *Proseando*, a autora consegue traduzir uma vida inteira de qualquer alma que lhe provoca interesse em uma ou duas páginas. São histórias de pessoas de verdade, com suas experiências paradoxais de alegria e sofrimento, de carências e expectativas, de presenças e ausências, marcadas pela tônica da simplicidade.

Uma das referências da obra, no entanto, é a descrição dos movimentos do Encontro de Culturas que ocorre parte na Aldeia Multiétnica e parte na Vila de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros. O olhar particular da Sinvaline, reunido a sua sensibilidade, descreve: “São Jorge é uma mistura de culturas, de lendas e sonhos, onde artistas circulam pelo povoado misturado aos sons de toda natureza: porém o que marca esse lugar que se pode dizer místico é a paz nas ruas e no olhar de cada pessoa e de como apressados todos querem fazer algo para aumentar a energia espalhada pela vila” (Pinheiro, *Proseando Aqui e Acolá*, 2013, p. 74).

Com essa forma de ver e descrever a realidade que a cerca, a citação que segue inclui a Sinvaline na definição do escritor indígena já mencionado acima: “Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida” (Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, 2010, p. 34).

Quanto ao tema do orgulho pelo seu talento, Sinvaline sabe que é boa de escrita. Sabe que faz bem feito. Sabe que seus temas tem relevância pedagógica, política, espiritual, social e ambiental, ao revivificar a memória de pessoas, comunidades tradicionais, lugares e eventos que ocorreram na sua longa existência. Por isso, todo elogio que sua escrita recebe, não hesita em compartilhar. E, sente realização por esse reconhecimento. Sinto que isso mantém sua chama acesa. Sinto que, pela sua história de vida e pelo seu jeito de ser, esse reconhecimento é fundamental pra seguir produzindo com ganas de deixar um legado literário como referência na cultura regional.

Sinvaline fala muito que sua vida é uma sucessão de milagres. Alguns tive o privilégio de presenciar nesse ano e meio de convivência com ela na Toca. No último deles (27.11.21) tive uma ligeira participação. Sinvaline disse: “esse mês as despesas extras foram altas. Teve a limpeza das minhas lentes de contato dos olhos, a bomba d’água queimou, a roçadeira teve que ser consertada, o carro deu defeito”. Falei: “e na semana que vem, semana de mutirão de plantio de árvores, iremos precisar de R\$ 600,00 para organizar as covas e os insumos necessários”. Ela saiu de lado, preocupada. Quando foi à tardezinha, ela veio sorrindo com a notícia com a notícia do depósito do valor em sua conta. Milagre, ou mero acaso?

Para concluir minhas percepções sobre a autora, trago fragmento da sua escrita que demonstra como ela constrói a sua busca pela felicidade: “Dispersei versos por ai... Voei e fui feliz, um longo caminho percorri... Vozes e faces carrancudas me arrancam do torpor. Aterrissei num mundo de pessoas civilizadas que não sonham mais... A poesia ficou ridícula, os homens não apreciam, são máquinas em busca de dinheiro. Cabisbaixa, segui e tropecei num menino que cantava e sorria. Esqueci os homens-máquinas e voltei a ter sonhos de pássaros e crianças” (Pinheiro, Sentidos, 23 de maio de 2012 – Revista digital Overmundo).

Que a veia poética e proseadora da Sinvaline não a deixe em paz, porque dessa fonte esperamos seguir recebendo a versão de um mundo que torne o nosso viver singularmente melhor.

O SIMPLES E O COMPLEXO

Fernando Schiavini

Indigenista, com mais de quarenta anos de atuação junto a povos indígenas e escritor. Idealizador da Aldeia Multiétnica, uma experiência de trocas culturais na Chapada dos Veadeiros.

Escrever sobre Sinvaline e sua obra é uma coisa simples e ao mesmo tempo complexa. Simples porque tudo nela e que vem dela é simples como a própria vida. É complexo porque é a vida. Os grandes intelectuais, aqueles que escrevem sobre a complexidade do mundo tentando explica-lo, se esquecem (ou não sabem), que a tecitura da vida humana se faz também com as filigranas da simplicidade.

Esse é o principal ofício de Sinvaline: captar a simplicidade das coisas e das pessoas. Mais do que ofício, é a alma dela.

Conheci Sinvaline em uma das edições da “Feira Krahô de Sementes Tradicionais”, na Terra Indígena Krahô, não me lembro exatamente o ano. Minha empatia com Sinvaline, ao vê-la na aldeia foi imediata. Logo percebi a extrema facilidade e delicadeza que ela se aproximava e interagia com os indígenas. No outro dia da chegada, lá estava ela, toda pintada de urucum e jenipapo e com os cabelos cortados à moda Krahô.

Depois, durante anos, nos encontramos nas edições dos “Encontros de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros” realizado anualmente pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, na vila de S.Jorge, onde, com o produtor do evento, Juliano Basso, idealizamos e realizamos, no âmbito do Encontro, a “Aldeia Multiétnica”, desde o ano de 2007. Sinvaline, a convite de Juliano, fazia (e ainda faz) as resenhas diárias dos eventos do encontro.

Aos poucos, fui conhecendo, então, as obras literárias de Sinvaline e o seu profundo envolvimento com os moradores regionais da região de Uruaçu, com os indígenas Avá-Canoeiro e a sua luta pela preservação de suas culturas e dos cerrados. Convidada pelo pesquisador Altair Salles Barbosa da PUC-GOIÁS, para ser a historiadora responsável pelas pesquisas para a construção do “Memorial Serra da Mesa”, em Uruaçu-GO., embrenhou-se de corpo e alma nessa tarefa, de forma que foi muito além das pesquisas encomendadas; deu movimento, alma e identidade ao Memorial, fazendo dele, verdadeiramente, um local de resgate e manutenção das manifestações culturais regionais e dos povos indígenas.

Sinvaline jornalista, que me brindou com uma belíssima resenha do meu livro “De Longe Toda Serra é Azul”, publicada no site “Overmundo”; Sinvaline escritora e poetisa sensível e generosa com a vida, que publicou vários livros de contos e poemas; Sinvaline historiadora, que fez o levantamento impecável da ocupação humana da região de Uruaçu, para a implantação do Memorial Serra da Mesa; Sinvaline homenageada por universidades goianas, recebendo títulos honoríficos. Eu pensava: Nossa! Sou amigo de uma grande intelectual, com certeza, com vários doutorados e pós-doutorados no currículo.

Minha convivência com Sinvaline sempre se deu em encontros esporádicos, geralmente em eventos dos quais participávamos ativamente, não deixando muitos espaços para longas conversas e trocas de confidências. Por isso, quase “caí para trás” quando, agora, para fazer esse texto, procurei saber mais sobre Sinvaline por ela mesma e fiquei sabendo que, na verdade, ela é uma autodidata, só cursou o 3º ano do ensino fundamental, ou do “primário”, como ela mesma me disse. Disse também que teve que se “agarrar” na escrita para ultrapassar as angústias de uma vida sofrida na infância e na juventude e do fato de ter-se tornado mãe aos 14 anos.

Que coisa fantástica! Uma mulher, do interior, semialfabetizada, persegue os caminhos da literatura, da poesia, do jornalismo, da história e do ativismo cultural, com garra e sensibilidade tamanhas, que levam suas obras e ações serem reconhecidas pela academia universitária, geralmente tão fechada em si própria.

Daí, também, consegui entender melhor a sensibilidade, generosidade e simplicidade de Sinvaline. O (a) autodidata aprende fazendo e convivendo intensamente com as personagens e realidades que registram. Seus mestres e mestras são do povo, que possuem imensas sabedorias, também aprendidas com a vida, que é simples e ao mesmo tempo complexa. Como Sinvaline.

SINVALINE PINHEIRO EM "VEZ EM QUANDO VEM ME VER" - UMA APRECIÇÃO À LUZ DA FILOSOFIA E DA PSICANÁLISE

Ítalo Alessandro Lemes Silva

RESUMO : Este texto, a partir da filosofia de Nietzsche e da psicanálise, faz apreciação da obra “Vez em quando vem me ver”, de autoria de Sinvaline Pinheiro, publicada em 2019. O ensaio apresenta uma leitura sobre as percepções gerais aos elementos do lugar da mulher, ponto marcante na obra de Sinvaline Pinheiro. Bem como narra a partir das questões provocadas sobre a inconformidade com o projeto civilizatório do patriarcado e do capitalismo colonial. Neste sentido, descreve-se, em forma de apreciação filosófica e psicanalítica, sem pretensão de uma classificação literária, os sucessivos componentes da condição humana revelados nas palavras de Sinvaline Pinheiro.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Filosofia. Sinvaline Pinheiro.

INTRODUÇÃO

Sinvaline Pinheiro é o tipo de artista das palavras que a sua validação como escritora se fez pela própria obra. A arte é, como poucas práticas humanas, uma validação imanente ao conteúdo que expressa. Se escutamos uma música que na medida que toca, de alguma maneira, também nos toca, é por nela haver identificações com aquilo que em nós, em algum momento, foi feito de significado.

Neste sentido, a verificação de apreciação musical, por exemplo, não necessita passar por classificação ou julgamento teórico. A música, e a literatura similarmente, que toca e apenas toca, afeta independente da jornada acadêmica de quem produz e independente de alguma nomenclatura teórica que ela poderia ser relacionada ou encaixada.

Em encontro apreciativo com a arte pouco ou nada importa saber em qual gênero ou categoria artística aquela arte pode ser encontrada, muito menos, te obriga questionar se é ou não artista quem produziu a obra apreciada. Não se trata de dizer que não existe valor nas análises linguísticas teóricas, mas somente reforçar que não é o esforço encontrado neste ensaio que, à luz da psicanálise, essencialmente aprecia o desenvolvimento decolonial Sinvaline Pinheiro na obra “Vez em quando vem me ver...”, publicada originalmente pela Coleção Goiânia em Prosa e Verso 2019.

Neste mesmo sentido de esclarecimento, o presente texto, procura a contemplação de Sinvaline Pinheiro a partir da psicanálise, sem pretensão de querer saber sobre os possíveis enquadramentos de gênero textual ou literário. Até por entender que seria, ao buscar a leitura de Sinvaline Pinheiro com objetivo de ajustamento com alguma universalidade literária, uma traição com a própria assinatura descolonizada da autora.

Contemplar a escrita de Sinvaline, e considerando de onde o corpo dela se localiza, é permitir perceber que, fundamentalmente, temos o fundamento da contravenção feminina. Mais do que uma mulher que fala, Sinvaline Pinheiro, é uma mulher que se aventura a olhar e a narrar a partir de uma visão descolonizada sobre os sentidos e sentimentos afetivos e políticos. A insubordinação sensível de Sinvaline transmite sentidos de percepção da natureza e faz resgate ao ‘bom selvagem’ 2 : naturalmente livre, igual e fraterno.

Sinvaline Pinheiro, sem domesticação com as normativas literárias, narra sobre profundas angústias individuais e coletivas frente às demandas da vida. Mesmo falando de questões angustiantes, ponto tão caro para a psicanálise, Sinvaline Pinheiro revela esperanças que não se estreitam nas vias formatadas sobre ‘eu ideal’ ou sobre o ‘ideal de eu’ modulado na sociedade ocidental para uma mulher genuinamente sertaneja.

Certamente, quando se valeu do mecanismo da escrita, Sinvaline Pinheiro, não se dava conta que estava fazendo uso do mesmo procedimento que deu origem para a psicanálise: o experimento da mulher expressar as próprias angústias pelas vias das palavras. A psicanálise foi inaugurada, na virada para o século XX, quando mulheres angustiadas pelo padrão moral compulsório, entraram no processo de saída das paralisias por meio da vazão de palavras. Este expurgo inaugural da psicanálise de ‘cura pelas palavras’, que a analogia de Anna O chamou de “limpeza de chaminé”, fez também Sinvaline Pinheiro, ao buscar alívio escrevendo, mais que aliviar-se, dizer muito mais do que apenas sobre as próprias aflições. Dado que Sinvaline afeta questões no tocante a tensões refletidas também na subjetividade de quem faz a leitura da obra que ela entrega.

Sinvaline Pinheiro, nas linhas e entrelinhas da sua arte, assina ilusões e desilusões de uma mulher projetada para a estrutura colonial goiana. As expressões de Sinvaline Pinheiro são impressões de uma série de angústias que foram recalçadas no decorrer da sua jornada, e, mesmo sem invite do canônico literário, foram contravenção reveladas nas palavras que escaparam. Escape este que se deu pelas aberturas de fazer uma composição sem pretensão editorial, como já colocado. Ao apreciar Sinvaline Pinheiro não é possível, com honestidade, descartar os traços de rebeldia presentes na maravilha de um texto que assusta ao convocar tamanha profundidade com tanta simplicidade.

A presente análise de Sinvaline Pinheiro pretende apenas apreciar psicanaliticamente, constatando as singularidades diretas que a atravessam, para além do texto em si e ainda ampliando para colocar mais do que aquilo que o texto encerraria de objetividade em uma leitura que busca apenas o sentido do significado da palavra. A procura deste ensaio não é a busca de uma análise do discurso ou de discursos. O sentido é mais sobre sentimentos reverberados no texto que foi composto por aquelas palavras e não com outras.

É interessante marcar ainda que a apreciação ensaísta não se trata, em nenhum sentido, de uma psicanálise clínica sobre Sinvaline Pinheiro. A tarefa do ensaio foi mais um olhar e um narrar filosófico de elementos psicanalíticos que a arte de Sinvaline Pinheiro provoca e afeta.

O ensaio apresenta a passagem por duas partes centrais de apreciação da constatação sobre aquilo que o texto de Sinvaline Pinheira controverte dos parâmetros da estrutura patriarcal. Na primeira parte, o ensaio fala sobre as ontologias das marcas do amor que frutifica do vazio de ser mulher e das bordas de carência por amor e amar.

Assim, à luz da psicanálise, é observado a sensibilidade em sublimação textual que desconstrói os recalques coloniais e revela a singularidade da criança. Na segunda colocação é percebido as marcações sobre a experimentação poética na percepção de considerar a causa outro.

Ao lançar olhar sobre o coletivo, com traço de insubmissão, descritos na segunda parte de apreciação, Sinvaline Pinheiro levanta liberdades e esperanças sociais, sobretudo compreendendo a subversão ao projeto civilizatório que coloniza afetos, individualiza e é ecoado nos dramas sociais. Nesta última fase do ensaio é apreciada a expressão crítica sobre a construção colonial do território goiano e a criação de valores políticos decolonial.

PODE A MULHER FALAR?

Sinvaline Pinheiro é, naquilo que sua arte expressa, uma escritora insubordinada aos formatos de silêncio que foram preparados para uma mulher no patriarcado goiano. O direito proscrito de criação pela palavra interdita a liberdade da mulher em criar narrativas autônomas. Este é um dos pontos que facilmente percebemos quando nos damos conta que, ao ler Sinvaline Pinheiro, entramos em contato com a produção de uma mulher em um contexto de moças desautorizadas a existirem fora do papel de esposa. Em outras palavras, ao apreciar Sinvaline Pinheiro, é justo constatar que ela parte, e é parte, de subjetividades tolhidas de palavras autorais como garantia de conservação do adestramento.

É possível enxergar no texto de Sinvaline Pinheiro questões transgressoras da simetria de instalação do projeto civilizatório, lógica que chega, na maioria das vezes e para grande maioria das mulheres, de forma compulsória. Posto que, tal projeto de adestramento sexual que efetivamente é político, parte da premissa de que não pode uma mulher falar.

A assinatura de mulher, feita por Sinvaline Pinheiro, é abrangente na medida que se faz para além da própria individualidade de subjetivação dos preconceitos e violências contra a mulher. Por este sentido, Sinvaline Pinheiro encontra lugar na identificação com o universal de muitas vítimas das configurações da civilização sexista. Neste início de século XXI, em cultura e em dados estatísticos, os ideais marxistas, permanecem

vivos e se atualizando naquilo que procura inferiorizar ou silenciar o feminino. Seria Sinvaline um exemplo de salvação do machismo? Não. Trata-se de entender que ela é atravessada por esta violência sexista, e assim como também significa interpretar que é desta coibição que parte a produção da arte de Sinvaline Pinheiro.

Sinvaline vive, queixa e transgride, nas marcações de sua escrita, as opressões sexistas inerentes ao patriarcado. Ela se utiliza de suas palavras para marcar recusa ao lugar pré-moldado para a mulher. Lugar este que é gerado e também renasce pelos métodos, simbólicos e práticos, de conservação da tradição dos ideais que prevalecem na sociedade ocidental goiana.

O médico Sigmund Freud (1856 - 1939), e aqueles que a partir dele se fizeram psicanalistas, ofereceram espaço de escuta à rigidez do silêncio feito doença no corpo de mulheres que foram constituídas sem fala. Nesta violação ao projeto moralizador sexista foi que nasceu a psicanálise como cura pelo acolhimento e validação da liberdade desejante da mulher.

Podia uma mulher dizer? Podia uma mulher ter impulsos desejantes? Não. Porém, mesmo neste contexto de inibições e interdição da liberdade feminina, Sinvaline Pinheiro escreve, sem projeto de realizar publicação ou receber reconhecimentos academicistas, apenas compõe em palavras aquilo que atravessava sua existência. Escreveu para não ser mais uma mulher mutilada e morta pela violência do silêncio. Uma vez que ser mulher não falante era, para Sinvaline, a garantia de pertencimento ao projeto de se fazer menina, moça e mulher. Para fazer parte deveria se criar calada e agradável aos outros.

Para uma apreciação de Sinvaline Pinheiro é interessante colocar as bases da polêmica do aforismo e afronta de Lacan de que “não há mulher” (LACAN, 1985, p. 99). Essa provocação encontra atributos de representação simbólica sobre aquilo que não existe unidade objetificada no ser feminino.

[...] Os homens, as mulheres e as crianças, não são mais do que significantes. Um homem, isto não é outra coisa se não um significante. Um homem procura uma mulher - isto vai lhes parecer curioso - a título do que se situa pelo discurso, pois, se o que aqui coloco é verdadeiro, isto é, que a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso. [...] O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado e efeito do significante. (LACAN, 1985, p. 46 e 47).

Quando Lacan coloca que a mulher não existe, afirma não sobre a inexistência da mulher em fatos, admite sobre o vazio que é ter uma posição diferente por não o simbólico fálico. A mulher, neste sentido lacaniano, é a abertura para fora das posições sexuais do corpo biológico de macho e fêmea. O binarismo de gênero que constroem

superioridade para a representação do homem procura fazer da mulher um “não homem”. Em outros termos, no sexismo da sociedade patriarcal ocidental, o universal autoritário é o homem e a mulher os avessos a partir do vazio.

A neurose do homem, retomada constantemente nas narrativas escutadas na clínica, em geral, aparece como queixa por não se encontrar satisfeito, por mais que se esforce para além dos próprios limites, diante o que há posto e imposto como condição do idealizado sobre domínio. Por outro lado, e antagonicamente, a incompreensão sobre desamparo e carência é o que mais se repete nas angústias clínicas de mulheres. Trata-se assim de uma relação possível sobre a queixa de insatisfação, que aparece para homem e mulher, sobretudo por aquilo que é simbolizado como sofrimento em torno dos fundamentos que sustentam o homem como objeto absoluto.

Ocorre que a mulher idealizada, a Dama, que está na posição do Outro e do objeto, coloca de repente, brutalmente, no lugar sabiamente construído por significantes requintados, em sua crueza, o vazio de uma coisa que se revela ser a coisa, a sua, aquela que se encontra no âmago de si mesma em seu vazio cruel. (LACAN, 1988, p. 200).

O vazio de ser mulher com a falta de um significante absoluto abre a possibilidade de uma liberdade criativa para que o ser feminino se crie em fatos como aquilo que deseja. No texto “Somente uma mulher”, Sinvaline, expressa que a mulher não pode sonhar para não ter “vontade de fugir”, e quando a mulher consegue sair das circunstâncias de violência (muitas vezes na ordem simbólica) ainda levará as marcas de um remorso por não ter se negado pelos outros. Freud (1930) aponta como a culpa é um sentimento construído como um mecanismo favorável ao adestramento civilizatório.

A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana. (FREUD, 1930, parte IV, p. 76).

A falta de autorização do desejo da mulher para além da procriação e educação dos filhos, e com isto a inibição da potência em querer ser para além das obrigações domésticas, aparece desobedecida no texto quando Silvanline escreveu que a mulher tomou coragem e partiu: “esqueceu o avental, a vassoura, o marido.” Mas a psicanálise procura ver o que fica de rastro daquilo que tenta-se esconder quando tentamos mostrar. A procura de si no eventual abandono do lar revela o tanto que esconde. Seria possível se desidentificar totalmente com a imposição de responsabilidade de cuidadora que foi simbolizado sobre esta mulher?

A figura da criança atravessa o texto de Sinvaline Pinheiro também com sinal de sensibilidade. O ser criança tem um sentido de necessidade por assumir emoções proibidas ao ser adulto inibido.

A criança pede colo e acolhimento sem ter que se sentir envergonhada de expor o vazio. Na civilização colonial, se fazer gente é negar as emoções e, mesmo com mais fracassos que acerto, inculcar a partir das fórmulas da razão. Assumir-se como um ser incompleto, carente e dotado de desejos de sentidos e de sentimentos é descolonial. Descolonizar os afetos é, de alguma forma, resgatar a ingenuidade selvagem da criança que pede atenção. O ideal de funcionamento colonizado é de uma absoluta rigidez insensível, controladora e inflexível, e portanto também incapaz de olhar e narrar poeticamente.

A criança, como se faz com pouco ou quase nada protegida e escondida por mecanismos de defesas do ego, facilmente revela sua carência e, sem muita dificuldade, pode pedir um pouco de atenção. A singeleza encontrada na ingenuidade da criancinha revela a capacidade de pedir carinho sem inibição, declarar e reclamar sobre o próprio vazio (carência).

Nietzsche (1883) em “Assim falou Zaratustra” simboliza na criança a experimentação afirmativa da vida que se faz na contramão dos adestramentos impostos pela racionalidade ocidental. A figura da criança sugerido por Nietzsche (1883), aquele espírito puro e pronto para criar coisas novas, é para o filósofo uma saída para aquilo que há de imposição do da violência cultural que Sinvaline Pinheiro chamou de “mundo concreto demais”.

Neste mundo, só o jogo do artista e da criança tem um vir à existência e um perecer, um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual. E, assim como brincam o artista e a criança, assim brinca também o fogo eternamente ativo, constrói e destrói com inocência – e esse jogo joga-o Aion consigo mesmo. Transformando-se em água e em terra, junta, como uma criança, montinhos de areia à beira-mar, constrói e derruba: de vez em quando, recomeça o jogo. Um instante de saciedade: depois, a necessidade apoderar-se outra vez dele, tal como a necessidade força o artista a criar. Não é a perversidade, mas o impulso do jogo sempre despertando que chama outros mundos à vida. Às vezes, a criança lança fora o brinquedo: mas depressa recomeça a brincar com uma disposição inocente. Mas, logo que constrói, liga e junta as formas segundo uma lei e em conformidade com uma ordem intrínseca. (NIETZSCHE, 1888, p. 52 e 53).

A insatisfação, que na falta das palavras geralmente é chamada de vazio, para Lacan (1988), jamais é aplacada e que apenas pode ser parcialmente mitigada (ou não) com a busca de significados. Em outras palavras, o vazio substancial humano produz a procura

de significantes e tal busca é o movimento considerado vida e viver. É fundamental considerar ainda que se, em algum momento, existir a convicção de ter encontrado aquilo que deseja é encerrado o movimento do desejo e tudo aquilo que ele inaugura como invenção e sedução de vida e de viver.

Talvez não por acaso a civilização de territórios e afetos colonizados procura tanto disfarçar o âmago (vazio) da carência com a venda e consumismo de tantas ilusões que, em toda parte do espetáculo da projeção de imagens e som, desenvolvem padronizações e prometem satisfação.

Dar conta do vazio substancial é, além de angustiante, um sentido libertador, dado aquilo que ele, ao desidentificar com a opressão dos idealizados, também aponta de desejo criativo. Por isto que, para a psicanálise, o vazio não é ponto de chegada e sim de partida. Do vazio, além de poesia, pode ocorrer a elaboração de sentidos e sentimentos. O olhar decolonial sobre a afetividade, encontrado em Sinvaline Pinheiro, é desidealista e não se satisfaz plenamente, ainda que sempre anseie por satisfações, ele não se basta não porque é algo exigente demais e/ou defeituoso, e sim porque nisto não existe plenitude e também realizar seria, conseqüentemente, encerrar-se. Sinvaline Pinheiro expressa a angústia do vazio (carência) em várias partes da obra, e mais, em cada palavra que elegeu, parece dar bordas para suavizar tal carência.

No texto “Vez em quando vem me ver”, a autora coloca a demanda por afeto, inclusive levantando elementos sobre seu desejo ser possível de encontrar realização na metáfora fantasiada nos sonhos da noite. Sinvaline Pinheiro, como diz Lacan, busca ver o amor na entrega daquilo que não se tem. Na narrativa que deixa claro à espera como expectativa de afeto, ela também se coloca com o peito disponível para o descanso do outro. Quantas vezes o desejo de ser amado, que aparece como desejo por amar, já não é o próprio amor?

No texto “Sem ti”, Sinvaline expressa mais uma vez a pureza da criança que pede por carinho, e na ingenuidade entende um olhar como convite para brincar. Nesse texto, em que o final já pode ser presumido pelo título, a figura criança aparece na empolgação de um menino que busca a pipa no infinito, mas encontra a desilusão. A procura pelo objeto (expectativa), no caso a pipa e seu simbolismo de sentido de altura, é de alguma maneira a capacidade criativa encontrada na fantasia.

Da criança temos empolgação, exagero, intensidade, e toda a qualidade daquilo que é entrega total. É ainda a metáfora nietzschiana da criança como afirmação da vida. O constante dizer sim da criança lhe faz encontrar rumo ao amor e ao amar. A criança, desprovida de preconceitos, é potência do amor, ponto que talvez, não por acaso, explique o fato de nossas expressões de crianças serem tão convidadas nas fases de apaixonamento.

Diz o profeta Zaratustra: “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira sobre si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (NIETZSCHE, 1883, p. 53). Sinvaline Pinheiro se vale da sinceridade de uma criança carente sem adestramento dos afetos, e portanto, pode assumir o vazio, assim se permite pedir: “vez em quando vem me ver...”

Este pedido, título que encontramos para um dos textos e também como o título da obra, demonstra dois apontamentos passíveis de apreciação: naturalidade dos afetos e maturidade sobre os afetos.

Primeiro, para os moldes de afetos coloniais, como já apreciado, o pedido direto por atenção e afetos sem dar voltas e/ou projeções é da ordem da ingenuidade: “vem me ver...”. Poderíamos dizer que é uma solicitação, que na métrica ocidental simboliza fraqueza e inferioridade, porém realmente revela a naturalidade do afeto.

E o segundo apontamento da análise sobre o pedido “vez em quando vem me ver...”, nos faz perceber que os sentidos da segunda colocação da frase: “vez em quando...” sinaliza a maturidade dos afetos. Provavelmente quem encontra-se em maior identificação como o mito do amor romântico, cultivado e replicado na tradição colonial, diria: ‘venha sempre’ ou até mesmo ‘jamais se vai’.

“Vez em quanto” é uma expressão que diz sobre a capacidade de compreensão de um afeto descolonizado, ou seja, transgressor da métrica da propriedade privada que, mesmo que no campo do imaginário, insiste em ver o outro como posse. “Vez em quanto” ainda diz sobre a abrangência para pensar que em uma afetividade sem partidas também não existem chegadas. Decerto este título já disse muito sobre o lugar do vazio quando, da mesma forma, escancara a virtude decolonial afetiva de saber pedir atenção de desapropriar os laços afetivos como objeto / produto.

Efetivamente, estamos a todo tempo dizendo sobre a nossa carência e reclamando por atenção. Porém, quando já adestrados pela lógica imposta pela hipocrisia civilizacional, usamos de sentidos figurados e às vezes até de contradição para se queixar sobre nossos vazios.

É com muita honestidade, sensível e desconstruída do adestramento colonial, que Sinvaline Pinheiro diversas vezes assume a sua necessidade por afeto. E por que não dizer, a partir das reflexões realizadas que, em um mundo “concreto demais” o simples fato de desejar afeto já é, em si, um afeto de valor. Aquilo que, sem análise, é fraqueza e insegurança, em Sinvaline Pinheiro é valor.

Sinvaline contempla a constituição de laços amorosos fora da lógica imperativa colonial, lança um olhar decolonial sobre afetos e relações nos modos judaicocristão de propriedade privada e controle sobre os corpos. Ao buscar definir o amor ela diz:

[...] Amar é não querer saber onde esteve, nem com quem e não importa quanto tempo vai ficar, mas só saber que você volta... Amar é ouvir os pássaros com mais atenção depois de tocar suas mãos, é a poesia que nasce forte ao som do seu sorriso... Amar é um dia de trabalho que rende mais, é gostar de tudo e de todos depois de tê-lo por instantes... É fechar os olhos e lembrar cada palavra, cada gesto, é o beijo imaginário depois de tudo... Amar é essa lágrima que agora entremeia um sorriso de saudade... (PINHEIRO, 2019, p. 29).

Fala de um amor descolonizado quando o define sem a necessidade de controles ou comprometer-se e, essencialmente, se sustenta na falta da saudade que é também a expectativa de retorno. Na lógica de coisificação humana e transformação em tudo e em todo ao nível de mercadoria os apaixonamentos e laços elaborados, em geral, se fazem sem aceitação da distância e da liberdade que ela promove. Sinvaline, neste sentido e sentimento, transgride a moral imposta sobre o amor ao entendê-lo no vazio, como instantes e pelo imaginário.

PODE UMA MULHER FALAR DO MAL-ESTAR DA CIVILIZAÇÃO?

Nesta última fase do ensaio é apreciada a expressão crítica sobre a construção colonial do território goiano e a criação de valores políticos defendidos por Sinvaline Pinheiro. Coletividade inscrita nos princípios do patriarcado e do capitalismo que Sinvaline Pinheiro parte, porém, narra fora dos artifícios artificiais do processo de adestramento civilizatório.

Sinvaline demonstra valores desconexos da conservação individualista do capitalismo. Como é sabido, o projeto civilizatório adentra o ser para funcionar por comportamentos individualistas e, por tanto como consequência, competitivos. Dado que a gênese do funcionamento da 'cidadania' capitalista pressupõe a ascensão e progresso pelas vias da racionalidade individualistas e a negação do natural e pela exploração da natureza. Sinvaline Pinheiro faz a experiência de uma integridade humanizada que reconhece a necessidade de existir sem resistir à essência instintiva animal.

A partir da primazia do método de interpretação freudiano “a coisa” do qual um sujeito se queixa, ou seja, aquilo que nomeia como mal-estar, diz respeito aos desajustes na civilização. Freud (1930), em “O mal-estar na civilização” mostrou que a condição humana é sobretudo uma condição de desamparo. Desamparo este que é marcado na condição humana pelos traumas inevitáveis do adestramento civilizatório que procura recalcar as pulsões. Um ser inibido é um ser pronto para funcionar no funcionamento social.

[...] quem somos nós, do ponto de vista do nosso psiquismo? O que é o eu? Isto é, de que substância é feito o

nosso eu? Pois bem, a resposta da psicanálise é muito clara: somos feitos de todas as marcas que deixam em nós os seres e as coisas que amamos fortemente agora ou que amamos fortemente no passado e às vezes perdemos. Isto é, os seres e as coisas com os quais nos identificamos (NASIO, 1999, p. 89).

Sinvaline revela na sua escrita a sensibilidade sobre as marcas que passou em sua jornada de vida. E como Nasio (1999) aponta “somos feitos de todas as marcas que deixam em nós os seres e as coisas que amamos.” Sinvaline se queixa, no seu texto, sobre as inibições e violências do projeto colonialista e capitalista. Ela coloca a angústia sobre o genocídio dos povos originários do seu território; bem como sobre as desigualdades e preconceitos socialmente construídos e impostos; ainda diz, como quem aponta o trágico e a esperança, sobre a destruição dos recursos naturais e do resgate com a experiência de ser parte da natureza.

Talvez a tese máxima de Freud (1930) em “O mal-estar na civilização”, se trate em mostrar que a angústia não é uma patologia (doença) e sim um efeito de mal-estar estrutural. Quando Sinvaline, partindo daquilo que lhe causa angústia, provoca a pensar e sentir sobre as demandas de ações sociais diante das injustiças que marcam a forma e formula social do patriarcado e do capitalismo, assina também sobre seus valores de liberdade, igualdade e justiça.

O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições. O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização, e assim nela tornar-se a base da hostilidade à civilização. (FREUD, 1930, parte III p. 65).

Não permanecer compatível com a civilização é o que faz Sinvaline Pinheiro poetizar a partir das mazelas do seu contexto social e da sua história de vida pessoal. A obra apresenta vários textos que tomam um sentido de expressão sobre o desajuste com as injustiças socialmente construídas na civilização colonial.

O autoritarismo da desigualdade social, que faz uns herdar fortunas e outros as circunstâncias de impossibilidade de qualquer mobilidade, é ponto sensível nas palavras de Sinvaline Pinheiro. Como também o horror da fome, o genocídio dos povos originários, a destruição dos recursos naturais e a cruel realidade de invisibilidade das pessoas em situação de rua.

No texto “Ela parece gente”, Sinvaline conduz, por meio de narrativa, a angústia de uma perseguição para matar uma mulher indígena. Evento que no processo colonial, repetidamente se viu, nestes territórios do Cerrado, abrir a mata para ocupá-la de cidade e de adestramento civilizacional. Inclusive neste texto Sinvaline cita e celebra o nome de alguns destes povos originários goianos.

Sinvaline fala dos fundamentos da violência colonial ao provocar a questão ontológica humana questionada pelos europeus sobre indígena ser ou não gente: “era uma índia, mas parecia gente...” Gente, neste projeto idealizante, vem de dizer gente quem é igual a gente. Eis, da base colonial, a lógica de hegemonia econômica, religiosa, moral e filosófica do patriarcado e do capitalismo.

O projeto colonial não apenas se transformou, mas também se materializou como destruição causada pela evolução da racionalidade absoluta. Nietzsche (1883) denuncia quando anuncia que a degradação do corpo em nome da alma não resultaria apenas na destruição moral insustentável de negação da natureza, mas também na destruição de toda possibilidade de vida humana. A razão que era para ser evolução se faz como forma de destruição.

Disto Sinvaline queixa da morte na fábrica e pela fábrica. “O vai-e-vem das pessoas não tem som. Só as máquinas falam... O uniforme é cinzento. A faxineira tosse, tosse... será ela a próxima?” (p.40). Sinvaline Pinheiro expressa ainda o sentimento de revolta sobre a poluição industrial e a devastação do cerrado, “onde está o cerrado?” (p.43). Além de expor que o projeto desmata e mata tem como objetivo atender os interesses comerciais do agronegócio.

“O concreto é duro demais”, diz Sinvaline Pinheiro no título do texto que queixa as determinações civilizatórias do “mundo para o ser e para o ter.” E reconhece que, na lógica de pessoas adestradas, é “impossível ser feliz em tantos desencontros e desigualdades.”

Ao expor o concreto, e aqui no sentido do artificial civilizatório que concreta, Sinvaline aponta sobre a libertação pela conexão com a natureza do planeta. É possível ver no texto o remontar do debate pré-socrático da filosofia grega. De um lado o sentido ontológico do ser como fixo, de Parmênides, e do outro lado o ser como fluxo, de Heráclito. Assim, como Nietzsche, ela parece inclinar a depositar crença em um ser de possibilidades que é a fluidez do vir-a-ser de Heráclito. Supondo como saída a natureza como necessidade:

Sem entender leis que superlotam em grades a pobreza, enaltece a violência e acorrenta a mente na tortura. Necessário sentir o gosto, o cheiro natural das coisas, sem psicotrópicos, sem discursos, sem regras, sem bíblias... Urgente abraçar a natureza sábia, não esnobe, indicando caminhos em linhas retas, curvas, paralelas e criativas. Porém, há um

longo caminho ainda, onde uma linha constituída molda o mundo para o SER E TER. Impossível ser feliz em tantos desencontros e desigualdades. Assim, abraço as dores, os sorrisos de gentes, animais e florestas, seguindo com eles todos os caminhos, sem estagnar nos paralelos e curvas da vida.(PINHEIRO, 2019, p. 57).

Sinvaline Pinheiro, ao recorrer ao resgate do ser selvagem, controverte a doutrinação colonial que, essencialmente violenta, procura apagar qualquer referência que saía da estrutura de ideal europeu. Além da apreciação pela filosofia de Heráclito à Nietzsche, é possível pensar a questão levantada por Sinvaline, como um retorno ao ID de Freud. O ID (isso - coisa) não conhece as marcas de inibições impostas pelo Superego e fala da criatividade e inocência da criança.

As diversas tradições indígenas estabelecem uma conexão inseparável com o planeta e a vida que a natureza é como um todo. O projeto de transformar o selvagem e civilizado europeu é apresentado por Sinvaline Pinheiro com a sensibilidade de quem fala a partir de um território banhado de sangue de povos originários. O ordinário combatido pelo projeto colonialista não apenas é pervertido no sentido de Sinvaline, mas é o meio de sobrevivência.

Sobreviver e cultivar a terra, Presenciar o milagre da vida apalpando o tempo bem de perto... No silêncio, pássaros e no vento não há egoísmo... Resta observar os animais e o ciclo das plantas, pedir para ficar em seu habitat também... O espírito se sobressai nas leis naturais, sem concorrência para Ser. Voa sem civilização, sem dogmas e sem mesmices. A terra aflagada faz nascer as ervas e os sonhos sorvendo cada segundo da vida. É um morrer feliz e aos poucos. Sem teorias longe da realidade... A poesia extravasa, busca a vida, o perdão pela impotência, pelo pouco que se pode fazer . Até chegar a hora, Hora de partir sem causar constrangimentos. (PINHEIRO, 2019, p. 86).

Para Freud o ID é um dos agentes distintos e interatuantes no aparelho psíquico. Ele pode ser a saída vista por Nietzsche na figura da criança desinibida e criativa. É o que Sinvaline Pinheiro coloca do movimento que “voa sem civilização, sem dogmas e sem mesmices.”.

A alforria e euforia artística das palavras de Sinvaline Pinheiro conotam a expressão do que se propõe a proposta de uma clínica psicanalítica do Real. No processo da clínica do Real cada um tem seu próprio tempo para identificar suas identificações e simbolizações. No um a um se vivencia o processo de reconhecimento dos níveis de fantasias ou de fatos. No sentido singulares há, geralmente e conseqüentemente, a queda dos significantes: o ser desamparado e nu e pronto para se criar como sua arte, como repetia Nietzsche.

“Me inventaram e fizeram regras.” (p. 33). Esta afirmação simples e objetiva não parece ser facilmente reconhecível quando há o sucesso colonizador de adestramentos. Também é uma conclusão que geralmente passa a ser considerada em um processo de análise que reconhece o quanto o olhar do outro é uma questão que atravessa e inibe a existência.

No texto "Loucura sóbria", Sinaline coloca a segurança que é caminhar “sem medo do outro.” (p. 48). A narrativa clínica boa parte das vezes, assim como a de Sinvaline, desliza pelos cálculos do tamanho e sentido singular elaborado para o outro. O que há no imaginário sobre o outro diz bastante sobre a própria construção e o funcionamento que se fez, pois nisto se revela, ao tentar apontar o que pressupõe sobre as consciências externas ou o idealizado historicamente convencionado.

Estar preparado para as circunstâncias não é ser erudito, nem ter um saber universal, a ponto de não ser surpreendido por mais nada. Ao contrário, é poder surpreender-se por tudo e não ficar paralisado diante da angústia da surpresa. Em uma análise, trata-se, então, de mudar o referencial da pessoa. Com ela, a pessoa abre mão de carregar uma identidade sabida, e explicar a própria vida a partir de uma determinada cena, para estar independente de todas as identidades possíveis. As identidades vêm do Outro. Uma pessoa analisada percebe que não existe o Outro. Consegue sair da mira da angústia, sem esperar ser bem reconhecida, sem precisar se desculpar por descumprir as expectativas que lhe pesavam, em sua história. (FORBES, 2014, p. 136)

Freud (1930) diz que a condição humana é de desamparo, e portanto apenas é possível satisfação parcial que se dá por meio de contrastes. Eros e Thanos. Vida e morte. Prazer que não se desvencilhou do desprazer, como em 1920, no texto “Além do princípio de prazer”, se perguntou Freud: A pulsão é pulsão de morte? Sinvaline Pinheiro expressa compreensão, neste sentido freudiano, quando escreve, em “Desafios” (p.85): “A vida se equilibra precariamente, a morte aparece a todo o instante, não há limite de segurança... A viagem é de acordo com o vento.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinvaline Pinheiro, mesmo sendo mulher no concreto de uma civilização patriarcal, desobedeceu a ordem do destino de silenciamento da mulher e fala, e quando fala se faz existir. Na existência, como escritora feita sem pretensões editoriais, faz com que pelo texto concebido diversas invisibilidades sejam identificadas com dignidade de valores e sentimentos.

Ao buscar alívio para a própria dor, por meio da escrita, Sinvaline também alivia quem lê. Já que além de revelar as estruturas de angústias individuais e coletivas, ela ainda é capaz de desenvolver esperanças sobre justiça, igualdade e fraternidade. O texto “Vez em quando vem me ver” é rico de sentidos filosóficos e psicanalíticos e convida olhar para a natureza como saída da domesticação compulsória e destruidora do projeto colonial de patriarcado e capitalismo. Pela obra de Sinvaline encontramos apreciação sobre a mulher que se coloca por dizer e dizendo, mesmo que em escritas guardadas, transgride com rebeldia literária, que é em si uma poética filosófica de transgressão moral e política.

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO, COM A BENÇÃO DO CERRADO, SINVALINE PINHEIRO

Ludmila Pereira de Almeida
Maria das Neves Jardim de Deus

RESUMO

O principal objetivo deste ensaio é falar, sentir e andar com a trajetória de Sinvaline Pinheiro, essa mulher goiana, com narrativas cerradeiras que traduzem as vozes plurais do coração profundo de um dos brasis. Nosso apoio para essa caminhada será com: Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), Célia Xakriabá (2021), Amadou Hampaté Bâ (2010), entre outros. O convite aqui é, sobretudo, para que possamos acessar algumas feitura dessa guardiã da memória e contadora-catadora de histórias.

PALAVRAS CHAVES: Sinvaline Pinheiro. Narrativas Cerradeiras. Guardiã da memória.

CHEGANÇA

Toda mulher gerada no e pelo Cerrado aprende com esse grande ancestral a filosofia da profundidade da terra, da reciprocidade e da insistência da permanência do modo de ser e está no universo. Sinvaline Pinheiro é uma dessas mulheres, uma ancestral viva que constrói cotidianamente o ato de leitura de mundo e leitura com o mundo, letramentos de encantamento que expandem nossa percepção da vida. Isso nos convida a autocompreensão e a compreensão do nosso chão pelas sabedorias das raízes, que vão em busca das águas matriciais que marcam o Cerrado como o berço das águas. A prática do amor se presentifica em cada palavra, essa herança que forja realidades encantadas, que assuntam o mundo, que enfatiza que nós somos a própria natureza, que nós somos o próprio Cerrado, nos faz apanhar essa assumência para cruzar outros rumos de memória ancestral.

Essas se despertam não como um ato de lembrança, mas como experiência vivida em outros tempos-espacos-corpos e que retornam aos nossos sentidos, às nossas percepções plurais de significar nossos movimentos, nos convocando à responsabilidade para e com a comunidade. E a continuidade dessa comunidade não está só em sua realidade material, mas principalmente espiritual, que forma uma composição semiótica, simbólica e semântica que finca nossos pés no chão cerradeiro para sustentar a escrita que atravessa e dialoga com as pessoas e a natureza.

Isso se dá pela cosmopercepção de mundo, como propõe Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), aspecto que oxigena os escritos-vida de Sinvaline que não escreve somente pela racionalidade e pelo ato de ver, mas pelo se permitir a cosmo sentir a vida. É uma

escrita envolvida e implicada com a vida vivida, em como o seu corpo se encontra e se desperta aos corpos outros que formam o nós-eu. Sinvaline nos invoca a degustar o ato de conhecer como um ato de sentir e viver como bicho, como possibilidades de reedição de nós mesmas, como forma de ouvir a água, os animais, os seres que nos constituem e nos movem às andanças do ser-sendo, do projetar futuros en-cantados e com os encantados. Isso nos chama a ouvir o espírito que dá vida a todos os seres, nossos parentes, que nos ensinam o respeito aos mais velhos, ao processo, ao tempo-espaço - que foi sequestrado pela tentativa de apreensão para controle - e a saber compreender quando é hora de chuva e quando é de colheita, quando é hora de gritar e hora de se ouvir, qual erva é cura ou veneno, qual o ritmo da reza e o melhor horário para ativar o princípio ativo do espírito das plantas.

Esse ato de sentir-pensar, do qual o ocidente, cotidianamente, deforma e renomeia como um ato de passividade, inferioridade, invalido para processar as ciências do mundo, é rompido nos feitos de Sinvaline para atingir a expansão do coração-pensamento, ao trazer cheiro, tato, imagens, sons, gostos, toques e sonhos a sua escrita insurgente. Como filha do sertão goiano, coração-encruzilhada do brasil, aprendeu e nos ensina a povoar o caminho pela sua corporalidade escrita e inscrita no Cerrado. Lugar onde ela toca a terra, aparentemente sem vida, e faz brotar dali novos horizontes de permanência cultural, verdadeiros patrimônios de memória, tradição, fazeres apalavrados, atentos à arte perspicaz do sentir-escrever, gestando, então, possibilidades de Ser-tões goianos.

Essas possibilidades também são corpos-territórios emanados pelas várias vidas escritas-inscritas em tempos-espaços imemoráveis e revividos no assuntar - tanto de se atentar, quanto de tornar a vida assunto - os sopros ancestrais que decodificam a linguagem do ser-natureza, dos ensinamentos das águas e dos bichos, que movem contações de causos captados pela observância da escritora. A escuta atenta de Sinvaline, que escuta antes de tudo o coração, esse órgão que nasceu primeiro e sonoriza nosso pulsar vital, vibra junto com o outro para estabelecer um diálogo que não é necessariamente verbal, mas do sentir para compreender, do girar palavras que tornam a experiência um estado dançante traduzido pelo corpo.

IDADE DO CORAÇÃO

Existo pelo que faz o coração vibrar

Não importa as consequências...

A alma precisa de ilusão

Ilusão natural... de bicho.

Mesmo com o sol que arrebenta a terra

E a chuva não anunciada

Segue o instinto...

O sentimento é cego
Ignora tudo, até o tempo...
Idade é a do coração e da esperança
Não tive outra
Não há razão plausível;
Estando perto ou longe, nada importa
Sou fiel ao coração, de coisas incompreensíveis e verdadeiras.
Amor que adentre a noite
De sonho em sonho...
O clarão do dia mostra
A sombra do que não foi...
E assim como ser bicho
Faço-me, mais uma vez,
O gozo puro dos animais alinhado à sua lembrança
Faz nascer a menina, mulher...

A inquietude diante das injustiças ressalta a atrevivência de Sinvaline, o seu formato de águas revoltas que inscreve seu corpo no mundo para denunciar e anunciar que a matança do conhecimento dos povos do Cerrado significa a matança da humanidade, que condenar o Cerrado significa tacar fogo em toda a humanidade. O respeito aos mais velhos passa pelo respeito ao Cerrado, esse lugar de sabedoria dos antigos alimenta o mundo, mas foi sentenciado à morte pelo capital. Criando reexistências, os povos e comunidades tradicionais contam mais e mais histórias para adiar o fim do mundo, assim como Sinvaline, uma contadora de histórias que molda a força espiritual da palavra para oxigenar um mundo miserável que se engana com alimentos envenenados de ganância.

Como águas calmas, de cura, acolhimento e imunidade, Sinvaline gesta letramentos encantados, en-cantados, cosmo percepções que nos devolvem ao viver, ao sentir nossa conexão com o todo e a responsabilidade com a palavra emanada, que ecoa como produção de realidades. São atrevivências, leveza e rebeldia que vem da curiosidade do ler e escrever, das vivências do pai pescador e da mãe evangélica, da reciprocidade e gratidão cerradeira que nos leva à lucidez de que nós somos a própria natureza, o próprio futuro, a própria transformação que tem o mundo como a tela da escrita. Um exercício de sabedoria do praticar a vida pelas nossas próprias referências, pelas nossas próprias imagens, como ato de confluência aos ancestrais desta terra que nos dizem que não é preciso pensar em outros modelos de mundo, em outras formas sociais, por que já as temos, elas estão nos quilombos, nas aldeias, nos terreiros, nas tendas, nas irmandades, nos coletivos e nos movimentos sociais, necessitamos, então, expandir isso como modo de viver, como outras possibilidades vivíveis e emancipatórias.

Por isso, conhecer nossa própria história para apalavrar nosso caminho como rotas de continuidade está em apresentar a oralidade ou melhor a oralitura, como nos convida Leda Maria Martins (1997) e proporcionada na escrita de Sinvaline ao escrever de ouvido e convocar as imagens enquanto lemos. Isso cria um cenário como se estivéssemos sentadas ao redor de uma fogueira ouvindo os causos, onde fato e ficção se diluem criando o encanto, a fertilidade de nossas mentes-corações, a poeticidade corporalizada pela performance escrita da oralitura. Com isso, nos deparamos com uma encruzilhada de sentidos, a memória germinapossibilidades mágicas do esperar. Nesse sentido, Sinvaline é um corpo-epistêmico, sua trajetória é de cheganças e dobraduras da palavra para marcar presença e ausência, para criar sonhos e alimentar mentes para outros caminhos, caminhos plurais que rompem com a monocultura do saber e do ser.

POR QUÊ

Independente de mim
A vida segue, continua.
A pele se mistura à terra, é terra também.
Como mudar o curso do rio?
Tudo segue seu caminho e me toma toda,
deixando o vácuo profundo
Uma dor no peito
e mais uma ruga...
O redemoinho leva os “eus”...
A alma (alma?) torpe e insegura.
Acompanha a dor e se funde...
Como mudar a realidade?
Por que sou? Pra que sou? Quem sou?
Me inventaram e fizeram regras.
Não as sigo, sou antissocial.
Na tentativa de me descobrir
Fico ridícula
Vivo a criticar o que nem sei
(grifo nosso)
Desenharam o alfabeto e eu engoli.
Agora vou parindo filhos misteriosamente...
Não tem pai, nem pátria...
Meus versos pagãos, me alastram,
Dizem que sou poeta...
Por que? Para quê?
Até que se cale o último homem:
Por quê?

Como prática de cura, a contação de histórias, uma prosa Aqui e acolá, revitaliza outras humanidades, são pluralidades de cruzos que cada pessoa traz em si e pode nos levar ao encontro a outras traduções de mundo, outras codificações de vida, outras configurações de existência. Quantas vidas Sinvaline teve e ainda terá? A observância, o olhar atento aos detalhes, o ouvido aberto e o corpo esperto a capacita para dizer sobre o mundo de uma forma que ninguém ainda percebeu. Contar histórias ativa o poder mágico das palavras, como disse o escritor malinês, Amadou Hampaté Bâ (2010), é criação divina, é a possibilidade de fazer realidades sonhadas, agora vividas e sentidas. Cura e contar histórias são intrínsecas na concretização do poder da palavra. Prova disso são as rezas, as ladainhas, as plantas medicinais, essa sabedoria ancestral escrita na terra, no ar, nas raízes, nos cantos, nas danças, são revificadas a cada história devolvida ao mundo e que impacta nos corpos-pessoas de formas diferentes, as transformando em um outro vir-a-ser- sendo. O movimento ativa a continuidade e Sinvaline evidencia isso como o princípio ativo, insurgente e rebelde, que corre nas veias das mulheres do Cerrado e atuam diante das injustiças aos nossos. A chegada não é só de corpo físico, mas de transforAMAR e chegar em coletivo, ocupando os espaços com o corpo-epistêmico que nos instiga a pensar: o que faremos com o que fizeram conosco?

GUARDIÃ DA MEMÓRIA, CATADORA-CONTADORA DE HISTÓRIAS

Fazer com que a memória esteja presente e viva, foi encarado por Sinvaline na construção e permanência do Memorial Serra da Mesa, desde 2006. Seu percurso de engajamento e implicância com a vida cerradeira realiza movimentos por onde passa. A construção dos saberes articulados por essa escritora, memorialista, poetisa e Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Goiás é um ato de fertilização do Cerrado expresso em suas obras e também na manutenção de espaços que contam histórias. O Memorial Serra da Mesa, situado na cidade de Uruaçu (Norte de Goiás) é, como diz Josiane Adorno (2011, p. 5), um “espaço de memória do lugar que as águas do Lago Serra da Mesa sepultaram em definitivo”, inundando mais de três mil hectares da reserva dos Avá Canoeiros (o que corresponderia a mais de 10% da área total da reserva), 36 mil hectares do Cerrado, apagando trajetos milenares da história de Goiás. Um memoricídio como projeto de modernização, enfrentado pela escritora em sua atuação prosada e poética de denúncia.

A pluralidade de ser, da qual Sinvaline projeta, enfrenta o chamado perigo da história única, como já denunciou a nigeriana Chimamanda Adichie (2018). Isso se faz presente nos diversos registros da vida das pessoas mais velhas, camponesas, de povos e

comunidades tradicionais pensando não só em conservar sua história, mas também fazer com que mais e mais narrativas possam ser contadas para que o fim do mundo seja, mais uma vez, adiado, como convida o intelectual indígena Ailton Krenak (2019). Dessa forma, através de artigos, blogs e livros publicados, somos sensibilizadas com a história do cotidiano de muitas pessoas que tocaram e foram tocadas por Sinvaline, esse corpo-trânsito que não se conforma com a limitação histórica e cria seu próprio percurso de se historicizar no mundo. Histórias que, normalmente, passariam despercebidas e que, agora, podem circular, inclusive na boca da academia que é convocada a reconhecer a importância da vida-obra dessa escritora que é o próprio livro a ser lido.

O ato de fazer vida em lugares alagados em nome do “progresso”, saberes matados em nome do “avanço social”, é, segundo a intelectual Célia Xakriabá (2021), uma forma de reflorestar, com conhecimentos nativos, os corações desmatados, é conversar com os seres à nossa volta e tramar com eles táticas de luta indecifráveis ao sistema-mundo. Ter o próprio corpo como lugar epistêmico, como se percebe em Sinvaline, é acionar cada ato como estratégico na manutenção da vida, é recorrer às profundezas da terra, a tortidão das raízes que perfura as mais duras rochas, para buscar a água, o elemento que possa nutrir a continuidade da litalitura (XAKRIABÁ, 2021).

Pelas várias encruzilhadas que desenham sua pele, inscrições do tempo, escritas da vida vivida e da trajetória que sustenta sua narrativa, a escritora goiana, guardiã da memória, traça seus passos com plantações de palavras poetizadas e apaixonadas pelo que se diz. Guardiã significa gestora de a-fé-tos (mais do que acolhimento, um ato de fé para com a vida), uma pessoa que transita inquietamente sem esquecer a espiritualidade como potencial energético da construção do futuro e que, a partir disso, fertiliza criatividade cardiografadas, que não se limita ao racional, mas se expande, manifestando também, como águas revoltas, profundas e calmas. Ser guardiã da memória é transitar pelos letramentos de encantamento, que vem, por exemplo da Vó Quirina, conhecimento que a própria academia não dá conta, pois é um aprendizado das biotecas cerradeiras, no ato de demorar com o olhar no mundo, em degustar os segredos que cada ser oferece.

Contra a monocultura do saber, ainda criança, lendo a bíblia para a mãe e escrevendo cartas para as amigas da igreja, a escritora, guardiã e contadora-catadora de histórias, Sinvaline Pinheiro, foi crescendo, assuntando o mundo, se permitindo à palavra como cura, herança e imunidade.

Quando eu ouvia minha vó falar os versinhos dela analfabeto, fazendo trança nos meus cabelos, ela ficava falando versos e falava assim: ‘vão que troveja longe, pra banda que vos morais, chuvinha de vez enquanto, saudade cada vez a mais’. Então, aquilo ia entrando em mim, aquela forma de verso, da minha mãe que não sabia ler, nem escrever também, falava versinhos, eu acho que minha poesia começou com elas, né (PINHEIRO, 2021).

Tomar a língua e a entorná-la para a construção de realidades a partir da própria experiência, como traz a guardiã ao fundir oralitura em escrita, respeitando o uso linguístico de cada pessoa, é uma ação contracolonial, como diz Nêgo Bispo (SANTOS, 2018), de traduções de mundo que se permitem ao atravessamento da outra pessoa, da escuta atenta, que lê o pulsar do coração. Essa linguagem enrolada com cheiro de mato, como a escritora traz em seu livro *Veze em quando vem me ver* (2019), caminha trançando narrativas aparentemente distantes, aparentemente ficcionais, mas marcadamente a-fé-tadas e que questionam a própria ideia de ficção - com se percebe no caso do *Nego d’água* -, recusam a lenda e o mito como mentira, os significando por outros termos, como tomada, por direito, de inventariar narrativas que projetem e traduzem o querer-ser que se torna real nesse plano ao ser contado e recontado. É contracolonial porque parte das tecnologias de combate dos povos desse chão, tecnologias milenares de reexistência frente à violência e a necessidade de continuidade de nossas histórias por nós mesmas.

O nascimento de uma escrita está em sua fundamentação e implicação com a vida, *Sinvaline* ao recordar - *cosmosentindo*, revivendo a memória pela expansão do tato, visão e audição - como sua avó tocava seus cabelos enquanto falava, ou melhor encantava versos de sabedoria, estava articulando letramentos de encantamento. Esses, pelo afeto ao Orí - a cabeça, ao que nos conecta à espiritualidade, a força que nos traz lucidez de que a realidade não é só apreendida pelo material - e a ancestralidade - a reverência ao útero, do útero, do útero, do útero... que nos gesta até aqui - tem a força de firmar nossos passos frente a dureza do mundo projetado para nos expulsar da vida, realizando, então, afloramentos que provocam fendas de rebeldia para enlouquecer quem se acha sabido.

MUNDO CONCRETO DEMAIS

[...] exausta de ouvir discursos engravatados em linha reta aplainando crenças,
tentando moldar ao que se ouve e não ao que se sente
sem entender leis que superlotam em grades a pobreza, enaltece a violência e
enaltece a mente na tortura.

Necessário sentir o gosto, o cheiro natural das coisas,
sem psicotrópicos, sem discursos, sem regras, sem bíblias... [...]

Encantamento está em escrever se inscrevendo, é ter o mundo como tela, o mundo como corpo-estético-político, é encorporar (encorpar algo) o mundo como ato de performar a dança cósmica do vir-a-ser-sendo, de não se render à morte, ao fim, contudo, transformar isso em um cozido que nos devolve à vida. Quando falamos de guardiã e encantamento, estamos falando que Sinvaline é cozinheira tradicional da palavra-ato, pois reconfigura um alimento morto, sem vida, com cheiro desagradável, em algo nutritivo, que alimenta não só o corpo físico, mas o espírito, que propaga os conhecimentos que devolvem a temperança da vida, dá “sustância”, com gosto e diversidade de sabores. Essa possibilidade da transformação se percebe também na Toca Vó Quirina, onde a guardiã realiza, junto com o professor de Direito Ambiental e Agroflorestal, Vanderlei Luiz Weber, ações de produção de alimentos pelo Sistema Agroflorestal - sistema que compartilha propriedades nutritivas de várias plantas, ao mesmo tempo que usa disso para fertilizar o solo.

Essa sabedoria do cozinhar, como produção de conhecimento, apesar de todo o processo de violência, é também significada pela astúcia da memorialista em, assim como a escritora Carolina Maria de Jesus, catar histórias (MARIAH, 2019) Aqui e acolá e encontrar as profundidades de cada pessoa na documentação escrita, localizada nos sertões goianos. Esse ato de catar, procurar e se demorar em meio aos cacos históricos em busca das narrativas-vidas, das pessoas submersas pelo projeto de nação, se remete à força de transformação da cozinha que traz à vida o que era tido como “morto”, como forma de evitar o desperdício de conhecimento, de sonhos e de outros caminhos de futuro catalisados por cada corpo-pessoa. Isso forja e revisita as epistemologias de cura (XAKRIABÁ, 2020) que agem como água de encontro às feridas da invisibilidade, trazendo à tona conhecimentos curativos das dores da própria autora ao mesmo tempo que provocam terrorismos simbólicos e estremecem os muros dos espaços de poder-saber, ao prevenir-denunciar o adoecimento da comunidade-natureza.

Fora do eixo de visibilidade nacional, de um projeto de nação que apaga as precursoras e suas inquietudes rebeldes, tão antigas quanto o próprio mundo, chegamos à Leodegária Brasília de Jesus. Esta foi a primeira mulher e primeira mulher negra a publicar um livro de poesia em Goiás, e Sinvaline expressa essa herança ao se nutrir do mesmo chão poético, não se conformando com as imposições de sua época e se expandindo ao falar do mundo por outras experiências. Isso reatualiza a necessidade de denunciar as tentativas de apagamento de quem vive no coração dos brasis, do corpo desse país adentro, que não aparece como pilar da formação nacional, mas sustenta o seu pulsar vital nos subterrâneos da história oficial, para que a pluralidade continue, para que exista mundo para os ancestrais do amanhã.

Leodegária e Sinvaline se reencontram em confluências, como diz Nêgo Bispo (SANTOS, 2018), conhecimentos que se inscrevem em lugares desviantes do tempo-

espaço ocidental de progresso, da retidão das avenidas oficiais, da linha reta cronológica e universal, e se comunicam na tortidão, nos trieiros e nas pinguelas. Além disso, a matança do conhecimento, imposto ao legado de Leodegária, é enfrentado por Sinvaline que se move como continuidade, fertilizando uma escrita sincronizada com a vida e envolvida com o “ser” em vez do “ter”, construindo um vir-a-ser confluyente com as que vieram e virão, com as mulheres do Cerrado, com as que não estão nos cânones nacionais, mas se presentificam nos cânones do Cerrado. Leodegária vive em Sinvaline! Do coração dos brasis, o Cerrado, o grande ancestral, trouxe à vida uma mulher com a profundidade filosófica cerradeira, um corpo-sertão que reitera a confluência com os povos e comunidades tradicionais, desde a criança aos mais velhos, a partir do norte de Goiás. Mais do que direitos humanos, o corpo-epistêmico-político-cerradeiro de Sinvaline nos convida aos direitos bioscósmicos (MALOMALO, 2021), a sabedoria de que não é possível se ter o Cerrado de pé, sem a garantia dos direitos dos povos, de que não é possível manter os povos em seus territórios, sem garantir a existência e permanência de todos os seres. Comunidade-natureza- gente são indissociáveis e se confluem quando se trata do direito à vida.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2019, p. 9, grifo nosso).

Sinvaline é corpo cruzado, é leitura de mundo que expressa lugar, que povoa o mundo com a palavra corporalizada, que traz as lutas do chão que pisa e dos seres que o habitam, e reverencia os que não tiveram um enterro digno por serem ceifados em nome da modernidade. Sua escrita-vida vem como desabafo e como palavras germinantes, animam sementes em potencial quando é plantada em cada coração que aceita sua chegada e anseia, de forma rebelde, a festividade do ser. É um encantamento que aponta imagens-sentidos do frutificar o solo goiano, aparentemente árido em sua superfície, desértico e ameaçador, no entanto, é nesse lugar que a alegria acontece, onde as folias, romarias, as e os artistas, as cantorias, as e os roceiros, as parteiras, raizeiras encontram casa, onde a pluralidade de percepções de mundo se confluem numa dança pelo navegar do viver.

São povos indígenas, quilombolas, ciganos, agricultores, pessoas profissionais do sexo, pesquisadoras e pesquisadores acadêmicos, para citar alguns que fizeram parte do percurso de Sinvaline, que tomam corpo em sua escrita acolhedora e incendiária. Como mulher cerradeira, a escritora sabe muito bem lidar com o potencial do fogo tradicional, que incendeia os cânones nacionais, botando fogo na língua que “justifica” realidades de violência e apagamento.

ELA PARECIA GENTE

Atrocidades do homem que se diz "civilizado"

guardam memórias que doem na alma.

Foram Avás, kayapós, krahôs e tapuias
exterminados no norte goiano.

Cães bravios corriam nas matas e
espingardas apontadas miravam as sombras
de homens valentes;

Era a caça aos bichos que pareciam gente...

[...]

O tiro ecoa pela mata

o bicho cai se revolvendo na terra.

Soldado aproxima e sente a força do olhar...

A jovem índia grávida dá o último suspiro;

O soldado chora e bate em retirada.

A alma doendo dá o relatório final:

-Era uma índia, mas parecia gente!

Como uma mulher Ciensosa do Cerrado (XAKRIABÁ, 2020), a escritora, memorialista e educadora ambiental, Sinvaline, é uma cientista/pesquisadora/ativadora dos conhecimentos da terra, das águas, do fogo e do vento. Essa ação de tocar o chão “infértil” do Cerrado e fazê-lo florescer é um ato de sagacidade de trazer à superfície a floresta acolhida nas profundezas milenares da terra, de trazer para a gira da vida as narrativas das raízes-pessoas que sustentam esse território sagrado. É compreender que andamos sobre as águas, o berço das águas, e esse ensinamento compõe o nosso mover, a nossa escrita aguada, que é inapreensível, que escapa de qualquer prisão acadêmica-oficial e desafia a concreticidade do sistema-mundo, o perfurando ao mesmo tempo que constrói o seu próprio modo de ser e estar, outra gentidade nesses sertões. Essas são pessoas que criam as próprias tecnologias de (sobre)vivência e de celebração da vida, herdadas pela sabedoria das e dos que vieram antes.

CONTINUIDADE

Com indígenas aprendi que beleza não é a aparência física e sim ter habilidades de sobrevivência e beleza interior; que criança é parte mais importante do processo familiar porque representa o futuro da nação; que os velhos sabem mais porque viveram muito e por isso devemos aprender com eles; que animais, matas, flores e insetos devem ser respeitados para garantir o futuro do planeta; que se deve falar pouco e ouvir mais; que nudez não é falta de vergonha e sim liberdade; que o homem e mulher devem saber lutar, saber alimentar e serem fortes; que as florestas guardam grandes farmácias; que tudo na vida deve ser pensado e projetado em consenso com a tribo; que escola deve ensinar a ser feliz e não a ganhar dinheiro; que o homem não morre mas se transforma em algo eterno passando a fazer parte do universo cósmico. Muito mais, aprendi que a ÁGUA é o ser mais importante e devemos considerá-la nossa mãe. A cada convivência com indígena aprendo realmente o que é viver e ser gente de verdade (PINHEIRO, 2017, s/p).

Pela oralitura e litalitura, Sinvaline vai trançando barricadas de reexistência tendo em vista uma educação ambiental pautada no compromisso com a palavra, com o corpo que fala e grita para ser notado como gente. De forma autodidata, pela curiosidade e atrevivência foi performando escritas-inscritas implicadas com a luta e seu registro prosado e poético. Escritos que catam e contam, diante da dureza de sua vida, de mãe solo, com filhos pequenos, escassez de alimento e trabalho na cidade, a insistência em viver, essa força rebelde de continuar não só por si, mas por quem também foi lançado a mesma situação.

Sua mãe, que a impedia de ler, porque dizia que ficaria louca e com a vista estragada, tinha razão, Sinvaline desafiou a normalidade e cosmoentiu o mundo, a visão já não foi mais suficiente para vivenciar e provocar outras estéticas de mundo, outras estéticas de escrita. Ficou cega ao comando da visão ocidental-colonial que nomeia o outro para oprimir, abriu olhares para dentro de si, no encontro com o outro como integração a sua existência, tocou e cheirou o mato como quem abraça um ser que há muito não se via e criou formas de confundir a casa grande em suas certezas que eliminam a pluralidade.

A OBRA DE SINVALINE PINHEIRO: UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA

Kássio Kran

RESUMO: Este ensaio consiste no estudo e na análise da obra da escritora Sinvaline Pinheiro por meio de suas poesias, contos e causos, a partir de uma ótica existencialista e humanista procurando se aproximar da essência da autora, além de discutir sua forma de elaboração de seus textos e as manifestações de seus saberes e experiências por meio da escrita. A metodologia básica utilizada está voltada para o levantamento bibliográfico da vida e obra da respectiva autora, por meio de pesquisas e revisão de literatura com finalidade de pautar os principais elementos daquilo que constitui a construção do seu trabalho, formando a compreensão das ferramentas de grande relevância para o resgate cultural do povo goiano e para o seu próprio reconhecimento. Visa explorar a natureza subjetiva da identidade de Sinvaline.

PALAVRAS-CHAVE Sinvaline Pinheiro. Literatura Goiana. Existencialismo.

INTRODUÇÃO

Se me permitem, começo este ensaio ao estilo Sinvaline - falando de coração aberto, trazendo meu interior para o exterior. O ano era 2017, não me lembro o mês. Mas já bem próximo ao fim do ano e em um dia difícil; talvez, por isso, me falte a memória propositalmente. Uma amiga me enviou uma mensagem dizendo: “Tu já viu o textinho do tamanduá?” De cara desdenhei e pensei: “O que eu quero saber de tamanduá?”

Dada a insistência e a consideração pela pessoa, cliquei no link e entrei em uma página do Facebook. Lá fui eu ler a história de um tamanduá chamado Andrezinho. Logo me percebi mergulhado no mundo de Sinvaline e em sua vivência com o bebê tamanduá, absorvendo sua essência e imaginando o animal se alimentando com mel, em pequenas cabaças improvisadas, espalhadas pelo seu quintal. Via o animalzinho com os olhinhos se fechando recebendo afagos e carinhos nas orelhas e na barriga. Sentia ele chegando e me cheirando as pernas.

A escrita simples de Sinvaline me conquistou no trecho que lembrava os perigos da vida cotidiana de um tamanduá em seu habitat natural, como o desmatamento, os incêndios, o avanço urbano, a falta de água e recursos naturais básicos. Ali, me identifiquei. Além de escritora, se mostrou ativista, e sua emoção me emocionou com estas palavras:

“Andrezinho representa todos os animais silvestres e índios expulsos da terra pelo agronegócio e destinados a extinção, representa a morte do cerrado e da vida. É o futuro do planeta, futuro do homem. Por enquanto as vítimas mais indefesas vão morrendo aos poucos. Essa incerteza traz um sofrimento negro, dolorido mas o amor é maior.”

Assim é Sinvaline Pinheiro - escritora, poeta, contista e ativista. Um grande nome da literatura goiana. Reside na cidade em que nasceu: Uruaçu, município da região norte do Estado de Goiás, conhecido por seu potencial turístico com belezas naturais resultantes da intervenção humana. Na região, o Lago Serra da Mesa é resultado do represamento de rios importantes, como o Rio Maranhão e o Rio das Almas, para a geração de energia elétrica na usina da Eletrobrás Furnas, e por meio de uma barragem no curso do Rio Tocantins (ANDRADE, 2002).

O empreendimento hidroelétrico trouxe impactos ambientais terríveis e permanentes para o cerrado que Sinvaline defende. A fauna e a flora foram vastamente destruídas, fazendo com que diversos tamanduás, talvez até mesmo Andrezinho e outras espécies, perdessem seu habitat natural. Essa construção comprometeu de forma definitiva bens culturais, históricos e pré-históricos, como incontáveis sítios arqueológicos. Destruiu vales cheios de histórias de fins de tarde, transformando a paisagem em um espelho d'água com centenas de quilômetros que, espero, sirva para refletir de forma não narcísica a ignomínia humana.

Uruaçu também é conhecida por outras atrações turísticas, entre elas o Memorial Serra da Mesa, um grande projeto idealizado pelo professor e doutor em Antropologia Altair Salles, encabeçado pela prefeita Marisa dos Santos Araújo e declarado por ela como a maior obra de seu governo. Sua inauguração em 2008 teve a participação de grandes nomes, como o arquiteto francês Louis Bernard Tranquilin, a musicista Verônica Aldé, que também é fada; e, claro, Sinvaline Pinheiro, que hoje é coordenadora da instituição que é a extensão de sua alma. (ADORNO, 2015).

O Memorial possui diversos espaços representativos que resgatam a história do povo preto e indígena, além da fauna e da flora, especialmente as da região. É um local de reflexão e conscientização ao conectar o passado histórico ao presente moderno, e transportar o visitante entre os tempos, fazendo com que se perceba parte do todo, tal como alerta os escritos de Sinvaline. É a alma cultural da região, é a cara e a casa da Sinva, como também ela é conhecida.

Bem em frente a uma das principais entradas para o Lago Serra da Mesa, o Memorial parece ser uma construção ativista que grita em memória de tudo que está submerso nos bilhões de metros cúbicos de água alcalina logo adiante. É um símbolo de resistência. A tradução de parte da alma e da essência de Sinvaline que ainda conduz um outro projeto, juntamente com seu amigo Vanderlei Luiz Weber, voltado para produção agroflorestal no cerrado na toca Toca Vó Quirina. O nome é uma homenagem a sua avó, sendo o local de refúgio, terapia e poesia. (XAPURI, 2021).

Pessoalmente, conheci Sinva em um evento do Coletivo Carolina Maria de Jesus, em Goianésia. Foi maravilhoso. Uma companheira, que não enxerga muito bem, apontou para um lado e disse: “Olha, aquela escritora famosa”. Ficamos esperando um

momento oportuno para abordá-la de modo mais natural. Não teve esse momento. Ela, sempre cercada, nos obrigou a romper o cordão humano ao seu redor e fomos tietar. A conversa fluiu e durou um tempo. Logo perguntei do tamanduá, da história do fusca; se eram inspiradas em acontecimentos vivenciados por elas. Ela disse: “É tudo real; não há nada de mais; normal como essa conversa aqui.” Ah, adoraria ficar “Proseando aqui e acolá”, com Sinvaline.

Na análise ensaística da obra de Sinvaline, parto de sua leitura considerando a ótica existencialista dentro da corrente humanista em conformidade aos pilares de Sartre, Husserl e Heidegger (KENNY, 2011). O principal objetivo é refletir sobre a importância e o impacto social de suas vivências e trajetória cultural para o povo dos confins do estado de Goiás. Para isso, busco evidenciar a natureza subjetiva da identidade e da personalidade de Sinvaline e como isso se manifesta na execução do seu trabalho.

Neste texto, concentro-me, principalmente, nas suas obras mais conhecidas, *Proseando aqui e acolá* (2013) e *Veja em quando vem me ver* (2019). Para a análise, com base em Foucault (2001), trabalho com a observação de tópicos específicos, abordando o processo de transformação da coleta bruta de dados da escrita de Sinvaline sob sua ótica poética nos textos em seu empreendimento intelectual, convergente com a lógica existencialista em muitos aspectos em sua produção. O trabalho é um levantamento bibliográfico da vida e obra da respectiva autora, por meio de pesquisas e revisão de literatura.

O QUE É SINVALINE

É uma mulher e ainda sente pulsar o coração na busca de um amor...

Cantarola uma música e segue sorridente:

Ainda é uma mulher

Somente uma mulher... (PINHEIRO, 2019)

Uma mulher. Isso já diz muito, principalmente daquilo que se passa para poder caminhar na vida. Guerreira que encontrou na simplicidade a inspiração para conectar histórias que passariam despercebidas, porém, transfere para essas histórias, sua forma singular de enxergar o plural. Uma mulher com o coração menino.

É, por assim dizer, uma cerimonialista social ou, quem sabe, uma historiadora popular, que luta pela democratização do espaço na construção das histórias locais (micro-história) e, por fim, da história como um todo. Para ela, há eternidade em cada momento que por menor que seja reverbera no todo (ADORNO, 2015).

Dentre essas histórias que Sinvaline sai conectando aqui e acolá, não aleatoriamente, ligando quebradas como faz o Google Maps, está a vida dos indígenas; o passado maculado do negro; o sofrimento da mulher, seja ela trabalhadora de puteiro ou frequentadora da Capela de Santana mesmo só em pensamento; o sofrimento também

da criança e do pobre na sociedade, considerando o seu sofrimento e de sua família, sua mãe, seus filhos e de sua irmã Valdeth; e a experiência dos velhos, que Sivaline doou a juventude para preservar, valorizando e honrando a ancestralidade.

Defensora dos animais e do cerrado, de onde absorve conhecimentos de forma natural aprendendo pela “lógica da natureza”. Entende-se parte dela, e de fato é; todos deveríamos ser. Defensora da vida. Controversa, também defende o direito à morte, ou ao menos a entende bem. Provavelmente já dialogou com a morte, dezenas de vezes. Sabedoria conquistada na dureza, na peleja, na dor; e é na dor que ela se reinventa. Um alerta aos estudiosos do assunto: Sinvaline é sinônimo de ressignificação. Ela sempre estará lá, apesar de qualquer coisa que possa lhe causar interferência. Conforme Nunes (1995), esse também é um aspecto encontrado na escrita de Clarice Lispector.

Acostumada à mídia e aos holofotes, com uma escrita dotada às vezes de um lirismo urbano, volta-se com frequência para o mato. Para ela, o avanço da civilização é o abandono da natureza. Então, se refugia no Sítio Vó Quirina, onde bate papo com o silêncio e sorve suas emoções. As árvores a ouvem, ela finca seus pés no chão; e, enfim, mergulhada em sua dor, encontra a paz.

A escritora não tem diploma, provando que genialidade não está necessariamente acompanhada da formação regular. É culta e intelectual. Assim ela se faz uma educadora que visa a emancipação individual e social, criando suas narrativas sob uma ótica horizontal, ao melhor estilo Paulo Freire, numa espécie de literatura da libertação. Foi alfabetizada aos 6 anos e estudou somente até a 4ª série do primário. Conseguiu certificação do ensino médio graças aos exames do supletivo. No ano de 2021, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) (JOTA, 2021). Lia escondido, pois sua mãe condicionava a leitura a loucura, pelo jeito, Sinvaline ficou louca. Passou a escrever e disseminar, aquilo que a faz viver, com o mundo (PINHEIRO, 2011). Sua escrita é uma resposta de resistência à indiferença, ao egoísmo, à ganância, ao desamor, à robotização da humanidade. Transita por muitos lugares, gentes e povos, levando e gerando sabedoria, empatia e compaixão, numa procura de transformar realidades nas faces da diversidade do povo goiano, gerando um processo de reflexão àqueles que a leem. Sendo assim, Sinva é uma sonhadora, ao estilo de John Lennon na canção Imagine.

Ela acredita na mudança. Crer num sonho não é coisa de infância, é coisa de quem tem em si maturidade na alma e um coração menino. O sonho de Sinvaline é mudar as realidades com amor verdadeiro. Sair da utopia, fazer com que o leitor passe a ser autor de sua própria narrativa. O que quer para si, quer para todo o universo. É disso que falam seus versos. E enquanto o povo não souber narrar, ela narrará. E quando o povo souber narrar, ela narrará sobre isso, até o dia que ocupar o panteão dos ancestrais, junto com Nhanderu, Papã e Tupã. Sinvaline Pinheiro é uma deusa, uma faísca divina viva. Não é desse planeta.

O MUNDO DE SINVALINE

Ler Sinvaline é como ser teletransportado em uma viagem para além das fronteiras do tempo e da subjetividade. Você se vê distante no início, depois está tão dentro que sente ser os personagens ou a própria autora, como narrado na Introdução sobre o texto do tamanduá. É possível se sentir o próprio cerrado goiano. Ler Sinvaline é estar em seu mundo, em um sentido ambíguo, pois quem a lê adentra ao mundo dela e ao próprio, se encontra consigo mesmo numa espécie de catarse literária, algo altamente terapêutico, pois esse tipo de encontro é capaz de curar, como escreve Jaboby (2011).

Sinvaline demonstra uma resiliência única, seu olhar sobre a vida e a capacidade de amar são ímpares. Vive o amor na pele, independente da cor. Sensível, generosa, amiga e radicalmente humana, faz refletir, desmonta a gente num processo de desconstrução que encaminha para a ressignificação de nós mesmos, partindo da subjetividade dela. Assim, expressa uma capacidade de inspirar, nortear e mudar a vida das pessoas, que leem e/ou são lidas em suas poesias e contos, com seu jeito diferente de tocar almas.

Uma pessoa cuidadosa que procura se aproximar do outro e de sua experiência ao máximo. Lembra o jeito de ser de personalidades locais, como Dona Nilma, por se abrir a essa proximidade sem perspectiva de se fechar; Dona Sílvia, pela humildade em desempenhar sua intelectualidade; e personalidades conhecidas como Dona Jacira, pela fusão natural com a terra sagrada; Tia Neiva, pela simplicidade em desenvolver sua espiritualidade; e Clarice Lispector, por ser uma mulher livre, direta e pelo lirismo intimista (NUNES, 1995).

Esses aspectos reunidos caracterizam Sinvaline como alguém que vive a filosofia ubuntu, principalmente se observo o todo, indo para além da existência do africano no universo, que é também ancorada nessa filosofia. Em ubuntu, o todo se funde em um ser e este ser é o todo, integrado e não fracionado, interrelacionado como na visão holística - um organismo na unicidade do ser.

Uma pessoa com ubuntu é uma pessoa por meio de outras pessoas, por meio de outros seres e por meio do universo. Cuidar do outro é também cuidar da natureza e vice-versa. O significado da palavra, a partir das línguas com raiz banto, se aproxima de “eu sou porque nós somos” ou “somos todos um”.

Na prática, significa simplesmente ter compaixão, calor humano, compreensão, partilha, empatia, respeito, cuidado, humanitarismo, ancestralidade, ser ecopolítico. E a palavra que resume todos esses valores é amor. Se, para Sinvaline, o avanço da civilização representa o abandono da natureza, para a filosofia ubuntu, a industrialização e a urbanização sem consciência representam a corrosão da unidade (RAMOSE, 1999).

Sinvaline é cristã, espírita e também politeísta, acredita nos deuses indígenas, na mãe natureza e ora, quer duvidar de Deus. Chega a dizer na poesia Mundo Concreto Demais que o mundo seria melhor sem bíblias. Em sua poesia Luz (2019), conta que não teria religião, só a poesia. Possivelmente, Paralela Solidão seja uma das poesias de Sinva mais preferida por mim e nela, está escrito:

“Não posso questionar as profundezas de Deus, (alguém disse)
Então por que religiões? Religiões sem esperança, sem Deus”

Embora tenha um enorme apreço pela Capela de Santana, não é religiosa. Tem sua devoção numa espiritualidade que gera e é gerada pelos valores humanos, algo mais próximo de uma compreensão não definida do Cosmos, do princípio do amor, ausente de preconceitos. Sua alma é viva, seu espírito é livre.

Sinvaline carrega consigo uma dor existencial. Seus escritos mostram um desejo de partir de quem não suporta mais as indiferenças e desigualdades desse mundo e a cada vez que dorme ensaia para morrer. Parece olhar para a estrelas, como ilustrado no poema Partícula de Deus, a procura de seu lar, sentindo saudade de casa.

Uma estranha no ninho, com uma profunda inquietação, um sentimento de deslocamento ou de não pertencimento, ao mesmo tempo em que faz pertencer aqueles que também não tem lugar nesse mundo. É com eles que ela fala, mas, por fim, permanece só, em sua paralela solidão. É um conceito estabelecido pela autora, que tenta traduzir o peso e a delícia de estar apenas na presença de si mesma.

Sinvaline é só, se faz só e se sente só, mesmo estando cercada de pessoas. É Sem par. Em constante fuga para dentro de si, nos ambientes físicos que lhe são mais representativos em nível pessoal. Foge da robotização social, dos bonecos ambulantes, do lastro de violência e destruição que isso causa.

Questiona se o poeta é feliz em poesia com o mesmo nome. “Nascemos e morremos sós”, diz em seu poema Despedidas, traduzindo que a morte é mesmo um processo solitário e que a vida é também é um processo interno, experiencial e nisto ela vê igualdade, que deveria ser copiada em outras instâncias da vida. E nesse intervalo de nascimento e morte, Sinva está cansada, como conta na poesia Que Tempo:

“Cansei de olhar o tempo
Sem ter tempo para mim mesma
de correr atrás de tudo e não ter nada
Quem me queria eu ferí
Ri de quem me gostou
Cada buteco da vida
Participou comigo
E eu fiquei sem tempo Para ter tempo
De gostar de mim”

Sinvaline abre mão do gozo em suas escritas para assumir a postura da coragem de sentir medo, se permitindo essa experiência. Nessa linguagem tudo é sempre alguma coisa e ao mesmo tempo outra, como na lógica existencialista (KENNY, 2011).

Encontra forças na solidão e na vivência que ultrapassa qualquer entendimento e não se interessa em limitar-se a viver daquilo que meramente faz sentido, que também é encontrado na essência dos escritos de Clarice Lispector, que chamava isso de “verdade inventada” (NUNES, 1995).

As dores narradas em seus versos, os jogos de palavras diversos, isso tudo desafia a indiferença. Seu dizer não é uma simples reclamação ou apenas um desabafo. É expressão de seu ativismo. Entre um poema e outro, uma fuga e outra, um choro oculto e um isolamento, ela se fecha como um sol que dorme em mim menor. Então ela volta à cena para ser exemplo de resistência, realocando as emoções e ausências que carrega marcadas em sua alma, como um sol que se abre em mim maior, e a faísca divina de seus raios invadem mentes em celas onde o pensamento não era livre.

ATIVISMO SOCIAL

Sinvaline “parece gente” e por isso mesmo denuncia as atrocidades do homem civilizado, subtraindo terras e espaços que não são seus por direito. Seus causos, histórias e até mesmo poemas e poesias representam a diversidade de um povo sofrido nos interiores do Estado de Goiás. Critica, na poesia Ela Parecia Gente, não apenas a colonização brasileira e todo o seu contexto histórico de exploração dos povos nativos e o abismo social gerado por essa chaga, mas também as bandeiras modernas, como foi o caso da construção da CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás) coordenada por Bernardo Sayão, com sede no que hoje é a cidade de Ceres.

Sinvaline escancara que o Brasil multicultural, a partir de sua prática regional, é uma ilusão, pois muitos povos não têm direito a voz, com suas histórias silenciadas e por vezes esquecidas ou mesmo apagadas. Inclusive por lagos artificiais ou incêndios não explicados. Desse modo, Pinheiro coloca toda sua narrativa poética a serviço dos pretos, indígenas, quilombolas, ciganos, foliões, mendigos, idosos, crianças, mães, mulheres, animais, e até cavalos puxando carroça. Sinvaline é um espaço de fala dessas populações e assume assim um caráter de resgate à cultura, identidade e pluralidade do povo goiano.

Estão entre os seus propósitos a preservação da cultura e do cerrado goiano, valorizando suas memórias, riquezas naturais. Por consequência, a promoção do reconhecimento do povo imensamente forte e resistente, bem como seus costumes, tradições e vocabulários, para que o Menino Malino e a Menina de Rua possam nos fazer esquecer a influência dos homens- máquinas, que ela tanto fala em seus textos poéticos, e cooperar para uma mudança real, pois ainda é tempo.

Sinvaline conta os anos dourados do povoado de Traíras, agora esquecido no município de Niquelândia. Faz isso com uma preocupação econômica e desenvolvimental do povo envolvido. Evidencia a questão social de maneira visceral, assim como as questões femininas de quem almeja a liberdade para além do fim do sofrimento que o machismo impõe, como em Rosinha, por exemplo.

A OBRA DE SINVALINE

Sem uma técnica específica, começou a escrever a partir do hábito de leitura de diversos autores e autoras, através da fluidez de seu contato com o mundo, utilizando na sintetização da obra toda sua bagagem adquirida em vida até aquele momento. É um método fenomenológico, vivencial de experiências suas e de terceiros, onde considera os dados coletados, como se fossem fenômenos (KENNY, 2011).

Experiência por vezes triste, muito triste, mas bastante real, e que trazem esperança a uma sociedade adoecida e adoecedora. Seus contos, causos e poesias não são baseados em teorias, mas na vida de pessoas anônimas que cruzam seu caminho. São vivências cotidianas dotadas de mistérios e místicas, como a vida é mesmo e assim traz uma mensagem por trás de cada texto, por vezes parece uma receita que nos aproxima da nossa própria essência e por vezes parece uma oração, uma súplica, por respeito ao cerrado como um todo.

Sinvaline usa uma linguagem simples, próxima daqueles que lhe trouxeram a matéria prima, sem educação formal, sem vícios acadêmicos ou discursos prontos, gente simples detentora de riquíssimos conhecimentos ancestrais, minerados pela alma de Sinva. Narrativas com desfechos engraçados, mas outras vezes dramáticos. Aborda temáticas complexas como prostituição, a vida nas ruas, os preconceitos, a fome, a desigualdade e violências diversas, pensando e criando formas de resistir à indiferença, por meio de sua obra.

O livro *Proseando aqui e acolá* (2013) é um exemplo disso. Com relatos reais, obtidos por meio de pesquisas realizadas na região norte e Vale do São Patrício, do Estado de Goiás, tem como base depoimentos de atores sociais da cultura regional que contribuíram com desabafos e que são transformados em causos e prosas, revelando aprendizados vindos dos povos do interior, da mais original cultura popular a partir dos 30 (trinta) breves relatos sobre festas tradicionais, artistas de diversas classes, romarias, saberes empíricos, superstições e lendas e faz semelhante em outras obras.

O resultado final é surpreendente. Com uma pesquisa etnográfica repleta de manifestações genuínas deste e do século passado, e para aguçar ainda mais o imaginário, o livro traz um registro fotográfico real de cada capítulo, aproximando o leitor ainda mais da experiência gerada pela pesquisa em um campo bucólico, que zela pelo patrimônio imaterial dos ermos e tribos de Goiás.

O lançamento do livro de poesias *Veze em quando vem me ver se deu* em 2019 e é uma obra sublime que traz em sua composição toda a sensibilidade, alma e genialidade da escritora, a partir de seus 74 (setenta e quatro) poemas escritos. É a inquietação interna de Sinvaline traduzida para o papel. Uma crise existencial constante em cada poesia, que traz o renovo a cada leitura, declarando seu amor a cada canto de sua cidade e a toda criatura.

Nesse livro a participação dos personagens constrói um entendimento de que a autora se dirige a si mesma, por meio de seus personagens, aparentando portanto, ser um mergulho em seu próprio mundo interior, revelando suas emoções, impressões, dúvidas, devaneios, sem que isso prejudique as entrelinhas das poesias. Para entender é preciso sentir. Por isso é terapêutico, pois fala de si, antes de falar do outro e ao falar do outro, também fala de si, como traz os escritos de Jaboby (2011).

Semelhante a Clarice Lispector, sua obra está repleta de cenas cotidianas e tramas psicológicas com perfis de personagens bem definidos, numa linguagem intimista e epifânica, havendo o reconhecimento de verdades sobre si, sobre o outro e o mundo, a cada leitura, criando uma atmosfera introspectiva, que gera impacto profundo em quem lê, promovendo mudanças estruturais no ser, que se propõe mergulhar na leitura (NUNES, 1995).

CONCLUSÃO

Este ensaio nos permite compreender um pouco da essência literária de Sinvaline Pinheiro, sua capacidade de gerar grandes reflexões e impactos significativos e transformativos em seus leitores a partir das memórias e experiências captadas que são transformadas em texto.

O estudo atinge seu objetivo por conseguir trazer a compreensão existencialista sobre o comportamento da escrita de Sinvaline, perpassando por seu empreendimento intelectual e sua construção simbólica e humana, se aproximando mais de sua essência do que de uma avaliação técnica.

Ao final da exposição, ressalto os atributos de Sinvaline como agente transformadora. Ela ajuda a divulgar e reconhecer a história de um povo esquecido pela literatura brasileira. Além disso, seus escritos criticam e fazem refletir acerca das construções sociais e o impacto direto que elas têm sobre o meio ambiente. Não menos importante, traz em sua escrita um lirismo intimista.

Digna de estudos cada vez mais aprofundados e amplos, visando a expansão de seu alcance, Sinvaline é um tipo raro de ser, que consegue fazer de sua cruz a sua espada e seguir, apesar de qualquer coisa. É a expressão da liberdade em amar. Se teu abraço é pequeno ante a dor da Menina de Rua, minha dor é pequena, perto do teu abraço. Sinva, vez em quando vem meu ver.

SUJEITOS DA HISTÓRIA: UM ENSAIO SOBRE SINVALINE PINHEIRO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTORIOGRAFIA REGIONAL

Nilda Gonçalves Vieira Santiago
Gisele Gomes Avelar Bernardes

Sinvaline Pinheiro, nascida em Uruaçu-GO, antigo arraial de Santana do Machombombo é daquelas pessoas que nos comprovam que a história, além de ser feita no cotidiano das mulheres e homens populares, também pode ser escrita e preservada por personagens considerados invisíveis. Como explicar, por exemplo, o fenômeno de uma mulher com pouca escolarização e alguns percalços na vida se dedicar com tanta acuidade à salvaguarda do patrimônio cultural material e imaterial de uma determinada região e seu povo? Como não reconhecer sua intelectualidade e sua veia de pesquisadora e historiadora ainda que não tenha sentado nos bancos de uma universidade?

No início dos anos 2000, depois de morar por algum tempo em outros centros urbanos, Sinvaline retorna à cidade de Uruaçu encampando um trabalho de resgate da memória e cultura da região. Nessa tarefa voluntária, desenvolve uma série de atividades como escritora, pesquisadora, coordenadora de projetos artísticos e culturais, sendo uma das mentoras do Memorial Serra da Mesa e do Grupo de Folclore Serra da Mesa.

Utilizando uma linguagem literária, a autora se insere numa concepção historiográfica da História Cultural, ao trazer para sua produção registros dos costumes e cultura dos homens e das mulheres que ajudaram a construir a história, no seu dia-a-dia, com o seu trabalho e suas ações, fugindo da compreensão equivocada de que somente os grandes feitos e alguns sujeitos se destacariam no processo histórico da humanidade.

Essa abordagem historiográfica se propõe a estudar a dimensão cultural de uma dada sociedade situada historicamente. Ela se volta para diversos estudos ligados às representações, à cultura popular e letrada, aos discursos dos vários grupos sociais e para temáticas que perpassem a noção de cultura em suas variadas vertentes. Nas obras de Roger Chartier, por exemplo, um dos grandes nomes dessa corrente, nota-se uma preocupação com as representações em desfavor da história social globalizante.

O simples fato de existir já coloca qualquer indivíduo na posição de produtor e, ao mesmo tempo, de receptor de cultura. Portanto, o conceito de cultura possui uma dimensão plural e acomoda toda a complexidade existencial da engrenagem humana. Além de se interessar pelos sujeitos, a História Cultural ocupa-se também dos processos, práticas e saberes dos grupos sociais. O trabalho intelectual de Sinvaline se desdobra nesse cenário. Tanto em suas pesquisas, como nas poesias, crônicas e narrativas estão presentes elementos dessa perspectiva histórica.

Segundo Ronaldo Vainfas (2009), a problemática da cultura, a despeito dos seus vários significados, há muito tempo está presente na nossa historiografia, principalmente entre os memorialistas e folcloristas do século XIX. Muitos historiadores seguiram, no século XX, investigando a nossa diversidade. O autor cita Capistrano de Abreu que estudou usos e costumes regionais, apresentando- nos os diversos Brasis. Como não citar também Gilberto Freyre e sua Casa-Grande & Senzala?

Um precursor na linguagem, precursor no tratamento de temas-tabu, como as sexualidades, tratadas sem constrangimento e até com sofreguidão, precursor no rastreamento das religiosidades cotidianas, dos usos e costumes da casa-grande, da culinária, das afetividades. (VAINFAS, 2009, p. 8).

A casa-grande é o espaço metafórico do Brasil, onde a miscigenação racial e cultural se processa. Essas abordagens iniciais que procuraram explicar a nossa formação histórica, em tempos e contextos variados, são consideradas “ensaios formativos da nossa historiografia da cultura” (VAINFAS, 2009, p. 15). Nossas investigações se fortalecem na perspectiva da História Cultural, nos anos 1980-1990 com os trabalhos de Mary Del Priore, Ronaldo Vainfas, Luiz Mott e outros. Conhecer a riqueza do Brasil e do seu povo, desbravar o cotidiano de grupos que, historicamente, ficaram à margem da sociedade, perfilar por caminhos e temáticas tão caras à condição humana é o que tem feito muitos pesquisadores que se embrenharam por essa corrente.

Entendemos que as obras de Sivaline Pinheiro se aproximam dessa perspectiva, pois trazem a beleza e as agruras de uma gente instalada no norte goiano. Em suas poesias e crônicas, preocupa-se com as representatividades, com o espaço cultural e geográfico e com todos os seres humanos e não- humanos que coabitam essa região. Nesse sentido, intriga-nos algumas questões: quais foram os percursos atravessados por ela para se consagrar como uma grande escritora e pesquisadora, mesmo sem formação acadêmica? Quais práticas ela adotou no tocante ao resgate da história e cultura locais?

DA RELAÇÃO COM A ESCRITA

Mesmo sem o acesso ao ensino sistematizado, Sivaline desenvolveu, com muita sensibilidade, a prática da leitura e escrita. Estudou apenas até a que denominamos de terceira série primária, não chegando, na verdade, à conclusão do ano letivo. Entretanto, a paixão pelos livros a envolvia, ainda que a contragosto da mãe. No poema “Súplica”, escrito em 1999, ela esboça sua condição relacionada à escolaridade e ao ato criador que desenvolveu. Também já é possível perceber a denúncia dos problemas sociais:

SÚPLICA

A inspiração me sai da alma,
Não importa que não a aceitem.
Não carrego nenhum diploma,
Frequentei a escola do mundo,
Em cada botequim tive um professor...
Vi a fome nos olhos do menino de rua,
Senti frio com o mendigo da praça...
Calejei as mãos no trabalho árduo,
Fiquei órfã, fui pai e mãe dos outros.
Se sofri, se chorei, não importa.
Vivi. Muito mais, vivi...
Daí me nasceram frases e frases,
Juntei-as ao meu modo singular
E nasceu o poema,
Me desabafei...
Depois de cada poesia
Tenho nova vida.
Não importa que não a valorizem
Ela grita o que está dentro de mim,
É uma súplica de amor... (PINHEIRO, 1999 apud FEITOSA, 2005, p. 3).

Aos nove anos, ela já compunha alguns versos sobre a situação das pessoas mais negligenciadas socialmente. Seu ingresso no mundo mágico da leitura e escrita aconteceu por volta dos 14 anos de idade, quando começou a redigir cartas e poesias, colaborando com as pessoas que não tinham sido alfabetizadas. Nessa idade, já havia passado pela experiência da maternidade e sentia na pele e na alma as privações de uma sociedade machista e excludente, o que a sensibilizava para lutar por seus direitos e pelos grupos marginalizados socialmente, como Pinheiro (UEG, 2021, p. 2) gosta de afirmar:

Quando comecei a escrever, eu não tinha ideia sobre isso. Eu conhecia pessoas e escrevia cartas para elas. Eu ia conversando com as pessoas que estavam por perto de mim. Procurando conhecer esse submundo que na época era muito discriminado. Eu, aos 14 anos já tinha filhos. Enfrentei essa sociedade bruta e machista e desafiei a cidade pequena. A alma brigava, queria sair.

Como uma grande devoradora de obras literárias, ansiava que outras pessoas pudessem passar pela mesma sensação inebriante que somente uma boa história pode causar. Como meio de contagiar, vizinhos e amigos, sabidamente, começou a escrever causos que retratavam situações cotidianas vividas por eles. Isso os aproximava dos textos, que eram escritos em linguagem simples e clara, facilitando a compreensão e provocando a formação de laços identitários do leitor com as histórias narradas. Com isso, foi conquistando leitores e ampliando a sua capacidade criativa, passando a produzir muitos textos em uma variedade de gêneros.

Depois dos causos, vieram as poesias. Com fluidez, sem muita padronização ou técnica engessada, Sinvaline brinca com as palavras e as encadeiam numa mensagem profunda de significados e sentimentos mistos. A poetisa segue o seu coração e utiliza elementos do cotidiano para alcançar o público das camadas populares. Ao longo de sua experiência como escritora, produziu quatro livros e participou de outros tantos.

Em uma entrevista concedida para o Museu do Cerrado (2020, p. 3), Sinvaline Pinheiro enaltece sua paixão pela poesia e pelos livros:

Embora seja apaixonada por poesia – a cada instante me nasce uma e assim sinto a vida crescendo, ficando longa, às vezes eterna... Ler e escrever para mim é como respirar, viver, não poderia ficar sem. Os livros me vieram numa época distante, quando ainda eram proibidos (pela mãe), tive o privilégio de ser curiosa quanto à eles, driblando todos e lendo tudo que as mãos e os olhos alcançam. Acredito que a vontade de ler era tanta, que misteriosamente eles me chegavam, como que atraídos.

Em seus escritos, notam-se uma valorização da cultura popular e uma imensa preocupação com as questões do meio ambiente. Defensora fervorosa das causas socioambientais, deixa a sua luta registrada em forma de versos ou narrativas. Podemos também classificar Sinvaline como uma escritora regionalista e memorialista. Lendo suas histórias, conseguimos enxergar as belezas e as dores enfrentadas pelo cerrado brasileiro e pelos povos originários dele.

Cronista das melhores, publica causos em revistas pela PUC-GO. Além dessas publicações, o trabalho desenvolvido com o Grupo de Folclore Serra da Mesa ganhou notoriedade no site Overmundo, onde escreveu várias crônicas divulgando a cultura do interior.

Por meio de seus causos, Sinvaline retrata as tradições, crenças, manifestações artísticas e o cotidiano dos povos do campo, do interior, das comunidades indígenas e quilombolas. A sua forma de registro permite ao leitor um mergulho minucioso na história desses sujeitos, promovendo ao mesmo tempo um olhar reflexivo, bem como um posicionamento social e político. Suas narrativas carregam significados e sutilezas que colaboram para a salvaguarda da cultura popular.

No trecho do conto “O retrato”, escrito em 2005, a escritora apresenta objetos, cenas e linguagem que nos remete à simplicidade do homem do campo:

O canto dos pássaros se estende pelo cerrado a fora. O sol vai se pondo fazendo no céu um espetáculo sem igual. Na casa de pau a pique a família está reunida depois de um dia de labuta. Dona Fiinha prepara o jantar, o fogo crepita soltando faíscas animadas, o cheiro do feijão fervendo faz com que o cachorro fique por perto olhando... Seu Altamiro enrola um pito de palha e olha para os oito filhos, imaginando como cresceram depressa... Coça a barba e fica imaginando quando todos se forem, ficando só ele e a mulher, e vem um pensamento: nunca tiraram um retrato, se algum faltar não tem nenhuma lembrança... Vai para a cozinha, senta no rabo do fogão, acende o pito e diz para a mulher:

- Óia sô, tava imaginano que nois nunca tirou um retrato desses minino..já tá passando da hora, que cê acha? - Ora Tamiro, bem que eu lembro disso, mas tá tão difícil tirar um retrato, não tem nem um retratista que passa por aqui, e além do mais os minino num tem roupa nem carçado suficiente para tirar retrato... (PINHEIRO apud FEITOSA, 2005, p. 1-2).

Sua dedicação em preservar a memória, a cultura e o meio ambiente por meio de seus escritos e de sua militância lhe rendeu a mais alta honraria universitária. No dia 28 de junho de 2021, o Conselho Superior Universitário (CsU) da Universidade Estadual de Goiás aprovou, por unanimidade, a concessão do título de “Doutora Honoris Causa”. A titulação aconteceu no dia 24 de novembro de 2021 em sessão solene do CsU, realizado na Câmara Municipal de Uruaçu, cidade sede da UEG-Câmpus Norte. O Título Honorífico é conferido às pessoas que tenham se sobressaído em áreas consideradas essenciais para o conhecimento acumulado historicamente pela humanidade. Nesse rol, estão personalidades com destaque nas artes, na literatura, filosofia e nas ciências. A universidade também concede a titulação de doutor(a) à figuras com atuação notável em causas sociais, principalmente no que tange ao meio ambiente e à promoção da paz. Nem precisamos enfatizar que a homenageada reúne todos esses elementos: poetisa e escritora autodidata, amante das artes e da memória histórica, além de ser uma incansável defensora ambiental e das causas indígenas. Reconhecida pela sua intelectualidade e produção literária, Sivaline, assim como outros escritores locais, recebe lugar de destaque no Museu Dom Prada Carrera, localizado em Uruaçu-GO, onde é possível visualizar uma vitrine com suas principais obras.

DA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Durante os mandatos da prefeita Marisa dos Santos Pereira Araújo (2001- 2004/ 2005-

2008), enquanto Coordenadora do Departamento de Cultura e Arte, Sinvaline coordenou a revitalização do Museu Dom Prada Carrera, aumentando o seu acervo em 340 peças catalogadas e incentivando a atuação educativa da instituição. Como parte daquele projeto publicou-se um livro que narra a história do Museu e o apresenta em detalhes. Os autores, professor Antônio Teixeira Neto e professor Horieste Gomes, com o apoio de Sinvaline, tiveram a maestria de permitir que o leitor, ao ter contato com a obra, viaje por cada parte do Museu e compreenda sua importância para a educação no município. Para os autores, o “museu é a alma imortal de uma sociedade, pois ele é o testemunho vivo do que, ao longo do tempo, fizeram e deixaram como legado para as gerações futuras os indivíduos de todas as classes e matizes sociais” (TEIXEIRA NETO; GOMES, 2007, p. 47).

O Museu está instalado no antigo prédio da prefeitura de Uruaçu, construído no início da década de 1950 e que traz em sua arquitetura uma aproximação com o estilo art déco. O nome é uma homenagem ao primeiro bispo diocesano de Uruaçu, que, conforme destaca Sinvaline Pinheiro, era também pesquisador, ensaísta, memorialista, poeta, cronista, contista, orador e conferencista.

Uma das principais tarefas do Museu Dom Prada é servir de espaço interativo, museu-escola, com a finalidade de, sobretudo, desempenhar o importante papel de integração da comunidade uruaçuense com seu passado histórico, no intuito de ajudar a manter viva a memória e a identidade cultural daqueles que, pelo seu trabalho e vivência comunitária, no campo e na cidade, ajudaram a construir a cidade de Uruaçu dos dias atuais. (TEIXEIRA NETO; GOMES, 2007, p. 34).

Além de ser um espaço interativo, cada ambiente e objeto remetem à história, pensamento e comportamento de determinada época. Todo o arquivo do Museu foi descrito e compendiado no livro. Sinvaline teve o zelo de catalogar todas as peças segundo as disposições que ocupam, colocando nome, doador e ano provável de fabricação.

O tombamento das peças, objetos e artefatos artesanais da cultura material e espiritual existentes em cada sala-ambiente do Museu om Prada Carrera confirma e revela vários aspectos da história, da geografia e da sociedade uruaçuense. (TEIXEIRA NETO; GOMES, 2007, p. 27).

Além de lutar pela preservação do patrimônio material e imaterial de Uruaçu, Sinvaline é uma defensora das causas ambientais. Um dos mais recentes projetos em que ela está envolvida é a Toca Vó Quirina. Em um de seus relatos, ela enfatiza a estreita relação que tem com a terra, com as árvores e frutos que dela brotam e os benefícios que o ser humano pode colher ao seguir a lógica da natureza.

Veja bem esse sítio aqui, ele não é grande. Mas aqui eu tenho mangaba, pequi, baru, quina [...]. A gente tem que viver na lógica da natureza. As árvores, elas são sagradas, elas nos dão sombra, elas curam. Quando eu estou triste, eu abraço as minhas árvores e fico melhor. Eu converso com elas. Elas levam os meus recados e é uma vida muito diferente esse contato com a natureza. Com os índios eu aprendi uma riqueza muito grande de conversar com as sementes, respeitar a terra. Eu já tinha isso dos meus avós. (PINHEIRO apud RIBEIRO, 2020, audiovisual).

O nome Toca Vó Quirina é uma homenagem à avó de Sinvaline, de quem herdou, além do sítio, o respeito pela natureza e por todos os seres que nela habitam. Como herança ancestral aprendeu também a lidar com a terra, com as ervas medicinais e a valorizar os ritos sagrados.

O projeto foi gestado em meados de 2020, a partir de uma parceria com o professor de Direito Ambiental e Agrofloresteiro Vanderlei Luiz Weber. Em entrevista concedida à Revista Xapuri Socioambiental (2021), o professor tece uma narrativa acerca dos propósitos e dos caminhos percorridos pela dupla de ambientalistas para aproveitar, conscientemente e de forma comunitária, aquela área rural localizada às margens do Rio Passa Três em Uruaçu.

A Toca produz alimentos pelo Sistema Agroflorestral e, além de inserir-se numa perspectiva agroecológica, é um riquíssimo projeto social, pois conta com a produção comungada, realizada por meio da captação de coagricultores que realizam mutirões de trato do solo e plantio, bem como pagamento de cotas. Esses coagricultores têm participação na colheita, que é partilhada em encontros regados de uma boa prosa e culinária caipira.

Os parceiros no Projeto contam sobre seus sonhos de transformar o sítio em um lugar de vivências comunitárias e ambientais:

O projeto, para além da produção que imita a floresta, pretende aos poucos ir se tornando um espaço de vivências para contato com diferentes espécies frutíferas e medicinais do Cerrado, diversidade de alimentos orgânicos, banhos de rio, oficinas de artesanato, utilização e reaproveitamento de produtos do Cerrado, gastronomia tradicional, com a finalidade de ser local de integração das pessoas com a natureza e da formação de uma consciência ambiental respeitadora dos diferentes ecossistemas. (WEBER; PINHEIRO, 2021, p. 2).

Por onde passa, entretanto, Sinvaline é reconhecida pelo belo trabalho que sempre desempenhou no Memorial Serra da Mesa. Sua atuação na região está intimamente relacionada com a preservação daquele espaço.

O Memorial Serra da Mesa foi idealizado pelo professor Altair Sales Barbosa no mandato da prefeita Marisa Araújo, em 2003, por ocasião do lançamento de uma revista escrita por Sinvaline Pinheiro, com causos a respeito de personalidades e histórias de Uruaçu. Com a ideia em movimento, Sinvaline coordenou a coleta de material e levantou histórias locais para compor o acervo do Memorial, inaugurado em setembro de 2008. No espaço, é possível realizar um encontro com outras eras geológicas e com nossos ancestrais por meio dos objetos e cenários reproduzidos. Sem recursos próprios, o Memorial sempre contou com o trabalho voluntariado, liderado por ela, tornando-se um ponto turístico importante na região norte de Goiás.

O município de Uruaçu carrega muitas histórias que a poetisa Sinvaline faz questão de preservar, pois sabe que um povo sem memória é um povo adormecido, subjugado. Com o trabalho de pessoas como ela, a cidade “se abre naturalmente à preservação do patrimônio histórico e cultural, bem como à educação ambiental e ao turismo” (TEIXEIRA NETO; GOMES, 2007, p. 12). Com a construção do lago da Serra Mesa, a cidade se destaca no mercado turístico tendo em vista que seu sítio urbano se estende até às margens do lago.

Cidade próspera do norte goiano, por onde passa a BR-153, um dos fatores do intenso movimento e modernização da região. As rodovias são agentes importantes de mudanças sociais e econômicas, pois fazem circular mercadorias, pessoas e ideias, desconcertando antigas estruturas. Uruaçu nasceu sob o estigma do coronelismo e precisou romper com velhas práticas para se fortalecer enquanto comunidade, ocupando um lugar histórico e geográfico importante de integração do norte de Goiás. Ao longo de sua existência, o Memorial tem recebido, todos os anos, um número significativo de turistas e estudantes da Educação Básica e Superior, que procuram, por meio da visita guiada, conhecer sobre a história local e os primeiros seres que habitaram essa região. Sinvaline, sempre muito solícita e apaixonada pela cultura, acolhe com conhecimento e carisma esses visitantes, desenvolvendo um trabalho cultural e ambiental de grande relevância para a região. Isso provocou um avanço intelectual para as populações local e regional.

O Memorial já recebeu diversas formas de reconhecimento, como o certificado de melhor prática de gestão em Goiás, recebido diretamente das mãos do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2009. Em 2010, recebe do governo estadual o prêmio de Destaque Cultural, além de certificação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e troféu de excelência em educação ambiental, concedido pela Assembleia Legislativa de Goiás.

Na coordenação do Memorial, Sinvaline sempre foi uma aliada importante em projetos desenvolvidos pela Universidade Estadual de Goiás, especialmente pelo Câmpus Norte e Unidade Universitária de Uruaçu. Mas é relevante mencionar que sua parceria com a Instituição ultrapassou as barreiras do Norte goiano. Outras Unidades Universitárias

contaram com seu apoio e entusiasmo na produção e propagação do conhecimento, como é o caso da Unidade Universitária de Goianésia, onde assumimos nossa cátedra. Enquanto integrantes do corpo docente e pedagógico desta Unidade, tivemos o privilégio de participar, juntamente com acadêmicos(as) das licenciaturas e mesmo dos cursos de bacharelado de eventos importantes coordenados por Sinvaline no Memorial Serra da Mesa. Alguns merecem destaque, pois, pela sua riqueza cultural e acadêmica, permaneceram em nossas lembranças, como a Semana do Folclore que apresenta a história dos povos quilombolas, indígenas, ciganos, bem como ritos e saberes ancestrais, compartilhados por benzedeadas, raizeiros, rezadeiras, parteiras. Outro evento grandioso é a Semana dos Povos Indígenas, em que, todos os anos, participamos com os cursos de História e Pedagogia. Nessa semana, acontecem atividades diversificadas com seminários, palestras e o encontro de várias comunidades indígenas que partilham com os visitantes seus conhecimentos e modo de vida. Esses momentos são sempre repletos de emoção e subjetividade e provocam encantamento nas pessoas que os acompanham.

Apesar do pouco estudo, Sinvaline tem uma percepção do conhecimento enquanto fator de mudança e libertação, o que faz com que ela se envolva em projetos com dimensão acadêmica, englobando a pesquisa histórica, o ensino, a produção e publicação de obras de referência para estudantes da educação básica e superior.

Dona de uma prosa mansa e acolhedora, ela consegue contagiar a todos e todas que passam pelo Memorial e pela sua vida. É um poço inesgotável de sabedoria e simplicidade: um saber solidário, que faz questão de se esparramar como uma rama fecunda. O meio universitário reconhece a importância dela para a História local e regional, bem como para a preservação do bioma cerrado e da cultura de seus povos.

Assim, ela transita com muita leveza pelo mundo acadêmico, não se permitindo contaminar pelas vaidades e egoísmos, o que a torna ainda mais admirável e respeitada. Sua luta e crença em um mundo melhor, onde seres humanos possam viver plenamente em condições de igualdade e em conexão com a natureza inspira professores, estudantes e pesquisadores a repensarem suas práticas e posicionamentos. Clamemos por mais mulheres e homens com esse espírito, os quais não apenas existem, mas fazem, escrevem e preservam a História.

PERCEPÇÕES SOBRE SINVALINE PINHEIRO

Fabício Silva Rosa

Policial, Doutorando em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás e
Ativista

Conheci Sinvaline em um evento realizado pela Universidade Estadual de Goiás nos idos de 2015. Menciono que “conheci” na tentativa de estabelecer um marco temporal. Mas Sinvaline Pinheiro não é dessas que se conhece numa pernada só. Sinvaline se vai conhecendo, porque é daquele tipo de gente que não acaba nunca, de permanente prosa boa e coração melhor ainda..

Mais que escritora, poetisa, folclorista e curadora do Memorial Serra da Mesa, Sinvaline é coisa viva. É dessas árvores grandonas, que com generosa sombra e sereno orvalho acolhe tantas vidas, principalmente aquelas já cansadas da aridez do preconceito e das chamas da opressão.

Formada pela “escola do mundo”, Sinvaline sente suas dores e as revela após coá-las com filtros de pureza e simplicidade. Com seu jeito singular critica a exploração capitalista, o estelionato religioso, a misoginia e, notadamente, o etnocentrismo que reduz indígenas a animais.

Em sua doce-profunda de simplicidade, essa amiga dos povos de rua, dos encarcerados, das lavadeiras, dos peões que tocam gado e das crianças, vai alinhavando um repertório de histórias, contos, causos, poemas do cotidiano que para muitos passariam despercebidos.

No caloroso norte de Goiás, centro do Brasil, Sinvaline também fala de amores e desejos, ajuntando afetos em forma de expressões inventadas com libido e excitação, porque, enquanto planta antiga, conhece o império das seivas naturais que atuam na garantia da reprodução da vida.

Proseando aqui e acolá e para além, junto a pequis, tamanduás, mangabas e ao canto dos passarinhos, nas terras de Vó Quirina, sentindo os sopros da natureza deixando-se levar “no balanço do rio, do vento e do coração”, ela replica a sabedoria milenar indígena, cigana e dos povos tradicionais, ensinando conhecimentos tão fundacionais quanto urgentes como preservar a vida em sua pluralidade de existência.

Por tão grande alcance, todas que somos desejosas de um mundo justo e plural temos o dever de nos assentar nas sombras desse pomar, conhecê-lo, dividir seus frutos e proteger sua existência.

SINVALINE PINHEIRO: UMA MULHER-PALAVRA-AÇÃO

Prof^a. Me. Cirlene Pereira dos Reis Almeida

Prof. Dr. Edson Arantes Junior

RESUMO: O que faz Sinvaline Pinheiro quando escreve? Ao percorrer a trajetória dessa figura singular, sentimos que ela faz mais que poesia, mais que prosa. Sua escrita rompe com as barreiras dos gêneros. Sua vida também é marcada por causas, sendo a questão ambiental a mais importante, mormente, seu cuidado com a água. Sinvaline é a voz dos oprimidos, dos inválidos, dos esquecidos, daqueles que ninguém ouve. Sua relação com os povos originários é outro aspecto importante.

PALAVRAS-CHAVES: Sinvaline Pinheiro; memória coletiva; História de Uruaçu.

INTRODUÇÃO

A tradição aristotélica nos ensinou a privilegiar a visão em detrimento aos demais sentidos, desse modo, as culturas que emergem de raízes europeias tendem a valorizar o que se aprende pelo olhar. O olho é o órgão que traria o conhecimento e essa é a razão de usarmos, constantemente, em nossos textos, o conceito de cosmovisão. Em sua *Metafísica*, Aristóteles afirma que:

Preferimos a vista a todo o resto, ou seja, em Aristóteles, o conhecimento alcançado a partir da visão é digno de crédito, por isso mesmo, saber e visão se entrelaçam, sendo essa última considerada superior em relação às demais sensações, já que é a visão que proporciona o conhecimento e torna manifestas várias diferenças. A causa disso é que a vista é de todos os sentidos, o que nos faz adquirir mais conhecimentos e que nos revela mais conhecimentos (ARISTÓTELES. Apud. HARTOG, 2004: 14).

Assim o faz também Sinvaline, uma vez que se entrega de corpo e alma ao que faz; seja ao sabor para sentir o gosto da mangaba, aos ouvidos para guardar os causos de Dona Isabel, sejam pelas mãos que tateiam o velho tacho de cobre. Sinvaline faz poesia, mas não é uma poetisa. Ela escreve crônicas, mas não é uma cronista, conta causos, mas não é uma griot. Ela não se deixa capturar por uma definição, ela se faz a voz de muitos e muitas.

Suas produções, em linguagem simples, nos remetem a algumas das funções primordiais da literatura, muito bem delineadas por Candido (1972). A primeira delas refere-se à função psicológica a qual se traduz numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, entretanto, nunca uma fantasia pura, mas relacionada a alguma realidade, tais como uma paisagem, costumes e problemas concernentes ao universo humano, no caso aqui, ao universo da escritora. Outra função, cujos textos de Sinvaline

contemplam, é a função formadora, já que presenteiam ao leitor o conhecimento daquilo que, muitas vezes, não lhe foi apresentado formalmente e, por último, contempla a função social da literatura que, segundo Candido (1972 : 806), é entendida “como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade”.

Desse modo, é permitida ao leitor a vivência antecipada de várias experiências e, ao vivenciá-las, vai aos poucos analisando as atitudes e comportamentos dos personagens, podendo, então, se posicionar em meio a essas situações. Os escritos de Sinvaline permitem ao ser humano o reconhecimento dessa realidade que o cerca quando deslocada para o mundo ficcional, portanto “[...] a socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura quando ele se defronta com produções significantes, provenientes de outros indivíduos [...]”. (CANDIDO, 1972:806)

É o diálogo constante com o sujeito que o leva a descobrir sentidos, a desvelar mistérios e a se posicionar diante dos fatos. Assim, os escritos de Sinvaline nos conduzem a uma reflexão sobre muito do que existe ao nosso redor e corroboram para nos transformar em pessoas mais conscientes, mais críticas e mais emancipadas.

A mulher-ação Sinvaline Pinheiro, mais que uma escritora, é uma agente que experimenta, de maneira intensa, múltiplas sensações vivenciadas em suas andanças. Para além do primado aristotélico da visão, ela se alimenta com os povos originários da América e, entrega seu corpo nessa dança de saberes. Ler seus textos transporta o leitor a outras possibilidades de entender o mundo e de sentir a natureza, sua forma de estar no mundo é propiciada pela existência de indígenas, escravizados, camponeses, ciganos, entre outros aos quais ela empresta seu ouvido para escutar as vozes inaudíveis, sob o filtro dessa epistemologia do sul.

Ao considerarmos as culturas originárias das Américas e do continente africano, constata-se a existência de uma relação diferente entre a natureza e a cultura. Acreditamos que a convivência e atuação com as comunidades tradicionais e com os povos indígenas ampliaram a concepção de mundo da autora. Nesse sentido, sua literatura apresenta outra concepção de conhecimento, calcada nos saberes ancestrais, dito de outra forma, existe em seus escritos, como veremos nesse artigo, o embrião de uma epistemologia distinta daquela que predomina na lógica capitalista. Como analisaremos, seus textos estão marcados por trezentos anos de colonização e, concomitantemente, massacre e escravização dos povos indígenas e a forçada diáspora negra que escravizou milhões de seres humanos.

ENTRE OS TEXTOS E O MUNDO

Sinvaline nasceu em Uruaçu, em 03 de outubro de 1955, em uma família humilde. O pai era construtor- mesmo sem diploma universitário -era ele quem fazia e executava os projetos. Construiu a torre da Catedral de Santana em Uruaçu, bem como outras casas da elite local. Sinvaline tinha sete irmãos; a mãe era analfabeta e ia para a Igreja Assembleia de Deus onde simulava ler a Bíblia com o livro de cabeça para baixo. Destacam-se aqui os altos índices de alfabetização dos protestantes a partir da leitura da Bíblia e Sinvaline se insere nesse contexto.

Sua infância foi como a de tantos brasileiros, entretanto, desde cedo, apresentou um olhar demorado sobre o mundo. O pai quis logo colocar a tímida menina em uma escola, uma bolsa de estudos permitiu que estudasse na melhor instituição de ensino da cidade, o Colégio Nossa Senhora Aparecida (CNSA), escola mantida pela Ordem das Dominicanas, foi alfabetizada pela famosa professora Dona Ditosa e sofreu preconceito por ser crente.

Era sempre cobrada nos momentos de orações por não recitar a Ave Maria, o que lhe causava diversas importunações. Está bem viva em sua mente a lembrança dos colegas de escola dirigirem-se a ela, pejorativamente, chamando-na de “crentinha”. Essa exclusão inicial contribuiu para que a menina se isolasse um pouco, mas também para torná-la uma pessoa extremamente curiosa em relação ao mundo. O baú de livros do pai era seu maior objeto de desejo. Os livros logo se mostraram uma espécie de fuga da realidade triste e injusta que a cercava.

Sobre sua alfabetização, nossa escritora acredita ter sido uma mágica, um mistério ou mesmo um milagre, já que ocorreu de forma célere. De repente, já sabia ler e escrever corretamente e um mundo enorme, misterioso, cheio de significados surgia à sua frente. Desde os primeiros momentos, surgiu uma grande volúpia de ler. A relação com os livros foi sempre marcada pelo constante desejo de ler sobre maçonaria, sonhos e numerologia, livros esses considerados pela mãe, que era evangélica, como literatura maligna, o que corroborou para aumentar mais e mais a curiosidade da jovem. Devorava os livros, sempre ocultando essa prática da zelosa mãe. Lembra com nostalgia a primeira obra que leu Santa, o destino de uma pecadora, de Federico Gamboa. Como não podia deixar de ser, leu muito a Bíblia, inclusive para a mãe e a avó. Na concepção de Sinvaline, foi a partir da leitura desse livro que teve contato com as primeiras noções de cuidado com o meio ambiente.

No terceiro ano escolar, a menina tímida, enjoou da escola. Aquele espaço era pequeno, restritivo e castrador. Lia muito, em um processo individual e aleatório, sem qualquer orientação de um leitor adulto, lia por curiosidade, mas também pelo prazer de ler. Em uma de suas entrevistas, recorda com saudade as várias vezes que ficou na Biblioteca Municipal de Uruaçu, lendo até tarde.

Aos onze anos, fez o curso de datilografia e foi trabalhar no Cartório de Família, ganhou dinheiro escrevendo cartas para as pessoas, assim começou a ver o mundo por outros olhos, a ter a metade de uma estória o que, provavelmente, alimentou sua imaginação. Casou-se obrigada aos treze anos. Em sua certidão de casamento, estava o aviso “com separação de corpos” o que não impediu a jovem, ainda leitora, de ter dois filhos antes dos 16 anos.

Aos 16 anos, “caiu no mundo”, mudou-se para Goiânia, onde passou fome, e perambulou pelos cantos e recantos da jovem capital. Depois de muita luta, conseguiu emprego no Jockey Clube de Goiânia, espaço de ostentação e luxo. À noite, trabalhava no caixa de uma boate de má fama.

Em Goiânia, fez provas de proficiência e conseguiu o Diploma de Segundo Grau. Sua vida foi sempre regada de leitura e observação participante do mundo; aprendeu, desde cedo, a ser uma etnógrafa amadora, uma escritora das coisas simples cujo cotidiano é a matéria-prima. Passou no vestibular para Serviço Social, mas não teve paciência de ficar sentada nos bancos da faculdade.

A vida, como num conto ou numa mágica, colocou à sua frente pessoas que a incentivaram a mostrar o que escrevia, pessoas que viram o valor do que ela produzia em segredo. Pouco a pouco, foi convencida a divulgar seus escritos. Amiga dos principais escritores goianos, somente em 2003 e 2006, a Editora da PUC-GO publicou seus causos, depois as crônicas *Proseando aqui e acolá* (2012) e, mais recentemente, o livro de poemas *Veza em quando vem me ver* (2019). Rapidamente, foi ficando conhecida nos meios intelectuais brasileiros, firmando diálogo com alguns escritores, tais como Manoel de Barros- com quem entrou em contato mais demoradamente por meio de cartas trocadas durante anos.

A ARTE DE ESCREVER A VIDA: FRAGMENTOS DOS ESCRITOS DE SINVALINE PINHEIRO

A experiência de Sinvaline catalizou seu olhar sobre as coisas, posto que expressa o mundo a partir do excluído. Numa perspectiva benjaminiana, poderíamos dizer que seus relatos são estórias narradas a contrapelo. Na maioria de seus causos, traz a estória dos subalternos, dos marginalizados, daqueles cujos nomes não se fazem presentes nas histórias narradas pelos historiadores. Ela observa os vencidos, escuta os humilhados, transcreve memórias de agentes desconhecidos, como podemos observar na coletânea *Proseando aqui e acolá*. Exemplo disso se faz presente na história de Messias, onde uma idosa, residente no abrigo Flor de Acácia, fabrica bonecas de pano. Sinvaline encontrou poucas informações sobre ela:

Pelos registros acredita-se que ela é da década de 30 e reside no abrigo desde os anos 70, não se sabe sua origem certa, apenas que é baiana e veio para Uruaçu ainda criança. Tem dificuldades para falar, anda meio capenga e segundo depoimentos dos funcionários mais antigos ela sempre foi empregada doméstica. Imaginei Messias com sua fala enrolada e seu jeito de andar trabalhando como doméstica em plena era do coronelismo, ditadura e acima de tudo discriminatória. “ (PINHEIRO, 2012 : 16)

Para encontrar o Brasil e sua cultura, Sinvaline entra, como no caso acima, em um asilo, analisa os jeitos e trajeitos dos desvalidos. Encontra a potência de uma memória invisibilizada pela urgência do mundo capitalista. A autora tenta encontrar a historicidade daquela personagem singular.

Ao entrar no Brasil, afastando-se das metrópoles, sua prosa nos remete a uma conversa descompromissada, daí as expressões “vamos prosear”, “dois dedos de prosa”, “café com prosa”. O texto de Sinvaline Pinheiro caminha nesse sentido, apresenta parágrafos curtos, ágeis como a vida moderna, mas repletos de sentido. Ela é mais sábia que muitos doutores, por realizar um importante trabalho antropológico com populações tradicionais do interior do país, e por ser gestora e uma das idealizadoras do Memorial Serra da Mesa, em Uruaçu. Sua luta pelas populações tradicionais, bem como em defesa da natureza são bem conhecidas e merecem o nosso respeito e apoio.

A autora conta histórias de homens e mulheres simples, comuns que na atividade cotidiana apresentam saberes profundos. Seus textos se caracterizam “por um caráter de gratuidade não funcional que implicam afetos, imaginação, sentido e também intelectos” o que vai ao encontro do que os autores Ranke e Magalhães (2011) definem como fruição literária.

Sinvaline fala de Messias, citado anteriormente, que confecciona bonecas de pano na solidão do asilo. Dona Izabel benzedeira que “foi considerada louca” (PINHEIRO, 2012: 22) parteira que criou 14 filhos. Zenira, a raizera Kalunga “que aprendeu com o pai os segredos das raízes que curam” (PINHEIRO, 2012: 31), a autora faz uma investigação etnológica de seu saber, a natureza retorna como a grande memória ancestral a permear seus textos.

Os textos sinvalianos produzem nos leitores o encontro com outros saberes, com outras memórias e, em alguma medida, com outra episteme presente em nossa sociedade, posto que os colocam em um estado de inquietação, de vontade de continuar lendo mais e mais, de mergulhar no universo ficcional da autora, mas, ao mesmo tempo, um universo real, pois seus escritos, de forma simples, traduzem muito sobre sua vida, sua história, os costumes. Em seus textos, nós, leitores, nos transformamos, muitas vezes, em personagens, a ponto de sentirmos as agruras de seus personagens.

Lajolo (1982) assevera que o mundo que a literatura representa, de maneira simbólica ou realista, é resultado da realidade histórica e social muito bem delimitada, vivenciada pelo escritor, desse modo, “o universo que autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive (P. 131)”. São assim as obras de Sinvaline, já que estão impregnadas das experiências da escritora, de tudo o que constituiu seu mundo real.

A autora reconhece com sua arte a grandiosidade de pessoas humildes, alijadas da cultura letrada ou erudita. Esse encontro dos leitores com raizeiras, mestres do artesanato, sanfoneiros, artistas populares, dentre outras personagens apresentadas por ela, impressionam o leitor, uma vez que abarca os saberes do nosso povo, da nossa gente, sabedoria popular que, pouco a pouco, está se perdendo com a pressão sofrida pela vida moderna, que afeta principalmente as comunidades tradicionais.

É o caso do belo texto sobre Zenira, já mencionado anteriormente, mas também da crônica sobre a mulher do campo (PINHEIRO, 2012: 27-30), o relato sobre a festa de São Pedro, realizada pela família do seu Caju e da dona Flora, hoje falecidos (PINHEIRO, 2012: 37-40); ou ainda o relato sobre o “Chimite”, uma dança pouco conhecida, desconhecida pela bibliografia flocórica, surge do encontro dos soldados durante a II Guerra Mundial e os nordestinos (PINHEIRO, 2012: 79-80). Poderíamos citar outros registros importantes de Sinvaline, que se traduzem como arquivos importantes para a manutenção da história, da memória e das tradições das comunidades tradicionais.

Nossa poetisa, em uma linguagem simples, faz emergir, em suas obras questões relacionadas à multiculturalidade, pois, ao narrar e mostrar o contexto desses povos, reivindica os direitos de reconhecimento dessas minorias nacionais que tanto sofrem em relação ao preconceito, em relação à raça e à cor, daí a modernidade de seus escritos. Charles Taylor (1987, p. 84) diz o seguinte “todas as sociedades estão a tornar-se mais multiculturais e, ao mesmo tempo, mais permeáveis”. Assim é a literatura de Sinvaline.

O livro *Proseando aqui e acolá* investiga grupos ainda desconhecidos da população ou/e da academia, por exemplo, os retratos de personagens vinculados ao antigo rio Maranhão, aos kalungas, às periferias das cidades do Norte.

A gente sofrida do sertão protagoniza e antagoniza a obra, povo esse, que precisa da simpatia de Dona Isabel para amenizar as angústias de seus conterrâneos com suas rezas e mandingas; da Zenira, que fornece remédios a quem lhe procura para que cure suas dores ou seus males; da alegria da sanfona do Vivi com o animado chimite e dos artistas populares que alegam o viver dessa gente. Como dizia Ferreira Gullar “a arte existe, porque a vida não basta”.

A marca predominante das gotas de cotidiano que a autora coloca é justamente fruto da compreensão de que a História Humana não se resume aos feitos dos grandes heróis, nem está disponível apenas nos relatos escritos. Sinvaline sabe que a oralidade, mesmo que fugidia e traidora, conserva elementos fundamentais para a compreensão do humano. A oralidade para Sinvaline não se refere apenas a uma maneira de expressar o pensamento, mas também a uma forma de ação dotada de grande poder, já que ocorre diretamente entre os sujeitos, o que nos remete ao pensamento de Walter Benjamin (1994) , ao afirmar que a fala, além de nos fazer perceber o mundo existente em nós e com o qual temos profunda relação, aumenta a nossa forma de ver esse mundo como ele realmente o é, revelando uma faceta fidedigna que, ao emergir, estabelece maior conexão entre os homens e mulheres e a natureza tornando sua compreensão existencial bem mais ampla.

Por encontrarmos relatos cujos narradores têm “cisco no olho”, ela empresta seus ouvidos para captar o som da voz de quem não é escutado. Mais que isso, com seu olhar etnográfico, ela entende que a riqueza é a estória de uma senhora que faz bonecas de pano, ou de um cigano acororado fumandoseu cachimbo, ambos contando causos de um tempo que é externo a liquidez de nossa época. Exemplo disso se faz presente na crônica “Um cigano”:

Ele me impressionou à primeira vista. Aquela figura miúda, serelepe, a barba de monge, os passos rápidos mostravam um outro mundo dentro da realidade. Tentei uma aproximação, fumei no seu cachimbo - que ele mesmo fabrica e tem muito orgulho disso-, contamos causos, rimos à vontade. De cócoras como é costume, não gosta de cadeiras; voltou no tempo, a voz eloqüente foi buscando histórias desde Lampião, e viajamos muito...Foi obrigado a ficar oito meses no bando de Lampião, correiu muitos lugares em lombo de burro bravo e conta que Maria Bonita não era tão bonita assim, apenas era caridosa (PINHEIRO, 2013: 96).

Ao tecer esses pequenos relatos, a autora reconhece a importância de dar lugar a personagens simples e às festas populares, cuja descrição faz detalhadamente. Em sua prosa, mergulhamos na Festa do Caju e no culto a São Pedro; na Romaria de Santa Luzia; na Folia de São José; na Romaria de Muquém e em tantas outras manifestações culturais do sertão goiano. Suas narrativas vão além do olhar de pobres acadêmicos que só observam as “relações do sagrado e profano”, enfatizando, muitas vezes, somente o profano.

Sinvaline reconhece o valor sagrado das festas religiosas do povo, percebe que esse sentimento de devoção faz com que as pessoas caminhem léguas sob o sol escaldante e que se emocionem com lágrimas efusivas ao escutarem o som de uma Folia de Reis. As festas religiosas dão sentido à vida, fortalecem o que há de mais humano e permite um novo recomeço.

Em seus textos, a poetisa cria empatia com seus novos amigos, seja se pintando com as tintas dos índios Krahôns, admirando bonecas de pano, se benzendo, ou somente dando atenção àquilo que se encontra esquecido ou silenciado. Se por um lado, a escritora revela a beleza desses saberes, por outro, deixa a entender como é triste ser velho nessa sociedade, cuja juventude é valorizada ao extremo.

Sinvaline mostra que a população subalternizada escolhe maneiras diversas de resistir à opressão, exemplos disso são as Narrativas mitológicas nas quais os seres mágicos migram do Rio Maranhão para o Reservatório do Lago de Serra da Mesa e de como as populações buscam meios de mostrar que a natureza não aceita ser profanada. O povo simples resiste. A autora nos fornece pistas para conhecermos esse povo, marcado pelo ato de resistir, para que seu tesouro não se perca. Hampaté Bâ nos ensina que essa tradição viva era transmitida pela oralidade:

Na África, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História das Terras e das Águas (geografia), a História dos vegetais (botânica e farmacopeia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia, metais), a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante (Hampaté Bâ: 1982: p. 184).

Merece destaque o olhar amoroso que a autora nos proporciona sobre a cidade de Uruaçu, lembrando e recordando lugares, festejos e tradições locais. Ela disserta sobre a antiga capela de Sant’Ana, a Festa do Caju, o chimite. A literatura de Sinvaline Pinheiro, ao construir memórias afetivas sobre Uruaçu e Região, contribui para a consolidação de lugares de memória, que são alçados status de patrimônio cultural material e imaterial. Assim como Cora Coralina fez com a antiga capital de Goiás, ela cria um mapa poético para a cidade de Uruaçu.

A narrativa sobre a Capela de Sant’Anna é emblemática para a consolidação nas letras de uma memória coletiva, monumento público importante e negligenciado, foi demolido e reconstruído em uma versão que não possui a graciosidade do monumento original. São sentimentos que Sinvaline registra no que nós chamamos de mapa poético de Uruaçu, mas que podemos encontrar nas memórias de Itaney Campos.

A literatura sinvaliana reconhece sujeitos anônimos como personagens que protagonizam a vida social, sendo que essa consideração é fruto de uma profunda empatia em relação a homens e mulheres do campo, já que essas pessoas lhe apresentam saberes populares fundamentais para a vida e resistência das sociedades tradicionais e tudo enredado nesse mapa afetivo e simbólico para a cidade de Uruaçu, o que tem um caráter político significativo, visto que delineia estratégias de reconhecimento de diversos patrimônios materiais e imateriais. Trata-se de uma prosa, nos dois sentidos, engajada à vida.

Ao dar voz a sujeitos silenciados, denuncia a violência que a civilização pratica cotidi-

anamente em sua busca desenfreada por riquezas. No livro de poemas *Veze em quando vem me ver* (2019), há um grito desesperado por humanidade. Provavelmente o poema, composto em versos livres, intitulado *Ela parecia gente expressa memórias represadas nas populações originárias, perseguidas por cães treinados, “doem na alma” de Avás, Krahõs, Tapuias, Kayapós* “a Colônia Agrícola de Ceres havia ficado pequena demais” e a morte devia abrir a fronteira, homens armados matavam bichos que se pareciam com gente, frente a isso o eu lírico conclui tristemente “era uma índia, mas parecia gente”. Os versos inundam o leitor de empatia, mas sabemos que esse foi apenas um capítulo triste da expansão da fronteira agrícola no interior do país.

Como escritora, Sinvaline valoriza as coisas simples, os pobres, os desprezados pela sociedade, aqueles que são anônimos na narrativa tradicional. Trata-se de uma retórica de valorização de quem está à margem da sociedade, a quem é negado o direito de expressão. Ela é sua ponte com o mundo. Seus personagens são pescadores, ciganos, prostitutas, loucos, velhos abandonados em asilos. Por meio desse olhar, ela consegue obter uma verdade escondida da realidade, como o flâneur benjaminiano, a autora apresenta uma sensibilidade que capta ângulos distintos daqueles que estamos acostumados. Ela constrói um mosaico de experiências significativas para mostrar a complexidade do mundo que nos cerca. O que podemos encontrar tanto na singela prosa presente nas crônicas do livro “*proseando aqui e acolá*” de 2012, como na poesia da coletânea “*vez em quando vem me ver*”, de 2019.

POR UMA CONCEPÇÃO INTEGRADORA DE SENTIDOS

A escritora destaca-se como ambientalista, atuando nas mais diferentes ONGs, tentando conscientizar que o cuidado com o mundo é uma preocupação com a nossa morada, com a nossa casa. Seu conceito de meio ambiente rompe com a dicotomia cultura x natureza e destaca a circularidade dos sentidos à contínua relação desses espaços, na perspectiva inicial de uma ruptura com a episteme eurocêntrica colonizadora que separa a cultura da natureza. Não há ruptura, a vida integrada que constrói cultura. Instintivamente, Sinvaline se aproxima das novas epistemologias que complexificam o lugar do homem na natureza. Ou melhor, destaca que o homem é também parte integrante da natureza, e que o cuidado com o mundo é parte do cuidado consigo mesmo.

Essa postura está presente em sua literatura, que tem a natureza como palco fundamental para a construção do humano, mas ganha corpo com sua atuação política, Sinvaline Pinheiro coloca-se no mundo de outra forma, numa coerência entre o que diz e o que escreve, rompendo as barreiras eurocêntricas e conectando com os saberes ancestrais.

Outra importante atividade da escritora é sua disposição para o conhecimento das culturas indígenas brasileiras. Seu contato com os índios deu-se, inicialmente, no projeto

da Universidade Federal de Goiás (UFG) a partir de sua colaboração com a pesquisa no território dos índios krahôs no estado do Tocantins. Convidada a ser cronista no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, em São Jorge, pôde constatar que sua agenda em defesa da vida coadunava com a proposta de vida dos índios. O respeito pela água, terra, animais, plantas ia ao encontro da sua percepção de mundo referente ao respeito ao velho e à criança.

Para Sivaline, o aprendizado é um exercício mágico, como nos afirma em entrevista. Entretanto, cabe ao homem civilizado aprender com os selvagens a educar sem a prática cotidiana de violência. O amor e o respeito devem pautar nossa relação com o mundo e com o outro. Em nossa análise, a postura de Sivaline não se trata de um olhar idealizador, mas simplesmente a constatação de que os modos de existência perpetrados após a Segunda Guerra Mundial, com a intensificação do consumismo, levarão o planeta fatalmente a um colapso.

O trabalho, os sonhos e o desejo de preservar o mundo de Sivaline Pinheiro se materializam no museu ao ar livre Memorial Serra da Mesa, construído às margens do lago da Usina Serra da Mesa. O espaço tem por objetivo guardar a memória das comunidades desaparecidas com a construção da barragem e populações circunvizinhas. Para cuidar do Memorial, a escritora aprendeu a embalsamar animais método que aproxima crianças, jovens e adultos aos animais do cerrado

Sobre o Memorial Sivaline nos disse em entrevista que:

Minha função foi fazer a pesquisa local, e continuo na coordenação, até porque a Fundação não encontrou ninguém que queira assumir essa responsabilidade sem salário e muito trabalho. Me qualifiquei na prática e na leitura de assuntos relacionados a museologia, procuro me manter informada e também faço pequenos cursos, treinamentos quando tenho oportunidade, especialmente na área de museus. As dificuldades são muitas, o que dá forças para continuar é ver o resultado do trabalho que tem agido no sentido de mudanças de atitudes das pessoas em relação ao meio ambiente e a história (ENTREVISTA AOS AUTORES).

No Memorial, Sivaline realiza dois importantes eventos: a Semana do Índigena e a Semana do folclore. O espaço do museu ganha vida com a presença de índios de diferentes aldeias do Brasil. Esses eventos transcendem a lógica imperialista de expor o diferente, tal qual as feiras de curiosidade no início do século XIX. Nesses eventos, há a oportunidade de convívio, de diálogo e respeito. A presença dos índios permite aos participantes a desmitificação de preconceitos e a construção de um olhar que integra a diferença.

Índios, benzedeiros, ciganos, caipiras unidos numa grande celebração da vida e da fraternidade universal. Singelamente, esses eventos atingem as comunidades escolares da região. O Memorial é irradiador de uma proposta de vida, tal qual a escritora

defende. É uma mulher incansável, cujos frutos colhidos são resultados de persistência e determinação, diria até mesmo de uma grande pirraça. Sua vida não é planejada, ela é como o rio que vai, desliza por entre pedras, encontra o caminho e segue implacável, ela vai à deriva seguindo o vento.

Quando entrevistamos Sinvaline Pinheiro, em maio de 2017, ela nos contou que caiu no mundo muito cedo. Como pesquisadores que somos, sentimos que algumas coisas ficaram não ditas. Em um silêncio devastador, faltavam peças para compor o quebra-cabeças. Como dizia Michel Pollak (1989), no silêncio havia muito mais de não dito, interdito ou simplesmente dor, trauma, como o poema a seguir mostra:

MILAGRES

Barraco apertado,
Somos 4, eu e 3 filhos,
Eu quase criança também...
Não temos comida, só arroz branco.
Fecho portas e janelas do barraco
Não podemos sentir o cheiro do churrasco ao lado...
Consigno distrai -los brincando.
Folheio um jornal em busca de emprego ,
A vizinha me empresta o sapato e o vestido.
Hora do teste, preciso mentir, estudei sim.
Valem as leituras e a datilografia, estou empregada.
Primeiro dia de trabalho
Tranco as crianças em casa,
A pequena só irá amamentar a tarde .
Os peitos doem cheios de leite...
Preciso ir no horário do almoço, mas como?
Só tenho passagem de volta...
Vou para a calçada olhar o tempo e enxugar o leite que escorre.
Minha filha chora em casa,
Eu choro na calçada.
Não sei como, mas entro no ônibus.
As pessoas empurram e como bicho acuado, chego à catraca.
A cobradora levanta os olhos, calma e sorridente me diz:
Pode passar, uma mulher pagou sua passagem.
Atravessei e não vi a mulher, se ela existiu, não sei...
Só sei do MILAGRE, da felicidade de poder amamentar minha filha.
E foram muitos milagres pela vida afora... (PINHEIRO, 2021: 94)

Ecoa nesses versos a fome de tantos brasileiros e brasileiras, ecoa nesses versos a força do brasileiro em ser um sobrevivente, ecoa nesses versos a maternidade dolorida de que se pergunta como será amanhã. Dessas experiências que surgem a prosa e a ação-

prosa de Sinvaline Pinheiro; aqui a poesia se expressa pela voz-ruído que, aos poucos, vai tomando forma, sentido e significado na voz do discurso ou no discurso das vozes que caminham por entre as narrativas que ela vai construindo.

É a voz do oprimido, daquele que precisa omitir questões de sua realidade para conseguir um trabalho; é a voz que transborda em seus sons harmoniosos o desejo de arrefecer dentro de si o sofrimento da incerteza, da insegurança, do medo de voltar pra casa sem qualquer perspectiva para o dia seguinte. É uma voz que atesta outras vozes que, cotidianamente, vivem essa mesma situação numa cadência dialógica e polifônica. É uma poetisa do povo, canta o que sente, sem métrica regular, apenas com o coração e uma capacidade impressionante de enxergar a beleza da vida.

Sua vida, se faz como a vida de milhares de brasileiros e brasileiras, marcada pela fome, simbolizada pela ausência de nutrientes e a presença de um único carboidrato, o arroz branco: símbolo de carência. Como o restante da população humilde, ela mora em um barraco, moradia paupérrima, junto com os filhos. Sua dor é a mesma de muitas mães, a agonia ver os filhos não ter o que comer.

Nesse olhar integrador, Sinvaline expressa a trajetória de milhões de mulheres solitárias que criam os filhos sem uma alimentação digna. O poema é, assim, um grito e um soco no estômago de uma sociedade que prefere fechar os olhos para a realidade do que pensar em políticas públicas que vão ao encontro das necessidades do povo. Tal como ratifica o poema, milhares são os lares chefiados por mulheres, as quais nem sempre têm as condições adequadas para enfrentar os desafios. Contam com a boa vontade de pessoas anônimas que ajudam no que podem. Assim, o seu texto fala de miséria, mas também de solidariedade, de compaixão, de gente simples que se compadece com a dor do outro e juntos vão construindo uma rede de solidariedade e amor presentes na cultura brasileira.

A desigualdade brasileira é escancarada na imagem do churrasco do vizinho e nas tentativas de disfarçar o cheiro. Falta emprego, as roupas são emprestadas. Existe uma sororidade com a vizinha que lhe empresta vestimentas. A leitora inveterada precisa mentir que tem educação formal, mas tinha só o curso de datilografia, o que lhe rendera uma posição no mercado de trabalho.

Como acontece com tantas brasileiras, os filhos ficam trancados em casa e o leite da mais nova muito regrado. Os peitos cheios e as dores que lhe acompanham marcam aquele corpo cansado. Lágrimas trocadas, destinos de tantas Sinvalines, espalhadas por esse Brasil afora que tem os filhos privados do leite materno para que o sustento lhe chegue.

Entretanto, o poema é tão otimista que ela entra no ônibus e uma senhora aparece para pagar-lhe a passagem. Naquele dia, sua filha será amamentada e a vida seguirá com muitos milagres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trilhas da vida levaram Sinvaline Pinhero ao reconhecimento público, presença marcante no encontro de culturas da Chapada dos Veadeiros. No ano de 2021, a Universidade Estadual de Goiás lhe conferiu o título de Doutor Honoris Causa por sua existência transformadora escrita na história do povo simples de Goiás. Sinvaline escreveu sobre os saberes de Goiás e a Universidade reconheceu sua importância para a cultura brasileira.

Sinvaline merece o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Estadual de Goiás por ser uma personalidade que se destacou nas letras. Seu olhar demorado e capacidade de escrita demonstram a vitalidade de sua ágil prosa. Seu trabalho com os marginalizados e sua integração evidenciam a promoção de valores humanitários e de promoção da paz.

Sua índole e virtude transcendem a ação familiar ou das instituições. Seu trabalho cria pontes em um mundo onde, cada vez mais, temos barreiras e muros. São esses os motivos que fizeram Sinvaline Pinheiro tornar-se uma doutora do povo simples, uma mulher que consegue transmitir com poesia e sensibilidade as dores daqueles que estão às margens. Em seus escritos rompe com preceitos milenares, reconhece outra forma de lidar com o mundo. Seu canto transcende a literatura, ela faz de sua vida um monumento em defesa da paz e da vida, uma mulher-palavra-ação.

SAPIÊNCIA E POESIA: UMA CONSTRUÇÃO DO SABER

Domingos Barbosa dos Santos
Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal de Goiás

PREÂMBULO

No cotidiano quando se trata de conhecimento, sabedoria, racionalidade, é preconizado que os seres humanos os alcançam via métodos e teorias científicas. Em parte, é verdade, mas essa assertiva parece desconsiderar outro tipo de conhecimento, aquele que é fruto da sapiência humana. Assim, estimular e valorizar o conhecimento humano produzido pela sapiência é uma tarefa importante para socializar e difundir outras formas de produção do saber-fazer. Para tanto, a linguagem, a escuta e a narrativa são metodologias fundamentais para estimular outras leituras e gerar o conhecimento sobre a realidade local ou regional e até nacional, se bem utilizadas pela sapiência humana. Pois o que difere o conhecimento científico da sapiência é que o primeiro se encontra nos livros, na academia, enquanto que a sapiência encontra-se dentro de cada uma e cada um de nós, os humanos e humanas. Em suma, seguindo esse raciocínio, quando pensamos ou damos nomes às coisas ao nosso redor, quando captamos e conectamos com a nossa realidade, nem sempre necessitamos do conhecimento científico para falarmos ou nos posicionar diante do nosso contexto sociopolítico e cultural.

A FILOSOFIA DE SINVALINE PINHEIRO

O século XX produziu grandes mentes pensantes, grandes filósofos e filósofas, cientistas, poetas e poetizas, religiosos e religiosas, pensadores e pensadoras importantes e que fomentaram salutares teorias e metodologias tanto nas ciências quanto na literatura. Apresentaram ao mundo desde as curas das doenças à alegria da literatura. O século XVI é caracterizado pela superação de grandes paradigmas, notadamente imputados pela Igreja e dentro da própria Igreja houve os rompimentos hierárquicos. A filosofia foi caracterizada pela forçada “subserviência” à fé, mas foi a arte e a literatura que assumiram a responsabilidade de abrir novos caminhos e novas formas de interpretar não só o homem, a vida em sociedade e, sobretudo, uma nova concepção de Deus.

O século VXII é responsável pelas grandes práticas intelectuais. Teorias científicas e filosóficas foram trazidas como meios de conhecimento sobre a vida, sobre Deus e assim, o homem superou o medo pela ousadia de sonhar e criar alternativas de vida em sociedade. O século XVIII é caracterizado pelo ideal de felicidade, a ciência foi idealizada como carro-chefe da evolução social, do desenvolvimento científico e

tecnológico. O homem tornou-se o centro das atenções. Nesse momento, a Europa é tida como o modelo do saber, berço da sabedoria e do conhecimento intelectual. Os séculos XIX e XX, apesar do desenvolvimento e das descobertas científicas, são caracterizados pelas crises econômicas e pelas Guerras, holocaustos e escravização humana. Em alguns momentos, os séculos XIX e XX parecem acenar para uma espécie de “catástrofe” humana. Mas é justo em momentos de crises que muitos homens e mulheres extraem de si forças e sabedoria para trazer à luz da racionalidade e da emotividade humana, suas sapiências e assim, a humanidade encontra a razão e a esperança para dar sentido à existência enquanto fluídos do Cosmo.

Diante desse contexto, far-se-á um recorte não menos importante entre as grandes mentes criadoras, mentes brilhantes no sentido do lugar de fala, pertencimento regional e local. Parece que essa atitude de “classificar”, “rotular” e “enobrecer”, coisas, lugares e pessoas é oriunda da cultura europeia e, talvez por essa razão, pessoas brilhantes são ofuscadas no resto do mundo. Seus escritos, seus pensamentos e visões de mundo, de Deus e de sociedade são geralmente inviabilizados. Esse recorte é necessário ser feito, pois no Estado de Goiás, nasceu e vive uma dessas mentes inquietas, trata-se da poetiza, ambientalista, escritora e curadora, Sinvaline Pinheiro, natural da cidade de Uruaçu. Sinvaline Pinheiro é provocadora em suas escritas, sabe com maestria utilizar a palavra, de forma a gerar um certo “incômodo” em quem a ler. Com a palavra, ela fala precisão e sutileza da realidade vivida e vivenciada por ela e pelos seus concidadãos e cidadãs. A partir desse recorte, trar-se-á fragmentos de suas poesias e de seus causos para uma reflexão sobre a vida em sociedade e sobre as maneiras inadequadas como determinados homens e mulheres tratam a Mãe natureza. Na biografia da escritora, um detalhe chama a atenção do leitor e da leitora: Sinvaline Pinheiro não é catedrática, fez até a 3ª série da 2ª fase da formação básica e por meio do supletivo, conquistou o certificado de conclusão do Ensino Médio. Seguindo essa trajetória escolar, ela teria tudo para ter permanecido no anonimato social e intelectual, não teria condições de rabiscar um texto gramatical e graficamente legível e ou aceito pela comunidade acadêmica. Mas ela o fez. Fez tanto que é reconhecida por Universidades importantes, publicou seus livros. Ela é uma mente brilhante, carrega em si o dom da sapiência. Ela é uma autodidata. Em uma de suas obras – *Proseando Aqui e Acolá*, logo na apresentação, a professora e juíza de direito, Geovana Mendes Baía e o professor Rodrigo Gabriel Moisés fazem uma observação sobre o que entendemos por civilização, tecnologia e ser culto.

Surgem, sob o risco de serem reduzidas e até extintas. No atual contexto de mundo “civilizado” e tecnológico, onde o “culto se confunde com o “refinado”, o trabalho de resgatar as culturas populares, com seus causos e tradições, repassados fielmente pelos próprios sujeitos, é uma missão que deve ser executada por aqueles que se apaixonam e dividem os sentimentos transmitidos por estas manifestações.

Eles colocam entre aspas os termos: “civilizado”; “tecnologia” e “culto”. Certamente porque um povo civilizado respeita a cultura alheia, não tem a corrupção como um meio de vida pública e privada, valoriza a educação como fonte de crescimento e desenvolvimento sociopolítico e humano. A tecnologia não tem como fundamento substituir ou negar o trabalho produzido pelo capital humano, não quer o fim da natureza e nem da flora e os homens e mulheres cultos comprometer-se-iam com a manutenção dos valores morais e humanos. Nesse caso, Sinvaline Pinheiro representa o que não se pode conceber como civilizada, tecnológica e nem culta, pois os resultados da tal tecnologia, civilização e cultos, estão destruindo dilacerando e confundindo a vida, constatação esta que pode ser observada no conto” Nego d’água.

A construção do Lago Serra da Mesa trouxe grande impacto ambiental e social para a região Norte de Goiás, contudo trouxe o turismo, e por debaixo dos panos também fez surgir lendas e lendas. Algumas já eram antigas e agora reviveram e estão assombrando a população. O lago cheio, fazendas antigas com suas casas assombradas, cavernas pré-históricas ficaram debaixo do volume, imenso de 1784 km² de água. Restaram histórias de assombração, ouro enterrado e tantas outras de arrepiar o cabelo.

A tecnologia e a engenharia são certamente as marcas registradas da ideia de desenvolvimento e do crescimento. De fato, não se pode negar. Mas o impacto ambiental e social, o lago cheio, mas as fazendas antigas ficaram vazias, os animais da região foram forçados a aceitar a diáspora provocada pela selvageria tecnológica. Nesse trecho, a escritora consegue, de forma poética, denunciar o desmonte da natureza, a invasão social que uma suposta ideia de progresso pode causar nas vidas animal e humana, a terra sofre e com ela muitas mentes também sofrem. Mas diante da crise, da dor e da ilusão, Sinvaline consegue poeticamente extrair da tinta as belezas de sua região, consegue reproduzir os pensamentos e a criatividade de seu povo. Isso denomina-se: sapiência.

Outro aspecto da obra que se faz necessário tecer uma reflexão é sobre a ideia de loucura. Observa-se que desde a época de Sócrates, a “loucura” geralmente está acompanhada da punição ao “louco ou louca” e sobre a punição do ponto de vista da justiça penal, Michel Foucault pergunta:

“Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais dura, sobre o que, então, se exerce? (...). Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições”.

Considerando a assertiva do filósofo, a história de Dona Izabel, a benzedeira, é trazida à luz da reflexão pela sapiência sutil e intencional de Sinvaline Pinheiro:

Sua vida cheia de nuances começa ainda pequena quando foi considerada louca, pois dizia coisas que não era normal para uma menina de 7 ou 8 anos de idade e assim foi amarrada em correntes, sendo considerada muito perigosa. Ela exibe a marca das correntes no tornozelo. Dessa época ela narra o sofrimento de noites e noites ao relento com dores gritando até dormir. Um dia conseguiu fugir e procurou abrigo nas matas. Perambulou vários dias até que encontrou uma clareira onde moravam leprosos. No passado os leprosos viviam isolados para não contagiar pessoas. Izabel foi recebida a pedradas, eles a expulsaram dizendo que poderiam contaminá-la, depois de muito insistir e mentir que também era leprosa lhe deram abrigo. Lá ela começou a benzer as feridas dos leprosos e muitos foram curados, daí em diante descobriu o dom da benzeção.

Considerando a assertiva de Michel Foucault e as nuances da vida de Dona Izabel, duas dessas nuances merecem uma reflexão: a primeira, o fato de dona Izabel, ainda criança, ser considerada uma “louca” e, portanto, “perigosa”. Que perigo um ser entre 7 e 8 anos de idade poderia oferecer à sociedade? Dona Izabel é “doida”, mas quem lhe atira pedras são os pseudonormais, os quais são vistos pela sociedade normal, estariam classificados por esta na mesma classe da dona Izabel. Pois eram “leprosos”. A segunda, é a maneira sábia com que dona Izabel utilizou para superar a punição física. De louca e perigosa se faz fugitiva, enfrenta a rejeição se fazendo uma estigmatizada pela lepra, benzedeira, curandeira e assim se liberta.

A liberdade é a busca incessante dos seres humanos e humanas, o homem e a mulher são seres que aspiram a ser livres e a ideia de liberdade, às vezes aparece como um equívoco, pois para algumas pessoas se utilizando do senso comum, a liberdade tem muito a ver com a idade cronológica da pessoa, isto é, alcança-se a liberdade com uma determinada idade, quando a bem da verdade, liberdade é uma capacidade de escolha, de decisão e de consciência. Na história de dona Izabel, percebe-se que sua luta pela liberdade tem início tão logo ela se viu impedida de locomover-se pelas correntes. Esse trecho me fez pensar sobre a ideia de prisão em Platão, quando esse apresenta o Mito da Caverna. Segundo o filósofo, Sócrates, o corpo é o cárcere da alma, sendo, portanto, o corpo obstáculo para a liberdade humana. Enquanto o saber humano ocorrer através dos sentidos, o corpo será sempre opinião (doxa) que é um saber falso, uma ilusão (as sombras da caverna). No fundo, dona Izabel buscava a liberdade e uma vez livre, adquiria-se o saber verdadeiro com a própria inteligência acessando o que é verdadeiro.

De louca e perigosa, aquela alma genuína era puro desejo e o desejo é fruto de um corpo que quer realizar suas sensações, portanto o desejo a princípio está conectado ao corpo. Nesse caso, o verdadeiro conhecimento se liberta desse cárcere quando o homem ou a mulher consegue mergulhar no saber fazer. A obra de Sinvaline Pinheiro vai nos instigando a respeito das circunstâncias da vida humana, está repleta de questões sociais, discriminações etnicorraciais, desigualdades sociais, segregações e tudo isso é para o leitor e a leitora um chamado à reflexão sobre o como concebemos o viver humano. Podemos indagar o porquê que temos o desejo de viver divididos? São histórias que narram dor, sofrimento, superações e o método é a princípio, a escuta e em seguida, a pesquisa. Sinvaline consegue, de forma poética, mas sem ser saudosista, falar da realidade. Lendo a história de Josué Faustino, consegue-se detectar essa realidade que nas suas interfaces, esconde ou disfarça o distanciamento entre uma pessoa que acumula bens materiais e as que são por descuido do poder público, os despossuídos. Observa-se que estudar não é uma questão de poder aquisitivo ou de luxo. Segundo a Carta Magna, em um de seus artigos, o conhecimento é direito de todas as pessoas e deve ser um dever do Estado e da família, mas nota-se que a mãe de Josué encontrou duas maneiras de superar a ignorância em relação às letras: pela observação, que é um método natural e quando repreendida, ficava de costas e memorizava o que ali escutava. São narrativas que apesar de suas cargas de negatividades, trazem reflexões importantes sobre as atitudes que como seres humanos e humanas, deveríamos jamais praticá-las. A julgar pelo modelo de escrita e metodologia adotada para expressar os seus pensamentos sobre a vida real de uma sociedade, penso que Sinvaline Pinheiro precisou de uma carga psicossocial enorme para não absorver internamente a dureza de coração de alguns personagens dessa história. Na narrativa seguinte, chama a atenção para o desejo de conhecer, o conhecimento é um ato mítico e ao mesmo tempo é uma busca dos seres humanos e humanas. Leia-se sobre a mãe do compositor e artesão, Josué

Sua mãe sabia ler e escrever muito pouco e aprendeu sem nunca ter ido a escola, trabalhando na cozinha e olhando as filhas da patroa e quando reprimida, ficava de costas ouvindo e gravando na mente para treinar depois. Certamente esse passado a fez ser a grande incentivadora de tudo, tinha o sonho de ver o filho alfabetizado e artista. Desde pequeno já era inclinado a cantar, e assim e diz.

Esse relato apresenta um fato que na sociedade brasileira é recorrente. A luta e a sagacidade que alguns importantes e ilustres desconhecidos e desconhecidas travaram para ter acesso ao conhecimento. Como já fora dito, conhecer é merecimento de todos e de todas, mesmo assim, há quem por ignorância, tentam nos impedir, mas há uma força interior que nos impele a lutar e o conhecimento vem e transforma as vidas das pessoas. Josué é testemunha ocular dessa luta e dessa busca.

A obra “Proseando aqui e acolá” é sem dúvidas uma espécie de cancionero das histórias de um povo real e valente, é um povo de coragem no sentido estrito do termo. Um cancionero da saga real e é por meio da literatura romanceada que a escritora consegue provocar importantes reflexões sobre a história de um povo. A próxima narrativa traz a história da dureza da vida de um lavrador ou de uma lavradora. E, por outro lado, a ausência das tecnologias. Nessa narrativa, podemos compreender a natureza e a importância da tecnologia, pois, inicialmente fez-se uma leitura crítica da mesma e nessa narrativa, os termos “vida dura”; “carro de boi”, “esgotamento físico”, são sintomas de um país que retardou o investimento e planejamento para o progresso. Em uma situação socioeconômica desse nível, em que alimento é transportado em carro de boi, pode-se entender o atraso em relação ao crescimento da sociedade. Porém, por outro lado, salienta a força que brota de uma mãe que mesmo em meio às dores do parto, tem a preocupação de não pedir auxílio ao seu companheiro por entender que este está muito cansado de uma viagem e por saber que ele terá de se levantar muito cedo no dia seguinte. Esse gesto é uma atitude de coragem, cumplicidade, doar-se e respeito mútuo. O povo sofre a ausência de representação pública, de investimentos em tecnologias que seja aliada de seus trabalhos. Essa é a função da tecnologia: contribuir para tornar a vida laboral dos humanos e humanas, menos pesada e difícil. Mas sabe-se que é em meio às adversidades que se é possível encontrar as forças possíveis para superar-se.

O marido acaba de chegar de uma viagem carreando milho no carro de boi. Muito cansado ele dormiu cedo e nem ouviu os gemidos dela. Altas horas da noite e as dores apertaram, dona Ana se levanta e no fundo da casa nasce o bebê robusto de três quilos e meio. Ela sozinha arruma tudo e depois embrulha o bebê e espera o dia clarear para mostrar ao marido seu mais novo filho.

A obra supracitada é repleta de histórias de superação, retratando a sapiência não só da autora Sivaline Pinheiro, mas também das personagens por ela pesquisadas. Sivaline Pinheiro traz a importância do estilo poético para mostrar de forma crítica e com coerência sobre a realidade. Um estilo já conhecido pelos “utopistas” da Idade Média – Thomas Morus, Francis Bacon e Tomasso Campanella. Que lê as obras *La Città del Sole*, *Nova Atlântida* e *Utopia*, identificarás o estilo da estrutura redacional e poética de Sivaline Pinheiro. Algumas pensadoras e pensadores não carecem do saber científico para apresentar suas concepções de mundo ou da realidade. Através da pena e do romance, elas e eles conseguem transmitir crítica e poeticamente a realidade, contribuindo para que os seus leitores e leitoras consigam ter acesso ao conhecimento sociopolítico e cultural de uma determinada época.

A sapiência é uma espécie de ciência, mas necessariamente não carece de comprovação do chamado cientificismo. A sapiência é menos estudada ou adotada, pois há um apego à racionalidade dos fatos. Um importante teólogo e filósofo brasileiro, Rubem Alves, diz que a sapiência vem de dentro da gente, isto é, nasce com a gente, não se ensina, qual obra? Sugere assim, que os humanos e humanas no seu cotidiano, exercitam- o pensar e com o tempo, desenvolve-se e potencializa a capacidade dessa forma de reflexão. Tanto é que quando se trata das obras dos pensadores medievais acima citados, faz-se uma diferenciação entre eles e outros pensadores da mesma época. Os utopistas partiam da realidade, mas em uma perspectiva idealista da vida. É exatamente o que se pode perceber na leitura de Sinvaline Pinheiro. Há um idealismo e uma certeza que de certa forma deixa os defensores do cientificismo desconfiados. O conhecimento da dona Zenira, mulher forte, corajosa e Kalunga é simplesmente convicta de sua arte de produzir através das raízes, os remédios que curam e como ela mesma afirma: “onde eu moro posso encontrar remédio pra quase toda duença”. Que medicina convencional, acreditaria nessa convicção? No século do excesso de corrida pelo acúmulo, exploração e concentração de renda, seres especiais e com a sapiência de dona Zenira viverão no anonimato social. Quem vive a partir da sapiência, também tem suas técnicas e seus segredos e seus métodos. Como já foi dito antes, não carece da comprovação científica. Estou convicto de que a importância das obras e da produção da Sinvaline Pinheiro, está exatamente no poder das palavras, na sua capacidade de escuta e de uma pesquisa oral bem articulada com o saber e a sua realidade. Por meio da sapiência oculta à racionalidade, mas perceptível aos sentidos, é que a dona Zenira consegue descobrir os segredos das plantas que curam os males da anatomia humana, inclusive há no poder da sapiência, um certo domínio do tempo, como disse Immanuel Kant, “os seres obedecem ao tempo e ao espaço” fonte? Nesse caso, o conhecimento das coisas necessariamente passa pelo crivo do tempo e do espaço.

Zenira esclarece um pouco de sua sabedoria e técnica sobre a coleta e o preparo das raízes: - Tem muito segredo, num é assim de qualquer jeito não! A sangra água mermosó pode ser colida de manhazinha ou de tarde, cum sol quente não sai nada.. Eu além de ter aprendido com minha famia, fiz um curso do SEBRAE tombem!

Buscando compreender e dar sentido ao esclarecimento da dona Zenira e tentando penetrar no estilo de escrita de Sinvaline Pinheiro, parece que para algumas pessoas o existir é um acontecimento fortuito e até certo modo, desprezível e se assim, o for Arthur Schopenhauer tece um comentário que soa bem familiar a todas as histórias que até aqui foram lidas: “É uma verdade incrível como a existência da maior parte dos homens é insignificante e destituída de interesse, vista exteriormente, e como é surda e obscura sentida interiormente. Consta apenas de tormentos, aspirações impossíveis; é o andar cambaleante de um homem que sonha através das quatro épocas da vida, até à

morte, com um cortejo de pensamentos triviais”. A semelhança aqui é única e exclusivamente em relação às vidas pesquisadas – vidas de sofrimento, dureza, resistência para sobreviver, sente-se nesses seres, uma força heroica e uma profunda vontade de viver. Isso os afasta da visão pessimista de Schopenhauer. Enquanto para o filósofo, as pessoas parecem não saber ou não viver com sentido, em Sinvaline Pinheiro há gosto, resistência, sentido e gana pela vida. Esse fato torna a escritora uma poetisa cheia de saber e de um viver *suigeneris*.

Segundo Schopenhauer, o sentido mais próximo e imediato de nossa vida é o sofrimento, se não fosse assim, nossa existência seria o maior dos contrassensos, pois é um absurdo imaginar que a dor infinita, que nasce da necessidade essencial da vida, da qual o mundo está pleno, é meramente acidental e sem sentido. As pesquisas realizadas e apresentadas até aqui, parece distanciar muito das concepções pessimistas de Schopenhauer, pois as dores físicas ou psíquicas, as lutas por uma vida digna e as superações das personagens reais pesquisadas e ouvidas por Sinvaline Pinheiro, caminham paradoxalmente às teorias schopenhaueniana. Percebe-se que todo o esforço literário até então esboçado foi no sentido de trazer à tona uma vida com sentido, a importância dos valores morais, os valores sagrados que estão para além das instituições, a importância da família como organização social, mas por outro lado, denúncias das mazelas vivenciadas por pessoas de bem. Pessoas que viveram no anonimato social, mas com caráter e vivência ética, respeito à natureza e sua preservação. Poder-se-ia afirmar que esses atores e atrizes sociais são pessoas que não se perderam no caminho tortuoso da humanidade, são seres incorruptíveis no sentido de não se permitirem uma vida luxuosa, privilegiada, mas fruto da corrupção moral, econômica e religiosa.

Em suma, a obra *Proseando aqui e acolá*, concentra muitas leituras importantes sobre a vida de pessoas que, de forma desinteressada, construíram e marcaram a história, deixaram marcas e continuam deixando suas ideias e exemplos como um modelo a ser seguido e difundido. Só os homens e mulheres de coragem conseguem abdicar da luxúria, dos privilégios para lutar arduamente por uma vida simples, mas decente e nobre no sentido estrito do termo. Parafraseando o genebriano Jean-Jacques Rousseau: “Um povo que educa seus filhos para a paz, vivem sempre em guerra, mas o povo que educar seus filhos para as virtudes, viverá sempre em paz”. Assim: Salve as virtudes e a sapiência de Sinvaline Pinheiro.

morte, com um cortejo de pensamentos triviais”. A semelhança aqui é única e exclusivamente em relação às vidas pesquisadas – vidas de sofrimento, dureza, resistência para sobreviver, sente-se nesses seres, uma força heroica e uma profunda vontade de viver. Isso os afasta da visão pessimista de Schopenhauer. Enquanto para o filósofo, as pessoas parecem não saber ou não viver com sentido, em Sinvaline Pinheiro há gosto, resistência, sentido e gana pela vida. Esse fato torna a escritora uma poetisa cheia de saber e de um viver *suigeneris*.

Segundo Schopenhauer, o sentido mais próximo e imediato de nossa vida é o sofrimento, se não fosse assim, nossa existência seria o maior dos contrassensos, pois é um absurdo imaginar que a dor infinita, que nasce da necessidade essencial da vida, da qual o mundo está pleno, é meramente accidental e sem sentido. As pesquisas realizadas e apresentadas até aqui, parece distanciar muito das concepções pessimistas de Schopenhauer, pois as dores físicas ou psíquicas, as lutas por uma vida digna e as superações das personagens reais pesquisadas e ouvidas por Sinvaline Pinheiro, caminham paradoxalmente às teorias schopenhaueniana. Percebe-se que todo o esforço literário até então esboçado foi no sentido de trazer à tona uma vida com sentido, a importância dos valores morais, os valores sagrados que estão para além das instituições, a importância da família como organização social, mas por outro lado, denúncias das mazelas vivenciadas por pessoas de bem. Pessoas que viveram no anonimato social, mas com caráter e vivência ética, respeito à natureza e sua preservação. Poder-se-ia afirmar que esses atores e atrizes sociais são pessoas que não se perderam no caminho tortuoso da humanidade, são seres incorruptíveis no sentido de não se permitirem uma vida luxuosa, privilegiada, mas fruto da corrupção moral, econômica e religiosa.

Em suma, a obra *Proseando aqui e acolá*, concentra muitas leituras importantes sobre a vida de pessoas que, de forma desinteressada, construíram e marcaram a história, deixaram marcas e continuam deixando suas ideias e exemplos como um modelo a ser seguido e difundido. Só os homens e mulheres de coragem conseguem abdicar da luxúria, dos privilégios para lutar arduamente por uma vida simples, mas decente e nobre no sentido estrito do termo. Parafraseando o genebriano Jean-Jacques Rousseau: “Um povo que educa seus filhos para a paz, vivem sempre em guerra, mas o povo que educar seus filhos para as virtudes, viverá sempre em paz”. Assim: Salve as virtudes e a sapiência de Sinvaline Pinheiro.

PROSEANDO COM MULHERES: UMA LEITURA NO LIVRO "PROSEANDO AQUI E ACOLÁ" DE SINVALINE PINHEIRO

Agnês Raquel Camisão
Maria das Graças Bueno da Silva

Enfermeira Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Campinas – Campinas (UNICAMP)– Coordenadora do Curso de Enfermagem Faculdade Evangélica de Goianésia - GO Professora Mestra em Educação Brasileira do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Goianésia –GO.

CALIANDRA

Manhosa, não é rosa,
Pois, não cede, não serve
A banquete, ramallete,
Replantes, enxertos...

Não às intenções mais belas,
As sinceras e as malévolas,
Mas, nem por isso deixa disso,
essa, de ser flor-perífrase.

“Da próxima vez,
Que for a Brasília...!”
Ora, leva-se em pensamento,
De coração, gosta é do chão.

Por mim, savana, planalto...
Fica a ode num contralto:
Caliandra, A flor do Cerrado,
Espontânea, centro do mundo.

Tudo o que pede é florir,
Mas, para a beleza parir,
Precisa deixar-se em paz,
Sobrevive sem artifícios.

Terra, terreno, terreiro...
Bem-vindos os pioneiros,
Mas, em juras de áreas verdes,
seu quinhão no árido torrão.

Se nem as lambidas do fogo
Podem, por fim, dizimá-la,
Não a arranque, proteja-a,
Se a queres, mesmo, admirada.

Reflorestá-la, impossível.
Conversa não palatável.
Surpresa, na caminhada,
Isto sim, que agradável!

À espera, sim, de estampas.
Fica bem em camisetas,
Selos, postais e filipetas
Marcadores, páginas felizes.

Prometa aos nossos filhos:
De tudo irá defendê-la.
São muitas as ameaças,
Mas, não podemos perdê-la.

Autor: Luiz Martins da Silva

Este ensaio tem por objetivo analisar as mulheres, personagens reais, descritas no livro *Proseando aqui e acolá* de Sinvaline Pinheiro. Mulheres que compõem um universo de lutas e que, nem sempre são ouvidas em grandes narrativas e que ocupam espaços as margens do sistema capitalista e urbano. No entanto, Sinvaline em seu livro busca a voz dessas mulheres, conta suas histórias e desvenda elementos culturais que emergem da tradição popular goiana e presenteia o leitor com relatos de saberes e vivências.

SINVALINE, MULHER FLOR DO CERRADO.

Mulher flor do cerrado, assim como a Caliandra ela é resistente e indomável em sua identidade e ideais. Nascida no sertão goiano (Uruaçu) terra do pássaro grande em Guarani. Com os habitantes originais aprendeu a ler a terra e a natureza, e a compreender as essências para a constituição do ser humano, dos animais e da vida da floresta.

Ler foi um dom desenvolvido desde muito cedo na sua vida, as palavras lhe possibilitaram desvendar e viajar o mundo, não somente da imaginação, mas tornaram-se ferramentas para acessar, criar história e poesias. O contato com literaturas diversas como Padre Vieira, Machado de Assis, Gabriel Garcia Marques, Maria Colasanti, Jorge Amado, livros obtidos por meio de um vendedor amigo de seu pai, deu-lhe suporte para adentrar o mundo da escrita.

Resistente, como a Caliandra, Flor-do-Cerrado, que cresce em arbustos lenhosos, floresce na primavera e no verão, e de folhas perenes. Assim também, como mulher flor, Sinvaline brotou em seus “arbustos lenhosos” das circunstâncias da vida, tornou-se forte e de uma beleza singela que emana leveza e grandeza d'alma, próprio das pessoas que reverenciam a natureza com originalidade. Em seu poema Caliandra, Luiz Martins da Silva nos ajuda a traduzi-la: “ Tudo o que pede é florir, mas, para a beleza parir, precisa deixar-se em paz, sobrevive sem artifícios”.

Sinvaline é uma poetiza da natureza e dos povos simples, em seu livro “Proseando aqui e acolá” vai pincelando vivências em diferentes contextos do Estado de Goiás, produz um enredo que faz brotar histórias de vida e manifestações populares que dão significado a cultura goiana.

CALIANDRAS: QUEM SÃO AS MULHERES NA ESCREVIVÊNCIA DE SINVALINE PINHEIRO.

Terra, terreno, terreiro...
Bem-vindos os pioneiros,
Mas, em juras de áreas verdes,
seu quinhão no árido torrão.
(Luiz Martins da Silva)

A leitura do livro “Proseando aqui e acolá” lança-nos á um universo feminino descrito pela autora e nos inquietou a realizar uma análise sobre as mulheres incluídas nessa prosa. Assim, em alguns contos, pincelaremos algumas mulheres e para tal colocamos como questão de análise: Quem são estas mulheres? Como Sinvaline significa essas mulheres? Como elas expressam o ser mulher? Destacamos doze mulheres: Dona Maria e Messias; Maria Madalena Dias da Silva; Cylene Gama, Zenira (Kalunga); Maria Angélica Gonçalves; Maria Vieira da Silva; As Três Marias (Maria Albertina, Maria Dalmina e Maria Salomão); Maria Cândida dos Santos, Maria da Glória Alves de Queiroz. Ao apresentá-las, sintetizamos aspectos considerados relevantes para distinguir suas características a partir da leitura.

DONA MARIA E MESSIAS

Um simples brinquedo, Boneca de pano, certamente presente na memória de muitas mulheres que na infância partilhavam do momento de criação com restos de pano e tecidas por mãos calejadas das mães e avós, Sinvaline nos transporta do objeto para o humano. Dona Maria, e Messias, mulheres de contextos diferentes, porém, marcadas pela vida, evidenciam como um brinquedo pode entrelaçar histórias de afeto e de saudade.

MARIA MADALENA DIAS DA SILVA – IZABEL BENZEDEIRA.

Maria Madalena Dias da Silva a benzedeira, mulher de espiritualidade, renegada por seus dons. Acolhida por leprosos, benzeu suas feridas, aprendeu com os índios krahôs a curar com raízes. Aprendeu a partejar e adotou 14 crianças. Assim, Sinvaline mostra nessa história de vida a superação da rejeição para a construção da alteridade.

CYLENE GAMA.

Cylene Gama, gerente operacional do Instituto Serrano Neves, defensora do meio ambiente e dos direitos da mulher que vive no campo. Sinvaline ressalta que Cylene Dantas definiu o dia 15 de outubro como “O dia da mulher do campo” dedicado aquelas que executam diversas tarefas e assumem múltiplos papeis. E como exemplo Dona Ana Araújo de Uruaçu (in memoriam), ela deu à luz ao filho sozinha, pois decidiu não “incomodar” o marido, que havia chegado tarde de um exaustivo dia de trabalho e teria que se levantar de madrugada para carrear. Ela pariu um filho robusto e alegremente aguardava o novo dia que logo se iniciaria para apresentar o mais novo membro aos familiares e retornar as suas atividades de labor.

ZENIRA, A RAIZEIRA KALUNGA

Zenira mulher jovem e mãe de 11 filhos e já avó, desde pequena aprendeu com o pai o segredo das raízes que curam. Detentora dos segredos e das infinitudes de vantagens das raízes utilizadas como recursos por sua comunidade Kalunga, para dar cabo de diversos males. É dançarina da sussa, uma dança com muitos gingados onde os corpos dos casais se aproximam e se afastam dando “umbigadas”, mas em alguns momentos, os homens somente cantam e as mulheres dançam. Zenira detém um gingado que lhe é peculiar, dança de maneira livre e sem se preocupar com seu ventre que demonstra uma gravidez de sete meses. Mulher Kalunga, sinônimo de vida e resistência, Sinvaline a descreve como portadora de uma sabedoria milenar forte e grande raizeira.

MARIA ANGÉLICA, A MOÇA QUE SABIA LER.

Maria Angélica Gonçalves aos 80 anos, com a visão comprometida pela idade, gabava-se por saber ler e escrever desde mocinha, tempos em que poucos tinham alcançado essa habilidade. Foi proprietária de uma venda e de uma pensão, mas seu maior orgulho era o poder de ler e escrever cartas para os namorados das amigas e por meio da leitura também trocava favores com a irmã. Sinvaline a descreve como uma mulher linda e meiga, olhos miúdos, sagazes que pareciam esconder diversos anseios num corpo conservado apesar dos anos. Detentora de uma mente lúcida e povoada de sonhos, dos quais escrever um livro era um deles. Nesse texto em especial Sinvaline nos mostra toda sua capacidade de ler o sujeito em seu contexto e retirar dele a relação do tempo, espaço e a história de vida de maneira poética e comovente, ao descrever que o ambiente da casa guardava o jeito da moradora que se foi, porém, todas suas lembranças continuavam alojadas naquele local.

DONA GRACINHA DA SANFONA

Maria Vieira da Silva popularmente conhecida como Dona Gracinha da Sanfona. Criada pela tia, desde pequena tinha problemas de visão, era uma menina diferente, gostava de brincadeiras que na sua época menina não podia fazer. De ouvidos atentos a música, aprendeu com o tio sanfoneiro a tocar e se tornou uma sanfoneira, muito conhecida. Ela é apresentada por Sinvaline como uma mulher com alma de sanfona, donade uma alegria contagiante, capaz de rir de si mesma por ter perdido as pernas num acidente, mas, sabia ser amada e contagiava a todos com sua alegria. Mulher de fibra apaixonada pela música.

AS TRÊS MARIAS

Maria Albertina, Maria Dalmina e Maria Salomão quem não as conhecia por aquelas redondezas? Mulheres apresentadas com sensibilidade própria de Sinvaline que as descreve pelas habilidades do saber fazer doce de castanha de gueroba, assim tece suas

histórias. Vidas simples e rodeada de amizades as margens do rio dos Pilões, GO-60. As Marias que acolhiam viajantes, estes levam consigo o gosto do bom doce de gueroba Brasil a fora. O tempo se passou e as “Marias” Albertina e Salomão foram “promovidas” desta vida, restando apenas Mariinha Salomão. Quanto amor e saudades, Salomão a última das Marias se amedrontava diante de um mundo muito mudado e “selvático” foi “despejada” de sua casa e teve que pagar aluguel num outro povoado. As Marias foram sinônimos de vida e resistência, o tempo tem um “estomago” grande que a tudo devora, ele é implacável. Hoje resta apenas saudades e inúmeras lembranças, as quais resistem na memória de Sinvaline.

MARIA CÂNDIDA DOS SANTOS “DANDINHA”

Maria Cândida dos Santos, baiana residente em Pitanga, foi uma das pioneiras do Samba de Viola em Simões Filho. Criada na fazenda, na lida dura do trabalho na roça. Descrita por ter um jeitinho delicado, ser bem pequenina, possuir muita energia e estar sempre enfeitada com vestes coloridas e colares de sambista, uma verdadeira “professora do mundo”. Dandinha se lembra da infância e das brincadeiras inventadas com outras crianças; conta que “embarrigou” aos 12 anos, não entendia o que estava acontecendo, o jeito foi contar para o pai e ir morar com o pai da criança. Do seu segundo relacionamento com Matias teve mais 4 filhos e com o companheiro ficou até ele morrer. Foi com Mestre Matias, seu marido, que Dandinha aprendera a arte do samba e das rezas. Sambista ativa, após a morte do marido, tornou-se mestra do Samba do Recôncavo Baiano, ao ouvir o rimbombar de um batuque saía sambando, com muita graça e era aplaudida por toda plateia.

GLORIA A BERRANTEIRA

Maria da Glória Alves de Queiroz, a mulher berranteira, filha de fazendeiros, desde cedo trabalhou pesado na roça, cuidava do gado, tirava o leite, fabricava cachaça artesanal no alambique de sua propriedade. Mas o que dava orgulho a Glória era saber que era berranteira por profissão, o saber que herdou da mãe e da avó. O berrante é um instrumento artesanal geralmente relacionado ao universo masculino, porém quando Sinvaline fala sobre este instrumento “conduzido” por Glória Berranteira destaca a força e a presença desta mulher que exibia e tocava orgulhosamente seu berrante nos eventos.

CALIANDRAS: percepções sobre as mulheres nas prosas de Sinvaline Pinheiro.

“Se nem as lambidas do fogo
Podem, por fim, dizimá-la,
Não a arranque, proteja-a,
Se a queres, mesmo, admirada.”
Luiz Martins da Silva

Não pretendemos aqui, fazer uma análise literária com tanta propriedade quanto seria o trabalho daqueles especialistas no assunto, mas ousamos registrar nossas percepções, de uma professora de história e de uma profissional da saúde, ambas apaixonadas pelos escritos de Sinvaline Pinheiro e pela causa das mulheres nesse universo complexo e desigual posto pela sociedade brasileira. Assim, o que apresentamos são nossas reflexões sobre como a autora significa essas mulheres.

O texto apresenta um olhar sensível e não resignado, manifesta a dureza da vida alheia, mas busca o lugar do humano, que trilha sua história em meio as diversidades, expressa o feminino por traços belos e comoventes, seja uma quase subordinação ao cotidiano da lida na roça, como em Dona Ana de Araújo, seja na destreza de se impor á sociedade como Glória Berranteira e Gracinha Sanfoneira.

Sinvaline dá voz as mulheres e registra suas existências, muitas vezes negada pela sociedade ou percebida como objeto comum ilustrativo de práticas populares. Desta maneira, ela encontra na vivencia de cada mulher habilidades de um saber tradicional, mantido de geração em geração, que as tornam portadoras e mestras de componentes essenciais presentes na memória coletiva. Das brincadeiras de criança, da boneca de pano, dos benzimentos, do uso das ervas medicinais, do jeito específico de fazer o doce, da precisão do samba de roda e da sussa. Componentes, adquiridos na relação dessas mulheres com suas ancestralidades, com materiais simbólicos e concretos do lugar que ocupavam na geografia de suas existências.

Numa cultura patriarcal, machista, o lugar da mulher foi/é dividido entre as tarefas domésticas e na lida do trabalho braçal e como complemento da força masculina seja no campo ou na cidade. Diversas mulheres, ainda hoje, escrevem solitárias suas memórias em seus corpos com os sinais dessa sobreposição de trabalho, desassistidas, muitas vezes, de condições básicas de educação e saúde. Mediante esse universo, Sinvaline nos transporta por meio de leituras atentas a traços de beleza, força e resistência para a escuta feminina.

Retomando ao poema de Luiz Martins da Silva, Caliandras são “manhosas, não é rosa, pois, não cede, não serve a banquete, ramallete, replante, enxertos...” . São únicas e iguais, e ao mesmo tempo, são mulheres com histórias particulares na rudeza do chão da vida, donde tiram sua condição de existência, tecidas em seus “arbustos lenhosos” não se pode arrancá-las para compreendê-las. Neste sentido, são lidas, ouvidas, admiradas em seus próprios contextos e cada uma assume um lugar particular na leitura de Sinvaline que compartilha e aprende com elas o significado de sua própria essência. Em sua escrita ela vai “parindo” estas vidas e tecendo graciosamente cada uma das histórias. Parir tem a ver com expulsar do útero o feto, placenta e os anexos embrionários, assim, dá luz a existência das mulheres e conseguimos perceber as dores do parto em cada narrativa. Sensível em apreender os detalhes do cotidiano simples e

por vezes sofridos, consegue nos transmitir sua reverência a essas mulheres. Desta maneira, na narrativa de Angélica, que mesmo após falecer, consegue imprimir sua presença no espaço preenchido por sua ausência, somos premiadas com a frase “a casa ainda tem seu jeito embora os móveis tenham sido retirados”. Ou quando nos recorda do velho vestido de Maria Salomão “queimado de cigarro e uma saudade que incomoda muito”.

Por sua vez as mulheres parem bonecas com restos de panos, benzeção para curar e cuidar de gente que nem sequer conheciam, alimentos, raízes para banhos e chás para sanar diversos males, sussas que além de fazer dançar os pés farão dançar a imaginação, leituras e cartas de amor, músicas, comidas e doces para acalantar as almas e estômagos famintos, samba no pé que ao som do batuque fizeram ribombar corações, som doberrante. Enfim, foram tantos “partos” que Sinvaline ajudou a dar à luz por meio de sua escrevivência suave e delicada.

Portanto, nesses contos Sinvaline Pinheiro descreve de maneira muito cuidadosa, pessoas simples e que talvez pudessem passar despercebidas aos olhos de muitos. Mas, ela conseguiu com uma sagacidade profunda ir no amago de cada uma delas e contar suas belas histórias de vida e luta. Ela se revela uma pesquisadora, uma etnógrafa que qualitativamente apresenta mulheres diversas, mergulhadas em seus cotidianos. Suas histórias de vida revelam vulnerabilidades que nos permitem refletir sobre a invisibilidade dessas mulheres e da necessidade de lutas mais amplas por melhores condições de vida. No entanto, o que constatamos é que Sinvaline as ressignifica e confere beleza e poesia a estas existências, oferece um material precioso para pesquisas de estudos de gênero por vezes sofridos, consegue nos transmitir sua reverência a essas mulheres. Desta maneira, na narrativa de Angélica, que mesmo após falecer, consegue imprimir sua presença no espaço preenchido por sua ausência, somos premiadas com a frase “a casa ainda tem seu jeito embora os móveis tenham sido retirados”. Ou quando nos recorda do velho vestido de Maria Salomão “queimado de cigarro e uma saudade que incomoda muito”.

Por sua vez as mulheres parem bonecas com restos de panos, benzeção para curar e cuidar de gente que nem sequer conheciam, alimentos, raízes para banhos e chás para sanar diversos males, sussas que além de fazer dançar os pés farão dançar a imaginação, leituras e cartas de amor, músicas, comidas e doces para acalantar as almas e estômagos famintos, samba no pé que ao som do batuque fizeram ribombar corações, som doberrante. Enfim, foram tantos “partos” que Sinvaline ajudou a dar à luz por meio de sua escrevivência suave e delicada.

Portanto, nesses contos Sinvaline Pinheiro descreve de maneira muito cuidadosa, pessoas simples e que talvez pudessem passar despercebidas aos olhos de muitos. Mas, ela conseguiu com uma sagacidade profunda ir no amago de cada uma delas e contar suas belas histórias de vida e luta. Ela se revela uma pesquisadora, uma etnógrafa que qualitativamente apresenta mulheres diversas, mergulhadas em seus cotidianos. Suas histórias de vida revelam vulnerabilidades que nos permitem refletir sobre a invisibilidade dessas mulheres e da necessidade de lutas mais amplas por melhores condições de vida. No entanto, o que constatamos é que Sinvaline as ressignifica e confere beleza e poesia a estas existências, oferece um material precioso para pesquisas de estudos de gênero.

UMA MATRIPOETA CERRADEIRA

Tânia Rezende
Gira Leodegária de Jesus
Universidade Federal de Goiás

AINDA É TEMPO

A fumaça sobe, invade o céu sob o som da máquina que desmata, mata
o cerrado...

A cana de açúcar é útil e a soja rentável, alguém disse...
Mas a cana de açúcar e a soja levam, devastam o cerrado...

A paisagem fica nua, triste, sem graça...
Na imensidão plana sem árvores uma semente teima em germinar: o
cerrado quer renascer...

Em meio às mãos que cultivam, os braços que lutam, os olhos que
choram, onde está o cerrado?

Mãos postas aos céus os homens oram, rezam... mas para quê?
Não adianta a prece se desmatam, matam a vida.

Mas a esperança existe e insiste...
Ainda nascerá um novo cerrado, mesmo que ainda longe, numa
distância imedível...

Num sonho que já não será o mesmo.
A sementinha empurra, sobe, quer ser árvore e mostrar que a vida
renasce,

Que ainda é tempo de plantar e acima de tudo:
Ainda é tempo de
PRESERVAR...

Sinvaline Pinheiro é uma engajada ativista política, defensora dos direitos humanos, dos povos das matas, das florestas e do Cerrado. É escritora, poeta, é mulher que age para fazer acontecer, é matrigestadora, é nossa matripoeta cerradeira do Norte Goiano. Ela canta a terra, canta o céu, canta o sol, canta os pássaros, as matas, as águas, canta a chuva, canta a vida.

Em Goiás, parte do Cerrado do Brasil Central, a chuva é pouca, o clima é quente e seco, a vida flui demorada. Acostumamos esperar e a espera, assentada na “paciência histórica” da ancestralidade negra e indígena brasileira, para nós, não é só contemplativa ou ociosa nem é a espera da práxis judaico-cristã. As cigarras cantam por meses, chamando a chuva, e a gente acompanha a melodia da espera. Esperamos pela chuva, cantando, dançando, rezando, com os olhos compridos, erguidos para o alto,

estudando o desenho das nuvens. A seca educa e a espera ensina. A demora é tanta e a seca é tão agoniada que quando, finalmente, chove, a chuva é um evento digno de registro, de celebração e de divulgação. Sinvaline é sensível a esse nossa espera-encantamento, ela canta à chuva:

BENDITA CHUVA

E a chuva veio molhar a terra sedenta...
Terra que guarda partículas dos homens e do tempo...
Ela vem com vento e os espíritos
Passando entre as árvores que renascem sempre
Indiferentes à fragilidade humana...
São tantos sons que o silêncio traz...
E a chuva sorrateiramente cai sobre tudo e todos
Lava a alma do mundo
Não importa a imbecilidade do homem...
O cavalo magro agradece a água que molha os pés
Apaziguando o calor e a dor das ferraduras
O prisioneiro, de sua grade, acena para os céus...
Milagrosamente a chuva carrega as dores
A sujeira e alegre a vida...
O homem boquiaberto
Não entende que nenhuma tecnologia faz chover
E saltita como criança abraçando a chuva
BENDITA CHUVA!

Os versos desse canto-oração sintetizam a força da chuva na integração espiritual corpo- natureza, no renascimento da terra e nos sons do silêncio. Somente um ser espiritualmente integrado à natureza, “uma pele que se mistura à terra, é terra também”, pode sentir e entender os sons do silêncio e os espíritos que vêm com o vento. Ao mesmo tempo, é crítica ao ser humano, por sua imbecil inteligência, que não lhe permite perceber que “nenhuma tecnologia faz chover”, essa é uma exclusividade da natureza, que sua ambição está degradando.

BENDITA CHUVA!

Em sua obra, nas narrativas de *Proseando aqui e acolá* e de *Causos e histórias*, nos poemas de *Veze em quando vem me ver* e dos *Poemas esparsos*, percebo/sinto uma *Literatura- Cerradeira*, que vai estradando aqui e acolá, fluindo uma poética mosaica-do-cerrado, esparramada e profunda, como os ramos e as raízes das árvores. Atravessa sua “escrevivência” um movimento, um ir e vir, em voo expresso na força do vento, da chuva e de uma fuga- liberdade sem devir. É uma escrita que nos convida e nos convoca à escutatória (MARTINS, 2003) de embira-cipó, daquelas que abraçam, enrolando até enroscar.

São as palavras dos homens e das mulheres de carne-osso-alma, da vida real, todas, todos, todes com nome, nem sempre com sobrenome, tendo por epíteto seu que fazer na vida: Messias das bonecas de pano; Pedro do Nego D'Água; Izabel Benzedeira; Josué, o artista do cerrado; Guará, o tipógrafo; Zenira, a raizeira Kalunga; Dona Faustina e as Simpatias; Maria Angélica, a moça que sabia ler; Pedro Serra da Mesa; Dona Gracinha da Sanfona; As Três Marias da Casa das Três Marias; Pajé-Curandeiro Kisibi Sumu; Seu Antônio Colher de Pau; Dona Dandinha, uma Professora do Mundo; Seu Zé, um Cigano; Zé Nilo, artista da Chapada dos Veadeiros; Glória Berranteira.

Em Causos e Histórias, os nomes esvanecem. A idosa e a moça com o bebê no braço não têm nome, também é sem nome o “marido da mulher”, que “está preso”, passa o dia em casa e dorme na cadeia. Não precisa de nome, basta seu retrato, que traz a figuração de sua historicidade. Essas pessoas são “Retratos” do Brasil, fazem parte de uma gente desgrentizada, nesse país rico, “poluído de falta”, com um povo empobrecido pela riqueza, em que o nome marca a “falta de tudo”.

Na casa da família cristã, enquanto as celebrações do aniversário de Cristo eram preparadas, só o Papai Noel tem nome. Em “Histórias de caminhoneiro”, o protagonista da história é o único nomeado: Mindim. Daí por diante, muitas personagens são nomeadas, da mesma forma que muitas não são, e nada é aleatório, tanto as nomeações quanto as não nomeações são todas muito significativas.

São homenageados os povos e as coletividades: Avá-Canoeiro-solidão como herança; Carro de Boi-história de uma geração; Encontro de culturas da Chapada dos Veadeiros; os Krahôns; Uruaçu. Os dias, com seus santos e festejos estão presentes: O dia da mulher do campo; Folia da roça; São Pedro e a Festa do Caju; Santo Antônio, Dona Faustina e as Simpatias; Folia de São José; Romaria do Muquém; Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros; Romaria de Santa Luzia; Chimite.

São também cantados, narrados e versejados os assobios das matas, o murmurejar das águas e os mistérios dos encantados.

Pedro, ocê laiga de ficá beirano o lago de
noite, sabe que bobagi não nasci ni pé de
pau... Oia o Nego D'Água...

Ler a escrita de Sivaline Pinheiro é nos envolver nas performances de sua oralitura (MARTINS, 2003) e nos transportar para a beira do Lago de Serra da Mesa, do Passa Três ou do Maranhão, nos sentarmos em uma esteira a volta da fogueira, em noite de lua cheia, e ficar ali, ouvindo as histórias de antigamente, que aquecem o coração da gente. Seus livros são balaios de palavras-poesia, fiados em rodas e tecelados pelos encantados do Norte, das Matas do São Patrício, das profundezas do Lago de Serra da Mesa, impulsionadas pela força da Cachoeira do Machadinho.

A escrita de Sinvaline Pinheiro é mais que enunciação, é a potente (d)enunciação (EVARISTO, 2019) situada da mulher que não se omite e não se cala diante das injustiças e dos abusos de um sistema que se mantém e se sustenta à custa da exploração e da opressão dos corpos racializados pela colonialidade do poder e pelo capitalismo. Quando Sinvaline Pinheiro escreve, ela “fere a língua oficial portuguesa” (EVARISTO, 2007) e deixa insurgir e fluir outras línguas e outras linguagens: “Desenharam o alfabeto e eu o engoli/ Agora vou parindo filhos misteriosamente.../ Não têm pai, nem pátria.../ Meus versos pagãos se alastram/ Dizem que sou poeta.../ Por quê? Pra quê?” (Por quê?, de *Veze em quando vem me ver*, p. 33).

Nas perspectivas convencionais da teoria da enunciação, as pessoas são definidas e distribuídas no espaço enunciativo, conforme seu direito de fala e de existência: quem fala (eu), para quem (tu), são as pessoas; de quem e por quem se fala (ele e ela) são as não-pessoas. O tempo-lugar da enunciação são o agora e o aqui. Outros marcadores temporais e espaciais são considerados um tempo histórico e um lugar excluído do espaço da enunciação.

De acordo com Conceição Evaristo (2017; 2019), nosso tempo e nosso lugar são outros, são ancestrais e são históricos, nossa história é ancestral e está presentificada. Mobilizando a memória sobre as máscaras de flandres, uma realidade dura e concreta para o povo negro escravizado e uma memória de dor-combustível de luta para todas as pessoas negras. Evaristo defende que nos silenciaram e nos silenciam com as máscaras de ontem e de hoje, mas que temos falado e que temos de falar ainda que nos neguem esse direito, temos de falar pelas fissuras até estilhaçar a máscara. Nossa fala, por isso, não é enunciado, é sempre (d)enunciado, porque estamos sempre em terrenos de conflitos, de disputas, em espaços de (d)enunciação e não de enunciação.

A (d)enunciação, pela oralitura na escrita de Sinvaline Pinheiro, nasce do contar as histórias escutadas pelas estradas por onde andou e pelas ruas e trieiros do lugar onde nasceu e se criou, Uruaçu, a antiga Santana, no Norte de Goiás, e de seus arredores, o Vale do São Patrício e a Chapada dos Veadeiros: são lendas, mitos, causos e as histórias de vida dos seus e das suas. São (d)enunciações em “escrevivências”, porque é sobre uma coletividade, não é narrativa de si, é a “escrita de nós” (EVARISTO, 2020), em deslizante, fluido e cerradeiro “pretoguês” (GONZALEZ, 1988).

Toda discussão é um trabalho de seleção e de edição. Esta discussão não é diferente. Seleciono, escolho, faço edições, por mais difícil que seja. Da Literatura-Cerradeira, da poética estradeira de Sinvaline Pinheiro, com sua singular, plural e potente (d)enunciação, destaco suas denúncias-defesa da mulher. Os movimentos feministas, sobretudo o feminismo liberal, têm falado e defendido uma mulher genérica, de forma geral, sem se interessar em abalar as estruturas do sistema patriarcal que sustenta o machismo. Os feminismos plurais brasileiros avançaram muito, mas ainda não

conseguiram se desvencilhar das categorizações generalizantes, porque não conseguem se desvincular das teorias importadas e das categorias modernas/coloniais, que levam a homogeneizar as diferentes identidades e maneiras de interpretar as mulheres, salvo os recentes debates sobre gênero e sexualidade e sobre interseccionalidade, sobretudo de intelectuais negras e indígenas.

Sinvaline Pinheiro, por não ter preocupações teóricas, por não se posicionar nem como feminista nem como feminista negra ou de outra categoria, embora o seja em sua práxis poética, contribui muito com a discussão sobre raça, racismo e racialização, envolvendo as mulheres situadas nesse território geo-onto-político violentado e estigmatizado: os “confins do sertão do Brasil”. O que é e como é ser mulher nesse lugar? Como essas mulheres têm sido forjadas social e politicamente no Cerrado do Brasil Central?

O Cerrado é o segundo maior e o mais antigo bioma tropical do Brasil. É uma das savanas mais biodiversas do mundo, abriga cerca de 5% da biodiversidade do planeta. É considerado o berço das águas do Brasil pela quantidade de fontes de água doce, de água potável e de nascentes de água mineral. Apesar disso, o Cerrado é um dos mais degradados dos biomas brasileiros. Defender os povos do Cerrado é uma das formas de preservá-lo. Destruir o Cerrado é destruir sua gente. As mulheres são as guardiãs do Cerrado e defender as mulheres cerradeiras é defender o próprio Cerrado, nossa “caixa d’água”, e contribuir com a contenção da crise climática.

Com esta discussão, espero contribuir, ainda que minimamente, para o entendimento que estamos construindo (REZENDE; ALMEIDA, no prelo) sobre a identidade ladinoamefricana, pensada e proposta por Lélia Gonzalez (1988). O ponto de partida é a problematização sobre como tem sido forjada e performada a amefricanidade ladina das diversas e distintas mulheres cerradeiras e como a poética de uma mulher cerradeira estradeira, lida, sentida e habitada por uma também mulher cerradeira e estradeira pode tensionar os significados e interpretações de mulheres no Cerrado, forjados e naturalizados pela (de)colonialidade/modernidade/cristandade, incluindo a decolonialidade brancadêmica, porque, acredito e defendo, somos “fortalecidas pelas nossas ancestrais e pelo encontro com nossas companheiras, entendemos que nossos caminhos são como afluentes que deságuam: mulheres são como águas, crescem quando se encontram”. Eu me agigantei quando me encontrei com Sinvaline Pinheiro nessas giras poéticas cerradeiras.

Os versos pagãos, uma denominação da própria autora, em *Veze em quando vem me ver* (“Por quê?”, p. 33), são a expressão de suas náuseas diante do mundo e de seus enfrentamentos ao mundo: “Desafio a indiferença do mundo/Enfrento a morte como se enfrenta o dia/Às vezes tão longo...” (“Sou assim”, p. 31). Sua poética (d)enunciação mostra, por ela mesma, como é ser a mulher que ela é nesse mundo com essa patriz moderna/colonial, euro-judaico-cristã, de poder que esse mundo mantém (ALMEIDA, 2021).

Em suas narrativas-estradeiras, em *Proseando aqui e acolá* e em *Causos e histórias*, encontram-se narrativas-denúncia da condição/situação da mulher, que me permitem refletir sobre como as mulheres têm sido forjadas e percebidas, e como elas performam o ser mulher nesse lugar, além de me permitirem o início do pensar as mulheres cerradeiras. Nessas narrativas, as violências contra as mulheres são descritas em sua crueza, mostrando que as mulheres são violentadas, desde a infância, como são os casos da menina, uma criança, que, por ser brutalmente violentada pelo pai, tem a mão amputada: um homem adulto que fere uma mulher-criança (*Causos e histórias*, p. 8); e da menina, uma criança, acorrentada pelos tornozelos por “falar coisas consideradas inapropriadas para sua idade” (*Proseando aqui e acolá*, p. 22).

A narrativa de vida de Dona Gracinha Sanfoneira, em um primeiro momento, pode parecer uma história banal de superação, mas um exame mais cuidadoso mostra que não é isso, e essa é uma característica importante da narrativa de Sinvaline Pinheiro. A leitura nunca pode ser apressada e os sentidos nunca podem ser interpretados a partir dos frames costumeiros de entendimentos. Suas narrativas são cerradeiras e são estradeiras, portanto, exigem um mergulhar nesse caminho de significação. Sigamos, com ela.

Dona Gracinha Sanfoneira (*Proseando aqui e acolá*, p. 56) nasceu muito doente e com problemas de visão, foi criada por uma tia, a quem foi entregue pela mãe. Ela era diferente, nunca gostou de boneca nem de saias, e suas brincadeiras eram mais ousadas, como brincar de cavalo de pau, lutas e outras que, na época, uma menina não podia fazer, e seus ouvidos sempre foram sensíveis e atentos para a música. Com uma lata de goiabada e tampinhas de garrafas, confeccionou seu primeiro instrumento musical: um pandeiro.

O marido de sua tia era sanfoneiro, então Gracinha podia ouvir constantemente o som da sanfona. Assim, aos 7 anos de idade, ela já estava apaixonada pelo instrumento e perdia o sono imaginando em como poderia aprender a tocá-lo. A tia, notando a curiosidade da sobrinha, deixou que experimentasse o instrumento de 4 baixos. Desse dia em diante, a sanfona passou a ser sua parceira inseparável e Gracinha se tornou a sanfoneira oficial da região. Ela ia a cavalo para as festas e tocava forró a noite toda, daí já passou a ser chamada Gracinha da sanfona. Dona Gracinha fez carreira, se estabeleceu e tem reconhecimento. Reside em Brasília, onde faz show com vários artistas conhecidos. Ela perdeu uma das pernas em um acidente, mas, nem por isso, esmoreceu ou perdeu o ânimo. Continua a Dona Gracinha da Sanfona, artista empreendedora. Não é guerreira nem superpoderosa, é uma mulher protagonista. Ela era diferente, não por ser deficiente visual, mas por ter preferências incompatíveis com os padrões sociais definidos para uma menina. Desde cedo, apresentou um talento peculiar para a música e esse talento foi percebido, respeitado e estimulado pela tia que a maternou. Ela não é superdotada, ela foi uma criança respeitada, o que fez diferença

em sua vida, pois ela pode desenvolver seu talento com segurança, conseguiu ser protagonista em sua carreira e ser “dona de si”.

Por ter segurança, devido a como foi criada, ela conseguiu lidar com mais uma perda física, além da visão, que foi a perda da perna no acidente. Não se trata de uma mera e trivial “história de superação”, mas de uma narrativa de vida que problematiza o confronto da violência, das fatalidades da vida a que qualquer pessoa está sujeita e a diferença que faz o respeito com que uma criança é tratada na fase fundamental de sua formação e, da mesma forma, o respeito com que uma mulher, profissional, é tratada em sua carreira.

A narrativa de vida de Dona Gracinha Sanfoneira se entrelaça a outras narrativas de outras diferentes mulheres, compondo o mosaico-(d)enunciação do ser mulher, como em Izabel Benzedeira, (Proseando aqui e acolá, p. 22), na história de uma criança acorrentada, uma mulher de dois nomes e idade incerta, com anos contados pelo cansaço do corpo e as estradas percorridas em busca da libertação. Diferentemente de muitas personagens, que ou não têm nome ou não têm sobrenome, esta tem dois nomes: Dona Maria Madalena, a Dona Izabel. Ela traz marcas de correntes, decorrentes..., no tornozelo. Sua memória de dor, pelas violências sofridas ainda na infância ou desde a infância, é viva e pulsante. Ela contou, Sinvaline recontou e eu treconto.

Quando era criança, em torno de 7 ou 8 anos de idade, Dona Izabel falava coisas que, para os adultos, não eram apropriadas para uma criança de sua idade. Por isso, ela foi considerada muito perigosa, teve os tornozelos acorrentados e passava as noites ao relento, gritando de dor até dormir. Um dia, fugiu, se embrenhou na mata, a guardiã protetora das almas que sofrem. Perambulou pela mata até encontrar uma clareira de leprosos isolados. Para sua pria proteção, com receio de contaminá-la, os leprosos a apedrejaram, para que fosse embora. Como negociação, se apresentou como um deles, mentiu que também era leprosa. Foi aceita, e aí começou seu trabalho com a benzeção, tratando dos leprosos, e muitos deles foram curados. Na permanência, na falta de recursos, descobriu-se, entendeu-se benzedeira. Esse era perigo que ela trazia desde criança, o dom da cura pelo encantamento da palavra-feitiço.

A menina, que era só uma criança, acorrentada, gritou de dor, durante noites, ao relento, e ninguém se condoeu por ela, ninguém aliviou seu sofrimento. Não foi entendida nem aceita, ao contrário, foi submetida a violências, a ferimentos, a dores e relegada ao abandono. Quando foi aceita e acolhida, por uma negociação astuta, através da benzeção – a magia e feitiço das palavras encantadas – ela curou as feridas e aliviou a dor dos que sofriam. Seriam as palavras encantadas as palavras inapropriadas para uma criança? Seria esse o perigo: o feitiço das palavras que curam? Ela, a criança violentada, ferida, não compreendida nem acolhida em seu dom infantil, acolheu e foi mãe para 14 crianças que lhe foram confiadas.

O que não se compreende é uma ameaça, é perigoso, porque pode-se perder o controle, por isso, deve-se prender o corpo perigoso, para contê-lo. Foi assim que o corpo de uma menina – a bruxa – foi acorrentado, porque ela falava coisas inapropriadas para sua idade. As bruxas não são velhas de cabelos brancos, desgrehados, com uma verruga na ponta do nariz e voz rouca, como são apresentadas nas narrativas estereotipadas. O poder, em sua contradição, é covarde, se impõe e se exerce com violência sobre o corpo que considera mais fraco, mas queteme por não compreender e por se sentir ameaçado em seu domínio. Teme a força do que acha ser fraco.

O corpo que parece fraco aos olhos covardes do poder violento, como o corpo de uma menina que diz coisas inapropriadas para sua idade, é mais forte que a força covarde que a acorrentou pelos tornozelos, afinal, somente as feras perigosas são acorrentadas. O perigo do corpo da menina denuncia sua força e o medo de quem a acorrentou, confirmando que todo aquele que enuncia seu poder pela força da violência é covarde, tem medo de sua vítima, por isso, a contém. A menina acorrentada se libertou e, com o feitiço de suas palavras inapropriadas, foi cura e alívio para as feridas e as dores. Numa sociedade patriarcal, machista e misógina, mulher é um perigo e nunca são crianças, são sempre ameaças, logo, meninas também podem ser bruxas, por isso, são acorrentadas, de um modo ou de outro, fisicamente ou não.

Dona Ana, mulher do campo e de família, honesta e trabalhadora, nem por isso é poupada das violências que submetem as mulheres, ainda que outro tipo de violência, naturalizada e difícil de perceber, às vezes, até mesmo romantizada:

Dona Ana, grávida de seu décimo primeiro filho, depois da lida dura da fazenda, deitou sentindo as dores do parto. O marido acabava de chegar de uma viagem, carreando milho no carro de boi. Muito cansado ele dormiu cedo e nem ouviu os gemidos dela. Altas horas da noite e as dores apertaram, dona Ana levanta e no fundo da casa nasce o bebê robusto de três quilos e meio. Ela sozinha arruma tudo e depois embrulha o bebê e espera o dia clarear para mostrar ao marido seu mais novo filho.

Perguntei-lhe por que não chamara o companheiro para ajudar a fazer o parto, sorridente ela responde: – Sabe, siá, eu num podia acordá ele, tava muito cansado e tinha que saí bem cedo pra carrear...

O marido tinha carreado o dia todo, estava muito cansado e tinha de se levantar muito cedo pra carrear novamente, não podia “ajudar”, isto é, não podia estar ao lado da esposa para o nascimento de seu filho. Ela, “depois da lida dura da fazenda”, o dia todo, não estava cansada demais para trazer, sozinha, o filho ao mundo. Essa é a condição imposta à mulher, explorada, relegada à solidão e ao abandono, porque é

ensinada a poupar o homem, seja qual for a circunstância. Cada vez que romantizamos a situação da mulher explorada e precarizada como forte, o capitalismo rejuvenesce. No campo, ainda são muitas as donas Anas, “batalhadoras”, principalmente na fabricação de mão de obra para os empreendimentos familiares, Do livro *Proseando aqui e acolá*, p. 28 sustentadores mais do agronegócio do que das famílias trabalhadoras. Esse é um tipo de violência que não é visto como violência.

Assim também é Zenira, a raizeira Kalunga , uma dessas mulheres fortes, empreendedoras, na construção de outros sentidos e caminhos, é a “dona de si”, como dona Gracinha Sanfoneira, e cuidadora, como dona Izabel Benzendeira. Mulher preta, quilombola, pertencente à comunidade Kalunga da Chapada dos Veadeiros, no Nordeste Goiano, aos 36 anos de idade, é mãe de 11 filhos e avó. É uma dessas muitas sábias do Cerrado, que conhecem e sabem manipular as raízes, conhecem remédio para todos os males. Segundo ela, sabendo fazer direito, não tem doença que as raízes não curam. Zenira não é guerreira nem dotada de superpoderes, ela, assim como Izabel Benzedeira, que aprendeu com os Krahôs sobre as curas com raízes, é daquelas que na Gira Leodegária de Jesus chamamos de Matripotência Cerradeira.

As três Marias – Maria Solomão, Maria Albertina e Maria Dalmina – vivem da renda do doce do coco gueroba que fazem e comercializam. São extrativistas e comerciantes, letradas na vida, ainda que nunca tenham estudado em escola, sabem lidar com dinheiro e com a freguesia: “A sobrevivência foi garantida com a venda do doce de castanha de gueroba. Colhiam sacos e sacos de coco, depois quebravam e tiravam a castanha para fazer o doce no açúcar queimado”.

Em *As Três Marias* 9 , há uma belíssima figuração transemiótica, que possibilita visualizar a cena descrita, e um sentido outro de empreendedorismo, o de sustentabilidade, diferente dos já interpretados. O abandono colonial cristão atravessa também essa narrativa. Da perspectiva da colonialidade, o sentido social de afeto e de mulher digna de afeto está vinculado a casamento. Assim, as três Marias não foram dignas de receber afeto e amparo, que seria se casarem com “homens de bem” e constituir suas famílias. Esse é, para a sociedade patriarcal, machista e misógina, um abandono humilhante para a mulher: solteirona, titia, beata etc. As três Marias absorveram e enunciaram esse abandono como opção de vida: “Não gostavam de homem pra frente, tinham muitos amigos que lhes respeitavam” e em suas próprias palavras: “– Ce boba, sô, homi ninhum põe a mão ni mim, prefiro morrer”. Enfim, ao mesmo tempo em que são mulheres econômica, social e emocionalmente independentes, sua independência afetiva está mais atrelada à virtude e à moral cristãs. Há um modo de ser mulher configurado pela autora nas narrativas, nessas e em outras mulheres, descrita pelos hábitos e comportamentos, para além da moral cristã:

A Maria Salomão acendia seu cigarrão de palha, cruzava as pernas. O traje foi sempre do mesmo modelo: vestidinho de chita, saia rodada e os apetrechos como colares, brincos, anéis e abusavam dos anéis. O dente de ouro era o destaque do sorriso, todas tinham um. Hoje tenho como lembrança o velho vestido da Maria Salomão queimado de cigarro.

Ela [Dona Gracinha Sanfoneira] era diferente, nunca gostou de boneca nem de saias, e suas brincadeiras eram mais ousadas, como brincar de cavalo de pau, lutas e outras que, na época, uma menina não podia fazer, e seus ouvidos sempre foram sensíveis e atentos para a música. Com uma lata de goiabada e tampinhas de garrafas, confeccionou seu primeiro instrumento musical: um pandeiro.

Jeitinho delicado e bem pequenina, aproximadamente 1,25 m de altura e muita energia, sempre enfeitada com vestes e colares de sambista, ela fala com orgulho como sempre foi peralta: – Minha mãe me levava pras reza e lá eu via muitos rapais bunito, então com 12 anos de idade eu peguei com chamego com um e embarriguei. Minha barriga foi crescano, o seio inchano e uma prima minhame avisou que eu tava grávida, o jeito foi conta pra meu pai e aí eu fui morar com o rapais. Fiquei com ele 4 anos e vortei pra casa de meus pais com o filho. Aí dispois casei com Matias e tive mais 4 filhos e vivemos juntos até ele morrer. Com ele aprendi a sambar o samba de viola e muitas outras danças e rezas.

Atualmente Dandinha vive na comunidade de Pitanga, município de Simões Filho, orgulhosa de ser viúva do Mestre Matias, com quem aprendeu a sambar de verdade. Ela tem como missão continuar ensinando a todos a arte do samba e as rezas. O samba, segundo ela, é sua vida:

– Não consigo viver sem sambar, é só ouvir o batuque e já saio sambando! Com seu jeito exótico de se vestir e falar ela atrai um público enorme nos eventos agropecuários, cavalgadas e outros. Mulher de fibra acostumada ao trabalho pesado da roça ainda hoje cuida do gado, tira o leite, fabrica cachaça artesanal no alambique em sua propriedade. Sua rotina é levantar de madrugada ir para o curral, cuidar da casa, fazer queijo e outros. Se tem evento, arruma tudo com antecedência, e mais cedo tira o leite e diante do espelho se transforma na artista GLÓRIA BERRANTEIRA.

Traços delicados, bonita e elegante aos 50 anos Glória se exhibe para uma multidão que a aplaude... Conta sua história, fala da família de mãe e avó berranteira e mais uma vez se posiciona segurando o berrante de um jeito especial e o som longo, rouco rasga o espaço marcando mais um momento de uma mulher berranteira.

A figuração transemiótica é de mulheres de “fibra”, fortes, mas não a guerreira, vitoriosa ou vencedora das narrativas de superação do capitalismo neoliberal explorador. Não são as delicadas protagonistas das novelas, dos filmes ou romances nem mulheres fortes masculinizadas. São mulheres que pegam no pesado e se enfeitam. Nas lidas da vida, não há fronteira entre o “tocar” do homem e o “tocar” de mulher: tocar gado, tocar berrante, tocar sanfona, tocar comércio. Elas “tocam” com competência de mulher. Não é mulher fazendo trabalho de homem ou trabalhando como homem, em espaço de homem, o masculino não é um parâmetro. São mulheres atuando como mulheres num espaço de mulheres. É assim que elas performam sua identidade de mulher, suas diferentes maneiras de ser mulher, nesse espaço que não é só de homem, é de mulher também.

As narrativas permitem interpretar que as mulheres são forjadas como mulheres, nesse espaço geo-onto-político, na e pela violência interseccional de raça e de gênero, principalmente pela exploração, precarização e pelo abandono. Essas violências decorrem do não reconhecimento da humanidade de algumas, como dona Izabel Benzedeira, e da desumanização de outras, como de dona Ana e das três Marias. Tanto o não reconhecimento da humanidade como a desumanização, que naturalizam a exploração e o abandono, são construções subjetivas históricas, como podemos perceber em seus versos pagãos.

A autora constrói um jogo entre as identidades forjadas pela colonialidade/cristandade, que insere as mulheres na categoria não humana ou as desumanizam, e as identidades performadas pelas mulheres cerradeiras, as identidades das irmãs amefricanas ladinas cerradeiras, que sustentam sua existência política.

SOMENTE UMA MULHER

À Nilva

Olhando o céu uma mulher se vai...

Alguém disse: mulher não pode comer pé nem
asa de galinha, fica olhando o luar e tem vontade
de fugir...

E agora ela vai a procura de outras paragens...

Sua casa não serve mais e a busca se faz no
horizonte

Longínquo, infinito...

Esqueceu o avental, a vassoura, o marido...

Ela se vai... e vai...

Sonha que é perfeita e não tem mais rugas, a

estrada é longa e um príncipe virá pegar sua
mão...

Um assobio a faz parar, olha o chão e acorda.

Os pés descalços e a saudade de casa, dos filhos,
até do marido...

Mas e o príncipe? Ele já está bem perto...

Dá um suspiro e continua...

É mulher e ainda sente pulsar o coração na busca
de um amor...

Cantarola uma música e segue sorridente:

Ainda é uma mulher,

Somente uma mulher...

ROSINHA

Rosinha tinha uma rosa no cabelo negro, uma
rosa no olhar...

O batom vermelho contrastava com a rosa do
vestido, era toda charme...

A mãe a cerceava dos rapazes e Rosinha se
mostrava cada dia mais exuberante...

O tempo passou, casou, se encheu de filhos.
O fogão a lenha escureceu a pele, encrespou os
cabelos.

A meninada não dava trégua e a lida aumentou
Rosinha entristeceu...

Largou tudo e se a cidade a chamava...
Arrumou o cabelo, o batom não contrastava
como antes, mas ajudava.

Um bar, luzes, bebida, fumaça de cigarro,
Rosinha sorria, sorria...

Mais um tempo se foi, lembrou-se dos filhos.
Um fora trabalhar na capital, não tem endereço,
a outra fugiu com um peão, sumiu... o outro
Rosinha podia vê-lo, e foi.

Na longa espera na porta do presídio uma
Rosinha apagada, triste, sem batom.

O olhar longe aguarda os minutos para ver o
filho,

para sentir de perto a dor que a vida impusera.

Agora era uma rosa, só uma rosa desfolhada,
murcha, pingando orvalho...

O olhar distante busca respostas para o vazio,
essa dor de agora...

Em Somente uma mulher, estão as dores e os sentidos de ser uma mulher na busca da liberdade. Uma busca de liberdade diferente daquela da menina Maria Madalena, que estava também fisicamente acorrentada. Essa mulher, como tantas, está presa pelas correntes da patriz de poder e autoridade da colonialidade e da cristandade, que determina que a mulher perfeita não tem rugas e que “mulher não pode comer pé nem asa de galinha” para não querer fugir, ainda que não esteja fisicamente acorrentada. Nessa determinação está a suposição do desejo, está revelada a consciência da existência do desejo e da intenção da fuga por parte de quem determina: por que a mulher quer fugir?

O jogo entre o que é forjado pela patriz e o que é performado pela mulher, na luta pela manutenção de sua existência e de sua humanidade, vai construindo uma malha socioenunciativa delirante, que é a tática de tensionamento da patriz de poder. Ela se

libertou, ela foi, e abandonou ou “esqueceu o avental, a vassoura, o marido...”, esse é o sentido de liberdade da prisão da colonialidade/cristandade, em que o jogo lembrar/esquecer é político. Livre, ela sonha com o príncipe, “Dá um suspiro e continua...”, descobre: “É mulher e ainda sente pulsar o coração na busca de um amor...”, ela não está morta, liberdade é pulsão de vida, é amor. Ela “Ainda é uma mulher/Somente uma mulher”.

Rosinha mostra exatamente, com toda a crueza, o que é a vida, nua e crua, da mulher e, portanto, porque a mulher quer fugir e do que a mulher deseja fugir. No que esse pater-sistema transforma as mulheres, seus filhos e suas filhas. A fuga está também aqui, nesses versos pagãos, ainda que com outro sentido: a filha fugiu com um peão. Um filho está preso, outro filho está na capital. Há um tensionamento na contradição fuga/liberdade/prisão, e capital é a busca de uma vida melhor. A mãe, Rosinha, entretanto, se dói por tudo, por todos, se entristeceu, perdeu o brilho.

Para as mulheres da vida real, a dor do viver é tanta que se torna insuportável e algumas, em busca de vida, fogem da vida. Sara, outra mulher de dois nomes, como Izabel, mas diferente, não suportou a prisão do corpo e da vida. Mãe, doméstica, prostituta, alegre, sofrida e triste. Encerrou seu sofrimento com um laço na garganta. Despediu-se ou se vingou do mundo é a questão que ficou por ser respondida e foi assim que no cemitério a lápide a denunciou e que ela deixou de ser Sara. Essa é a fuga entoadada em Fuga.

Em suas escrevivências, nos versos pagãos, uma das mais potentes matriperformances cerradeiras é o poema Ela parecia gente, é como uma navalha cortando a pele, ferindo a alma. Esse poema mostra como foi forjada a identidade da mulher racializada pela patriz moderna colonial euro-judaico-cristã:

ELA PARECIA GENTE

Atrocidades do homem que se diz “civilizado”

Guardam memórias que doem na alma.

Foram Avás, Kayapós, Krahôs e Tapuias

Exterminados no norte goiano.

Cães bravios corriam nas matas e
espingardas apontadas miravam as sombras
de homens valentes.

Era a caça aos bichos que pareciam gente...

Ferozes os bichos lutaram,

Não se rendiam ao regime escravo

Que o branco lhes impunha...

Homens com fome de terra

Contratavam soldados armados

E os tiros escureciam a floresta com

Dor, pólvora e fumaça...

A Colônia Agrícola de Ceres não cabia mais

A ordem é invadir as matas do Norte
 De terras férteis e muitos rios.
 Terras de Avá-Canoeiros, onças, pássaros e flores...
 Milhares de anos eles estiveram lá,
 Sem religião, sem dinheiro e sem roupa.
 Cantavam a lua, a mata, os pássaros.
 Eram ricos e felizes...
 A caçada foi ordenada,
 O velho soldado hesitou, mas foi,
 Tinha que cumprir o mandado.
 Cansado da luta, senta, segurando o fuzil.
 Já cochilando, sente o vulto que mexe entre as folhas...
 Algo estava ali, um bicho parecido gente...
 Recuou em atirar, era um bicho só e indefeso...
 Uma voz forte dá ordem:
 – Atira! É uma índia!
 O tiro ecoa pela mata e
 o corpo cai revolvendo a terra.
 De perto, ele sente o fim...
 A jovem índia grávida dá o último suspiro.
 O soldado chora e bate em retirada.
 A alma doendo dá o relatório final:
 – Era uma índia, mas parecia gente...

Nós, diversas, plurais mulheres cerradeiras, somos sementes brotadas na terra irrigada pelo sangue derramado do corpo grávido da “índia que parecia gente”, de muitas diversas índias que pareciam gente. Não podemos deixar apagar essa memória. Há muito circula pelo interior norte de Goiás essa história da mulher indígena grávida, assassinada pelos soldados do estado de Goiás, a mando dos fazendeiros locais, grileiros das terras indígenas e quilombolas da região. O corpo-grávido abatido da mulher indígena ficou exposto em uma árvore para que, o terror da imagem, servisse de exemplo aos demais e, assim, os espantasse para longe, a fim de facilitar a grilagem de terra. Estou vendendo pelo preço que comprei, sem tirar nem pôr, mas Sinvaline poetizou a narrativa.

Essa memória narrativa poetizada é de séculos depois do ciclo do ouro, a invasão bandeirante em Goiás. É da época do movimento expansionista do governo de Getúlio Vargas, nos anos 1940, a “Marcha para o Oeste”, que em Goiás do interventor Pedro Ludovico Teixeira incentivou a “ocupação” do Mato Grosso Goiano e do Norte Goiano, com distribuição de “terras devolutas” e a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), em Ceres. As terras a serem ocupadas, entretanto, estavam ocupadas e seus ocupantes não aceitaram ser expulsos. Daí os conflitos entre os “chegantes”, grileiros invasores autorizados pelo Estado, o velho Estado-Novo, e os povos da terra,

os indígenas e os negros, “descendentes dos antigos escravos”, os agora reconhecidos como quilombolas.

Foi por isso que as “Atrocidades do homem que se diz ‘civilizado’/Guardam memórias que doem na alma”, e essas memórias estão ainda frescas e, na década de 1980, ainda eram narradas pelos próprios agentes, as vítimas e as testemunhas. Não se trata de mais uma lenda do Norte ou do Vale do São Patrício, no então Mato Grosso Goiano. Foi um acontecimento que é sempre lembrado, constantemente atualizado.

Essa narrativa, que Sinvaline Pinheiro, em encontro de “dororidade” (PIEIDADE, 2017), poetiza como Ela parecia gente, descreve um brutal acontecimento evidenciador do processo de racialização da população de Goiás, pela colonialidade do ser, isto é, denuncia o não reconhecimento da humanidade dessa gente para justificar a completa aniquilação de sua existência: “Já cochilando, sente o vulto que mexe entre as folhas.../Algo estava ali, um bicho parecido gente...”, nesses versos, a semelhança entre “bicho” e “gente”, gera a incerteza de percepção e a dúvida em executar a ordem: [...] “Recuou em atirar, era um bicho só e indefeso...”, e ainda que um “bicho”, era “só e indefeso”, não merecia a violência, essa é a tradução do sentimento da voz enunciativa. Em Cosmolinguística, numa concepção cosmopolítica de mundo e de linguagem, não há a dicotomia entre humano/não humano, bicho/gente, e bicho não é inferior a gente, ao ponto de justificar a violência e o abate do bicho por ser bicho.

Por fim, a indecisão é sacudida e encerrada pela injunção da voz de comando: “– Atira! É uma índia!”. A ordem é obedecida: “O tiro ecoa pela mata/e o corpo cai revolvendo a terra”. É o desfecho trágico da cena na mata, o lugar do conflituoso ambivalente confronto do soldado, consigo mesmo e com aquele ser que, na sua percepção, era bicho, mas parecia gente.

O (d)enunciado final: “– Era uma índia, mas parecia gente...”, sintetiza a tragédia, o não reconhecimento da humanidade da índia e o conflito do soldado. A estrutura do (d)enunciado, com o verbo ‘ser’ (pretérito imperfeito) – era – indica a constatação do fato, a confirmação da suspeita: era mesmo uma índia, ficou confirmado; operador argumentativo ‘mas’, em contiguidade ao verbo ‘parecia’ (pretérito imperfeito), cria o efeito de suspeição consistente, quase semelhança, não propriamente enganosa, uma semelhança evidencial por proximidade, isto é, a evidência, na percepção do soldado, de que uma índia poderia ser confundida com gente pela possibilidade de ser gente.

O soldado, na mata, diante da ordem de seu superior para cumprir seu dever, é confrontado entre o que vê e o que enxerga e entra em conflito de cosmopercepção (OYĚWÙMÍ, 2021), por isso, onde o comandante vê “bicho”, o outro do outro, seu inferior, ele, o soldado, também inferior, vê “gente”, uma sua semelhante, sua igual, ainda que fosse mesmo um bicho, na cosmopercepção geral.

Nessa tragédia, a missão heroica do comandante é eliminar os selvagens, os bichos, que atacam os fazendeiros e impedem o progresso expansionista na região. O dever-

destino do soldado é obedecer à ordem de seu superior, logo, quem elimina o selvagem, o bicho, é, de fato, o soldado, mas se é selvagem que tem de ser eliminado e ele não tem certeza de ver “bicho”, parece que vê gente, e mesmo que seja bicho, “está só e indefeso”, por que abater? O soldado vacila, o comandante é incisivo. Quem mata? Quem é o herói, matador de índio no sertão?

Os versos (d)enunciados, “Recuou em atirar, era um bicho só e indefeso...” e “– Era uma índia, mas parecia gente...”, evidenciam os conflitos de cosmopercepção do soldado, a travessia entre mundos, entre ver a índia como bicho e como gente, reconhecendo sua humanidade, entre ver no bicho só e indefeso seu direito à existência.

O poema-narrativa rompe com o modelo convencional de tragédia em vários aspectos, mas o principal deles é que o herói é na realidade o feminino violentado. Se seguirmos o entendimento do que seja narrativa, herói e a jornada do herói, de acordo com a cosmopercepção Tupi-Guarani, conforme Kaká Werá (2021), “a índia que parecia gente” é o herói. Do mesmo modo, entretanto, se seguirmos a estrutura narrativa dos heróis cristãos e dos heróis da pátria, configurados sempre como cordeiros imolados ou como mártires, também “a índia que parecia gente” é o herói. Não um herói caído, como nas tragédias convencionais. É uma heroína levantada, erguida e pendurada numa árvore, com seu sangue irrigando a terra, fazendo das mulheres do Cerrado suas sementes em germinação para múltiplas florações.

As mulheres cerradeiras, diversas, plurais, vêm sendo historicamente forjadas como seres não humanos, isto é, não têm sua humanidade reconhecida, e ainda que reconhecidas como humanas, são desumanizadas. Na perspectiva da colonialidade euro-judaico-cristã, seres não humanos ou desumanizados podem ser submetidos a violências, como exploração, precarização e abandono, afinal, não têm alma. E, por não serem humanas, elas aguentam, elas têm de aguentar, porque são fortes, porque são mais resistentes que as outras. Não preciso repetir os desgastados conceitos e argumentos das teorias anglófonas, francófonas, hispânicas e lusófonas que denunciam os abusos e as violências que desumanizam ou negam a humanidade das mulheres racializadas pelo sistema colonial escravagista, pela colonialidade capitalista e pela decolonialidade neoliberal. As escrituras de Sinvaline Pinheiro dispensam essas validações.

As mulheres das narrativas-estradadeiras e dos versos pagãos se encontram nos diferentes tipos de violências e de abandono de que são vítimas e nas diferentes maneiras em que performam suas identidades e seus modos de existência: a magia das palavras-feitiço que aliviam as dores e curam, as suas diferentes vivências da maternagem, como as parteiras que são as mães e as madrinhas das muitas gerações, as matricuidadoras que maternam as crianças que lhe foram confiadas por outras mães, a sustentabilidade e o empreendedorismo extrativista.

As irmãs ladinoamefricanas cerradeiras são as herdeiras da “índia que parecia gente”, da “menina-bruxa” acorrentada pelo tornozelo, de Gracinha Sanfoneira, das Três Marias, de dona Ana, de Zenira Kalunga, da dona Dandinha, de Glória Berranteira, de Rosinha, de Sara, de muitas e tantas parteiras, benzedadeiras, raizeiras, erveiras, geraizeiras, quebradeiras de coco, fiandeiras, tecedeiras, bordadeiras, costureiras, lavadeiras, professoras, artistas, cantoras, poemeiras e mais e muitas...

LACE DROMI É UMA BORBOLETA QUE “VEM ME VER” DE MANHÃ APÓS UMA CONVERSA COM SINVALINE

Sara Macêdo

Cigana kalin, criada em Pontalina, interior de Goiás, na comunidade Aguapé, mestra e pesquisadora de violência no campo brasileiro, no Programa de Pós-Graduação em Direito Agrário da UFG. Ativista cigane, ecossocialista, percussionista e bailarina bellydance.

“Segue o Cigano a longa caminhada
Carpindo o fado no sofrer profundo
Menosprezado dos bens deste mundo
Como aves da arribação sem ter pousada
(...)
Nas agruras da fome o mísero Cigano
A pedir a implorar a tudo se sujeita
E na casa do avarento pede esmola
E come o resto do pão que o cão enjeita
(...)”

Deoclécio Pereira, cigano Kalón, e parte de seu poema
“Carpindo o Fado”

Ora, mas é claro que eu escolheria a narrativa “Um cigano” para poder fazer uma conversa mais próxima neste belo trabalho de escrita e vivência. Para mim, realmente, se trata desse elo em primeira pessoa. Ser uma pessoa cigana num país que nunca assumiu seu histórico racial é por demais difícil. Como na citação que trago logo de início, de um primo da comunidade de Souza na Paraíba - um belo cordelista -, o fado é imenso.

Assim como a palavra bagunça é totalmente cigana, e chegou nesse país através de nossos ancestrais e primos calóns de Portugal, os povos ciganos no Brasil tem particularidades tradicionais de existência e vivência. É a dinâmica da existência em diáspora. Você muda muito, quando se muda muito. A estrada, ora, permite conexões e assimilações que transformam constantemente toda uma etnia. Essas particularidades de comunidades tradicionais ciganas no mundo todo, podem ser associadas ao que tem sido chamado de bem viver. Uma episteme construída principalmente pelos povos originários da América ou Abya Yala (tradicionalmente falando-se na cosmovisão desses povos). Isso porque a dicotomia que separa o animal humano e a natureza não está propriamente marcada na pele e vivência de povos tradicionais. A perspectiva que define o que é ciência criou uma hierarquia entre ser humano e natureza, para que a

mesma pudesse ser explorada. O que brilha (lace dromi) realmente se trata de outra coisa, outra matéria, bem mais parecida com um relacionamento afetivo com as águas, a terra, e todo o tecido que compõe esse mundo. Lace dromi, no chib tradicional, traz memória de uma história de sabedoria e mundo de fadas de alguns povos ciganos. Não é folclore, é existência viva e presente.

Folclore para mim, como aprendi com o parente Edson Kayapó, é a hidrelétrica de Furnas em Goiás devastar rios e biomas locais, e ficar por isso mesmo. E continuar.

Esse é um folclore poderoso. Agora das mulheres-fada 2, bem, quando se cresce tendo muito respeito e cuidado pelas mulheres mais velhas de sua comunidade, as ancestrais vivas, e às suas dai, não é mitologia ter uma tradição de ancestralidade, de que quando elas morrem, mesmo assim estarão presentes. E com asas. Existe um uso equivocado e construído pelo mundo hegemônico da questão folclore. Porque só é “sandice” quando o ritual não é o cristão? Isso tem todo o cheiro de colonização.

A cosmovisão de povos ciganos perpassa uma compreensão que faz sinônimo, pois imaginamos e vivemos enquanto cosmovidas, dependente uma das outras. Não existe comunidade de um indivíduo só. Além de ser profundamente infeliz incentivar uma compreensão individualista, é objetivamente não muito perspicaz e inteligente. Se vive de maneira mais prazerosa dividindo tarefas, responsabilidades, descansos e afetos. Essa hegemonia que pensa ser dona do mundo, não consegue ser dona nem de si mesmo. Não deveria ser louvável o egocentrismo.

A lógica dicotômica citada anteriormente é danosa para o laci dromi e ancestralidade cigana, pois destrói cosmologias comunitárias que, muitas vezes, vivem a partir de relações mais simbióticas com o meio natural. Deteriorando o elo tradicional para impor uma lógica do mundo que destrata a natureza, e também as pessoas mais velhas. Não há como pensar uma identidade étnica e constantes retomadas numa lógica mecânica e biológica. É muito mais do que sangue. É pertencimento e vivência circular. É difícil encontrar algum cigano em asilos. As pessoas mais velhas, nossos avôs, são fontes de sabedoria profunda e devem ser tratados com respeito, audição e proteção. É profundamente triste imaginar um mundo que não tenha tempo para os seus mais velhos. E agora, finalmente, reportando-me ao texto da querida Sinvaline, em que fiquei extremamente ver este exato tratamento com “Seu Zé”. Escolha perfeita e afetiva de não dar mais elementos de seu nome e identidade. Me pareceu um cuidado com a fonte de sabedoria e fala, além da questão de cuidar que ele exista no conto no limiar do anonimato. Infelizmente esse mundo não-cigano, e principalmente o branco, que cria hegemonias, não nos trata bem. Estratégia de sobrevivência cigana é saber onde ocupar e como ocupar determinados espaços.

Estou lembrando nesse momento de uma conversa que tive com meu avô há um tempo atrás sobre a colheita de alimentos. Minha família toda vive da terra, ou já viveu. E estamos tendo um problema com perda de colheitas por falta de chuva, como não havia

no passado. O milho, por exemplo, é um negócio que precisa de muita água no primeiro mês, porque se não, ele não “vinga”. Minha tia-avó perdeu três roças ano passado, por conta da pouca chuva, além do aumento de “pragas” com o uso de venenos nas fazendas próximas. Infelizmente não é possível colocar uma tenda e isolar comunidades tradicionais do mundo. Então, nessa conversa com meu avô, perguntei como fazer o milho prosperar, igual na sua época de juventude, da broca e pouca chuva, e ele só respondeu uma coisa: benzeção. E não é que nesse ano comemos pamonha quatro vezes num mês?

Povos ciganos, por diversas vezes, no presente, no passado, e queira eu que não aconteça no futuro, são associadas à obscuridade, incivilidade, desconfiança e traição. Quem é esse povo que se casa entre primos? Que obriga suas mulheres a se casarem mais nova? Sem destino, sem tempo determinado e raízes... Os povos ciganos, permanecem no imaginário popular, sendo tudo aquilo que o sujeito “civilizado” não deveria ser. Sendo, “em grande medida, a história daquilo que os outros têm feito para destruir a sua diferença” (ANGUS FRASER, 2005, p. 15). É fácil fazer a conexão com o viver através desse papel que a sociedade majoritária nos rotula. Agora, fazer uma profunda reflexão sobre a profundidade desse imaginário dentro das diversas comunidades ciganas (perguntando a elas), é sempre uma questão que fica para depois. Se eu, por exemplo, me casar com um primo, seria talvez, por não querer me relacionar com não-ciganos que não teria interesse em manter a tradição? É conversa pra depois, para quem tiver interesse.

A natureza também é vista como obscura, sem civilidade, digna de pouca confiança e cheia de mistérios traiçoeiros. Ela tem sofrido tentativas de domagem ao longo dos anos. Bem similar ao que povos ciganos tem resistido. É um povo incivilizado, menos quando é fruto de exotização e piada sobre a vida na estrada. Mulheres ciganas foram punidas em países como a Romênia sob acusações de curandeirismo, bruxaria e conhecimento das plantas. E apesar disso, essa sabedoria e tecnologia de vida permanece. Apesar da hegemonia, ela permanece. Como pode haver acusações de não termos raízes? E não daria melhor nomeação do que o bem viver. A natureza é avaliada apenas por aquilo que ela não possui, assim como a ancestralidade cigana, precursora de saberes tradicionais e ancestrais, através dessa longa estrada, do mundo-território.

Lendo o conto de Sinvaline, pude ter certeza que ela construiu algo mais do que uma escuta com Seu Zé cigano, pois nenhum primo é muito falador de sua história para não-ciganos. Principalmente história de se bandear com Lampião. Ora, é receita certa para criminalização. Para a hegemonia, que só navega entre pecados e crimes, qualquer desvio de povos ciganos, é por demais perigoso.

Outra coisa que me bateu foi a tristeza, pois há a contação do passado de Seu Zé. E nesse passado, há poucas condições para comer bem. No presente ainda há ciganos nesse mesmo esteio. E dizem que as coisas mudaram. Mas pra quem? O que é certo, é

que muito da andarilhagem parou de acontecer, seja por conta do fechamento e cercamento dos territórios ou pela assimilação sedentária da hegemonia. Muitos ciganos ainda tem “alergia” ao sedentarismo, pois consideram doença não-cigana. Mas, o fato é, que o dito progresso atrapalha a vida no acampamento, e o que sobra são terrenos sem dignidade para se assentar. Não sei se há alguma escolha ao sedentarismo nessas condições. Fico feliz, por outro lado, que Seu Zé ainda consiga andar, mesmo que em território ancestral das estrelas (in memória).

Sinvaline é outra pessoa que parece gostar do costume cigano, das andanças. Se um dia eu for escrever sobre como o sedentarismo é uma infecção da hegemonia branca que se alastrou pelo mundo e destruiu nosso corpo e o direito de andar, ficaria aqui até amanhã. Deixo essa conversa pra outro momento. Posso conversar também, sobre a posição de cócoras que Seu Zé utiliza ficar, e de como faz bem à saúde do nosso corpo. Ora, quem disse que o certo é sentar na cadeira? Isso sim é mania, e generalizada. Seria bom que se fizéssemos somente o que nos faz bem e dá maior prazer.

Por fim, as provas dos sentidos de pertencimento e comunidade estão no conto de Sinvaline, sobre o cigano que conheceu. Sua tristeza é não poder estar com suas pessoas queridas e familiares. Além de morar e estar entre os seus. Isso não é pobreza, estar entre muitos é riqueza. Parentalidade grande e conexão real entre os seus é poder e herança. É assim que a tradição se mantém. Não se perde uma ancestralidade que esteve sempre ali. Repare também que ele não cita o nome de sua companheira amada... Será por quê?

ESTRADAS E SONHOS

Rafael Gomes da Silva
Músico, compositor e Ecosocialista

Com dois meses de idade fiz minha primeira viagem. Fui de carro até Niterói com minha família. Não lembro de nada, como se é de esperar, mas inúmeras vezes tentei remontar essa cena na minha cabeça. Parece que cada vez que tento fazer esse exercício de imaginação, a cena faz menos sentido. Meu pai dirigia o caminho todo sozinho e hoje em dia ele só sai de Goiânia pra ir a Nerópolis. Meu irmão tinha 7 anos de idade e minha mãe ainda estava no puerpério. Faz sentido que ela não tivesse pego o volante. Hoje em dia ela pede pra que eu dirija quando viajamos juntos.

Não me é estranho ter escolhido a música como profissão anos depois. Não que eu soubesse o que me aguardava e o que mais gostaria entre todas as vivências que ela me proporciona cotidianamente. A terapia me fez dar um sentido pra essa viagem enquanto era um bebê de um jeito muito forte a algum tempo. Muita gente acha que a parte mais legal de subir num palco é tocar uma música que possa ser cantada por várias pessoas em uníssono. Claro que é emocionante vivenciar esses momentos, mas isso não sustenta um profissional na estrada por muito tempo. As noites mal dormidas precisam de uma recompensa maior. São as relações oportunizadas pela música que na maioria das vezes sustentam uma vida profissional na estrada. Se, pra adiar o fim do mundo, precisamos ter o tempo de contar uma nova história, é preciso ter um ouvido disposto e uma boca falante para essa escuta. A vida só faz sentido quando é compartilhada.

Nas últimas semanas, enquanto lia a obra de Sinvaline, pensava no nosso breve encontro naquele delicioso sítio à beira do rio. Ainda que os efeitos do agronegócio em Goiás sejam visíveis ali. Enquanto estive ali, pensava no quanto esses momentos me dão energia pra dormir uma noite a mais fora do conforto do meu lar. Uruaçu não é tão longe assim de Goiânia, mas também não é tão perto. Mesmo assim, o cansaço de um bate-volta super corrido valeu cada segundo. O suficiente pra deixar um baita gostinho de quero mais. Não é todo dia que tenho a oportunidade de sentar para presenciar uma verdadeira mestra da cultura popular e ver a agroecologia dar novos contornos à terra e ter prosas gostosas regadas à cachaça.

Hoje em dia, temos editais pra manter esse tipo de cultura viva. Algo importante e interessante, mas, que também alerta sobre o tempo que vivemos, sobre a naturalidade com que as cidades conseguiram criar para a falta de convivência entre as pessoas que, como a Sinvaline, tem infinitas histórias pra contar, mas nem sempre ouvidos dispostos a ouvir. A roda de conversa, seja em torno de uma fogueira, próximo a um fogão a lenha ou até mesmo em uma sala de apartamento tem um valor incalculável e, parece

não ser algo usual do cotidiano na cidade. Muitas vezes, a gente precisa estabelecer férias de um mundo convencional pra poder ter esses momentos, como se eles não tivessem valor nas nossas vidas cotidianas.

Nada me é mais valoroso do que o encontro entre pessoas queridas. Um almoço com a família de um amigo na presença do bisavó centenário falando sobre sua chegada nessas terras. Aquela prosa noturna depois da programação de um evento de mobilização política com uma amiga que poucas vezes tenha a oportunidade de ouvir falar da vida como quem recita uma poesia contínua. Aprendi, lá naquela primeira viagem que fiz de carro por mais de mil quilômetros e também todas as outras vezes, que a estrada é como um sonho que une nossa realidade de agora com um futuro incerto, e desejável. Todas as férias da minha infância viajávamos pra encontrar a família da minha mãe para passar dias e dias brincando com minhas primas e primos. Me pergunto se é só o preço da gasolina que faz com que esses encontros sejam cada vez mais raros, ou se a partida dos mais velhos é quem motiva isso, de o. A militância política me faz pensar em mil razões, mas algo me puxa a orelha pra parar de cair nessa armadilha de pensar demais e não resolver o que de fato importa que é me organizar pra ver pessoas queridas.

Ouvir uma nova história e conhecer um novo cantinho desse mundo é o que me motiva a caminhar em direção ao horizonte utópico descrito por Galeano. Não é sobre esconder as feiuras que a humanidade produz dia a dia, mas sobre aprender a olhar pra elas com sensibilidade e agir sempre que possível pra fazer com que a beleza possa ser realçada em meio às desgraças. É sobre aproveitar a tarde no rio, antes que a chuva traga os agrotóxicos leito abaixo. Quando a gente conhece o mundo em que vive e se cerca de boas companhias dá mais valor nos momentos em que o sorriso se faz possível de maneira plena.

Raramente, a boa prosa rende um post bonito na rede social, mas nas nossas memórias, fica em loop eternamente. Eu fico feliz de ter tido algumas dessas na vida, e mais feliz ainda quando tenho a oportunidade de ler, em palavras escritas, a história de pessoas que muitas vezes são deixadas de lado por essa sociedade estranha em que eu vivo. Corpos que estão longe de serem impulsionados por um algoritmo. Mais longe ainda de se preocuparem com isso, porque a vida é maior do que essa tal contemporaneidade nos faz acreditar.

Foi na estrada que eu aprendi a sonhar. Não consigo acreditar que os sonhos sejam possíveis sem inspiração e é nas pessoas que aprendi a me inspirar. Seja na companhia da minha família e amizades durante longos trajetos ou nas histórias que cruzaram meu caminho ao longo dessas décadas viajantes. Por não ter um grande amor, aprendi a ser sozinho e, com isso, ter na beleza dos encontros um amor maior, um amor que me inspira a sonhar e caminhar, porque só há vida em movimento. Wanderlei, prepara o café que eu tô a caminho com o violão!

RESISTÊNCIA E CULTURA POPULAR NOS ESCRITOS DE SINVALINE PINHEIRO: A PRODUÇÃO SIMBÓLICA DO POVO E DO NORTE GOIANO

Phillipe Cupertino Salloum e Silva

RESUMO: Neste ensaio científico, busquei refletir sobre a contribuição de Sinvaline Pinheiro para a produção simbólica do povo goiano e para pensar as diferentes expressões da cultura popular deste território. Tanto sua trajetória enquanto trabalhadora, mãe, avó, escritora, ativista de inúmeras causas, assim como as vidas narradas em seus escritos expõem a resistência de saberes, dos fazeres de homens e mulheres e coletividades que ocupam, constroem, transitam pelo Estado de Goiás, e em especial na região norte. No primeiro momento, busquei compreender como a obra e atuação de Sinvaline Pinheiro nos possibilitam pensar o conceito de “cultura popular”, atravessada por marcadores de classe, raça, etnia, gênero e origem. E em seguida, no segundo tópico, tentei refletir sobre a contribuição de Sinvaline Pinheiro para a produção simbólica do ideário de povo goiano e da cultura da região norte, levando em consideração o conceito de “hibridização cultural” do antropólogo Néstor García Canclini.

Palavras-chave: Estudos culturais. Cultura popular. Povo goiano. Hibridização cultural.

INTRODUÇÃO

Falar de gente, pessoas de carne, osso e sonhos que compõem o povo brasileiro, sobretudo o real e o imaginário goiano. Humanizar existências, vidas e histórias não contadas nos registros oficiais. Festejar as nossas diferenças, as identidades ao revelá-la em seus escritos. Mas também trazendo suas dores, angústias de um mundo cada vez mais “violento, indiferente à vida”, como clama Sinvaline Pinheiro na obra “Causos e histórias”. A sensibilidade ímpar da poesia de Sinvaline Pinheiro nos conduz a uma imersão na cultura popular do Estado de Goiás.

Neste ensaio científico, busquei refletir sobre a contribuição de Sinvaline Pinheiro para a produção simbólica do povo goiano e para pensar as diferentes expressões da cultura popular deste território, partindo da ideia que tanto sua trajetória enquanto trabalhadora, mãe, avó, escritora, ativista de inúmeras de causas, assim como as vidas narradas em seus escritos expõem a resistência de saberes, dos fazeres de homens e mulheres e coletividades que ocupam, constroem, transitam pelo Estado de Goiás, e em especial na região norte.

Dividi este trabalho em dois tópicos. No primeiro momento, busquei compreender como a obra e atuação de Sinvaline Pinheiro nos possibilita pensar o conceito de “cultura popular”, atravessada por marcadores de classe, raça, etnia, gênero e origem. E em seguida, no segundo tópico, tentei refletir sobre a contribuição de Sinvaline

Pinheiro para a produção simbólica do ideário de povo goiano e da cultura da região norte, levando em consideração o conceito de “hibridização cultural” do antropólogo Néstor García Canclini. De onde vem esse conceito?

Por fim, nesta breve introdução, preciso contextualizar a minha relação com Sinvaline Pinheiro. Conheci-a pessoalmente em novembro de 2018, quando me mudei para a cidade Uruaçu, norte goiano, para tomar posse como professor do curso de Direito da Universidade Estadual de Goiás. Sou baiano, natural de Feira de Santana, e até chegar ao Cerrado passei por Itabuna, Ilhéus, por terras estrangeiras, a Irlanda e dois estados brasileiros, Paraíba e Rio de Janeiro. Mesmo com poucas referências do norte goiano e do Centro-Oeste, Sinvaline me trouxe um ar de familiaridade, já tínhamos inclusive alguns amigos em comum de outras localidades, pessoas ligadas à luta dos povos ciganos por direitos. Sinvaline logo me envolveu na vida cultural de Uruaçu, especialmente nas atividades do Memorial Serra da Mesa, como na organização da Semana Indígena e na Semana do Folclore. Apresentou-me aos seus amigos, familiares, me conquistou com sua simplicidade, no sentido do trato interpessoal, mas acima de tudo pela sua genialidade no manejo das palavras, tanto no aspecto escrito como oral, quando expressa seu amor incondicional à natureza e à humanidade como parte dela.

FALAR DE GENTES

Ao ler a obra *Proseando aqui e acolá* pela segunda vez no ano de 2021 tive a sensação de estar ouvindo a voz de Sinvaline Pinheiro em meio ao entardecer no seu rancho às margens do Rio Passa-Três. Uma prosa com um gosto amargo de café, com tantos personagens e histórias da vida real que Sinvaline reuniu e transformou em poesia nos seus escritos. Uma poesia que transita entre o realismo e a trivialidade da vida, sem romantismos, pois Sinvaline convida os leitores e as leitoras a enxergar existências, saberes, condições desobrevivência de pessoas que o sistema em que vivemos trata de desumanizar ou reduzir a meros objetos.

Cotidianos, solidões, afastamentos, as idas e vindas, o ir e não voltar, a saudade que fica, as incertezas de uma vida de passagem, de momentos alegres, mas também de tristezas, angústias e frustrações. Poder conhecer pessoas que não ganhariam vida na literatura se não fossem pelas mãos e pela sensibilidade de Sinvaline Pinheiro. Essas são algumas das sensações que os versos da obra *Proseando aqui e acolá* me despertaram e que aqui manifesto inicialmente de forma despretensiosa.

Conhecendo Sinvaline, sei que rejeita adjetivos e classificações para delimitar a sua contribuição e papel para a literatura. Mas não poderia tentar aqui delimitar um campo ou um m uma provocação: Sinvaline, ao mesmo tempo, é parte integrante e pensadora da cultura popular brasileira, sobretudo de Goiás, ou melhor dizendo, do norte goiano. Todavia, antes de mais nada, é importante dizer qual conceito de cultura e de cultura popular eu estou tomando como base.

A palavra cultura é originária do latim e envolve o sentido de cultivo e de colonização, sendo que *culturus* na língua falada em Roma apresentava simultaneamente dois sentidos: trabalhar a terra e educar os homens para a vida. Enquanto na paideia grega², o sentido de cultura *animi* corresponde ao ato de cultivar o espírito, a partir do estoque poético, artístico, científico que alimenta a educação do homem, o indivíduo cidadão que irá habitar a polis, no caso, a cidade. Isto é, a formação do espírito do homem em bases humanistas, a partir da arte, da literatura, da ciência e da moral.

Há uma multiplicidade de conceitos de cultura que, segundo o professor Muniz Sodré (1988), “acompanha a diversidade dos interesses institucionais ou disciplinares”, sendo o que temos de entendimento, é justamente a “falta de consenso” e quanto ao “problema conceitual” que envolve a expressão cultura. De todo modo, parto do conceito de cultura que possa englobar o conjunto dos saberes, fazeres e viveres que se manifestam na humanidade, sem hierarquizar ou essencializar, buscando entender os contextos, as relações, as dinâmicas, as assimetrias entre os diferentes grupos, classes e segmentos sociais.

De acordo com o supracitado autor, o conceito de cultura corresponde ao “complexo diferenciado de relações de sentido, explícitas e implícitas, concretizados em modos de pensar, agir e sentir”. Em outras palavras, cultura para Sodré significa “práticas de organização simbólica, de produção social de sentidos de relacionamento com o real” (1988, p. 14-15). Este conceito de cultura que mobilizei neste ensaio científico, não desprezando outras relevantes definições, possibilita dialogar com a delicadeza que Sinvaline Pinheiro tem ao buscar registrar em seus contos, histórias e poemas as diferentes expressões culturais que, nas suas experiências de vida e andanças pelo mundo, teve a oportunidade de conhecer.

Ou seja, posso afirmar que o conceito de cultura trabalhado por Sodré (1988) rechaça as noções mais clássicas, de influência francesa e inglesa no contexto das revoluções liberais do século 19, que a entende no sentido de “espírito formador” ou “valores mais elevados”, uma vez que envolve a estratégia de diferenciação social, que praticamente confunde “cultura” com “civilização” dentro de uma noção eurocentrada, que legitimou projetos de expansão colonial fundado em um modelo universal de cultura.

Nesse sentido, conforme reflete o pesquisador Paulo Oliveira (2002), a partir da segunda metade do século 19, a cultura torna-se objeto de estudo das ciências humanas, no campo emergente da Antropologia, cujo objetivo é elucidar a vida das sociedades extra-europeias, sob o signo da teoria evolucionista de Darwin. O que significa que as diferenças étnico-culturais dos povos e sociedades extra-europeias não passam de estágios inferiores, enquanto o ocidente automeia-se civilizado e culto. Não tenho dúvidas de que a contribuição de Sinvaline para a literatura e para o campo da cultura popular promove justamente um contraponto à exaltação obsoleta e elitista da suposta superioridade do modelo de civilização ocidental.

Pois bem, no caso do conceito de cultura popular, de acordo com Sergio F. Ferreti, acaba sendo “entendida como uma forma mais moderna o folclore, e adverte que esta palavra “encontra-se desgastada” e tem conotações pejorativas” (2007, p. 40).

Por sua vez, o pesquisador e antropólogo Nestor Canclini (1983) propõe que ao invés de se trabalhar com a expressão “cultura popular” sugere a expressão “culturas do povo”. Em outro texto, este autor defende a ideia de que “o popular não é monopólio dos setores populares (...) que é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações” (1997, p. 220-221).

Inspirado nos estudos gramscianos, Satriani (1986) mostra que no estudo da cultura de qualquer sociedade é indispensável levar em consideração as distinções de classe. Para fins deste trabalho, entendo cultura popular como “prática simultaneamente econômica e simbólica” (CANCLINI, 1983, p. 30), como produção da classe subalterna, como elemento de reflexão sobre a realidade e a identidade social.

Nesse sentido, situo Sinvaline Pinheiro e sua obra no campo da cultura popular não só no sentido classificatório que subdivide a cultura em erudita, de massa e popular. Aqui mobilizo a expressão “popular”, pois estamos falando de uma mulher do povo e que fala sobre o povo, com o povo e pelo povo. Como diz uma expressão conhecida entre os marxistas-leninistas, “a cabeça pensa onde os pés pisam” e Sinvaline é essa pessoa que é do povo e faz questão de estar ao seu lado.

Nos seus diferentes livros, seja no livro *Causos e histórias*, como no que mencionei no início deste tópico, da mesma forma na sua obra mais recente *Veze em quando vem me ver*, Sinvaline Pinheiro expõe os diferentes mundos em que circula. Mas o que lhe é peculiar não é apenas tentar escrever sobre o que está ao seu redor, de ver e perceber potenciais literários e poesias em conversas de boteco ou ao dar carona a um “trabalhador da roça”, como costuma chamar. O que para mim fica muito claro é seu compromisso com o povo, e obviamente com aquele que ela mais conhece pois também é parte, o “povo goiano”. Sua sensibilidade transformada em palavras é inspirada e retrata as pessoas reais e suas diferenças que reunidas no território conhecido como Goiás ganha uma unidade que autoriza Sinvaline falar em “povo goiano” em seus escritos. Mas a que “povo goiano” a autora se refere e dá vida?

Não se pode falar em “povo” sem mencionar as “pessoas”, as “gentes” que na maioria das novelas, filmes, séries, romances não tem protagonismo. E não há melhor forma de conhecê-las que não seja ouvindo suas próprias histórias a partir de suas narrativas. Sinvaline me provocou e espero que desperte nos seus leitores o seguinte questionamento: por que não conhecer, ouvir e se emocionar com os causos e as histórias das trabalhadoras domésticas, dos trabalhadores da “roça”, das parteiras, benzedeadas, artesãos, sanfoneiros, serradeiros, doceiras, cozinheiras, lavadeiras, curandeiros, pajés, mulheres berranteiras, músicos e artistas anônimos?

Como disse na introdução, o gosto amargo nas obras de Sinvaline Pinheiro vem justamente do fato dos seus escritos não só serem uma oportunidade de conhecer sobre o outro, no sentido das diferenças, mas acima de tudo por expor seus dramas, as misérias e as injustiças. Por isso, o que também espero que a obra de Sinvaline provoque nos seus leitores é o valor da indignação. Sim, valor no sentido de princípio, de não aceitar ou normalizar a fome, o analfabetismo por falta de oportunidade, de ser sensível ao fato de que maioria das pessoas permanecem com uma vida marcada pela restrição extrema dos bens materiais e imateriais que são indispensáveis para reprodução social. Indignar-se com “Mãe, apesar de tudo”, mulher em situação de rua narrada na obra *Causos e histórias*, que teve seu filho tirado pelo Estado e levado a um abrigo de menores por ser pobre, por ser sem-teto, que nada mais é que a criminalização da pobreza.

As obras de Sinvaline Pinheiro são um registro histórico dos diferentes modos de vida, de realidades sociais, de um povo diverso mas também sofrido, que sobrevive e resiste no território do norte goiano.

No próximo tópico, aprofundi sobre como os escritos da autora Sinvaline Pinheiro contribuem para a produção simbólica do ideário de povo goiano e da cultura da região norte.

FALAR DE POVOS

Não são meros causos e histórias que surgem dispersos na obra de Sinvaline. Há uma unidade, que produz sentido sobre algo que a própria autora chamada de “povo goiano”, uma vez que ganha forma e aparece implícito ou explicitamente em quase todo momento quando escreve e compartilha conosco outras vidas e saberes que teve a chance de conhecer em suas andanças na cidade em que nasceu e também pelo mundo afora.

Sinvaline Pinheiro faz, produz cultura popular, seja quando escreve e publica seus escritos, seja atuando na defesa do Memorial Serra da Mesa, espaço precioso para a construção da memória e identidade da região norte goiana, onde há um registro material e imaterial que busca narrar a formação histórica, social, econômica e cultural de uma região que teve que passar por perdas por conta da construção do lago artificial, que já foi o segundo maior do mundo. Sentimento de perda que também surge na sua poesia falada, assim como escrita. Digo isso porque Sinvaline escreve o que ela prosea com os seus amigos, novos ou antigos, ou com pessoas que ela acaba de conhecer e descobre um mundo de saberes, causos e histórias.

Sua contribuição para a cultura popular é um manifesto da tradição oral que se pode dizer que é uma expressão forte da cultura do Estado de Goiás, especialmente o interior, me referindo ao norte goiano e entre os mais velhos, por ser uma geração que

Sinvaline faz questão de nos apresentar nos seus escritos, pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola em tempos que quem estudava era quem poderia pagar um professor particular. Mas ainda assim são pessoas que detêm uma riqueza de saberes, habilidades e formas de viver associada à resistência. Histórias que Sinvaline ouve e que só poderia lhe ser transmitida de forma oral, e que expressam de certa forma a realidade dos trabalhadores, das pessoas que vivem da sua força de trabalho, na roça ou na cidade.

O livro *Causos e histórias*, assim como seus escritos em geral, produz sentidos que constroem simbolicamente uma identidade atrelada ao real e ao imaginário norte goiano. Uma unidade que surge das relações entre diferentes grupos, entre classes, identidades raciais, gênero, gerações etárias, origens. Um retrato do Goiás, dos povos deste território. E é importante registrar que aqui, ao escrever, me coloco na posição de outro, de observador, uma vez que não sou natural deste estado, embora desde 2018 trabalhe na Universidade Estadual de Goiás, e neste ensaio científico faço o exercício de despertar ao mesmo tempo estranhamentos e familiaridades quanto a elementos da cultura deste estado.

A pobreza, a miséria, uma vida de privações, falta de perspectiva, pessoas sem documento, gente em situação de rua, alcoólatras, o sofrimento real de pessoas que existem e resistem em Goiás e que ganham espaço nos escritos de Sinvaline, que são mais que histórias e causos de prosas despretensiosas, como falei no início deste tópico. São um registro das identidades, das culturas que se expressam neste estado. Uma imagem e realidade de um Goiás diferente da que sempre foi-me apresentada, que o associou a ideia de prosperidade, agronegócio, dos grandes latifundiários, da música sertaneja. Sinvaline não nega esse Goiás, com sua poesia ela disputa outros sentidos, nos apresenta outros significados sobre este território que embora seja marcado por desigualdades sociais brutais, é também lugar de uma riqueza de saberes e fazeres.

Ao registrar nas suas obras a presença marcante dos quilombolas, ciganos, povos indígenas, e sua variedade étnica, Sinvaline deixa claro para mim que falar de Goiás, ou do norte goiano, é falar de um estado que é parte e ao mesmo tempo integra um país marcado por diferenças, não homogêneo, de forte influência de culturas não europeias, que ao interagir com o colonizador produziu o que Darcy Ribeiro (2006) chama de “povo-novo”.

Por isso, neste trabalho e em especial neste tópico, para compreender o que chamo de produção simbólica do povo e cultura goiana, ou melhor dizendo, norte goiano presentes nas obras que aqui reflito, sem negar as diversidades e diferenças identitárias, irei acionar o conceito de “hibridização cultural”, perspectiva trabalhada pelo pesquisador Nestor Canclini.

Faz sentido falar em “hibridização cultural”, ainda mais levando em conta os versos de

Sinvaline, pois o Goiás que ganha vida, que é produzido simbolicamente, seja no imaginário, seja o que se manifesta no plano concreto no dia a dia, é um Goiás mestiço, cuja cultura não é apenas uma expressão e continuação dos valores bandeirantes, resumido ao modo de encarar o mundo dos colonizadores. Ou apenas dos povos que sobreviveram e resistiram à brutalidade da escravidão, da perseguição aos povos originários dessa terra que não foi descoberta mas sim ocupada.

Percebo que o Goiás, o norte goiano representado pela autora, assim como Darcy Ribeiro (2007) representa o Brasil, é um Goiás mestiço, híbrido, miscigenado. Fruto da colonização e da interação de povos distintos, sendo o exemplo claro de um povo novo, o goiano, norte goiano, de Uruaçu e assim por diante, que é parte integrante e ao mesmo tempo resultado da construção do Brasil na sua versão interiorizada do Centro-Oeste. Uma parte do Brasil vista como caipira, como Sinvaline gosta de retratar e que de fato é e se orgulha disso, mas também negra, quilombola, dos ribeirinhos, dos pescadores, dos trabalhadores de campo, indígena dos avá-canoeiros, cigana, de mulheres fortes, de homens da roça.

A ideia de hibridização cultural, que ao meu ver aparece nos escritos da autora, cronista e poetisa Sinvaline Pinheiro, é resultado de um processo que, segundo o antropólogo Canclini, ocorreu em meio ao choque da conquista que desencadeou a justaposição conflitiva de conquistadores e conquistados, cujas diferenciações culturais irão desembocar tanto em ajustes ou negociações quanto na sujeição do outro. O entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que Canclini designou como “culturas híbridas”.

O antropólogo Canclini identifica, nos países latino-americanos, no Brasil e o no Goiás retratado por Sinvaline não é diferente, o entrecruzamento de diferentes tempos históricos que coexistem num mesmo presente de forma desarticulada, fenômeno que designou como “heterogeneidade multitemporal” (1995, p.72). Portanto, em outras palavras, reconheço na contribuição de Sinvaline Pinheiro um Goiás que pode ser pensado em bases do

conceito de “hibridismo cultural”, enquanto um processo de “mistura”, junção de diferentes matrizes culturais, gerando uma nova com elementos das antigas. Com isso, hábitos, atitudes e costumes antigos são transformados e dão origem a novas formas de viver.

Segundo o historiador Nasr Fayad, que fala em primeira pessoa, ao se referir à “identidade cultural do goiano”:

Culturalmente, porém, somos fruto de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu, traços estes que podem ser encontrados da literatura às artes plásticas, passando pela música e pela dança. (2011, p. 42)

Proseando aqui e acolá, por exemplo, é um verdadeiro registro deste “hibridismo cultural” que é peculiar ao Brasil e em especial ao Goiás. Narra-se as folias do interior goiano, a “Romaria do Muquém”, que reúne milhares de devotos de Nossa Senhora da Abadia, a Festa do Divino Espírito Santo, em Formosa, a Festa de São José e a Festa do Caju, em Uruaçu, a Festa do Rosário, o samba da Dandinha, a dança chamite, a dança e a brincadeira do marimbondo, o Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros e sua marcante aldeia multiétnica. São expressões culturais que não podem ser atribuídas a uma única matriz étnica ou cultural, ou como imposição do cristianismo. Assim como o samba ou funk, as folias tão presentes no interior goiano é uma manifestação genuína de encontro de saberes, de uma mistura de tradições.

Portanto, é possível perceber na obra de Sinvaline Pinheiro que, intencionalmente ou não, houve um esforço desta autora em construir bases para a identificação da produção simbólica do povo goiano, em especial da região norte de Goiás, uma vez que os processos sociais, econômicos e culturais que atravessaram e ainda perpassam esse território geraram uma nova realidade sócio-antropológica que lhe é peculiar. Realidade formada em meio a interações assimétricas entre dominados e dominadores, em que, para as grandes majorias, ainda permanecem numa vida de privações. Por outro lado, apesar da miséria, da pobreza que a autora retrata, não faltou (e continua a não faltar) margem de manobra suficiente para o surgimento de expressões culturais paralelas aos interesses hegemônicos, que ressignificam saberes, signos, práticas, dando vida ao novo. E foram muitas as formas que esse processo no Estado de Goiás, assim como em outras partes do Brasil, ocorreu: pela insubmissão e pela resistência.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Os escritos de Sinvaline, seja nos poemas, assim como nos causos e histórias narradas, retratam um Goiás diverso, mestiço, isto é, erguido na mestiçagem, que contribuiu para a constituição de uma identidade única, a identidade goiana, que é composta por distintos povos e culturas que lhe dão um caráter específico. Sinvaline jamais manifestou essa pretensão, contudo considero sua obra uma forma de conhecer através dos livros a resistência e a cultura popular goiana, pois a autora que nos presenteia e cativa com sua poesia não é apenas uma intérprete mas também parte do povo.

CONHECENDO SINVALINE PINHEIRO: NOTAS SOBRE OS SUJEITOS

Ana Karoline Dirino

Era um 09 de outubro, e como geralmente acontece em Goiás, as cigarras já esgoelavam pedindo chuva. Foi o primeiro som que me lembro quando chegamos na Toca Vó Quirina, Cidade de Uruaçu, e a primeira memória gerada ali. Se eu tivesse que pôr uma legenda nessa memória, com certeza seria “vai chover, vai chover”.

Ano a ano essa frase ganha mais expectativa, e é mais carregada de saudade entre os meses de julho a setembro. Queríamos todos que fosse por bons motivos, pois a saudade deve sempre carregar boas memórias, mas não há nada de bom nos bois “dourados” pisando nas nascentes do cerrado. Muito menos no corte e desmato desses galhos retorcidos, organizados no cascalho. Não é uma boa saudade a que se sente das águas. Dia a dia só piora, o calor aumenta, a água falta na periferia, os riachos secam, fica difícil respirar.

Ali estavam as cigarras recebendo eu, a Sara Macedo, o Kaio Cordeiro e o Rafael Gomes na Toca, lugar que nos lembra que há alguns pontos de resistência, e enquanto existirem, elas estarão lá para gritar pelas águas de outubro e de novembro.

Depois das cigarras, fomos recebidos por alguns amigos que ali estavam. O Vanderlei dos cabelos dourados, Agnes, a sorridente, Vanusa tal qual a pantera cor de rosa, o Guilherme da canjiquinha. Também o responsável por tudo, Rafael Alves. Ali na beira do fogão de lenha pintado de vermelho, uma pessoa de cabelos pintados de vermelho e com uma roupa também vermelha. Dispensava apresentações. Seus traços, gestos e voz mansa carregavam suas histórias, era Sinvaline Pinheiro.

Assim como Sinvaline, acho difícil contar histórias sem citar os sujeitos, e essa é uma briga que certamente perdemos em vários espaços. O mais prejudicado deles, e que foi assunto nessa andança: a academia. Falo como sujeita acadêmica inconformada com esse processo de pôr tudo em meros “objetos”, calculáveis e, é claro, comercializáveis no final.

Nesse sentido, se eu falava logo a pouco que a Toca Vó Quirina é um lugar de resistência do cerrado, penso que os escritos de Sinvaline são uma resistência dos sujeitos. E não na academia, porque como ela disse em nossas conversas:

- Vem esses trem de academia, eu já fico com medo!

O que pode ser mais importante que esses sujeitos, quando temos incalculáveis páginas sobre processos onde a humanidade chega a se dissipar de tão distante que as pessoas ficam deles?

Voltando a falar sobre aquele dia, mesmo com a chamada da chuva, ainda fazia calor,

então procuramos o rio. Tem sempre aquele desespero de quem chega da cidade por alguma água corrente, um bom banho que promete lavar o estresse e cansaço da vida cotidiana. Comum parar num dia desses cheio de coisas e pensar “precisava de um banho de rio”. Nesse dia estávamos cansados, foram cinco horas de viagem, uma ansiedade de chegar e um mormaço goiano.

A promessa era que seria frio o mergulho, e que a primeira queda de água já devia ter avermelhado o rio. Descemos o barranco e a água estava quente. Parecia que tinha sido preparada... era um presente. Sentamos ali mesmo no meio das pedras, água nas costas, proseamos e fofocamos. E assim deveria começar qualquer boa conversa. Um desligamento necessário para aprender mais detalhes ao redor, ativar a escuta e a vontade de contar. O sol já dava sinais de descer, algumas nuvens colocaram um tom único de azul acinzentado, que refletia nos cabelos vermelhos de Sinvaline. Vanderlei, depois de sumir uns instantes, voltou com mãos carregadas de caju, perguntando “quem quer um?”. Essas coisas singelas, deveriam ficar mais história também. Nos conhecíamos mais do que imaginávamos.

No caminho da volta, olhava um mato seco e rasteiro. Logo depois algumas coisas plantadas no caminho que nos recebiam de volta para o quintal da casinha, já rodeada das árvores onde ficavam as cigarras. A noite, chegou devagarinho nesse dia e se organizou junto da roda conversa. Uns tomavam assento perto da mureta, outros na cadeira de fio disputada com o cachorrinho, e antes de falar “vamos começar”, a chuva foi quem começou. Caiu barulhenta, como se fosse efervescente na poeira já guardada de meses, fazendo as cigarras calarem.

Para quem a tempos se impregna de coisas acadêmicas, este seria um momento de “pensar sério”, “refletir” como seria fazer um compilado de coisas se encaixarem em linhas, formar parágrafos mais ou menos iguais, desaguar em páginas, em um ou dois volumes e ir para uma prateleira qualquer do fim do mundo.

Afinal, sempre que eu escrevo, me pego pensando, onde vão estar essas palavras num cenário apocalíptico em que só se leva o mais importante? Será que estariam ao menos nas lembranças de alguém?

No meio dessa prosa, eu entendi um pouco sobre o que vale a escrita. Vira e mexe a gente entra num desânimo de escrever e pensar que aquilo não vai impactar nada das mudanças que a gente queria ver no mundo. É verdade, muita coisa está ali só por estar. A crítica, da crítica, crítica.

Só que no meio da Prosa, Sinvaline contou uma história de um vizinho cigano que certa vez lhe agradeceu por ela ter tirado o seu único retrato. Contou que depois desse episódio, voltou lá pra ver ele, e recebeu a notícia de que ele tinha se mudado para Porangatu.

Pegou carona até Porangatu e quando chegou lá perguntou por ele, mas não queriam falar onde era, por causa de desconfiança, até que convenceu que era amiga e uns meninos a levarem até ele.

Lembrou o que registrou no “Proseando aqui e acolá” (2012, p. 98), que ele deu um cachimbo para ela, feito por ele mesmo, todo esculpido e bonito. E no final ela completou assim:

Então, essas histórias têm vínculo muito forte [com as pessoas], tem coisas. E eu nunca quis publicar um livro, nunca fui atrás. As pessoas me ofereceram, e publicaram, porque eu tinha medo disso: o que que vão fazer? Pra mim não interessava vender aquilo, foi uma coisa que eu registrei.

Quando eu ouvi isso, senti que minhas angústias não eram tão solitárias. Escreve aqui, publica ali, meta tal e qual. Escrever até quando não tem nada pra contar. Eu tenho escrito sobre a ausência de sujeitos nas pesquisas, porque acho que é algo sendo gritado por aí pelas pessoas, por esses sujeitos, e é um esforço imenso achar “um referencial teórico” para isso. Até uso sujeitos pra ver se vinculam com aqueles sujeitos dos direitos humanos de “O” maiúsculo, homem, branco, que tanto leio sobre e nem conheço.

Sinvaline continuou falando das pessoas que encontrava:

Seu cachá, ninguém nunca tinha escutado a história de seu Cachá na vida dele, e eu puis no livro. Ele quase morreu...ele morreu feliz, e ele ficava tão feliz com aquele livro na mão. Porque ele não sabia escrever e eu passei as coisas dele pro papel. Então gente, eu queria que entendesse esse lado aí. Não é simplesmente...uma coisa... [interrompida por outro pensamento] A poesia da minha vida tá no “Vez enquanto vem me ver”, meus filho tava com fome, eu com a porta trancada. Aquilo foi verdadeiro, foi lá na cidade jardim em Goiânia. O dia que eu quase sofri um infarto foi porque eu cheguei na casa de uma mulher escrevendo Avá-Canoeiro e o marido dela mostrou uma foto dos índios Avá-canoeiro tudo deitado morto e ele com as espingarda e os cachorro como um troféu exibindo os cadáver, né. Me senti muito mal... na madrugada eu vim na ambulância. Agora como que eu vou pegar uma coisa da minha alma que eu escrevo, pra expôr?... desculpa, não tô falando mal de vocês, eu quero saber que sentido vai dar isso pra essas coisas que eu escrevo?

Na verdade, não tinha que dar sentido, como se precisa fazer com muitos desses “referenciais teóricos”. A escrita de Sinvaline fala por si só: aqui não sou eu que falo, mas através de mim, muitos falam. E essa escrita que encontra ancorada nesses sujeitos, nas pessoas, está longe de chegar na academia, vira e mexe chega nas portas e não é bem recebida. E o receio de Sinvaline faz todo sentido:

Amedronta um pouco, porque eu fui alfabetizada e eu fiz, 1º, 2º e 3º série primária na escola, então eu não sei o que que é uma academia, eu não sei o que é essas coisas [...] Ai amedronta vocês que ficaram sentada a vida inteira num banco de escola né, que tem todo... dá um pouquinho de medo né?! sabe assim...

O pouco que tivemos de cotas, já deu uma enfurecida nos que vem sentados nessas cadeiras a muito tempo. E digo que vai demorar muito tempo pra mudar de verdade, ainda mais agora com a destruição desse governo. Eu ainda acho que os sujeitos que existiram foram mais uma abstração da abstração. Falo daqueles SujeitOs cheios de direitos, de “prerrogativas” e outras palavras difíceis, nada de Sujeites.

Só que no final, é como o Ailton Krenak (2019, p.9) falou: “como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser?”. Já vão fazer oito anos que estou na universidade, e sinceramente me sinto uma privilegiada por ter ouvido o Niltin 2 me falar sobre isso, mesmo que eu tenha entendido muitos

anos depois. Ainda naquela roda, eu sentei do lado da Sinvaline e falei:

- Sinvaline, você me lembra o Vêi, um professor meu. Ele me falava essas coisas que você fala mas demorei muito a entender.
- Vei? Que vei? O Niltin?
- É, você conhece?
- Conheço demais, vou separar uns livros pra você levar pra ele.

E assim foi. Fui lá e deixei os livros para o Vei, o Niltin, na volta dessa viagem para a Toca. Falei pra ele que estava lendo o Frantz Fanon e a Lélia Gonzales, que voltava da casa de Sinvaline, e só agora estava entendendo quando ele falava “escreve sobre o que você viu”, perguntando se por acaso eu não tinha conhecido ninguém no caminho pra estar falando que não sabia o que escrever.

Lélia (1982, p. 26) trouxe em seu livro a apresentação que foi escrita para o “Cadernos Negros” e lá já falavam que “as diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada mais disso pode ser um muro, erguido entre aqueles que encontraram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata da legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha de nosso tempo”.

Quem dera tivéssemos aprendido mais com esse povo, quem dera aprendêssemos mais agora. Não estaríamos aqui tentando inventar a roda, enquanto “rodam” tantos sujeitos.

Nessa prosa, ficamos esmiuçando o que seria um “ensaio” sobre Sinvaline Pinheiro. E aqui eu queria deixar uma nota sobre os ensaios. Não sabemos mais como ensaiar.

Eu lembro dos ensaios das apresentações de teatro, era um preparo, para conhecer o palco, conhecer o cenário, conhecer o figurino, ver o que estava faltando, fazer a marcação pra lembrar depois e principalmente conhecer os outros atores. Quem vai pro palco comigo?

Na agonia de coisas prontas e acabadas, nós não praticamos mais o ensaio, quem dirá na lógica de produção acadêmica. Perdemos a manha de usar os textos para conversar com quem vai para “os palcos” conosco. Perdemos muito escrevendo pra quem nunca vai pros palcos conosco. Não temos mais a audácia dessa ferramenta de muitos movimentos, porque não vira o tal referencial teórico. Isso é o limbo que entramos na busca da “impessoalidade”: passe longe das pessoas.

Fato é que, quando nos negam as portas da academia, temos que derrubar os muros. Trazer Sivaline Pinheiro e todos os sujeitos junto com ela, até aqui, é reviver a memória de todes, num espaço em que ainda não são bem-vindos, ou que são meros objetos. Ocupar com Izabel, Guará, Zenira, Dona Faustina, Dona Dandinha, sujeitos que temos que insistir nesse mundo que são sim sujeitos. Muito diferentes daqueles das cartas de direitos humanos, mas que precisam de respeito, reconhecimento, e espaço na memória coletiva de onde se produz muitas coisas sobre o futuro: a academia.

Eu não sei bem em que ponto terminou a prosa, mas lembro do Kaio tímido dizendo que queria escrever sobre as histórias que a mãe conta da Bahia, do Rafael Gomes falando que não era muito igual nós porque vinha da música. Proseamos, até que a chuva parou e dançamos todos, até as cigarras voltarem a cantar.

SINVA-SINVALINE: VEREDAS-VERSOS, DORES-AMORES

Veronica Aldé

"Desenharam o alfabeto e eu o engoli.
Agora vou parindo filhos misteriosamente...
Não tem pai, nem pátria...
Meus versos pagãos se alastram,
Dizem que sou poeta...
Por que? Para que?"

(Sinvaline Pinheiro, Por quê, 2019, p.33)

Conheci Sinvaline num sonho, daqueles de quando se dorme mesmo; foi no ano de 1996, quando eu ainda estudava música no Rio de Janeiro. Naquela época, meus pais moravam numa fazenda no município de Paraúna em Goiás, e foram eles que por telefone me falaram dela pela primeira vez: - Vero, você precisa conhecer a Silvia (achavam difícil pronunciar o nome correto), ela é muito diferente, adora plantas e animais, escreve poesias, você precisa conhecê-la! Foi depois de ouvir sobre ela que a sonhei. Não demorei. No meio do ano, quando Pascoal fez seis meses, levei-o para visitar os avós; como mãe de primeira viagem, minha sensibilidade estava à flor da pele e o mundo já não era o mesmo, estava à procura de algo que ainda não sabia, apenas intuía; de certo, os livros de Guimarães Rosa tinham me aguçado o imaginário sobre o universo cerratense e de alguma forma me preparavam para os encontros que se seguiriam; conhecer Sinvaline Pinheiro naquele momento trazia um sentido imenso, era como achar um elo com uma ancestralidade desconhecida, talvez adormecida, alguém que me levaria a observar o mundo e suas gentes a partir de outras perspectivas. Nesse sentido, se eu falava logo a pouco que a Toca Vó Quirina é um lugar de resistência do cerrado, penso que os escritos de Sinvaline são uma resistência dos sujeites. E não na academia, porque como ela disse em nossas conversas:

"Segui, sem muletas para ser feliz,
uma loucura sóbria,
a doce loucura consciente.
Deslizei nos escombros sem trazer feridas crônicas,
livre de ideologias, vícios e mesmices.
Pisando a terra com segurança sem medo do outro,
não há perigo em viver
e sim em escravizar e temer.
Absorvo a sabedoria das matas e dos bichos,
a que nunca falha.
Tento inventar e reinventar a vida
A partir da lógica sábia da natureza."

(Sinvaline Pinheiro, Loucura Sóbria, 2019, p.48)

Alguns meses antes, sabendo que meus pais procuravam um caseiro para cuidar do jardim e fazer pequenos reparos, Sinvaline se ofereceu para o emprego dizendo que dava conta do recado e que preferia “serviço de homem” mesmo. Cheia de energia, manjava bem a enxada, o facão, o anzol e o que mais lhe fosse útil, entendia de tudo um pouco, sua inteligência inquieta e curiosa impressionavam. Ela tinha quarenta anos, os filhos já adultos não viviam mais com ela. Sozinha ia dando seus pulos para sobreviver. Em vários momentos da vida, teve que contar com milagres.

"Barraco apertado

Somos 4, eu e 3 filhos, eu quase criança também...
Não temos comida, só arroz branco,
Fecho portas e janelas do barraco
Não podemos sentir o cheiro do churrasco ao lado...
Consgo distrai-los brincando.
Folheio um jornal em busca de emprego
A vizinha me empresta o sapato e o vestido
Hora do teste, preciso mentir, estudei sim.
Valem as leituras e a datilografia, estou empregada.

Primeiro dia de trabalho

Tranco as crianças em casa, a pequena só irá amamentar a tarde
Os peitos doem cheios de leite...
Preciso ir no horário do almoço, mas como?
Só tenho passagem de volta...
Intervalo, vou para a calçada olhar o tempo e enxugar o leite
que escorre.
Minha filha chora em casa, eu choro na calçada.
Não sei como, mas entro no ônibus
As pessoas empurram e como bicho acuado, chego à catraca.
A cobradora levanta os olhos e calma sorridente me diz:
Pode passar, uma mulher pagou sua passagem.
Eu atravessei e não vi a mulher, se ela existiu, não sei,
Só sei do MILAGRE, da felicidade de poder amamentar minha filha.
E foram muito milagres pela vida a fora..."

(Sinvaline Pinheiro, Milagres, 2019, p.94)

Como mulher pobre e sofrida enxergava e sentia mais - sou igual a muitos só que amo mais, estava escrito em tinta vermelha num pedacinho de madeira fina pendurado no rancho; dizia que escrevia para desabafar suas dores (que são coletivas), compartilhar suas impressões e gritar suas revoltas de aguçada consciência crítica. Foi através dos versos que Sinvaline conseguiu expressar suas observações sobre o mundo, sobre as pessoas e seus devaneios, sobre angústias e paixões; com seus versos tingia de luz a realidade que tanto a impactava; e com o fino pincel da poesia desenhava outros

mundos possíveis. Autodidata começou a ler muito cedo e, apesar das proibições da mãe que achava que tanta leitura a deixaria doida, devorava o que lhe caia nas mãos; o pai, descrito por ela como um homem brilhante, levou-a ao contato com livros da maçonaria, numerologia, romances de Frederico Gamboa, Jorge Amado e Castro Alves. Outros autores foram chegando depois, alguns a inspiraram de modo especial. Dentre eles, cita: Neruda, Machado de Assis, Padre Vieira, Marina Colasanti e Gabriel Garcia Marques.

Tenho orgulho de ter apresentado a obra de Manoel de Barros para ela. E, depois de eles terem se encontrado, surgiu a admiração.

"Andei depressa entre as pessoas
Com uma pasta cheia de sonhos...
Dei de cara com uma realidade dura e crua,
Versos não tinham sentido ali, elas não sonhavam mais...
Olhei a rua comprida, o que fazer dos versos?
Meus amigos gostarão, segui.
Mas eles não tinham tempo...
Corri para o mato, escrever,
Desabafar e não prostituir minha escritura...
Entre a mata e o rio, viver uma vida, morrer uma morte
Com o coração e a pasta cheios"

(Sinvaline Pinheiro, Pasta de Sonhos, 2019, p.76)

Nossa sintonia foi imediata. Assim que a vi, de alguma forma, percebi que a amava desde sempre. É difícil explicar, mas de lá pra cá não nos largamos mais e já temos 26 anos de amizade. O tempo era curto, fui passar poucas semanas e os dias se apressavam, eu cuidando e amamentando meu bebê e ela labutando com a lida da roça. Assim que tínhamos uma folguinha, literalmente corríamos para as matas de galeria em busca de samambaias, orquídeas e possíveis encontros com a fauna local. Para mim, parecia sempre uma grande aventura e com certeza uma conquista íntima, uma vez que tinha que superar meus medos de pronto para acompanhar o ritmo acelerado e audaz daquela mulher.

Depois de muito insistir – tanto com meus pais como com sua família, todos achavam a ideia um tanto quanto descabida - Sinvaline tinha conseguido construir seu sonhado ranchinho de pau e palha de babaçu na beira de uma vereda, distante 3 km da sede. Quando o sol começava a baixar, ela rumava para lá com o facão na mão, galocha de cano longo e chapéu de palha. Passava as noites no ranchinho à luz da lamparina e em companhia de seus três fiéis vira-latas – Tupira, Pretinha e Chumbinho. De lá, ela escutava as sonoridades noturnas e contemplava de forma privilegiada o movimento dos ciclos celestes reconhecidamente amplificados no planalto central; observava atenta a todos os gradientes de luz e sombra daquele lugar, que iam do clarão generoso da lua

cheia aos períodos de céu negro exuberantemente ornado de infinitas estrelas, o branco da via láctea cortava o céu. Cada noite era um espetáculo único e irrepetível, algo de fato Divino. Ali, imersa na natureza do lugar, ela dizia se sentir livre, sem o peso das convenções sociais e sem as tristezas do asfalto Ali podia voar junto à miríade de seres que lhe circundavam e lhe inspiravam.

"Estou à margem da sociedade
Não sou perturbada,
Não sinto ambição...

Aqui o céu é particular
E a alma voa por ele.
Aqui não tem lei, nem rei,
As regras são naturais.

Corro nua entre as pedras,
Despi a imaginação
E o verso corre solto.
Abri as asas para voar...

Aqui a má reputação
É elogiada pelo rio,
Que canta para mim,
E aí sonho,
Sou feliz..."

(Sinvaline Pinheiro, Meu céu, 2019, p.32)

O rancho foi construído a poucos metros de uma vereda de buritis, ecossistema estratégico para o Cerrado. Com cursos d'água perenes, as veredas regulam todo um complexo sistema de vida que flui há mais de 30 milhões de anos. Através de sofisticados mecanismos de gestão hídrica com raízes bojudas, caules porosos e folhas sempre verdejantes, as veredas se conectam com os lençóis freáticos que, por sua vez, se conectam com os principais aquíferos da América do Sul. Poderíamos dizer que as veredas são pequenos afloramentos externos – amostras poéticas – da incrível malha hídrica subterrânea que existe no Cerrado, conhecido como “Berço das Águas” por ser fundamental ao abastecimento dos demais sistemas biogeográficos brasileiros (BARBOSA, 2019).

"O senhor estude: o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e de outro se alinhando, acompanhando, que nem por um cálculo." (Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, 1986, p. 285).

Nesses oásis de vida, centenas de espécies transitam e se comem mutuamente. As veredas servem como verdadeiros corredores de migração, fonte de alimento, abrigo e proteção da fauna silvestre. Antas, capivaras e porcos do mato, como o caititu ou o queixada, passam por elas, literalmente cagando e andando com a fundamental missão de dispersar as sementes. Peixes, sapos, cobras, insetos, aves e demais representantes da biodiversidade vivem ou passam por ali deixando suas contribuições. Suçuaranas e lobos-guará delicadamente se servem de água fresca. Para as araras-canindés, os troncos de buriti são perfeitos ninhos para seus filhotes que crescem agraciados com fartos cachos de coquinho. Ao entardecer alegres e barulhentas, elas se despedem, tingindo de azul e amarelo o findar de mais um dia no Cerrado.

"A vida se equilibra precariamente,
A morte aparece a todo instante,
Não há limite de segurança...
A viagem é de acordo com o vento.
A tarde chega e o ocaso enfeita o horizonte,
O humilde lavrador tira o chapéu
E agradece por mais um dia...
Pede algo incompreensível.
A silhueta de mistura
À noite, à vida, aos sonhos e ao fim do dia.
A natureza segue impecável e lógica
Desafiando os donos do mundo, a vida..."

(Sinvaline Pinheiro, Desafios, 2019, p.85)

É bom lembrar que quem governa as veredas é a sucuri, muito respeitada por todos e comum na região. E foi justamente ao lado dessa imponente vizinha que Sinvaline escolheu se arranchar. Já adianto que não ocorreu nenhum incidente nem encontro mais arriscado entre elas, foi só mesmo aquela presença sonora, que tive a oportunidade de escutar com meus próprios ouvidos, um ente presente musicalmente, estranho e difícil de descrever, um ronco maior, ou um sopro grave, um bafo abafado, um sucuri deitado, sempre à espreita de um miúdo distraído.

Getúlio Krwakraj, ancião do povo Krahô, relaciona os perigos que os bichinhos correm no brejo com os perigos que os jovens correm na vida, uma vez que ainda não sabem andar, nem ver para frente o caminho; ambos são presas fáceis e estão vulneráveis aos predadores, devem andar assuntando, com vergonha, não devem chegar muito abertos, se expondo antes de analisar bem o ambiente; ele cita o exemplo do gavião que pega o pássaro, devorando-o sem tirar as penas, e do jacaré que, boiando na água, faz o desatento ser sua vítima; para o ancião, a Rohti (sucuri) ensina sobre uma conduta de respeito aos mais velhos, servindo inclusive para que os novos saibam andar nas ruas das cidades, “não podem esticar o pescoço para olhar sem cuidado, nem andar no meio da rua”, reforça Getúlio.

Sinvaline sempre foi destemida, mas também atenta e experiente. Não temer a morte era uma escolha de como andar pelo mundo e não uma ingenuidade; talvez porque a coragem ande de mãos dadas com a liberdade, sua eterna busca; um ser livre que se permite tocar e ser tocado pelo real; ser a própria realidade, a própria vereda, a própria poesia - intensa, dramática e lírica, simultaneamente; enfrentava de peito aberto o sofrimento sem maquiá-lo, sem se esquivar; sempre ousou ser radicalmente viva, como vem nos lembrando Ailton Krenak nesses tempos de anestésias.

A fissura pelos animais é antiga; admira-os e respeita-os, sempre os defendeu, denunciando e reivindicando por seus direitos e dignidade. Ao longo desses anos, vários deles viraram seus filhos, netos, companheiros, ganharam nomes, alguns ficaram morando com ela até se encantarem, outros do nada partiram, caçando seus próprios rumos, deixando saudades e poesias. Alguns de seus encontros com animais viraram contos: História de Caminhoneiro, conta o drama da família que perdeu seu sapo de estimação; Chicózinho foi um filhote de periquito que passou semanas aninhado literalmente em sua cabeça; e Andrezinho, o pequeno tamanduá órfão a quem Sinvaline amamentou com mamadeira desde a mais tenra idade e que foi criado em seus braços, mas livre, dormia aos pés de sua cama, até que um dia saiu e nunca mais voltou. Neste caso, o final da estória é triste e até hoje a faz chorar porque a sina de muitos desses animais na região do ocorrido – Uruaçu-GO – é quase sempre trágica e sobreviver pode ser considerado um milagre. Isso porque as ameaças vão desde as rodovias movimentadas, agrotóxicos e vegetação escassa, até cachorros e caçadores – vorazes em usar suas armas de fogo – de fato, as chances de Andrezinho sobreviver são remotas, mas nem por isso ela deixa de estremecer ao avistar ao longe um tamanduá bandeira adulto. A esperança é mesmo a última a morrer.

"E a chuva veio molhar a terra sedenta...
Terra que guarda partículas dos homens e do tempo...
Ela vem com o vento e os espíritos
Passando entre as árvores que renascem sempre
Indiferentes à fragilidade humana...
São tantos sons que o silêncio traz...
E a chuva sorrateiramente cai sobre tudo e todos
Lava a alma do mundo,
Não importa a imbecilidade do homem...
O cavalo magro agradece a água que molha os pés
Apaziguando o calor e a dor das ferraduras.
O prisioneiro de sua grade acena para os céus...
Milagrosamente a chuva carrega as dores,
A sujeira e alegre a vida...
O homem boquiaberto
Não entende que nenhuma tecnologia faz chover

E saltita como criança abraçando a chuva.

BENDITA CHUVA"

(Sinvaline Pinheiro, Bendita Chuva, 2019, p.26)

Aos poucos, ela ia me mostrando seus grandes e velhos cadernos de espiral repletos de poesias, causos e anotações que se multiplicavam com o passar dos dias. Havia um lamento triste em seus escritos, seu olhar sensível percorria e expunha as mazelas do mundo, as violências e injustiças do sistema, mas também o amor e as paixões. Traduzia com grande habilidade os traços mais sutis e delicados de seus personagens, a maioria era pessoas com quem cruzava pelo caminho.

Dona Virgilina foi uma dessas personagens marcantes que tive a graça de também conhecer; ela morava no pé da Serra da Portaria, município de Paraúna, (segundo estudiosos de ufologia, área de discos voadores). Vez em quando, íamos visitá-la. Apesar de ter criado dez filhos e estar com a idade avançada, morava sozinha, em companhia de alguns cachorrinhos, uma vaca leiteira, um velho cavalo e um antigo jabuti. Era uma figura mítica na região, todos a conheciam da estrada onde era sempre vista pedindo carona; suas saias remendadas, os gorros faceiros, e os inconfundíveis mocós, onde carregava bonitezas que achava pelo caminho, faziam parte da personagem; seus cabelos brancos quase sempre estavam tingidos de cobre do poeirão típico da estação seca; tinha até improvisado um pequeno abrigo para se proteger do sol e da chuva enquanto esperava uma alma bondosa que lhe carregasse; gostava de conversar com os motoristas, geralmente caminhoneiros e com eles refletir sobre a era. Estudiosa, Virgilina era uma filósofa nata, da mata; esse movimento de sair de casa, esperar, pegar carona e trocar ideias era sua forma de curar mente e espírito. Quando “estava ruinzinha”, fazia questão de sair para arejar, sarar, era o infalível Dr. Estrada; voltava tranquila e alegre por ter espairecido, observado o mundo e compartilhado sua sabedoria com outras tantas almas carentes.

Em 1999, fizemos o documentário Canto Cerrado Paraúna com depoimentos de Virgilina e as poesias de Sinvaline e as de Manoel de Barros (o qual se encontra disponível no YouTube). Nele “Gilina” arremata: – É demorado a sarar minha fia...não cobra consulta não, mas depois de pegar o Dr. Estrada volta bonzinho pra casa.

"Pura é a Virgilina
Guardiã das serras, dos mistérios
Encravados na caverna.
O lobo sai da gruta,
Dá um uivo longo. [...]
Ela liga o rádio, já é hora de rezar..."

(trecho do poema Virgilina, 2019, p.90)

Seus textos não são só sobre um Brasil profundo, sua escrita é o próprio Brasil profundo a cantar-se a si mesmo. Essa expressão de “cantar-se a si mesmo” foi o povo Krahô, habitante milenar do Cerrado, que nos ensinou; eles contam que tudo no cosmos canta, e que foi no tempo antigo, tempo mítico, que alguns grandes pajés que tinham a escuta muito apurada conseguiram ouvir e aprender esses cantos nos vários reinos – aquático, celeste e terrestre – e trazê-los para a comunidade, compondo os repertórios que entoam até hoje nas cerimônias e festas rituais, seus infindáveis Amjekins. Nenhuma música foi inventada por nós, afirmam constantemente.

"Todos os bichinhos tem as cantiga...ele mesmo canta...o tatu canta, nele mesmo...ele mesmo se canta...todos os animais. As plantas é a mesma coisa. Até a palmeira, a palmeira que é o buriti, tem as cantiga dele." (Getúlio Kruwakraj, Diamantina, 2012 apud ALDÉ, 2013, p.51)

Esses cantos trazem a perspectiva de mundo do próprio ser dono do canto; por exemplo, a arraia conta algo sobre sua vida na água, sobre seu jeito de parar com a barriga encostada na areia do fundo do rio, dos seus gostos alimentares, suas vivências naquele corpo. Da mesma forma, o macaco guariba vai contar de sua visão do alto do galho, do suor que escorre pela testa, e assim por diante. Acredito que seja mais ou menos isso que Sinvaline faz, ela se coloca literalmente na pele do outro para cantar seu canto; ela dá voz ao canto próprio de uma legião de seres que raramente são escutados.

"Não carrego nenhum diploma,
Frequentei a escola do mundo,
Em cada botequim tive um professor...
Vi a fome nos olhos do menino de rua,
Senti frio com o mendigo da praça...
Calejei as mãos no trabalho árduo,
Fiquei órfã, fui pai e mãe dos outros."

(Trecho do poema Súplica, 2019, p.56)

Estava chegando a hora de voltar para minha casa no Rio de Janeiro, mas um forte desejo de conhecer mais profundamente o Cerrado e suas populações tinha sido plantado em mim naqueles dias. Um pouco antes de partir, resolvemos ir até uma majestosa árvore, a Copaibeira, e deixar nossos pedidos. Cada uma escreveu uma cartinha cheia de sonhos e com muita devoção e fé as depositamos na bifurcação de seu tronco. Nas décadas subsequentes, em muitas ocasiões que pareciam estar fluindo feito mágica, lembrávamo-nos e agradecíamos tão lindos propósitos rezados aos pés da árvore-mãe. Quatro anos depois, em 2000, eu e Jarbas nos transferiríamos para Goiânia

com nossos dois filhos, sendo que o caçula, Manoel, ainda estava na barriga. Em 2002, fui contratada para compor a equipe de pesquisa do Instituto do Trópico Subúmido (ITS) da PUC Goiás - sob a regência do professor Altair Sales Barbosa, um dos mais respeitados especialistas em Cerrado - onde trabalhei por 15 anos. Sempre digo que foi a flauta que me abriu as portas para trabalhar na universidade, pois o grupo Sons do Cerrado esperava apenas o segundo pife para alçar os voos que viriam a acontecer. Poderia dizer que essa é outra estória. Acontece que, nesse mesmo ano, convidamos Sinvaline para publicar seus causos na “Revista Folclore do Cerrado: Causos e histórias” de n.7 do ITS. O professor Horieste Gomes, grande intelectual e editor-chefe se encantou com o que leu: os contos “o Papai Noel não Veio”; “História de Caminhoneiro”; “Por Amor”; “Cinderela Atual”; “Dia de todas as Mães” são estonteantemente duros, chegam a nos tirar o fôlego e o chão: são curtos demais para dizerem tanto! Essa capacidade de sintetizar e ir direto ao cerne das questões é impressionante na obra de Sinvaline. Em poucas palavras, há amplos significados. Em apenas uma ou duas páginas, você se envolve com os personagens, compreende o contexto, sente um nó na garganta, reflete sobre o sistema, ética, hipocrisia, justiça, modelos de vida e muito mais; eles poderiam ser visitados sob diversos ângulos e gerar debates urgentes para a humanidade. Os contos de Sinvaline tem uma assinatura própria, potente, são simples, geniais e impactantes, sem dúvida, um dom de mestre. Quando chegou o momento do lançamento da revista organizamos uma pequena expedição para Uruaçu. Fomos de Kombi, estávamos muito animados e com espírito festivo. A Prefeita Marisa dos Santos Araújo tinha disponibilizado o espaço, a divulgação e um coquetel e nós levamos os instrumentos para fazer o show de abertura. Foi inesquecível! Tudo naquela noite tinha uma aura mágica, um brilho de vaga-lumes no ar. E foi exatamente nessa noite que nasceu a ideia do Memorial Serra da Mesa, que não demoraria a ficar de pé graças ao empenho da Prefeitura Municipal e com o apoio do professor Altair Sales.

Sinvaline foi fundamental no processo de constituição dos conteúdos do Museu e dos espaços cenográficos, e de torná-lo o Memorial Serra da Mesa, um espaço coletivo onde o povo da região se sentiria em casa e os mestres, estrelas luminosas. Inicialmente, ela realizou um grande levantamento e foi fazendo as pesquisas junto às comunidades locais que doaram não só objetos, mas ricas estórias de vida e ideais que atualmente compõe um dos principais espaços socioeducativos do norte goiano. O seu jeito de chegar às pessoas sempre me chama a atenção; os olhos cansados de tanto enxergar eram baixos, não fitavam ninguém, como sendo um tipo de respeito que ela conferia ao encontro; sua voz muito baixa sintonizava as frequências do ambiente, falas e ouvidos tinham necessariamente que se apurar para equalizarem-se com a conversa; seu interesse por cada criatura, humana ou não-humana, era tão sincero e amoroso que, em troca, recebia gestos, expressões, confissões e segredos de uma vida; todos tinham

uma confiança espontânea nela, como que adivinhando que, em suas mãos, enfim, se eternizariam como poesia. Em seu livro *Proseando Aqui e Acolá* (2013), e nos artigos publicados no site do Overmundo (<http://www.overmundo.com.br/home/busca.php?txtBusca=>), Sinvaline traz um pouco desses testemunhos de vidas anônimas do Cerrado. Ao se reconhecerem nos livros, jornais ou na Internet, os sorrisos se abriam e os olhinhos brilhavam. Grupos de folia, congada, raizeiros, benzedores, indígenas nos eventos realizados no Memorial, literalmente transbordavam de emoção e alegria. De alguma maneira, os cenários, os cantos, os cheiros, o fogo, os sabores, o encontro entre gerações os levava para um outro tempo, das memórias e da saudade. Indescritível! Vejam os registros disponíveis nas redes sociais ou no <https://www.facebook.com/memorialserradamesa/>, as imagens falam por si.

Com a morte prematura da Prefeita que estava à frente do Memorial Serra da Mesa em 2011, Sinvaline assumiu com muita coragem e competência a coordenação geral do projeto com todos os desafios que a empreitada exigiu. Durante os últimos dez anos, ela liderou uma revolução naquele espaço: conseguiu, de forma autônoma e independente, reunir coletivos, povos e grupos sociais que nunca se encontrariam sem essa oportunidade; indígenas, quilombolas, ciganos, artistas, artesãos, foliões, policiais e alunos participaram e interagiram em diálogos, apresentações e rodas, cantaram e dançaram, cozinhando, comendo e plantando juntos, confraternizando ao redor do fogo e da água, pintando corpos, encantados por estarem tão próximos. Foram inúmeros eventos e atividades pautados por uma visão de ensino-aprendizagem freiriana onde o direito a uma ecologia saudável e o respeito a todas as formas de vida são pilares. Não foi nada fácil, a estrutura era frágil demais e os apoios sempre muito inconstantes e aquém das necessidades, ela carregou - com apoio de alguns poucos - esse fardo nas costas. Muitas vezes, pensou em desistir mas teve força e saúde para seguir. Apesar dos pesares, afirma que valeu a pena todo o esforço, tem certeza que muitos que ali passaram, saíram tocados, transformados e carregando a pequena semente de esperança.

Viajar com Sinvaline por sua obra, é dispor o espírito, o corpo e a mente para ir ao encontro de pessoas, bichos e lugares desconhecidos, mas de alguma forma próximos.

Para isso, a cada página, é preciso morrer um pouco, ir abrindo mão das muitas camadas de couro grosso que cultivamos ao longo da vida. Acompanhar Sinvaline é atravessar pinguelas bambas, veredas inundadas, desertos quentes... chorar. Com ela é necessário ir se despindo de qualquer preconceito, julgamento ou previsibilidade; navegar com a Sinva é amar mais, perder-se na dor da paixão e depois se reencontrar ainda mais viva e forte. Sinva Sinvaline é som, sonho e poesia.

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Verônica. Dissertação de Mestrado, Sustentando o Cerrado na Respiração do Maracá: conversas com os Mestres Krahô. Brasília, 2013. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14471>

BARBOSA, Altair Sales. O livro da terra. Goiânia: Kelps, 2019.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SINVALINE, Pinheiro. Proseando aqui e acolá. Goiania: Ed.PUC-GO / Kelps, 2012.

SINVALINE, Pinheiro. Vez em quando vem me ver. Goiania: Ed.PUC-GO / Kelps, 2019.

Posfácio

Cylene Santos Dantas da Gama
Fundadora do Grupo MUDE AVIDA, Mulheres em
Defesa da Água e da Vida, em Uruaçu-GO.

Eu tinha apenas oito anos quando registrei e guardei, por uma vida, a cena que faria parte integrante da minha existência. Na plataforma da ferrovia, meu pai, um chefe de estação, mangas arregaçadas e sem a gravata, ajudava um carregador a descarregar uma gôndola com caixas de frutas. Questionado depois por mim, explicou que o dever vem primeiro, que não poderia aguardar a substituição enquanto os passageiros do próximo trem teriam que fazer face a um atraso indesculpável. “Tem que ser feito, tem que ser feito”. Não se questiona hierarquia face ao imprevisto que pode redundar em prejuízo para terceiros.

Tal atitude embasou minha pró-atividade antes mesmo que eu soubesse o que era isto. Mais tarde, cursando inglês nos Estados Unidos, soube do atraso de um grupo latino que viria participar de um Jamboree (Escotismo) na Universidade. Não havia tempo útil e nem pessoas disponíveis para coordenar tudo de última hora. Ofereci-me e trabalhei incansavelmente para que tudo saísse a contento. Fui recompensada com o título de Honorary Citizen of Florida State (USA).

Não me lembro de uma única vez em que pudesse ter sido útil e tivesse negligenciado a oportunidade.

Procurei passar este sentimento para meus alunos, instando que esta seria uma primeira abordagem positiva em busca de pessoas melhores para um planeta melhor. Quando trabalhei nos Estados Unidos aprendi logo sobre a Lei de Murphy: “cubra todas as possibilidades de erro que você possa antecipar, porque ainda existem as que você desconhece”.

Nós não nascemos cientes disso. Temos que aprender e temos que ensinar e cobrar o desempenho posterior.

Quando conheci Sinvaline, em Uruaçu, apresentada por meu marido (o falecido Procurador de Justiça, Dr. Paulo Mauricio Serrano Neves, do MPMG) ela era ambientalista militante, como nós também. Tínhamos um Instituto fundado com o objetivo de buscar a saúde da água do Lago da Serra da Mesa (lixo e detritos à jusante), cujo portal está em Uruaçu. Foi um trabalho de formiguinha. Contávamos, então, com o apoio incondicional da Prefeita de Uruaçu, Dra. Marisa Santos, com a orientação direta do insigne Prof. Dr. Altair Sales, e do internacional Prof. Dr. Aziz Ab´ S´Áber.

Foi uma década profícua, no sentido de se trabalhar a base do emergente projeto socioambiental que configuraria os cânones de uma sociedade local de compartilhamentos, que criaria raízes, mais notadamente, a partir da década de 70.

Temos que pontuar que o trabalho voluntário não incorpora remuneração, mas pode e deve pagar por uma “cabeça pensante”, coordenadora. Não pode prescindir de base legal. É premente que se reative as OSC’s (Organização de Sociedade Civil), em tais moldes. A tessitura de uma comunidade não pode negligenciar o trabalho voluntário. Cabe lembrar que a sociedade norte-americana incorporou e incorpora 25% de mão de obra voluntária.

Sinvaline Pinheiro é o modelo a ser seguido no nosso entorno. Temos muito que aprender com ela. O que ela não sabe, ela sabe onde buscar.

